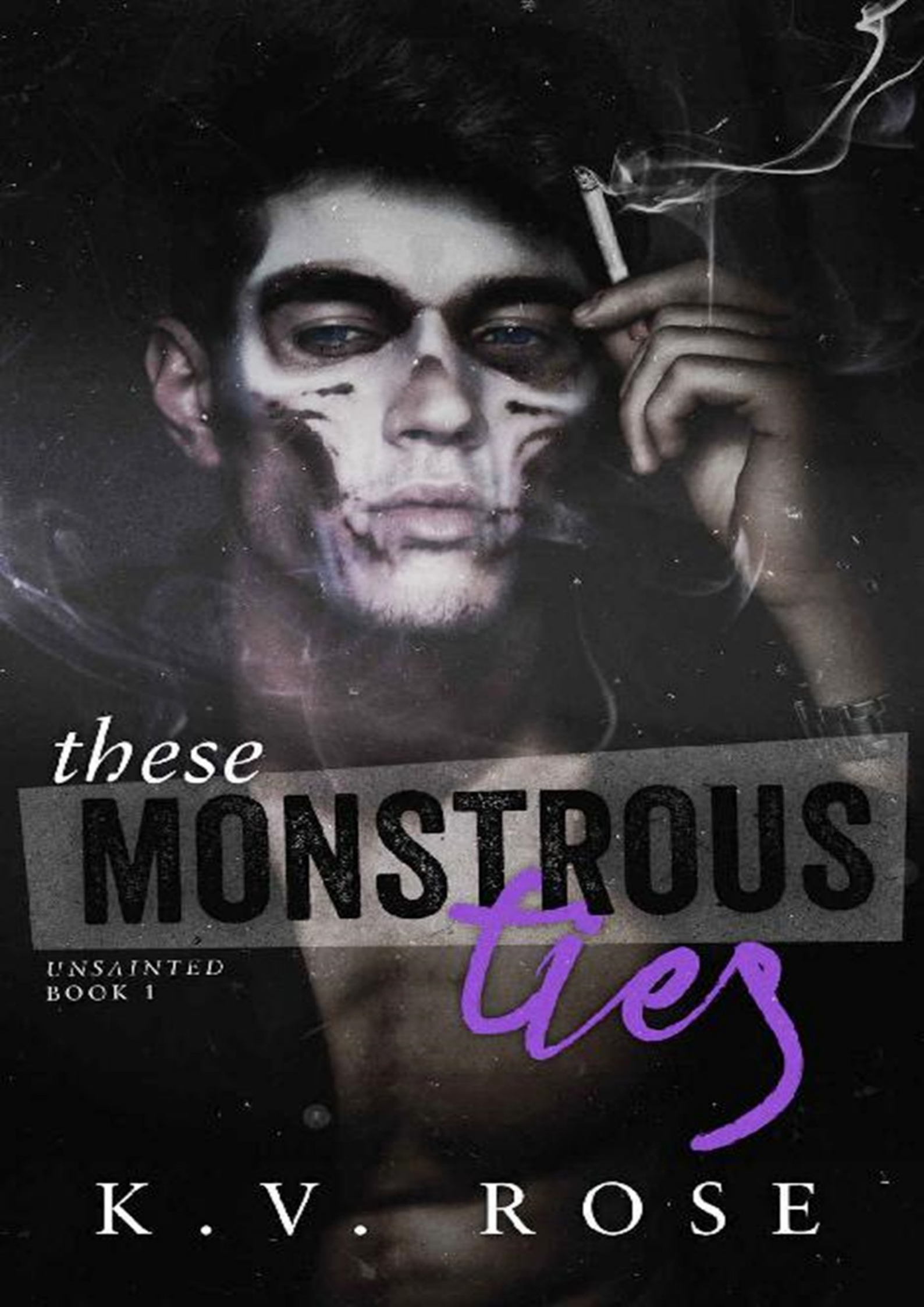

these
MONSTROUS
ties
UNSAINTED
BOOK 1
K.V. ROSE



Tradução: Debby

Revisão: Brynne

Formatação: Addicted's Traduções

2020



Sinopse

Eu era Lilith.

Ele era Lúcifer.

Na noite de Halloween, há um ano, vendi minha alma ao diabo. Complete com um ritual de sangue e tudo. Eu tinha menos que nada. Ele me prometeu o mundo.

E então ele desapareceu, levando meu coração com ele.

Mas agora, ele é quem tem tudo a perder. Uma família. Um nome. Uma reputação.

Ainda não tenho nada, mas estou chegando ao topo, um corpo de cada vez.

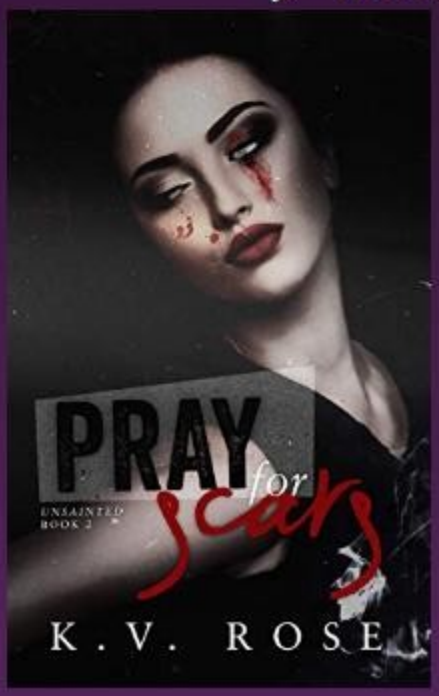
Neste Halloween, as coisas vão ser diferentes. Neste Halloween, 'Lilith' está chegando para pegar o que é dela.

Livro 1 da série Unsainted. Romance sombrio, adequado apenas para maiores de 18 anos.

Lançamento



Próximos







K. V. ROSE

Para todos com um segredo monstruoso

PLAYLIST



16 - Highly Suspect

Psycho - Brooke

Ghost - Badflower

what you need - Bring Me the Horizon

Hear Me Now - Bad Wolves ft. DIAMANTE

Through Ash - Moon Tooth

Upperdrugs - Highly Suspect

The Old Me - Memphis May Fire

Every Time You Leave - I Prevail

Starlight - Repair to Ruin

Your Mother Was Cheaper - Two Feet

My Name is Human - Highly Suspect

Prossiga com cuidado



Este livro contém conteúdo adulto, incluindo linguagem, violência e cenas sexuais. Adequado apenas para maiores de 18 anos. É um romance sombrio.

Haverá conteúdo que é perturbador para alguns leitores. Não fica mais leve. Eu recomendo ficar longe deste livro, se você estiver apreensivo lendo isso.

Não é o seu romance típico.

Capítulo Um



Presente

Eu não acho mais divertido.

Jeremiah me dá voltas e voltas e vou ficar doente, mas não posso dizer para ele parar. Ele não escuta. Ele nunca escuta.

A noite borra ao meu redor, meu estômago revira. O ar fresco da noite não ajuda. Isso dói. Porque isso me lembra Lúcifer. De Unsaints. Isso me lembra do inferno, de seus demônios na floresta.

Isso me lembra de viver.

Quase um ano atrás, eu planejava morrer. Noite de Halloween, eu estava pronta para fazer isso. Então Lúcifer apareceu, me manteve viva por tempo suficiente para me arruinar, e então ele saiu.

Foi Jeremiah que me encontrou.

Eu começo a levantar.

A profunda risada de Jeremiah ronca durante a noite, mas finalmente, felizmente, ele para. Lentamente, o carrossel em miniatura também para. Eu fecho meus olhos, engolindo a bile na minha garganta. Meu pulso começa a desacelerar um pouco. Mas eu sei melhor.

Jeremiah não é misericordioso.

Mãos fortes me puxam do pônei rosa e me jogam no chão. Eu aterro nas lascas de madeira do Parque Raven e me levanto. Estou instável, tonta. Nauseada. Mas Jeremiah não vai parar até eu revidar.

Ele está sorrindo para mim enquanto tento olhar para ele. Eu quero vomitar.

"Isso é tudo que você tem?" Ele me provoca, as mãos nos bolsos. Ele é alto, de ombros largos. Juro por Deus, mesmo à noite, seus pálidos olhos verdes brilham.

Temos apenas três anos de diferença. Ele tem 23 eu 20 anos. Mas em momentos como esses, sinto que estamos a uma vida inteira um do outro. Eu não quero isso. Eu nunca pedi por isso.

"Vai se foder," eu cuspi nele, o mundo diminuindo ao meu redor. Eu posso ver claramente novamente. Eu não vou cair, ainda não. Faltam duas semanas para o Halloween e eu sei que Jeremiah tornará cada uma dessas duas semanas um inferno até a grande final. É o jeito dele de me punir. Pelo que ele viu.

Ele assobia, depois passa a mão pelos cabelos castanhos curtos. Sua mandíbula é magra, seu corpo musculoso. Eu sei que ele faz boxe. Eu sei que ele treina. Eu também, mas ainda sei que ele pode me levar a qualquer hora, em qualquer dia, se ele acabou de me girar em círculos ou não. Eu sei e odeio.

"Isso é tudo que você tem, Sid? 'Vai se foder'? ” Ele imita minha voz. Ele balança a cabeça. Como se ele estivesse decepcionado.

Eu me preparo. Endireito minha coluna. Eu sei o que está por vir.

Mas ele espera. Ele espera mais um segundo do que eu acho que ele fará e, nesse segundo, começo a relaxar. Começo a abaixar as mãos, cerrando os punhos na minha frente. Eu começo a respirar novamente. Talvez hoje à noite ele seja misericordioso.

Talvez ele ceda. Talvez nós voltemos para casa. E quando penso isso, porque não sou nada otimista em relação ao meu irmão, ele me aborda.

Minha cabeça bate no chão com um baque e eu engasgo, meu estômago em convulsão. Ele passa os braços em volta da minha cabeça, quase como se estivesse me embalando. Sinto cada centímetro do seu corpo pressionando o meu. O mundo gira novamente.

Eu não me mexo. Agora é tarde demais para revidar. Agora é melhor desistir.

"Shh, querida," diz ele. "Eu tenho você." Ele me abraça mais. Meu estômago arqueia debaixo dele novamente. "Está tudo bem, querida."

Mas não está bem. Provavelmente nunca ficará bem.

Então ele sussurra no meu ouvido. “Por que você me faz fazer isso com você, irmã? Por que você quer machucar?”

Capítulo Dois



Halloween, um ano atrás

Vai ser hoje à noite.

O Dia das Bruxas sempre foi meu feriado favorito. Eu gosto de usar máscaras. Eu gosto de estar disfarçada. Expondo meu corpo para a vida durante o ano passado, desde que deixei minha última família adotiva depois de uma série decepcionante delas, era bom colocar algo diferente. Algo estranho.

Parece apropriado, para o que pretendo fazer.

Não me incomodo em trancar a porta do meu apartamento quando eu saio. Eu não sentirei falta deste lugar.

Em vez disso, eu estou no parapeito da escada, olhando para o céu escuro sobre Alexandria. O cheiro persistente de fumaça de cigarro e a promessa de uma noite selvagem estão no ar. Alexandria é uma cidade universitária. Eu sei tudo

sobre as festas loucas, os bares lotados, os ricos que são abundantes neste lugar.

Mas eu não sei nada sobre a faculdade.

Eu abandonei o ensino médio.

Ser uma acompanhante pagou as contas, e um diploma universitário nunca estava realmente nas cartas de alguém como eu.

Eu passo a mão sobre a arma amarrada na minha coxa sobre as minhas meias antes de descer os degraus dois de cada vez.

As pessoas vão pensar que é falsa. Ninguém realmente quer olhar para trás da máscara hoje à noite, de qualquer maneira.

A minha é apenas maquiagem branca pesada, chifres de textura branca presos à fita sobre o meu cabelo castanho na altura do queixo. É disfarçado o suficiente.

Quando a manhã chegar, pode ser difícil me reconhecer de qualquer maneira.

Eu respiro, acalmo meus nervos enquanto ando pela calçada que sai do complexo de apartamentos. Sinto o rum na minha língua pelas duas doses que tomei antes de sair. Eu não achava que teria medo disso.

Eu tenho muito medo na minha vida. De famílias adotivas, estranhos, minha mãe quando eu era criança. Meu irmão quando eu era criança. Um irmão que não vejo desde que

fomos tirados da mãe depois que ela pegou fogo em casa quando adormeceu com o fogão aceso. Cair em coma induzido por drogas é mais parecido. Eu tinha cinco anos quando Jamie e eu nos separamos. Ele tinha oito anos.

Quatorze anos se passaram desde então, e penso em Jamie todos os dias. Eu não sinto exatamente a falta dele. Ele foi um terror na minha vida, pelo que eu conseguia me lembrar das minhas primeiras lembranças. Me beliscando, me chutando, me arrastando para o quarto dele durante a noite, trancando a porta. Eu pensei, olhando para trás, que ele poderia ter feito algo para me proteger. Mas ele era tão amoroso quanto minha mãe. O que quer dizer que não.

Tremo contra uma rajada de vento e olho para a lua cheia enquanto desço a calçada na estrada principal. Alexandria, a meio caminho entre a praia e as montanhas da Carolina do Norte, é uma cidade grande, mas meu pequeno bairro é como uma pequena cidade em si. Não há muito tráfego, embora eu sinta o cheiro de uma fogueira na brisa, ouço alguém uivando como um lobo em algum lugar na rua.

Espero em um cruzamento depois do meu apartamento, vendo dois carros saindo quase preguiçosamente pela estrada. Eu poderia atravessar agora. Ninguém está vindo.

Mas eu gosto da espera.

É a última parte que farei na minha vida.

Um escovar de ombro de alguém contra mim, me assustando da minha folia. A luz não mudou.

Eu balanço minha cabeça, franzindo a testa.

E algum idiota sopra fumaça bem na minha cara. Fumaça de verdade, não de um vape.

Eu tusso, cobrindo minha boca com a mão.

"Que porra é essa?" Eu assobio. Impaciente. Eu vou morrer em breve. Mas pelo amor de tudo o que é sagrado, isso era completamente desnecessário.

Quando a fumaça diminui, eu o vejo.

Olhos azuis profundos, um cigarro em uma mão, um sorriso em seus lábios carnudos.

Seu rosto está pintado como um esqueleto, cílios longos arranhando a maquiagem em preto e branco abaixo das sobrancelhas escuras. Ele tem cabelos pretos encaracolados e um fio cai sobre um olho quando o vento sopra.

"Desculpe," ele diz, sem parecer arrependido. "Mas eu acho que você deveria vir comigo hoje à noite." Seus olhos serpenteiam pelo meu corpo.

Eu não coro. Fui checada milhares de vezes apenas para o meu trabalho. Vem com o território. Mas eu dou o meu giro, balanço minha cabeça.

"Você acabou de soprar fumaça na minha cara," eu indico. Eu o observo: alto, magro, vestindo calças pretas que abraçam suas coxas, um moletom de capuz preto enrolado nos antebraços, corda muscular visível embaixo.

Ele provavelmente é alguns anos mais velho que eu, talvez com vinte e poucos anos. Mas com a pintura do esqueleto, é meio difícil dizer.

“Não é algo que Lúcifer possa fazer?” Ele pergunta, inclinando a cabeça. Então ele acena na nossa frente. A luz mudou, o boneco está piscando.

Eu começo a andar.

Ele pega minha mão na dele quando estamos no meio da rua.

Eu tento afastar a minha, mas ele se mantém firme.

"Não lute comigo," diz ele, com voz rouca quando chegamos ao outro lado da rua. Ele leva o cigarro aos lábios e respira, depois exala enquanto eu o encaro, partes iguais de reverência e raiva. "Eu vou ganhar."

Tento puxar minha mão novamente, meus olhos disparando ao nosso redor. Não há ninguém aqui. Esta pequena parte de Alexandria está morta. Mas eu tenho uma arma na minha coxa. Não preciso de ninguém para me resgatar.

"Quem diabos é você?" Eu pergunto.

Ele pisca, um olho azul da meia-noite brilhando por um segundo. "Lúcifer," ele responde friamente. "E você é minha Lilith."

Estou chocada que ele saiba quem eu devo ser.

Sua mão envolve a minha, seus dedos calejados. Não me afasto novamente enquanto o encaro.

"Você está com tinta de esqueleto," indico. "Onde estão seus chifres?" Olho para sua roupa toda preta. Isso poderia passar, eu acho.

"Lúcifer não tem chifres," diz ele, olhos encontrando meus próprios chifres. "Isso é para a amante dele fazer."

Eu franzo a testa. "Fazer?" Eu repito.

"Sim," ele diz com uma risada gutural, dando outra tragada no cigarro. Eu pego suas maçãs do rosto afiadas, a veia visível em seu pescoço sob o capuz. Ele exala, seu lindo rosto momentaneamente obscurecido por uma nuvem de fumaça. "Apunhalar alguém que fica muito perto de mim."

Suspiro e balanço a cabeça, mas não me incomodo em me afastar novamente. O que é um pouco mais de diversão antes de morrer? "Vou para o parque Raven," afirmo. “Ou você pode me seguir até lá, ou pode me deixar ir. Meus planos não podem mudar."

Não é a minha imaginação que vê os olhos dele apontarem para a arma. Ele franze a testa, a tinta branca e preta manchando um pouco.

Finalmente, ele assente. "Parque Raven então," diz ele com um sorriso. "Mas estou avisando..." Outra tragada em seu cigarro. Outra nuvem de fumaça. "Você pode morrer lá."

Eu ri.

Se ele soubesse.

Capítulo Três



Presente

Nunca tive problemas com o sangue. Afinal, somos feitos disso. Quando Jeremiah começou a me torturar, ele pensou que eu poderia desmaiar ao ver. Ele pensou, garota assustada que eu era, seria o sangue que me faria correr.

Claro, não é como se eu pudesse correr muito longe. Jeremiah não está me deixando fugir de novo.

Mas não é o sangue.

São os olhos dele nos meus.

Ele me observa, e eu posso sentir ele esperando por mim. Esperando eu chorar. Para lançar acusações em seu caminho. Fugir. Ou tentar.

Mas olho para o cadáver aos nossos pés e não me mexo um centímetro. Ainda não tenho certeza, mesmo cerca de um

ano depois que ele começou a me levar a essas cenas, o que devo fazer aqui. Eu tentei de tudo.

A primeira vez, era a cabeça decepada de um homem em um armazém, eu vomitei. Eu caí de joelhos e vomitei, e ele teve que me arrastar para longe com a ajuda de seus homens, de volta à mansão Rain. Ele me atormentou quando chegamos lá também. Lançando insultos, gritando na minha cara, me sacudindo pelos braços.

Na próxima vez, foi apenas um ferimento de bala no peito do morto. Eu apenas fiquei lá, esperando que acabasse. Eu fiquei lá por quinze minutos. Então eu não aguentava mais. Eu gritei com ele. Ele me deixou.

Então ele me levou de volta para a mansão. Mais gritos. Mais sacudidas.

Toda vez eu entendi errado. Eu sei que desta vez não será diferente. É estranho. Ainda posso sentir ele pressionado contra mim, como estava há uma hora atrás no carrossel do Parque Raven, apesar de estar ao meu lado. Eu sinto o peso dele. Eu sempre sinto o peso dele. No momento, ele tem uma mão apoiada sob um cotovelo e é preciso tudo em mim para continuar olhando o corpo arruinado.

Estamos na casa do homem desta vez. Um homem que ofendeu Jeremiah de alguma maneira. Mas existem milhares de maneiras de errar com Jeremiah, cada uma mais estranha e mais arbitrária que a anterior. Existem milhares de maneiras de insultar a Ordem de Rain também. É engraçado como eu compartilho o sobrenome dele. Mas, além de me

manter presa, não recebo nenhum dos privilégios que o acompanham.

O sangue está escorrendo no tapete felpudo e o homem está completamente nu. Há mais facadas do que eu poderia contar no corpo dele. Eu deveria estar chocada. Eu acho que meio que estou, mas o que há para fazer sobre isso? O homem já está morto. Ele estava morto no minuto em que prejudicou meu irmão. Uma dúzia de vezes pensei que ele seria preso. Uma dúzia de vezes ele provou que estava acima da lei.

Com a quantidade de dinheiro que ele tem, não estou tão surpresa.

Sinto o cheiro de sangue, ferro e beirando a podridão. Não sei há quanto tempo Jeremiah fez isso, ele nunca me leva para matar. Eu nem sei se ele faz tudo sozinho. Seu braço direito, Nicolas, geralmente está ao seu lado. Ele está nas sombras agora, junto com Kristof, seu guarda. Não consigo vê-los, mas estou ciente dos olhos deles em mim.

Finalmente, tiro os olhos e olho para o meu irmão.

"Jeremiah," eu imploro, "eu vejo." Eu não sei o que isso significa. Não é como se eu nunca tivesse tentado isso antes. Sempre termina da mesma maneira. Toda porra de tempo.

Suas sobrancelhas escuras se erguem. Ele manteve as luzes acesas na sala de estar desse homem, para mostrar melhor os danos. Eu sei que com o estado deste corpo, ele fez isso. Não há ninguém mais ferrado do que ele está

trabalhando para a Ordem de Rain. Este é o trabalho dele, e ele quer que eu saiba.

"Mas você sente isso?" Ele me pergunta.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. Enfio as mãos nos bolsos do casaco com capuz, mexo um pouco minhas botas de combate. Balanço a cabeça, confusa. Meu coração está batendo forte no meu peito.

"Você sente, Sid, é isso que estou lhe perguntando?" Jeremiah alisa as mãos na camisa de colarinho cinza, inclinando a cabeça, olhando para mim. Esperando por uma resposta. Seja qual for a resposta, será a errada.

Estou tão cansada dessa merda.

"Do que diabos você está falando?" Pergunto a ele. Estou acostumada a andar nessas linhas. Interpretando a mansa irmã. A irmã fraca. E então Lilith sai para jogar, como ela fez naquela noite um ano atrás.

Ele sorri para mim, dentes brancos piscando. Eu sei que isso não é um bom sinal. Nada de bom vem do sorriso do meu irmão.

"Toque nele," ele me pede, deslizando as mãos nos bolsos, acenando com a cabeça em direção ao cadáver.

Balanço a cabeça sem olhar para o cara. "Não."

Ouço Nicolas tossir nas minhas costas, me avisando. Mas Jeremiah dirige o olhar para ele e há um silêncio furtivo pela casa novamente. Nicolas tem vinte e cinco. Dois anos mais

velho que Jamie. Cinco anos mais velho que eu. Mas ele vacila para ele como todo mundo.

Todos menos eu. Quando eu aguento.

"Você disse 'não'?" Jeremiah pressiona. Ele parece encantado. Ele gosta deste jogo. Às vezes, nesses momentos, ele me lembra Lúcifer. Exceto que Lúcifer era muito mais cruel. Eu me pergunto se meu irmão sabe disso. Eu me pergunto se ele tem alguma ideia de como ele empalidece em comparação. Eu acho que ele pensa que no Unsaints, ele foi o pior.

Ele está completamente errado.

"Eu não estou tocando nele. Vamos lá." Eu me viro para ir. Eu chamo a atenção de Nicolas.

Ele tosse em punho, alto. Me avisando novamente. Mas Nicolas pode ir para o inferno por tudo que eu me importo. Ele cuidou de mim quando estive naquela cela nas duas primeiras semanas após o Halloween no ano passado.

Por tendência, quero dizer que ele me alimentou à força e ficou de guarda dia e noite. Através de tudo.

"Sua arrogância é surpreendente, Sid." Jeremiah faz uma pausa, me deixando dar um passo. Estou tensa, porque sei o que está por vir. Mas ele está me mantendo no limite.

Eu dou outro passo.

Finalmente, ele agarra meu pulso, me puxando para uma parada. Eu ainda tento. Isso não me surpreende.

"Toque nele," ele diz novamente, suas palavras roçando no meu ouvido, sua voz um rosnado.

Eu endureci. O medo rasteja pela minha espinha.

Afasto minha mão da dele e volto para o corpo. O homem provavelmente estava na casa dos trinta. Ele está em forma, muitas tatuagens em seu torso, algumas arrancadas pela faca que meu irmão mergulhou em sua carne repetidas vezes. Ele está deitado em uma poça de seu próprio sangue, o que significa que minhas botas pretas provavelmente entrarão nele. Mas sua cabeça está intocada. Seus olhos não veem, ele tem cabelos loiros bem cortados, não muito diferentes dos de Nicolas.

É onde eu farei. Porque eu não posso continuar desobedecendo a Jeremiah. Só vai piorar.

Eu ando com cuidado pelo corpo, evito a mesa de café da qual ele está deitado. Eu me agacho, respiro e estendo minha mão para o rosto barbeado do homem.

Ele sente estranho debaixo dos meus dedos. Não é muito frio. Também não é muito quente. Eu acaricio sua bochecha. Então eu tiro minha mão e olho para cima, encontrando o olhar do meu irmão.

"Você terminou?" Eu pergunto a ele.

Ele sorri. Meu estômago revira.

"Nem perto," ele ronrona.

Eu fico de pé. "Vai se foder," eu digo a ele pela segunda vez naquela noite. "Eu terminei, Je-Jeremiah." Às vezes eu esqueço que ele mudou seu nome. Mudou seu nome e vendeu sua alma, parece às vezes. "Eu fiz. Me leve para casa."

Mas eu não me mexo.

Jeremiah entrelaça os dedos na frente dele, passa os olhos de jade do corpo para mim.

Nós somos sangue. Mas nesses momentos, não sinto nada para ele.

"Eu preciso que você seja forte, Sid." Sua voz é baixa. “Eu preciso que você seja corajosa. Preciso que você aprenda a cuidar de si mesma. Mas se você não for forte, não poderá fazer isso, sim? Como você não pôde no ano passado?"

Não estamos mais em um carrossel, mas ainda quero vomitar quando penso naquela noite. Quando ele me encontrou depois de quatorze anos. No meu mais baixo.

Sinto essa raiva familiar crescendo em minha pele. Estou sempre com raiva. Mas, diferentemente do Hulk, não é algo que eu queira controlar. E não é uma superpotência. Não é onde meu irmão está envolvido.

Eu fico de pé. Além do meu irmão, Kristof, carnudo e careca, está sorrindo para mim. Nicolas está franzindo a testa e ele balança a cabeça. Outro aviso. Eu o ignoro. Eu ando em volta do sangue encharcado no tapete e fico frente a frente com Jeremiah.

"Me deixe ir," eu digo, meus dedos se flexionando ao meu lado para impedir que eles se enrolem em punhos. Olho novamente para os músculos que revestem a sala que meu irmão mantém com ele o tempo todo, mesmo quando ele fode Brooklin. Mas nem Kristof nem Nicolas pegam suas armas ou dão um passo.

Isso me faz sentir um pouco melhor. Mas isso me deixa com mais raiva também. Meu irmão nunca me levou a sério. Ainda menos desde que ele me encontrou naquele abrigo subterrâneo, ensanguentada e de ressaca, quase nua na manhã seguinte ao Halloween, um ano atrás. Eu estava sozinha. Eu não deveria estar sozinha.

Antes daquela noite, eu estava livre dele há mais de uma década. Agora, ele me prendeu novamente.

“Eu tentei deixar você ir, Sid. Nós sabemos o quão bem isso acabou.”

Kristof ousa rir.

Jeremiah se vira para ele, os olhos estreitados. Kristof fica sóbrio, limpando aquele sorriso do rosto largo.

Inferno, se ele continuar com essa merda, o homem no chão não será o único a sair desta sala em um saco de corpo.

"Então me dê um trabalho diferente," eu respondo, arrancando os olhos de Kristof. Meu irmão me considera como todo o resto: friamente. A cabeça está inclinada para o lado, o relógio de obsidiana brilhando sob as mangas da camisa cinza. "Me deixe fazer algo além de ver suas sobras."

Mas é o que ele diz a seguir que é o lembrete. O lembrete de que eu não sou um funcionário que ele matará em vez de demitir. Eu não sou alguém que ele nunca vai deixar ir, de qualquer forma. Não, eu sou dele. Eu pertenço a ele, não importa o quanto eu odeie.

"Minha irmã não será comida para os lobos." Significando que não posso ser uma acompanhante novamente. O único outro trabalho sob o teto da Ordem de Rain para o qual eu poderia estar qualificada.

Mas não exatamente.

"Governanta? Chefe de cozinha? Maldito garoto da piscina? Me dê outra coisa. Eu terminei com essa merda, Jeremiah."

"Vou permitir que você reconsidere o que está me pedindo agora," ele ronrona, olhando para as mãos. Ele passa uma pelo cabelo. Estamos a centímetros de distância, e quero alcançar e estrangular ele.

"Eu não vou reconsiderar. O que estou fazendo aqui? Por que..." eu engasgo com as palavras. Olho para o pedaço de tapete entre nós que não está ensanguentado. Eu engulo, o cheiro de sangue me atingindo como carne crua mantida em um recipiente hermético. "Por que você faz isso comigo, Jamie?" Meus olhos encontram os dele. Eu deixei o nome de nascimento dele para ficar entre nós. Talvez ele se lembre de que nem sempre foi esse pesadelo. O que quer que o Unsaints fizeram com ele, acho que pode ser pior do que o que eles fizeram comigo.

Ninguém respira na sala. Mas é tarde demais para recuperar as palavras agora. O fundamento. Mesmo que eu me arrependa, mesmo que pareça tão amarga quanto o sangue nesta sala na minha língua.

Foda-se ele. Foda-se a Ordem de Rain. Que. Se. Foda. Esta. Merda.

"Você quer um emprego diferente?" Ele se aproxima.

Involuntariamente, eu dou um passo para trás. Jeremiah não é apenas mais velho que eu. Ele é mais alto que eu. Mais rico que eu. Mais forte que eu. Amado mais do que eu. Ou talvez seja mais odiado do que eu... é difícil dizer a diferença entre os dois hoje em dia. Ele acena para um dos homens.

Kristof. O maior dos dois. Olhos azuis e braços maiores que as minhas pernas. Não que isso seja particularmente impressionante, considerando que sou um pau. Mas ainda. Eu acho que sei no que ele está chegando.

Minha pele se arrepia, mas não desvia o olhar do meu irmão. Tem que haver algo humano lá ainda. Algo com um pingo de compaixão.

“Kristof. Minha irmã é sua todas as noites esta semana. Mantenha sua garota em casa. Ela é sua.” Ele reitera a palavra, e Kristof não consegue tirar o sorriso estúpido do rosto.

Balanço a cabeça. "De jeito nenhum."

Jeremiah suspira, olhando para os tetos altos da casa desse morto. Ele cruza os braços.

"Você não pode dizer não," ele finalmente diz, abaixando o queixo, segurando meu olhar. A tensão na sala está ficando mais espessa. E o medo finalmente começa a surgir. *Tarde demais, Sid.*

Balanço a cabeça e dou um passo para trás, mas ele agarra meus pulsos.

"Volte para lá," diz ele, acenando com a cabeça em direção ao corpo. Seu aperto aumenta contra meus pulsos com tanta força que eu juro que sinto os ossos se esfregarem juntos. "Volte lá e lambe o sangue do pau dele, Sid."

Juro que até Nicolas respira fundo.

"Jamie..." Eu digo, balançando a cabeça, meu lábio tremendo. "Você não quis dizer isso. Você não quer que eu faça isso. ” Estou implorando a ele, porque a raiva se foi. O medo está se acumulando nos meus pulmões. Meus ossos. Meu coração.

Esse é meu irmão.

Deus, o que aconteceu conosco?

"Eu quero que você faça Sid." Ele me puxa para o peito e eu coloco minhas mãos nele, para manter algum espaço entre nossos corpos. Ele passa os braços em volta das minhas costas, tentando me pressionar para mais perto, mas eu empurro para trás.

Ele ri.

"Faça, ou é o seu Kristof," diz ele, se inclinando para beijar minha têmpora.

Eu balanço em seus braços.

"Não, Jamie." Eu só aprendi sobre seu novo nome no ano passado. Quando aprendi outras coisas sobre meu irmão também. Como ele se juntou aos Unsaints. Como ele os traiu. Por mim.

Ele vira a cabeça. Ouço passos, mas não vejo nada. E então Jeremiah me empurra. Nos braços de Kristof.

Eles envolvem meu corpo, me apertando contra ele.

Jeremiah nem sequer recua. Jeremiah, que não deixou ninguém em nossa casa me abraçar. Jeremiah. Meu maldito irmão.

Ele só assiste quando as mãos de Kristof sobem da minha cintura, sob o moletom de capuz, sob a camisa de algodão preta, até os meus seios, colocando-os em concha e passando os polegares sobre meus mamilos.

Eu nunca uso sutiã. Eu não tenho o suficiente para isso. Não tenho curvas para falar. Mas agora, Kristof não parece se importar.

Meus olhos procuram mais uma vez algo humano nos de Jeremiah quando sinto Kristof endurecer atrás de mim, seu pau pressionando nas minhas costas.

"Jeremiah..." eu sussurro.

"Você não pode dizer não," ele diz, me encarando com seu olhar. "Quando voltamos para casa, você é dele esta noite."

Mas me contorço nas garras de Kristof. Eu tento pisar em seu pé, o mais forte possível com minhas botas de combate. Ele apenas ri. Afasto um cotovelo e ele aperta meus braços ao lado do corpo, passa a língua quente para cima e para baixo no meu pescoço.

"Jamie!" Eu grito, torcendo nos braços de Kristof. "Tire ele de cima de mim!"

Meu irmão apenas ri. Meu cabelo está preso nos meus olhos, castanho-acinzentado e cortado no meu queixo, é muito grosso para enxergar. E não posso mexer minhas mãos graças a Kristof. Portanto, não preciso observar como meu próprio irmão diz: "se ela durar a noite, leve ela ao meu escritório ao amanhecer."

E então ele sai de casa e, um minuto depois, os passos de Nicolas seguem atrás dele. Todos, menos Kristof e eu. Ainda nesta casa.

Pensei em voltar primeiro.

Eu não posso fazer isso. Eu congelo nos braços de Kristof.

Não é a primeira vez que penso em Lúcifer. Penso em como ele fez isso comigo. Como ele me fodeu, me enviou aqui.

Ele se arrastou para fora dos poços do inferno na noite de Halloween e condenou toda a minha vida.

Capítulo Quatro



Halloween, um ano atrás

Parque Raven está cheio de gente.

Ainda estranhamente de mãos dadas, Lúcifer e eu nos esquivamos de carros estacionados ao acaso no terreno de cascalho, o som da música batendo na floresta à nossa frente.

Ele olha para mim enquanto caminhamos por um caminho de cascalho. Eu sei que o cascalho logo terminará, e essa trilha nos levará ao rio Raven. Outro para um carrossel assustador. Eu costumava correr aqui, quando dava a mínima. Mas tenho essa data marcada há meses. Eu não dou mais a mínima.

O sol se pôs. Vejo várias mesas dobráveis com bebidas e comida, e há uma pequena fogueira no centro de tudo.

Um fogo.

No meio de um parque estadual.

Lúcifer deixa cair minha mão. Eu me viro para encarar ele.

"Aquilo é fogo." Jogo minha mão vagamente em direção a ela. "Um fogo. No meio da floresta, porra!”

Ele não ri. “Aperte o cinto, Lilith. Isso é o inferno. É aí que o fogo nasce."

Okayyyy... alguém levou suas fantasias de Halloween um pouco a sério demais. Mas quem sou eu para julgar? Eu tenho uma arma da vida real na minha coxa.

Alguém chama o nome de Lúcifer. Na verdade, gritando: "Lúcifer!"

Esse não pode ser o nome dele.

Eu teria rido se não fosse tudo tão... estranho. Um cara se afasta de um grupo de garotas e vem andando na nossa direção, com uma cerveja na mão. Ele não está vestido, exceto pelo fato de estar vestindo uma camiseta que abraça seus ombros com uma caveira assustadora.

Seus olhos estreitam no meu caminho, mas ele não fala comigo quando diz. "E quem é essa?" Ele não parece emocionado por eu estar aqui.

O ombro de Lúcifer roça o meu. "Ela está aqui hoje à noite. Pela morte do amante."

Eu arqueio uma sobrancelha, mas os olhos desse cara de repente se iluminam. O canto de sua boca se contrai em um sorriso ameaçador. Ele assente, toma um gole de sua cerveja.

"Divertido," ele ronrona, e depois se vira para ir embora.

"Atlas," Lúcifer chama por ele. Acontece que eles não são todos os demônios do submundo aqui. Alguns guiam o caminho.

Atlas para e vira para trás.

"Ela é minha."

Atlas franze a testa. "Não é assim que a Morte do Amante é, e você sabe disso."

Lúcifer dá um passo em direção a Atlas e eu juro que ele quase se encolhe. "É hoje à noite."

Parece que Atlas quer argumentar, mas ele apenas assente. "Tudo o que você diz." Seus olhos se voltam para mim. "Que vergonha."

Ele se afasta com um encolher de ombros e uma garota corre até ele, passando o braço em volta do ombro dele. Ele se vira para olhar para ela e o que quer que ela veja, ela se afasta. Realmente rápido. Ela olha para Lúcifer e não posso ter certeza no escuro, mas juro que ela me olha.

Eu olho para Lúcifer. "Você quer me dizer o que diabos está acontecendo?"

Eu sei que os estudantes da Universidade de Alexandria têm festas aqui, embora eu nunca tenha visto um incêndio aqui antes. Eu sei que esta é uma cidade universitária. Mas eu não tenho ideia do que é a 'Morte do Amante' ou por que o cara lindo em tinta de caveira ao meu lado é chamado de 'Lúcifer.'

Lúcifer sorri. Ele tira um cigarro do bolso de trás, junto com um isqueiro. Ele acende, dá uma tragada, sopra fumaça na minha direção. Dou um passo para trás e então ele finalmente responde à minha pergunta.

Mais ou menos.

"Você vai ver."

Não era isso que eu havia planejado para a noite.

"Olha, eu realmente não quero festa hoje à noite. E parece que todos os seus amigos...” jogo minha mão na direção da horda de pessoas reunidas ao redor do fogo, algumas delas definitivamente nos olhando, “estão esperando por você. Eu apenas...” Eu tusso, “vou.” Eu termino. Eu não sei por que, mas Lúcifer está olhando para mim enquanto ele fuma como se eu tivesse acabado de dizer algo realmente divertido.

Ele me observa por um momento enervante, soprando fumaça pelos lábios carnudos e esqueléticos preguiçosamente.

"Você não vai a lugar nenhum, Lilith." Sinto raiva surgir no meu intestino, mas antes que eu possa dizer para ele 'se foder,' ele continua. "Esta noite, preciso de você ao meu lado." Seus olhos apontam para a arma na minha coxa. "Você não planeja ir para o inferno?"

Eu endureci. Como ele pode saber disso? Como ele sabe que isso é uma arma de verdade?

Ele não pode. Ele está blefando. Ele está se referindo à minha fantasia de Lilith.

"Por que você precisa de mim?" Eu protesto. "O que é 'Morte do Amante', afinal?"

Ele sorri quando a fumaça sai pelo nariz. Ele parece verdadeiramente diabólico. Bonito e assustador de uma só vez.

"Você vai ver." Ele pega minha mão e me puxa para a frente, para as pessoas que estão ao lado das mesas de plástico.

Eles param de falar quando nos aproximamos. Apenas o som crepitante e a música de um alto-falante portátil, *Ghost by Badflower* soa no parque.

Percebo que todo homem aqui é fodidamente lindo. Isso não deveria me surpreender. Gosto de olhar e tudo mais. As mulheres também são, mas parece que os homens têm algum tipo de influência aqui. Como o que quer que seja, eles estão liderando. É evidente na forma como eles estão. A maneira como eles me avaliam quando me aproximo, como se fosse a próxima refeição deles.

Longe do resto deles, está um homem alto, com um casaco de capuz, puxado tanto para o rosto que só consigo distinguir uma mandíbula cinzelada. Ele está com os braços cruzados e os lábios arregalados.

A voz de Lúcifer chama minha atenção de volta para ele.

"Eu não respondo perguntas," ele está dizendo. Ele tem um copo de plástico preto na mão e está derramando uma quantidade obscena de vodca nele.

"Mas Luc..." uma garota está protestando do outro lado da mesa. Ela tem longas tranças negras e está usando uma blusa rosa e shorts de cintura alta. Está frio aqui fora e seus braços estão cruzados, como se ela estivesse tentando se proteger do frio.

Ou talvez o peso do olhar de Lúcifer. Ele a silencia com um olhar. Ele pousa a garrafa, fecha a tampa. Ainda a observando, ele abre a tampa do refrigerador, retira o gelo, joga no copo, coloca a tampa de volta e fecha. Ainda com a mão apoiada na tampa mais fria, ele levanta as sobrancelhas.

"Por que você está aqui?" Ele pergunta à garota. Os olhos dele cobrem o corpo dela. "E por que você está vestindo isso?" Seus lábios se curvam.

Eu vejo sua pele marrom profunda avermelhar quando ela olha para baixo, conscientemente. Eu não quero dar a mínima. Mas eu sim. Eu sinto por ela.

"Eu-eu não sabia que estávamos nos vestindo. Atlas não disse..."

"Você não perguntou, boneca." Atlas interrompe um beijo com outra garota vestida como um vampiro na extremidade da mesa tempo suficiente para dizer essas palavras.

Mas a garota com as tranças está assustada demais para olhar para ele. Ela está se afogando em uma desculpa e eu

não sei o porquê. Não sei por que diabos isso importa. Este é um local público.

Coloquei minha mão no braço de Lúcifer, as mangas com capuz puxadas até os cotovelos.

Ele ainda está sob meu toque e eu juro que todos estão prendendo a respiração. Eu vejo seu queixo apertar enquanto seus olhos se voltam para mim.

Eu largo minha mão.

Estou congelando. Eu não sei o que eu ia dizer. Eu pretendia defender a garota, mas agora estou sem palavras.

Eu tiro minha franja dos meus olhos e juro que algo no olhar de Lúcifer suaviza.

"Posso tomar uma bebida?" Eu pergunto baixinho, olhando para a vodca.

Por um momento tenso, ele não diz nada. Ninguém diz nada, embora eu ouça uma garota choramingar e eu sei que é a de Atlas. Ele a cala. Caso contrário, está quieto.

Então Lúcifer sorri. Ele entrega a bebida para mim.

"Claro, Lilith."

As pessoas começam a conversar entre si e eu respiro fundo que eu não sabia que estava segurando. Eu pego a bebida de Lúcifer.

Ele se inclina, seus lábios sobre a minha orelha enquanto ele fala. "Beba tudo," ele rosna. "Cada gota."

Então ele se afasta.

Olho para a garota do outro lado da mesa. Ela está me olhando com os olhos arregalados e sua boca está aberta. Eu não tenho ideia do porquê.

Estou feliz que a atenção não esteja mais em nós. Eu dou um pequeno sorriso para ela. Ela fecha a boca e a devolve com um leve aceno de cabeça, depois se afasta para encontrar alguns amigos.

Percebo que o cara de capuz ainda está me observando.

Tomo um gole longo, o copo com as duas mãos, depois olho para Lúcifer.

"O que ela queria saber?" Eu tento manter minha voz desinteressada.

Ele me observa, como se eu fosse sua presa. Como se ele estivesse tentando encontrar minha fraqueza para rasgar minha garganta. A dor no esqueleto é enervante. Está fodendo com a minha mente.

Eu tomo outra bebida.

"Ela queria saber," ele finalmente diz, "o que acontece a seguir."

Eu gosto da queima de vodca rastejando na minha garganta. Isso me ajudará a puxar o gatilho mais tarde, digo a mim mesma. Distraidamente, toco um dos chifres de plástico falsos na minha bandana. Lúcifer acompanha o movimento e desliza as mãos nos bolsos.

Ele parece totalmente à vontade. No entanto, de alguma forma, totalmente... misterioso.

"O que você quer dizer?" Eu pergunto, balançando a cabeça. "É uma festa..."

Lúcifer me lança um sorriso cruel. "Não exatamente."

Então ele se vira e se afasta, me deixando olhando para ele.

Tomo outro gole, observo sua forma alta e magra, perceptível mesmo sob o capuz justo. Seus cachos negros são tão lindos, captando a luz do fogo. E quando ele se vira para falar com uma garota, eu pego seu perfil lateral. Nariz reto. Maxilar forte.

Mas essa garota com quem ele está falando...

Ela está grávida. Realmente, muito grávida.

E do jeito que eles estão tão perto um do outro, eu sinto algo no meu estômago. Derramei a bebida inteira na minha garganta, com certeza de que acabei de tomar quatro doses de vodca em segundos. Coloco o copo vazio sobre a mesa e limpo as costas da mão sobre a boca, mas não consigo parar de observar eles.

Eles parecem estar discutindo. Ela joga o cabelo loiro comprido e ondulado por cima de um ombro e cruza os braços sobre o peito. Ela é toda bebê, vestindo botas pretas, shorts pretos e meias pretas.

Lúcifer, por sua vez, não está falando. É tudo ela.

"Te peguei olhando," alguém sussurra atrás de mim.

Eu pulo, assustada. É a garota com as tranças. Ela tem dois copos de plástico preto na mão. Ela oferece uma para mim.

"Eu sou Ria," diz ela com um sorriso.

Aperto levemente a mão dela e tomo a bebida, mesmo que definitivamente não deveria, mas não consigo desviar os olhos de Lúcifer e da garota grávida.

"Isso é..." Eu paro, sem saber o que dizer. Isso não é da minha conta. Não é minha festa. Eu não conheço essas pessoas. Eu tinha um plano, porra.

"É dele?" Ria termina para mim em um sussurro. Ela está ao meu lado e nós duas estamos assistindo. É um drama que não podemos ouvir. Um que eu não quero ver. Mas não consigo parar de assistir.

Sem palavras, eu aceno.

Vejo pelo canto do olho, ela encolhe os ombros. "Ninguém sabe. Eu nem tenho certeza se ela sabe."

Isso não me faz sentir melhor. Mas o que eu pensei que aconteceria aqui? Claro, ele é lindo e seus olhos são azuis demais para serem reais e ele é alto, magro e aparentemente popular, mas... ele também é meio idiota. E ele pode ser o pai de outra pessoa. E eu não o conheço.

Eu me forço a encarar Ria.

"Então... o que é isso?" Eu pergunto, gesticulando. Eu assumi que era uma festa. Mas as palavras de Lúcifer estão me fazendo questionar isso.

Ria sorri, bebe do copo. Então ela engole. "É noite dos Unsaints."

Inclino minha cabeça em interrogatório silencioso. Eu não sigo. E eu amo o Halloween. Eu nunca ouvi falar dessa merda. E o que diabos é um *Unsaints*?

"Tecnicamente, não se chama nada. É só que ... os Unsaints fazem algumas coisas estranhas aqui todas as noites de Halloween." Ela toma outro gole e parece estranhamente nervosa. "Você vai para a universidade de Alexandria?"

Balanço a cabeça. "Unsaints?" Repito, confusa. "Que diabos é isso?" Minha cabeça está girando com toda a vodca, mas mesmo assim, eu sei que não tenho ideia do que essa palavra significa. Viro o copo que estou segurando de cabeça para baixo e giro ele em torno do meu dedo indicador, porque as coisas estão ficando estranhas e estou me sentindo impaciente.

"Você não vai para a UA, então," diz ela com uma risadinha, balançando a cabeça. Ela joga uma trança por cima do ombro. "Os Unsaints consistem no seu menino Lúcifer," eu coro quando ela diz essas duas palavras antes do nome dele, mas estou atordoada demais para dizer qualquer coisa. "Cain, Atlas, Ezra , Caos e um novo homem, Jeremiah."

"Lúcifer?" Eu repito. “Caos? Quero dizer, vamos lá, esse não é realmente o nome verdadeiro deles, certo?” Que tipo de monstro eles tinham como pais?

Ela pisca um sorriso. "Não sei. É exatamente como todos chamam.” Ela toma outra bebida e cruza os braços. "Se você não é da UA... o que você faz? Tenho 20 anos. Você não pode ter mais do que isso."

"Dezenove," eu conto, ignorando sua pergunta real. Eu olho em volta. Lúcifer ainda está ouvindo uma garota grávida. "Todas essas pessoas são da UA?"

Ela balança a cabeça. "A maioria. Eu sou um júnior. Os Unsaints são sêniors. Jeremiah não está na escola."

"O que exatamente são os Unsaints?" Eu pergunto, ainda não seguindo. "Vou precisar de alguns esclarecimentos." Bebo mais vodca, sabendo que não é uma boa ideia. Mas estou perdida aqui e meus planos acabaram de virar de cabeça para baixo.

Alguém grita à distância e depois uma risada seguida.

"Eles são como... são apenas amigos íntimos," Ria explica apressadamente, mas não acho que ela esteja me dando o discurso aqui. "E hoje à noite, eles... bem... eu realmente não sei." Ela abaixa a voz, como se o que ela estava me dizendo, nada, fosse secreto.

Eu cutuco seu ombro, tentando ser amigável. "Vamos. Como você pode não saber?”

Ela bufa uma risada. "Deus, você realmente não sabe nada sobre eles, sabe?" Ela não parece condescendente. Ela parece genuinamente chocada.

Esfrego as mãos nos braços, o copo vazio pendurado nos dedos. "Devo?" Eu pergunto, divertida. Por que eu saberia sobre esses esquisitos quentes?

"Sim," ela responde, mas não parece nem um pouco divertida. "Eles, bem, suas famílias... eles basicamente possuem Alexandria."

Eu aceno com a cabeça, sobrancelhas erguidas. "Certo."

Ela ri, toma outra bebida. Meus olhos examinam a floresta por um segundo rápido. O fogo aumentou. Atlas tem as mãos sobre uma garota, diferente daquela com quem ele estava namorando. E meu sangue esfria quando percebo que o cara de capuz cujo rosto eu realmente não consigo ver ainda parece como se ele estivesse me observando. Um arrepio percorre minha espinha. Não sei se ele é um Unsaints ou não. Eu não sei se isso importa. E não vejo mais Lúcifer. Ou a garota grávida.

Não sei por que isso me incomoda.

Eu forço minha atenção de volta para Ria.

"Estou falando sério," continua ela. "Suas famílias são de terceira geração, tipo, Masons ou algo assim..."

"Unsaints?" Eu forneço sarcasticamente. Eu pensei que os masons tinham 33 gerações, mas não é algo que eu realmente estudo no meu tempo livre.

Ela não ri. "Não. Isso é para o mal, a desova quente deles."

"Certo", eu digo, a vodca me deixando ousada. "Digamos que eu acredite nessa besteira. O que, a propósito, eu definitivamente não faço."

Ela ri de novo.

"Mas digamos que sim. Então, o que é esta noite? Os Unsaints são uma gangue estranha? O que eles fazem na noite de Halloween? Estupro e pilhagem?"

A última parte é uma piada, mas os olhos de Ria se arregalam. "Eu não acho que eles teriam que estuprar alguém, Lilith," diz ela, olhando para os meus chifres.

Eu reviro meus olhos. "Essa é uma afirmação ousada e estúpida."

Ela sorri. "Você viu os Unsaints?"

Eu vi Lúcifer. Atlas. Eu não vi Jeremiah, Caos ou os outros dois cujos nomes eu esqueci.

Eu dou de ombros. "Tanto faz. Essa merda parece absurda. Além do mais," olho ao redor do parque novamente, olhos abertos para Lúcifer, "isso é público. Um parque." Eu enfatizo as palavras. Ninguém parece pegar elas.

"Vai ficar mais selvagem à medida que a noite passa. Se você acha que os Unsaints são estranhos... bem, garota, você tem mais alguma coisa por vir."

"Como o quê? Vamos jogar roleta russa?" Eu rio, mas a verdade é que tudo está me deixando um pouco desconfortável.

Ela nem sorri. "Já aconteceu antes," ela admite. "Na manhã seguinte, estava coberto de sangue."

Ela termina sua bebida.

Meu próprio sangue corre frio. Não é que eu tenha medo, exatamente. Eu queria terminar isso. Eu planejei esta noite por semanas. Mas ainda...

"Sangue de quem..."

As palavras morrem na minha língua quando os braços deslizam ao meu redor, me forçando a voltar para um corpo duro e quente.

"Não há necessidade de fazer perguntas que ela não pode responder," diz Lúcifer no meu ouvido.

Meu pulso acelera. Eu tento respirar normalmente, mas estou quase ofegante.

É apenas Lúcifer, eu digo a mim mesma. *E quem exatamente é Lúcifer?* Eu mesmo disse de volta.

Que porra de pergunta.

"Ria," Lúcifer fala.

Ela parece em partes iguais aterrorizada e excitada com a maneira como ele diz o nome dela. Não posso dizer que não estou sentindo a mesma coisa.

"Vá encontrar o seu *saint*," ouço o sorriso em suas palavras. "Os jogos estão prestes a começar."

Ria assente rapidamente, coloca o copo vazio na mesa onde ele tomba. Com um olhar hesitante para mim, os braços de Lúcifer ainda ao meu redor, ela corre para longe, em direção ao fogo.

As pessoas ainda estão lá, bebendo, rindo, se beijando.

Mas também há outro grupo, Ria, que está na retaguarda, e eles estão indo mais fundo na floresta. Não sei exatamente para onde eles estão indo. Acho que nunca corri por esse caminho.

"Pronta, Lilith?" Lúcifer ronrona.

Eu balanço minha cabeça, tento torcer em seus braços para ver seu rosto. Ele aperta seus braços fortes em volta de mim com mais força.

"Onde eles estão indo?" Eu engasgo.

"Oh, amor," ele diz no meu pescoço, "você também vai."

"Foda-se isso." Não sei por que fiz agora, mas algo não parece certo. Algo parece... tudo errado. Giro novamente em seus braços e ele me deixa ir. Jogo meu copo em cima da mesa. "Estou fora."

As palavras de Ria voltam para mim: roleta russa coberto de sangue. Unsaints. Algo mais está chegando...

Sim. Não.

"Foi um prazer te conhecer, mas tenho planos e, aparentemente, você também."

Ele não diz nada, seus olhos azuis presos nos meus. Um músculo penetra na mandíbula do esqueleto, mas, caso contrário, ele não se move.

E eu meio que gostaria que ele fizesse. Uma parte fodida do meu corpo quer que ele me pare.

Eu me viro, esperando sentir suas mãos em volta da minha cintura. Dedos em volta do meu pulso. Alguma coisa.

Nada.

Então, eu vou, longe da multidão, para a escuridão da floresta, procurando um local isolado para terminar o que eu vim aqui.

Capítulo Cinco



Presente

"Se você me tocar de novo, eu vou te matar."

Não é uma ameaça vazia, mas do jeito que Kristof ri do banheiro, é melhor que seja.

Afinal, ele me levou para casa, amarrada na traseira do SUV preto que Jeremiah sempre me leva para ver suas mortes.

Estou amarrada a uma cadeira vestindo apenas uma camiseta branca três vezes maior e não estou protegida por ninguém no momento, meu irmão bastardo ordenou que todos os guardas saíssem do salão de Kristof, mas estou longe de porra indefesa.

Depois da noite de Halloween, há um ano, tive certeza de que nunca mais ficaria indefesa. Eu tiro a lâmina da faca borboleta em minhas mãos, uma que eu consegui esconder

ao entrar no carro de Kristof porque ele é mais burro do que uma porra de pedra.

Kristof continua escovando os dentes e, mantendo um olho nele, começo a cortar a corda que ele apertou em meus pulsos.

Este quarto é nojento.

É como todos os cômodos da casa Rain, grandes demais, com comodidades demais. A *casa* do meu irmão era antigamente um hotel e ele comprou a coisa toda antes mesmo de começar a funcionar como um só. Ele deixou os proprietários anteriores construir, e comercializar ele, embutir o chão com mármore dourado, os tetos com espelhos nivelados acima da cama e as paredes com TVs de tela plana, e então ele fez um acordo com eles.

Com isso, quero dizer que ele ameaçou matá-los e deu-lhes milhões de dólares em troca de seu desaparecimento e silêncio. Eles deixaram Alexandria, provavelmente fugiram para o norte, para a Virgínia. Se eles fossem espertos, ainda não estariam na Carolina do Norte.

Jeremiah Rain é um bandido do tipo mais rico. Líder e sacerdote da Ordem de Rain. Ele é cruel. Vil. Perverso. Ele me levou ao limite no ano passado mais vezes do que gostaria de contar. Eu nunca pensei que ele realmente me deixaria ser usada como um brinquedo sexual. Mas estamos separados por muito mais tempo do que estamos juntos.

Ele claramente não desenvolveu esses sentimentos fraternos em relação a mim que deveria.

Acho que ele nunca desenvolveu sentimentos de qualquer tipo por ninguém.

Dizem que seus pais adotivos o trancaram em uma gaiola depois que o adotaram na Califórnia, onde nascemos. Aparentemente, depois que ele matou seus irmãos e seus pais, ele herdou seus bilhões e depois se tornou um Unsaints, antes de trair eles. Ele nunca confirmou esses rumores.

Ele também nunca os negou.

Tudo o que sei agora é que a Ordem de Rain lida com assassinatos, drogas e qualquer coisa que ponha mais dinheiro em suas mãos. Meu pagamento é escasso, considerando que eu não faço nada além do que Jeremiah diz. Mas não me falta nada aqui.

Exceto agora.

Agora, vou precisar de alguém para limpar a bagunça que estou prestes a fazer das bolas de Kristof. Eu nunca usaria essa lâmina contra meu irmão.

Mas tenho certeza que vai contra qualquer outra pessoa.

Eu mantenho minhas mãos atrás das costas, mesmo quando estão livres agora. E eu espero.

Espero vendo Kristof usar fio dental, cuspir enxaguante bucal na pia, pegar uma toalha da pilha deles no chão e

enrola na cintura. Então ele vira o olhar para mim. Há uma cama entre nós. Uma Califórnia King, e o que antes era provavelmente lençóis brancos, claramente, ele renuncia às tarefas domésticas neste lugar, e uma dispersão de armas. Armas, principalmente. Algumas facas. Algemas. Não sei se isso é para bandidos ou garotas más, ou talvez ambos.

Olho para o meu reflexo no espelho sobre nossas cabeças.

Meus olhos cinzentos estão manchados de sombras, meu cabelo curto simultaneamente uma bagunça e ainda fica reto. Eu pareço esquelética naquele espelho, esticando o pescoço para trás assim.

Eu estremeço. Isso me lembra do último Halloween.

De Lúcifer.

Eu forço o pensamento para longe.

Minhas coxas nuas estão pálidas. Meu corpo inteiro está pálido.

Tudo aqui é um tom de branco.

Mas está prestes a ficar manchado de vermelho.

Kristof leva o seu tempo a passear pela cama, deixando a toalha escorregar de seu corpo musculoso demais. Não tenho ideia de quantos anos Kristof tem. Eu nem tenho certeza de que Kristof sabe quantos anos tem, mas se eu tivesse que adivinhar, provavelmente seus trinta e poucos anos. Não é velho demais para foder uma garota de 20 anos, mas tem idade suficiente para saber que estupro é um crime sério.

Mas tudo o que a família Rain e seus associados fazem é um crime sério.

Inferno, acabamos de deixar um cadáver.

Kristof para a alguns metros de mim, nivelando seu olhar.

“Você deveria saber melhor do que falar com o Sr. Rain dessa maneira. Recusar ele.”

Eu cuspo no chão. "Senhor Rain? ” Eu zombo dele. "Ele levou suas bolas embora?"

Ele estreita os olhos com uma raiva momentânea, mas antes de se lançar para mim, ele pensa melhor. Em vez disso, ele coloca a mão em seu pau, se acariciando.

Agradeço pela primeira vez.

É, sem surpresa, grande. Kristof é grande. Só se encaixa.

Mas eu não quero isso.

Eu assobio, fingindo estar impressionada.

Ele realmente tem a audácia de sorrir, como se essa coisa entre nós pudesse se tornar consensual a qualquer momento.

Então ele dá um passo à frente.

Eu mantenho o sorriso no meu rosto.

Mais um passo.

E então eu pulo para ele.

A lâmina encontra sua coxa, e eu a empurro com força, afundando ela até o punho, abrindo caminho através dos

músculos e tendões. Esta é a primeira vez que esfaqueei uma pessoa real de carne e osso, e não um boneco idiota que Jeremiah me permite praticar. E a boa notícia é que faço bem.

Kristof não espera isso.

Por um momento, ele só fica lá. Eu olho para ele, vendo a surpresa em seus olhos azuis enquanto ele olha para a lâmina saindo de sua perna. O sangue escorre pela entrada, mas por apenas um segundo, nós dois estamos congelados. Eu da estranha mistura de adrenalina correndo pelas minhas veias, inebriante e intoxicante, e ele de, espero, a dor.

Então eu arranco a lâmina.

Ele grita, embora de Kristof pareça mais um rugido.

"Sua puta!" Ele assobia, suas mãos chegando a ambos os lados de suas coxas enormes. Eu passo em volta dele, aproveitando a chance enquanto a tenho, a lâmina na minha mão. Kristof pode ser enorme e eu posso ser pequena, mas é aí que está minha vantagem. Na corrida.

A única coisa que não pude fazer naquela noite de Halloween.

Eu pulo sobre sua pilha de roupa suja, meus pés descalços agarrando o chão de mármore enquanto aterro. Eu corro pela sala, para a área que serve como cozinha. A porta está bem ali, e Kristof não está atrás de mim. Ele enrolou a corrente na porta, é claro, cortesia dos malditos construtores de hotéis, mas isso levará dois segundos, e então a outra

fechadura se abrirá automaticamente quando eu puxar a maçaneta.

Não ouso olhar para trás, mas o ouço vindo atrás de mim.

A faca ainda está cerrada em uma mão, coberta de sangue. Com a outra mão, pego a corrente e deslizo para trás. Minhas mãos estão tremendo. Não tanto por medo, eu acho, mas por emoção.

Mas esse tipo de emoção me faz pensar em Lúcifer.

E pensar em Lúcifer não me leva a lugar algum.

A corrente se solta. Pego a maçaneta da porta de prata, sorrindo como um demônio. Eu vou ser livre. Quando chego ao corredor, Kristof não tem como descer as escadas diante de mim. Eu vou para o Nicolas. Ele nunca desobedeceu diretamente às ordens de meu irmão, mas também nunca deixou que alguém me machucasse, nem mesmo na frente do seu rosto. Além disso, Nicolas não gosta de Kristof.

Empurro a alavanca. Mas meu erro é não calcular o tempo que levaria para abrir a pesada porta.

Quando puxo, algo queima no meu couro cabeludo e eu sou puxada para trás.

"Você não vai sair desta sala até eu terminar com você," rosna Kristof.

Perco o pé, meus joelhos caem, com força, no chão de mármore. Kristof me puxa pelos cabelos até eu estar de frente para ele, com um sorriso no rosto. Eu quero vomitar.

O sangue está jorrando de sua coxa, mas ele não parece mais sentir a ferida. Ele nem está tentando parar o fluxo de sangue. Em vez disso, uma mão ainda entrelaçada no meu cabelo, ele alcança a outra pela minha garganta, me puxando para os meus pés e me batendo contra a porta. A que eu quase tinha escapado.

Quase.

Inclino a faca, pronta para mergulhar ela em seu estômago. Eu não ligo se ele morrer. Kristof não significa nada para mim. Ninguém significa mais nada para mim.

Mas ele agarra meu pulso, liberando meu cabelo. Meu couro cabeludo ainda queima, minha cabeça gira de onde ele bateu contra a porta. E agora, meu pulso está tremendo na mão dele, seus dedos circulando facilmente ao meu redor.

"Abaixe a faca, Sid, e eu vou com calma," ele resmunga, sua voz fraca.

A ferida está atingindo ele depois de tudo. Seu comando perdeu sua mordida habitual.

"Não," eu digo, mesmo quando ele empurra meu braço contra a porta em um ângulo não natural. Ele vai quebrar se eu não deixar ir.

Mas ele terá que fazer isso.

Porque eu não estou desistindo.

"Sid," ele respira contra minha bochecha, a mão ainda esmagando contra minha garganta. Eu mal posso respirar. "Eu não quero te machucar."

Dou uma gargalhada, mas não consigo encontrar as palavras para dizer que ele já está me machucando. Eu relaxo por um segundo, deixando ele pensar que a luta acabou comigo. Previsivelmente, seu aperto ao redor do meu pulso afrouxa.

Eu a empurro para frente, inclinando a faca na direção dele.

Ele me para.

Eu grito o mais alto que posso, o som perfurando meus próprios ouvidos. Ele não deixa ir. Ele só bate minha cabeça contra a porta mais uma vez, meus pés pendurados no chão em suas mãos.

Um soluço rasga minha garganta. Mas eu aperto meus dentes, me recusando a deixar sair. Não vou chorar por esse idiota. Mesmo quando seus dedos se apertam mais em volta da minha garganta, não deixo as lágrimas brotarem livres.

Ele lentamente me deixa deslizar para o chão, sua respiração ficando mais difícil com a perda de sangue, a ferida da faca. Mas mesmo assim, ele tira meus dedos da minha faca, e eu tenho que deixar ela. Eu mal posso respirar com a mão em volta do meu pescoço. Ele joga a faca no chão. Eu ouço o barulho, ouço sua respiração, ouço meu coração batendo forte nos meus ouvidos.

Ele pega minha coxa, apertando a mão sobre ela. Eu quero matar ele. Eu não estou com ninguém há um ano. Desde Lúcifer. Desde que eu fui Lilith.

Sua mão sobe mais alto, mas logo antes que ele possa me tocar lá, há uma batida na porta nas minhas costas. Alto, exigente. Sete ataques rápidos seguidos.

Ele congela, e eu também.

"Se eu tiver que bater de novo, eu mato vocês dois." A voz fria do meu irmão.

"Porra," Kristof xinga baixinho, mas ele me libera, e eu caio no chão, tentando recuperar o fôlego, minha mão indo para o meu pescoço, esfregando a pele queimada. Eu me arrasto para fora antes que Kristof possa me bater com a porta quando ele a abre.

Eu ouço meu irmão rir antes de ver ele.

"Eu sabia que ela não deixaria você," ele murmura. A porta se fecha e ele se vira para mim, com os olhos na minha mão na minha garganta. Eles estreitam um pouco. "Levante."

Kristof segura sua língua, mas meus olhos encontram os dele e ele está furioso. Ele também está sangrando e com dor, e tropeça de volta contra a parede no saguão, afundando no chão, sem se preocupar em se cobrir na minha frente ou em meu irmão.

Esfrego o pescoço novamente e me levanto, puxando a camiseta branca de tamanho grande que estou usando.

"Por quê?" Eu pergunto, minha voz rouca.

Jeremiah sorri. "Porque eu posso. E você precisa aprender uma lição." Ele se vira, deslizando as mãos nos bolsos. "Venha comigo." Essa ordem é direcionada para mim. Ele olha para Kristof. "Se limpe. Vou precisar de você de volta amanhã de manhã."

Kristof resmunga seu acordo, que é tudo o que ele pode realmente gerenciar. Eu o encaro enquanto sigo Jeremiah para o corredor pouco iluminado. A porta se fecha atrás de nós, e então Jeremiah me prende na parede, com as mãos nos meus braços.

"Você não pode me desobedecer, Sid," ele rosna para mim, seus olhos selvagens nos meus. "E se ele te encontrar de novo? E se os malditos amigos dele te encontrarem? Isso," ele aponta a cabeça para a porta à nossa esquerda, a porta do quarto de Kristof. "Foi para te ensinar uma lição. Para te ajudar a entender o que poderia acontecer com você, se você não confiar totalmente em mim. " Ele respira fundo, apertando os dedos em volta dos meus braços. "Você acha que eu gosto de te atormentar?"

Mesmo sabendo que não deveria, mesmo sentindo uma pressa doentia de gratidão por ele não ter deixado ir tão longe, risos borbulham nos meus lábios. "Sim," eu assobio. "Sim, irmão, acho que você ama me atormentar. Além de ganhar dinheiro e foder mulheres, acho que me atormentar é o seu passatempo favorito."

Ele solta um suspiro, pressiona a testa contra a minha. Eu posso sentir suas palavras contra meus lábios.

"Sid," ele sussurra. Meu coração bate no meu peito. Meu irmão é o mais perigoso quando está quieto. Quando ele está parado. Por vários momentos, ele não fala. E então ele diz. "Se você não conseguir, eu mato você. Não correrei o risco de deixar você rastejar pelas ruas. Não arriscarei que alguém volte para você. Não arriscarei que os Unsaints a encontrem novamente. Prefiro que você esteja morta."

Meu coração se aloja na garganta e ele sorri.

Ele se afasta, mas ainda me segura firme. Nesse momento, estou agradecida. Sem o aperto dele, acho que posso desmaiar. "Eu sei o que eles fazem com as pessoas que os machucam. E se eles descobrissem o que você é para mim... eles fariam muito pior do que Lúcifer naquela noite."

Minhas bochechas esquentam e eu desvio o olhar, incapaz de encontrar seus olhos.

Ele me sacode. "Olhe para mim," ele cospe, sua voz venenosa.

Relutantemente, trago meu olhar para ele.

"Eu vi todos os seus segredinhos sujos, Sid. Eu sei o que você fez antes de mim. Sei que o que vi foi o mínimo do que você fez. Você é bem usada, Sid. É o melhor que você conseguirá." Ele se afasta de mim, finalmente soltando meus braços. "Você realmente não poderia pedir mais, poderia?"

Então ele se vira e se afasta, me deixando seminua no corredor escuro, do lado de fora da porta de Kristof.

Capítulo Seis



Presente

Naquela noite, eu estava deitada na cama, com o ventilador de teto alto, girando como um ciclone acima da minha cabeça. Eu não aguento o silêncio desde aquela noite. Desde que eu tinha acordado com Jeremiah me chutando para o lado, o silêncio ecoando na floresta, depois que ele me arrastou do asilo.

Eu fecho meus olhos contra a memória.

Mas não é a memória que quero bloquear. Pelo menos, nem tudo.

É a dor no meu peito quando penso nele. O buraco da raiva. Luto. Obsessão. Mesmo um ano depois, o Halloween se aproxima rapidamente em duas semanas, não posso deixar essa noite passar. Aqueles olhos azuis atrás de sua pintura de caveira, aqueles lábios carnudos delineados em faixas de preto e branco. Ele está queimando na minha alma.

Todos os Unsaints estão.

Sento, e deslizo contra a cabeceira da minha cama. É preto, como quase tudo no meu quarto. Edredom preto, lençóis de cetim preto, piso de mármore preto. É por isso que escolhi este quarto. Jeremiah havia me dado a escolha deles, aqueles que não eram usados para sua equipe ou para ele próprio. Até a banheira é incrustada com pedra de obsidiana.

Olho pela janela da varanda, as pesadas cortinas negras abertas. Estou no sétimo andar e sei que Jeremiah está acima de mim. Diretamente acima de mim. Não sei se é onde sempre estava o quarto dele, ou se ele mudou o dele para ficar mais perto de mim. Para ficar de olho em mim.

Eu perguntei a ele. Como sempre, ele nunca me respondeu. Nicolas também não. Embora eu pense que é mais porque Nicolas nunca soube onde fica o quarto de Jeremiah. Apenas seus guardas parecem saber disso, e Brooklin.

Nicolas poderia ser um guarda, mas ele não é. Não exatamente. Ele é mais esperto que os outros. Não é tão esperto quanto Jeremiah, senão Jeremiah não o deixaria trabalhar para ele. Mas inteligente o suficiente.

Foi Nicolas que veio ao meu quarto me dizer que Kristof iria viver, e ele manterá as mãos longe de mim a partir de agora. Ele me disse para ficar de boca fechada nas salas de matança, como ele as chama. Para manter minha maldita cabeça em meus ombros. Para ouvir meu irmão.

Eu disse para ele se foder.

Jeremiah nunca me levou para a sala de matança mais de uma vez por mês, depois que ele me atormentou no Parque Raven. Eu fiquei bem pelo resto de outubro. Isso não significa, é claro, que ninguém mais vai morrer sob seu comando. Significa apenas que não precisarei ver os restos. Ele gosta de me dar um tempo. Para me manter adivinhando.

Para me fazer entrar em pânico.

Ele é um homem de negócios do pior tipo, se é que você pode chamar ele assim. Ele opera fora da lei, lidando com coisas que a maioria das pessoas não ousaria.

Esta noite, ele matou aquele homem antes de me levar para Parque Raven. Nossa rotina doentia de sempre. Um lembrete do que poderia acontecer comigo novamente, se eu não estivesse segura.

Eu não tenho ideia do por que aquele homem era seu alvo hoje à noite. Não tenho ideia de como ele entrou em conflito com meu irmão. Jeremiah não ofereceu esse tipo de informação. Ele não precisava. Fomos jurados a ele, à Ordem, pelo resto de nossas vidas. Se quiséssemos desistir, bem, nossas vidas terminariam rapidamente.

Mas ninguém parece tolo o suficiente para ir atrás de Jeremiah Rain, para se opor a ele.

Eu gostaria que alguém o fizesse.

Especificamente, eu gostaria que ele fizesse. Lúcifer. Os Unsaints. Mas ele desapareceu naquela noite, a primeira que nos conhecemos. A última também. Desapareceu com o resto

deles após a Morte do Amante. Ele poderia estar morto pelo que sei.

Me lembro da época anterior a Jeremiah e aos Unsaints, quando passei muitos anos felizes sem saber que Jeremiah Rain existia tão perto de mim. Eu tinha visto o hotel, é claro, mas nunca dei a mínima para que algum bilionário o comprasse. Também não conhecia Lúcifer, nem a Sociedade dos Seis. Sobre a Morte do Amante. Os Unsaints.

Não é que minha vida tenha sido fácil antes.

Não tinha sido.

Tem sido difícil.

Mas tinha sido minha.

Minha para terminar, até Lúcifer me convencer do contrário.

Até meu irmão entrar e levar tudo embora. A escolha. O plano. Minha mente.

Capítulo Sete



Halloween, um ano atrás

As vozes aumentam a distância e o frio tão longe do fogo se envolve em torno de mim como uma coisa viva. Coloquei minha mão no punho da minha arma na minha coxa. Antes, quando prendi essa coisa horas atrás, eram realmente apenas horas? Eu tinha certeza. Eu sabia o que veio a seguir. Depois de uma série de pancadas, contusões e golpes no coração, essa coisa final seria para mim. Minha própria escolha, levando minha vida em minhas próprias mãos.

Agora, porém... não tenho tanta certeza. Mas não quero voltar ao abismo da escuridão em que caí muitas vezes antes. Aquela escuridão era sufocante. Enlouquecedora. Eu sei que não posso sobreviver a isso novamente.

Mas posso puxar o gatilho quando o cano frio desta arma estiver cavando na lateral da minha cabeça?

Eu não sei.

A festa no Parque Raven fica distante e percebo com um sobressalto que a merda do carrossel está à minha frente. O parque se abre para uma pequena clareira, um círculo preenchido com lascas de madeira para as crianças brincarem.

Só que agora, parece que as crianças nunca deveriam vir aqui. O carrossel não está se movendo, mas as sombras parecem espreitar dentro dos pequenos polos que levam os animais: ursos, pôneis, algo que parece um lobo, mas com orelhas de abano. No escuro, tudo parece um pouco grotesco.

Acho que vejo algo grosso derramando do lado do unicórnio branco, mas balanço a cabeça e ela desaparece.

As palavras de Ria estão me assustando. Pego os chifres na minha cabeça distraidamente, ainda caminhando em direção à clareira, e então congelo.

Alguém está me observando.

De pé nas sombras, inclinado casualmente contra um leão, é o homem da festa com o capuz. Ainda está no rosto dele, escondendo os olhos, mas eu sei que ele está me olhando. Ele está me observando desde a festa.

Meu sangue corre frio quando percebo que ele provavelmente me seguiu até aqui.

Paro de andar e envolvo meus braços em volta de mim. Acho que, por apenas um segundo, devo pegar minha arma, mas não o faço. Não quero provocar esse cara, e com tanta vodca em minhas veias, meu objetivo seria uma merda. Em

vez disso, olho por cima do ombro, esperando que outra pessoa tenha flutuado para longe da festa. Mas não há nada além de madeiras escuras e vazias nas minhas costas.

Eu me forço a enfrentar esse cara novamente.

Mas ele se foi.

Eu giro, coração batendo forte. Não tenho ideia de quem ele é, mas, por algum motivo, não posso deixar de pensar que ele também é um Unsaints. Ele é muito escuro para ser qualquer outra coisa.

Eu sei como são Lúcifer e Atlas. É este Mayhem? Ou Cain? Ezra? Qual era o nome do outro? E o que significa se é um deles?

Eu giro novamente, os olhos correndo sobre a clareira, a floresta, o carrossel. Mas não há nada para ver. E não há nada além de silêncio e o som da minha própria respiração. Meu coração batendo forte no meu peito.

Pego o punho da arma e, em seguida, braços fortes me envolvem por trás, bloqueando meu acesso.

Abro a boca para gritar.

Uma mão veio aos meus lábios, abafando o som.

“Shhh, querida. Eu não vou te machucar se você ficar quieta.”

Há algo nessa voz que soa perigosamente familiar. Mas não consigo colocar. Talvez um cliente? Eu não sei.

Eu fecho minha boca, mas a mão permanece presa sobre ela. Sinto o cheiro de roupa limpa, a fumaça nele da fogueira.

Ele me puxa para mais perto dele. Eu sei, sem olhar, tem que ser o único que está me seguindo. E também sei que, embora eu tenha a arma, sou eu quem está tão fodida agora. Estranhamente, eu anseio por Lúcifer. Mas ele me deixou ir. E eu entrei direto nisso.

"Por que você estava saindo tão cedo?" As palavras do homem roçam no meu pescoço. Estou dolorosamente ciente de que estou apenas em um body e leggings arrastão e gostaria de ter pensado em pegar um casaco. Algo para me cobrir. Mas não achei que duraria tanto tempo.

Eu tento falar e me chocando, o cara move a mão, trazendo ela para o meu estômago ao lado do outro.

"Quem é você?" Ouço o medo na minha voz, mas não tenho tempo para me importar.

Ele ri contra a minha pele. "Eu sou o seu pior pesadelo." Seus dedos cravam no meu abdômen.

"O que você quer?"

Ele pressiona seus lábios no meu pescoço, quente e quase gentil. "Sempre as mesmas perguntas," ele me provoca. “Como se as respostas importassem. Eu sempre consigo o que quero, querida. E hoje à noite, eu quero você.” Ele morde meu pescoço.

Eu tento me virar, mas ele não me deixa mover.

“Calma, querida. Quanto menos você lutar, mais diversão você terá."

Sinto medo dando lugar à raiva quando olho para o carrossel ao nosso lado. "Vai se foder," eu bato nele, sabendo que enquanto digo as palavras, elas não são muito sábias. Não para alguém na minha posição. Mas de repente eu não me importo. Este Halloween foi uma série de foda-se do começo ao fim. Pode muito bem sair com um estrondo.

Mas o cara não parece zangado. Ele me puxa ainda mais em seu corpo duro e passa uma língua quente no meu pescoço. "Oh, você vai."

"Jeremiah", a voz de um homem diz em advertência.

Ah, eu acho ironicamente, então este é Jeremiah. Que prazer de se conhecer.

Mas meu coração dispara do mesmo jeito. Porque essa voz... é de Lúcifer.

Não consigo ver ele e, quando ele chama o nome do Unsaint novamente, percebo que ele está atrás de nós.

Jeremiah parece tenso comigo em seus braços e ele nos gira ao redor. Vejo a pintura familiar do esqueleto, o capuz, os cachos pretos e, à medida que ele se aproxima, os olhos azuis.

Sinto um alívio doentio que Lúcifer esteja aqui.

Mas ele não parece aliviado. Ele parece fodidamente chateado.

"Deixe ela ir," ele rosna para Jeremiah

Jeremiah não diz nada por um momento. Então ele passa a mão sobre o meu estômago, desce em direção à minha virilha, onde ele descansa. Eu luto para respirar, meus olhos implorando pelos de Lúcifer. Mas Lúcifer não está olhando para mim. A mandíbula dele se fecha e é quase como se ele simplesmente se recusasse a ver onde está a mão de Jeremiah.

“Não posso fazer, Luce. Ela é minha pela noite.”

Lúcifer balança a cabeça. "Deixe ela ir," ele diz novamente.

Jeremiah suspira. Sua mão desliza pela minha parte interna da coxa, seus dedos quentes sobre a pele sob a rede de pesca.

"Você sabe como isso funciona," diz ele, calma mortal. "Você a deixou." Ele agarra minha coxa com mais força e seu tempo não há dúvida de que Lúcifer viu. Seus olhos se estreitam em fendas. Azul brilhante, fendas brilhantes. “Agora, eu a encontrei. Todos nós escolhemos.”

Lúcifer não recua. Mas ele também não diz mais nada. Eu não me mexo. Os dedos de Jeremiah ainda se fecham em volta da minha coxa.

Depois de um momento, ele me gira, me pega, forçando minhas pernas a envolver ele. Seu capuz ainda está abaixado, e eu estou com muito medo de me mover enquanto ele me desliza pelo comprimento de seu corpo. Não imagino um

gemido suave quando minha pélvis passa por cima de seu pênis duro.

Coloquei minhas mãos em seu peito, tentando me afastar, mas, me surpreendendo, ele me colocou de pé. Antes que eu possa encontrar meu pé, Lúcifer me puxa para ele, me girando. Ele tem uma mão nas minhas costas e a outra está apontando para Jeremiah.

"Se você tocar ela novamente, eu vou te esfolar vivo."

Sinto o coração dele embaixo das minhas mãos e é estranho... o pulso dele não é rápido. Está firme. Forte. Mas calmo. Mesmo enquanto ele continua apontando para Jeremiah.

Jeremiah não diz nada.

E então Lúcifer agarra minha mão e me puxa para além do carrossel, de volta para a floresta. Eu tropeço, mas ele continua me puxando. Olho por cima do ombro e vejo Jeremiah ainda nos observando.

Leva alguns minutos para poder falar. Minha garganta está seca, o medo ainda está no meu intestino. Mas, finalmente, quando estamos fechados novamente na escuridão das árvores, encontro minha voz.

"Pare," eu digo, cavando meus calcanhares.

Lúcifer continua tentando me arrastar. Eu puxo com força contra ele e, apesar de não me libertar, ele para de andar e gira.

"O quê?" Ele rosna.

"Eu disse que não quero..."

Antes que eu possa dizer as palavras, ele me empurra contra uma árvore, com as duas mãos no meu peito. "Eu não perguntei o que você queria, Lilith. Eu deixei você ir. Você teve sua chance disso. Está muito tarde agora."

Raiva e medo se misturam no meu sangue. "Que porra é seu problema?" Seus olhos se estreitam e eu balanço minha cabeça. "Eu não quero estar aqui. Eu não quero jogar esses jogos. Não sei quem você e seus amigos de culto pensam que são, mas..."

Suas mãos vão para a minha garganta e ele aperta com força. Eu mal posso respirar, mas mantenho meus olhos nos dele azuis.

Porra, eu queria que ele não fosse tão bonito. Isso tornaria um pouco mais fácil odiar a sensação de suas mãos em mim agora.

E eu já senti isso antes. Mãos na minha garganta. Eu deveria estar mais assustada. Mas, em vez disso, sinto outra coisa. Algo que faz meu rosto esquentar de vergonha.

Desejo.

"Você é meu problema. Você se tornou meu problema quando se afastou. Quando você encontrou o caminho para os braços de Jeremiah." Suas mãos se movem da minha garganta para minha cintura e ele pressiona contra mim. Eu

tenho que me concentrar em não pressionar para trás, mesmo que eu possa sentir seu pênis latejar entre nós. Mordo meu lábio, segurando um gemido.

Que porra há de errado comigo?

"Você deve se sentir com sorte," ele sussurra no meu ouvido. “Sorte que eu te encontrei. Porque eu posso te machucar. Mas Jeremiah...” ele interrompe. "Ele mataria você."

Sorte.

Eu quero dizer algo sarcástico. Eu quero bater nesse cara. Mas essa palavra soa no meu ouvido, e por alguma razão doentia e distorcida... eu sinto. Sortuda.

Capítulo Oito



Presente

Estou me afogando em água fria. Eu não consigo respirar. Não posso gritar. Meu corpo está tremendo, minhas palavras congeladas nos meus lábios. Estou encharcada, cada centímetro da minha pele coberta de água gelada. Eu tento encontrar ar. Suspiro por isso.

Pela primeira vez na minha vida, quero viver.

“Levante, Sid. Agora."

Meus olhos se abrem, mãos subindo para me defender.

Jeremiah.

Eu me levanto, me pressiono contra a cabeceira da cama, puxo meus lençóis até o queixo. E só então noto o copo na mão dele e a água fria pingando do meu rosto, do meu cabelo, para a minha blusa preta.

A raiva passa por mim.

Tiro as cobertas e vou para o meu irmão.

"Você jogou água em mim?!" É parte da pergunta, parte da guerra.

Tropeçamos, juntos, contra a porta de vidro da minha varanda. O sol mal nasceu, Alexandria ainda banhada em rosa e amarelo, a cidade se estendendo lá embaixo, pessoas na manhã se deslocam para o que está se transformando numa manhã ensolarada de segunda-feira.

E meu próprio irmão jogou água gelada em mim para me acordar.

Eu sei que ele está me deixando empurrar ele contra o vidro agora. Ele pode nos parar a qualquer momento. Mas um pequeno sorriso brilha em seus lábios, mesmo quando sua camisa branca está enrolada no meu punho.

"Você terminou?" Ele pergunta, irritantemente calmo.

Eu soltei sua camisa, alisei.

Então eu lhe dou um tapa na cara, fazendo sua cabeça girar. Não da minha força, mas sim da surpresa dele.

Ele abre a boca, balança a mandíbula, sobrancelhas escuras erguidas. Quando ele se vira para mim, ele joga a cabeça para trás e ri. E então ele coloca a mão em volta da minha garganta, apertando, assim como Kristof.

Assim como Lúcifer.

Eu não me incomodo em revidar. Ele não vai me matar agora. Ele não tinha acordado tão cedo e invadiu meu quarto para eu morrer tão cedo.

Eu seguro seu olhar verde pálido, ouço ele respirando e expirando, firme. Calmo. Como se o lado bom estivesse tentando dizer ao lado ruim para soltar a garganta da irmãzinha. Mas Jeremiah não tem um lado bom. Ele tem um mau. E pior.

Ele apenas aperta mais forte.

Minhas unhas encontram suas bochechas.

Eu o belisco com força.

Ele me afasta, e eu me paro na minha cama, depois me endireito imediatamente, pronta para atacar ele novamente, se ele quiser continuar jogando esse jogo. Ele esfrega a mão na mandíbula e vejo com satisfação as marcas de unhas afiadas em sua pele bronzeada.

"Você é uma merda, sabia disso?" Ele pergunta, estalando a mandíbula novamente.

Sento na cama, meu cabelo ainda pingando. Envolvo um dos cobertores felpudos pretos da minha cama em volta dos meus ombros.

"Por que diabos você achou que jogar água fria em cima de mim era uma boa ideia?"

Ele suspira, cruza os braços e se inclina contra a porta da varanda, a cabeça inclinada para trás, os olhos no teto. Ele

fica assim quando tem algo que não quer dizer. O que é quase nunca. Jeremiah não tem medo de nenhuma palavra no idioma inglês. Ou qualquer idioma, para esse assunto. Ele é fluente em alemão, e essa merda eu não entendo. Vivemos na Carolina do Norte pelo amor de Deus.

"Cuspa fora," eu rosno, pronta para tomar um banho quente, minha garganta doendo pelas mãos de Jeremiah e Kristof.

Eu quero aproveitar esta segunda-feira.

Observar os corpos e ser atormentada no parque no domingo. Relaxar na segunda-feira. E a contagem regressiva para o Halloween está ligada. O que significa que o relaxamento que poderei fazer é mínimo. Jeremiah terá certeza disso.

"Eu tenho um emprego para você," ele finalmente diz. Há algo estranho na maneira como ele diz isso, quase como se estivesse se desculpando. Eu nunca soube que Jeremiah pediu desculpas a alguém por qualquer coisa.

Eu engulo. Duro. E espero. Ele está me deixando nervosa. Ele nunca teve um emprego para mim.

Ele fica encarando o teto, encostado na porta de vidro.

O ventilador ainda gira e eu sou grata pelo barulho. No alto, na colina mais alta de Alexandria, não podemos ouvir a cidade abaixo. Na maioria dos dias, eu gostaria de poder. Especialmente agora. O barulho não é suficiente.

Mas ainda assim eu espero. Não tenho certeza se quero ouvir o que ele tem a dizer. Jeremiah nunca me acorda. Ele geralmente envia Nicolas, ou às vezes, quando ele quer ser realmente um pé no saco, ele envia Brooklin. Mas hoje, ele entrou em si mesmo. Com água. O copo havia sido jogado no chão em nossa luta.

Eu olho para ele agora, azul brilhante e plástico. Como um copo de criança. Não pertence a este quarto escuro.

"Uma morte."

Minha boca se abre quando olho para ele.

"Eu sei," ele retruca, embora eu não tenha dito uma palavra.

Eu arqueio uma sobrancelha. Não é o tom estridente de sempre. É menos perigoso. Mais no limite. Mais... preocupado.

"Você está brincando?" Dou uma risada nervosa, trago meus joelhos no meu peito e me enrolo em uma bola sob o cobertor felpudo preto. Algo está acontecendo. Ele nunca se ofereceu para me deixar fazer algo pela Ordem, e definitivamente não é isso.

Eu não acho que quero fazer isso.

Eu vou dizer não.

Ele vai me fazer de qualquer maneira.

Ele ainda não olha para mim. "Não," ele responde uniformemente. Ele finalmente inclina o queixo para baixo,

seus olhos verdes claros nos meus pálidos. "Mas acho que você não será capaz de puxar o gatilho."

Eu puxo meus joelhos com mais força e reviro os olhos, soprando minha franja para fora do meu rosto.

"Eu não quero." Minha voz não treme, mas sob os cobertores, minhas mãos tremem. "Eu não quero este trabalho. Eu não quero fazer isso. Eu não ligo para quem é."

Ele dá um passo em minha direção e eu fico tensa. Não quero que ele me veja tremendo. Não quero que ele me veja se contorcer.

Ele para no meio do caminho para mim, o sol nascente nas suas costas, fazendo ele parecer algum tipo de anjo estranho com uma auréola. Mas meu irmão não usa auréola.

"Lúcifer está de volta."

Quero dizer a ele que acho que ele nunca foi embora. Ele estava apenas ganhando tempo.

"E o resto deles," ele responde minha pergunta não dita. "Eles estiveram aqui," ele admite. “Mas eles mantiveram distância. Não mais."

Agora estou tremendo de verdade.

Jeremiah dá um passo para a beira da cama, os joelhos contra o colchão. Ele olha para mim.

“Sabe, eu assisti vocês dois por muito, muito tempo. Eu não sabia dizer se você o queria ou não. Eu não sabia se era o Juramento da Morte, ou... pior."

Um arrepio percorre minha espinha. Conheço essa história, mesmo que não me lembre. Eu não quero lembrar disso. Eu não quero falar sobre isso. Para pensar sobre isso. Eu não quero que exista.

"Eu não estou fazendo isso," eu digo.

Ele ri. "Não se faça de boba, Sid. Não é uma boa aparência." Ele suspira, desliza as mãos nos bolsos e depois se senta ao meu lado, seu ombro batendo no meu. Eu tento não recuar. Tento e falho. "Você sabe que precisa."

Mesmo quando ele diz essas palavras, ele olha para o chão. Então ficamos em silêncio.

Quando ele finalmente fala novamente, ele ainda não olha para mim.

"Acontece que ele é ainda mais pecador do que o próprio diabo. E infelizmente para ele e você, ele me deve uma coisa."

Eu levanto minha cabeça. "Por que eu? Foi uma noite. Eu já tinha mais de uma com muitos homens antes dele aparecer."

Jeremiah encontra meu olhar, sua expressão ilegível. "Não me engane, Sid. Eu sei que você está pensando nele desde que eu a arrastei para fora do abrigo. E agora vocês dois terão um círculo completo. É quase o Halloween, Lilith," ele sussurra. Como se eu não soubesse.

Sinto um rubor corar minhas bochechas, mas seguro seu olhar. "Você não sabe nada."

Ele tira uma mão do bolso tão rápido que acho que ele pode me dar um tapa dessa vez. Eu estremeço, mas em vez disso, ele tira minha franja do meu rosto, deixa a mão dele no meu queixo. “Eu sei como é Lúcifer. Eu o conheço há anos, Sid.” Ele fala tão baixinho, é quase como se ele se importasse. Mas eu sei melhor. Ele quer que a vergonha queime através de mim um pouco mais. “Eu sei que você o chamou na cela, quando eu te trouxe aqui pela primeira vez. Me desculpe, eu deixei ele tirar você de mim. Mas eu não vou deixar ele fazer isso de novo.”

Seu dedo roça meu lábio, desce meu queixo, sobre a curva da minha garganta. Então vem descansar acima do meu coração.

“Eu nunca deveria ter deixado ele ter você. Mas eu não sabia, Sid.” Ele move a mão, apertando as duas no colo. "Eu não sabia que você era minha, então. Eu sei que você odeia estar aqui," continua ele, e pela primeira vez que me lembro entre nós, sinto empatia por ele.

Porque eu odeio estar aqui. Eu odeio não poder sair, não sem ele ou seus homens seguindo. Eu odeio não ter muito dinheiro para mim, mesmo vivendo em opulência. Eu odeio não ter carteira de motorista. Ou um passaporte. Ou até meu próprio carro. Porque Jeremiah não quer que Lúcifer ou os outros Unsaints venham atrás de mim, pelo que ele fez. Por me tirar do abrigo. Mesmo que eles tenham me deixado lá.

"Se você fizer isso, se você o matar..." Ele suspira. Eu espero, prendendo a respiração. “As coisas vão mudar. Este

pode ser o seu único trabalho, se você quiser. Não vou mais te arrastar para as cenas. Você pode viver sua vida, Sid. Vou comprar um carro para você. Vou lhe dar um salário adequado. O que você quiser, se você fizer isso."

Eu quero dar um soco nele. "Qual parte de você achar que acredito em qualquer coisa que esteja dizendo agora, Jeremiah? Eu não confio em você. Não escondi o fato de nunca confiar em você. E eu sei que você sente o mesmo por mim. O que mudaria com a morte de Lúcifer? E por que diabos você acha que eu posso matar um Unsaints?"

Ele não olha para mim. "Ele é o único que você sempre quis, não é? Porque ele deixou você." Ele ri, passando a mão no rosto. "O que há com as mulheres e os homens que as deixam?" Ele fica de pé, de costas para mim.

"O que Lúcifer fez?" Pergunto. Isso, pelo menos, eu preciso saber. Eu nunca perguntei, não sobre nenhum dos outros corpos que Jeremiah empilhava. Não antes. Mas isso é diferente. O que meu irmão não sabe é que eu teria dito que sim, não importa o quê. Não importa o carro. Ou a liberdade. Ou o dinheiro. Ele pode enfiar essas coisas na bunda dele por tudo que eu me importo. Eu só quero a vingança.

Lentamente, Jeremiah se vira.

"Ele está procurando por você," diz ele com cuidado. "Todos eles estão." Mas ele não sorri, como costuma fazer quando quer me provocar. "Ele queimou a casa de Brooklin."

Não estou surpresa. Este é Lúcifer. Este é o Unsaints. Este é Cain, Atlas, Ezra e Mayhem. Este são os irmãos de sangue do inferno.

Eu nem sabia que Brooklin ainda tinha uma casa. Eu pensei que uma vez que meu irmão achasse uma garota, ele pegasse todo o resto dela. Ou talvez ele tenha feito isso comigo.

"E daí?" Pergunto. "Você não dá a mínima."

Ele balança a cabeça, como se estivesse irritado. "Não," diz ele, mas não acho que seja verdade. Brooklin está aqui há muito mais tempo do que a maioria das mulheres de Jeremiah. Ele se importa com ela. Ele pode não amar ela, porque não tenho certeza de que o filho da puta saiba amar alguém. Mas ele se importa. "Mas isso significa que ele está tentando me alcançar. Para você. ” Seus olhos se voltam para os meus. “E eu quero chegar até ele primeiro. Eles."

Olho para o cobertor felpudo, as sobrancelhas franzidas. Como se estivesse pensando. Como se eu não fosse matar Lúcifer, não importa o que Jeremiah diga.

Mas isso deve irritar ele, porque ele diz. “O que eu disse antes, Sid, juro a você. Prometo que você terá tudo isso e muito mais. Apenas faça isso por mim. Por tudo o que você pensa de mim, não quero que ele a leve. Eu vi como ele te deixou. E eu quero que ele pague por isso. Eu quero me perdoar por aquela noite. Quero me livrar da porra dos Unsaints, e isso começa com ele.”

"Isso é sobre dinheiro?" Eu murmuro. Porque não tem como isso ser apenas sobre mim. Ele os odeia pelo que fizeram, especialmente Lúcifer. Mas eles estavam perto antes. Mais perto do que irmãos, se as histórias são para crer.

Jeremiah zomba. "Tenho mais dinheiro do que jamais poderei gastar na minha vida, mesmo que eu esfregue minha bunda todos os dias. Eu tenho mais dinheiro do que os Unsaints e a Sociedade dos 6 juntos."

Torço o nariz, mas não digo nada. Tenho certeza de que a última parte não é verdadeira. Os Unsaints e seus pais são donos desta cidade. Mesmo que a cria tenha decidido ficar quieta depois do que aconteceu no ano passado, comigo fugindo, eles ainda dominam. É um milagre não terem queimado este hotel.

"Mas se você odeia minhas entranhas e se um dia você pode enfiar uma faca nas minhas costas, ou na minha frente, eu me importo com você, Sid."

Eu não acredito nisso por um segundo. Talvez ele esteja tentando se fazer acreditar. Mas Jeremiah se importa com sangue e dinheiro.

O que me interessa é a vingança. E eu sei também que a palavra de Jeremiah é boa. Ele é um idiota, ele pode enganar alguém de qualquer coisa. Mas quando ele dá a alguém sua palavra como ele acabou de dizer, ele geralmente fala sério.

"Tudo bem," eu quase sussurro. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto viva novamente. Eu levanto minha

cabeça, não sentindo mais os fios molhados do meu cabelo. Eu me desembaraço do cobertor e fico de pé. Eu estendo minha mão para Jeremiah.

Ele olha para ela e parece genuinamente surpreso.

"Tudo bem," eu digo novamente. "Eu vou matar Lúcifer." Ou morrer tentando, é o que eu não digo.

Ele pega minha mão na dele, leva meus dedos à boca e pressiona um beijo contra eles. Então ele me puxa para um abraço.

Por um momento, estou chocada.

Não me lembro de uma vez que nos abraçamos.

Lentamente, eu coloquei meus braços em suas costas largas, saboreando seu calor.

"Obrigado, Sid," ele sussurra contra a minha cabeça. "Todo esse tempo você me odiou... eu só queria que você fosse minha."

E então ele se afasta.

Capítulo Nove



Halloween, um ano atrás

"Onde estamos indo?"

Lúcifer ainda está me guiando pela floresta, e desta vez, ele tem um braço possessivamente em volta dos meus ombros. Ele não fala comigo desde que me jogou contra a árvore, e eu relutei em falar.

Mas agora eu quero saber.

Porque meu plano está desaparecendo de vista. A adrenalina está fluindo através de mim e, embora eu ache que deveria estar aterrorizada, embora ache que preciso escapar, não quero. Eu quero ver aonde esse passeio me leva. Eu acho que nunca quero sair.

"Você verá," diz Lúcifer. A mesma resposta para todas as perguntas que fiz esta noite.

"Eu quero saber agora," eu digo contra.

Ele para de andar, se virando para mim, olhos estreitados. "Vamos nos atrasar para a morte do amante. Você vai perder o Juramento da Morte. E isso é algo que você não pode perder, a menos que queira morrer."

Eu rio nervosamente. "Bem, engraçado você mencionar..."

Ele pega meu queixo na mão, inclina minha cabeça para que meu olhar esteja no dele. "Eu sei o que você planeja fazer," diz ele, sua voz baixa e com raiva. Seus olhos percorrem meu corpo, até a arma. Suas mãos seguem, e ele a tira do coldre.

Eu tento alcançar, mas a mão dele desliza pelo meu queixo, por cima do meu pescoço. Ele balança a cabeça. "Não," ele me adverte.

Ele joga a arma. Eu a ouço pousar, suavemente, a alguma distância.

"Que porra é essa?" Eu assobio para ele, tentando rastrear seu objetivo no escuro. Mas não adianta. Poderia estar fodendo em qualquer lugar.

"Você não vai morrer hoje à noite, Lilith, pelo menos não por sua própria mão. Quero que você pare de fazer perguntas. Quero que você cale a boca, certo?"

Minha mão levanta e eu bato nele.

Eu bato nele com tanta força que juro por Deus que o som da minha palma em seu rosto ecoa na floresta. Vejo uma mancha de sua pintura de esqueleto, mas, caso contrário, ele

nem se mexeu. Minha mão provavelmente dói mais do que o rosto dele, o que me irrita ainda mais.

Ele sorri para mim. É frio. Malicioso.

E então ele me bate no chão, me empurrando e caindo comigo.

Seu corpo está pressionado contra mim, uma mão está no meu peito. "Violência nunca é a resposta, Lilith," ele sussurra no meu ouvido, pressionando ainda mais em mim. Sua boca roça no meu pescoço, e então ele afunda os dentes em mim.

Abro a boca para gritar com ele, mas ele coloca a mão nos meus lábios. Meu pescoço está queimando, e juro que ele tirou sangue.

Seus lábios encontram o caminho para os meus e ele move os dedos. Eu sinto o gosto enquanto abro a boca para ele.

Ferro.

Meu próprio sangue.

Mas eu o beijo de volta. Eu não sei por que, mas faço.

Sua língua sonda minha boca, meus dentes, minha própria língua. E então, quando nós dois estamos quase sem fôlego, ele se afasta, seus olhos procurando os meus.

"Nós não podemos perder isso," diz ele bruscamente, se levantando e me puxando. "Pare de tentar resistir a mim."

E droga, eu faço.



Eu finalmente percebo onde estamos quando é tarde demais para voltar.

Um prédio de tijolos monstruoso e abandonado, pedras em ruínas e uma porta que foi chutada muitas vezes. Um estacionamento coberto de vegetação e um estacionamento cercado contra o rio Raven.

O antigo Hospital Psiquiátrico Raven Shores. Agora abandonado em favor de um local menos assustador.

Mas hoje à noite, eu estou com o assustador Lúcifer, e não somos os únicos aqui.

Há uma fila de pessoas do lado de fora da porta pendurada nas dobradiças, e vejo, vigiando a porta, quatro caras com os braços cruzados, observando a multidão de pessoas da festa com expressões de pedra.

Eles devem ser os Unsaints, porque eu vejo Atlas entre eles.

Eles são todos irritantemente atraentes, mesmo no escuro. Nenhum deles está vestido de fantasia, mas além de um cara em uma camiseta branca com tatuagens nos braços e nas costas, todos usam roupas escuras.

Também vejo Ria, perto da frente, com os olhos fixos no cara da camiseta branca.

Mas os olhos dos Unsaints vão sobre as cabeças da multidão do lado de fora da porta psíquica, e então todos se voltam para nós.

O silêncio atravessa as poucas dezenas de pessoas aqui.

Eles estão nos observando.

Ou melhor, eles provavelmente estão assistindo Lúcifer, e por acaso estou na linha de visão deles.

Lúcifer, por sua vez, continua me puxando para a frente, e a multidão, milagrosamente, se abre. Como se Lúcifer estivesse atravessando o maldito Mar Vermelho ou algo assim.

A respiração de Ria trava quando chego perto dela e lanço um pequeno sorriso para ela. Ela sorri de volta e estou feliz que o rosto dela seja pelo menos amigável. Lúcifer me puxa escada acima, me empurra atrás dele e do resto dos caras.

Nenhum deles se vira para olhar para mim.

Percebo que Jeremiah não está aqui.

O cara da camiseta branca também. "Onde está J?" Ele pergunta calmamente. As pessoas abaixo dos degraus começam a conversar e rir novamente. Uma nuvem vape se forma no ar sobre suas cabeças.

"Não vem," diz Lúcifer. Não há discussão com esse tom, e ninguém ousa. “Você pegou suas garotas?” Ele pergunta para os caras.

Atlas bufa. “Nós as pegamos. Elas ainda não sabem disso."

"Então vamos. Serão onze horas em breve.” Lúcifer se vira e agarra meu pulso para me puxar para dentro do prédio.

"Luce," um dos caras chama. Ele é o maior de todos, músculo duro sob uma camisa escura que se estica contra o peito. Ele tem a cabeça raspada, olhos escuros. E agora, esses olhos estão me encarando. “Cuidado com isso. Jeremiah não conseguia tirar os olhos dela. Provavelmente existe um motivo."

Lúcifer olha para esse cara.

"Pare com isso, Cain," diz Atlas com um sorriso. "Jeremiah é uma merda."

Mas Lúcifer olha para mim. "Você o conhece?" Ele me pergunta. “Jeremiah?”

Agora todos os cinco estão me encarando. Eu me sinto... presa. Balanço a cabeça, sem me atrever a falar.

"Você confia nela?" Pergunta o cara chamado Cain.

O da camiseta branca se vira, seus olhos se estreitam em mim. Vejo que ele tem uma cruz invertida tatuada no lado do rosto, pelos olhos azuis bebê. "Eu confio nela," ele oferece. "Ela é pequena demais para nos foder." Ele olha para mim.

Lúcifer vira a cabeça para encarar ele. "Mantenha sua boca fechada sobre ela, Mayhem, se não vou costurar seus lábios quando você dormir esta noite."

Então ele se vira e me puxa pela porta.

Meus olhos se arregalam quando ficamos no que costumava ser o vestíbulo. É de teto alto, e há tochas na parede como se estivéssemos nos tempos medievais ou algo assim. Tochas.

E para um prédio em ruínas, o interior não é tão ruim.

Há outra mesa de plástico cheia de bebidas e Lúcifer solta minha mão enquanto ele caminha em direção a uma, virando dois copos pretos, pegando gelo e servindo vodca. Eu ouço um dos Unsaints através da porta mal lá falando, chamando o que soa como nomes.

E eu ouço o nome da Ria, emparelhado com o Mayhem.

Deus a ajude.

Lúcifer enfia uma bebida na minha mão. "Você está pronta?" Ele me pergunta.

Balanço a cabeça, mas tomo um gole de vodca. "Não," eu respondo honestamente depois de fazer uma careta. Já nem queima muito. Tem um gosto bom, o que significa que estou mais bêbada do que me sinto.

Lúcifer não ri. Ou sorri. "Boa resposta." Ele vira o copo na boca e termina em segundos. Antes que eu possa dizer algo sobre isso, os outros quatro caras entram, quatro garotas atrás deles.

"Hora do juramento da morte," diz Atlas com um sorriso. Ele verifica o relógio preto no pulso. O crânio em sua camiseta capta a luz da tocha e quase parece se transformar,

misterioso e enervante. Eu bebo mais, deixando a vodca queimar meu medo.

Eu vejo Ria, e ela fica ao meu lado. Por alguma razão, isso faz com que os caras olhem em nossa direção. Mas eu os ignoro e passo meu braço pelos de Ria. Porque essa merda é estranha e provavelmente só vai ficar mais estranha.

"Não adianta se relacionar, meninas," diz uma voz profunda. Ele vem de um cara que é mais baixo que o resto deles, mas construído e ainda mais alto que eu e as outras quatro garotas. Ele tem pele marrom escura.

Todas as meninas têm os braços em volta de si, mas com sorrisos nos rostos bonitos.

"Você vai se separar em breve," diz o mesmo cara.

E com certeza, Lúcifer tira a bebida da minha mão e me puxa para ele, para longe de Ria, que me observa com os olhos arregalados. Olho ao meu lado e percebo que sou a única garota de pé ao lado da mesa de bebidas. O resto delas ainda está aglomerado ao redor da porta, com Ria no meio, e o resto dos caras de cada lado de mim.

"Não é assim que funciona, Lúcifer," diz o cara com a voz profunda. "Coloque ela com o resto." Ele acena para as meninas. "Fique de joelhos."

Eu endureci e giro para encarar ele. A mão de Lúcifer aperta a minha com tanta força que tenho que morder minha língua para não gritar com a dor nos meus ossos, mas não choro. Eu olho para o cara com a voz profunda.

"Com licença?" Eu cuspi para o cara, minha raiva mal contida. Primeiro Lúcifer estraga meu plano de me matar, então eu quase sou sequestrada em um carrossel, e agora esses idiotas do caralho nos querem de joelhos.

As meninas estão caladas.

Todo mundo está calado.

Mas o cara segura meu olhar e um sorriso lento se forma nos lábios. "Lilith?" Ele pergunta, como se soubesse. Lúcifer deve ter dito a ele. "Você claramente não tem ideia de como as coisas funcionam por aqui, então eu vou te esclarecer." Ele quebra de posição com os caras, e Lúcifer novamente aperta minha mão.

"Ezra ," ele rosna, o nome um aviso.

Ah! A peça que faltava dos seis.

Ezra ignora Lúcifer e fica na minha frente, com os braços cruzados. "Você não precisa fazer perguntas, Lilith." Eu posso sentir o corpo dele aquecer na minha frente e Lúcifer ao meu lado. "Esta não é a noite para isso. Não sei como Lúcifer a encontrou," seus olhos apontam para os de Lúcifer ao meu lado, "mas é tarde demais para você voltar agora."

"Ezra ", Lúcifer diz novamente. "Volte agora porra."

Ezra ri. E ele não volta. Em vez disso, ele se aproxima, seu peito quase roçando meus ombros. "Você pode ter que matar ela quando tudo acabar, Luce, você sabe disso, não é?"

Mesmo que ele direcione a pergunta para Lúcifer, ele mantém o olhar em mim.

Eu olho para Lúcifer. Certamente esse cara está brincando. Certamente estou brincando. Parti hoje à noite com a intenção de tirar minha própria vida. Agora eu tenho medo dessa cabeça de osso?

Mas ele realmente não se parece com uma cabeça de osso. Com cabelos escuros, olhos verdes escuros e a cabeça inclinada para o lado enquanto ele olha para mim, ele parece muito sério. Como se ele pudesse me matar antes que a noite acabasse.

Antes que eu possa pensar em uma resposta, Lúcifer me puxa para trás dele e entra no rosto de Ezra.

"Volte. Que porra. Agora."

Ezra olha para ele por um minuto, mandíbula cerrada, e então ele o faz. Ele volta para o lugar. E ele se vira para as meninas e rosna. "De joelhos," novamente. "Lúcifer." Seus olhos se voltam para os dele. "Junte sua merda."

Lúcifer se vira para mim. "Só vai demorar um minuto," ele sussurra. E então, antes que eu possa perguntar do que diabos ele está falando, ele me coloca na fila das garotas.

Que está de joelhos.

Ele dá um passo atrás.

Olho em volta, balançando a cabeça.

"Eu não vou te mandar novamente," rosna Ezra para mim.

Ria, de joelhos ao meu lado, chama minha atenção. "Vamos lá, Lilith," ela sussurra com um sorriso.

Eu estou olhando para eles, minha boca aberta, quando Lúcifer quebra de posição, se aproxima e me empurra para baixo, sua perna enganchada na parte de trás do meu próprio joelho, me forçando também ao chão de pedra.

Eu torço a cabeça e olho para ele, humilhada.

"Que porra foi essa..." Eu vou para cuspir nele, mas ele enfia três dedos na minha boca. E eu mordo imediatamente, com força.

Ele nem sequer franze a testa.

Ele fica de joelhos na minha frente e enfia os dedos ainda mais na minha boca, na minha garganta, até eu engasgar.

Com a outra mão, ele me puxa para perto, seus dedos cravando no meu ombro. "Pare de falar," ele sussurra. Os dedos da minha boca pressionam ainda mais, fazendo cócegas na minha úvula. Eu engasgo novamente, e os caras todos riem. Meu rosto queima. "Pare de falar, ou isso vai ficar muito pior para você, Lilith."

Eu engasgo novamente, e meu estômago aperta. Não me lembro da última vez que comi, mas bebi muito. Minha cabeça está girando e até meus ouvidos estão queimando. Meus joelhos doem no cimento, mas não consigo me levantar, não com Lúcifer passando os dedos pela minha garganta e segurando meu ombro.

"Você entende?" Ele me pergunta.

Eu concordo.

Ele tira os dedos da minha boca e fica de pé, olhando para mim antes de se juntar ao resto dos Unsaints.

Ezra começa a falar novamente. Ele parece divertido.

“O Juramento da Morte vem antes da Morte do Amante. É a essência da morte do amante.” Ele tira uma faca do bolso de trás.

Eu quero me levantar, mas uma garota do meu outro lado, com longos cabelos ruivos balança a cabeça, seu olhar encontra o meu. Relutantemente, fico onde estou.

Ezra se aproxima da garota ruiva, encarando ela com a faca nas mãos. Se ele levar a faca para ela, eu vou me levantar. Eu vou bater nele na bunda dele. Não ligo para que ele seja o dobro do meu tamanho.

Mas quando ele levanta a lâmina, ele levanta a camisa. Eu recuo, confusa. E então eu vejo uma tatuagem de caveira no lado esquerdo de seu abdômen. Em preto e cinza, fumaça saindo de um olho do crânio, um 'U' esculpido no outro olho.

Eu vejo Lúcifer me observando. Todo mundo parece estar prendendo a respiração.

Que porra é essa merda?

Ezra segura a lâmina em sua própria pele, acima de sua tatuagem. E assim, vejo que ele realmente fará isso. Ele vai se cortar. Eu sei, porque existem cicatrizes brancas pálidas na

boca da tatuagem do crânio. Logo ao lado da linha de sangue, ele agora corta sua pele com a faca. Ele continua, até atingir o comprimento das outras cicatrizes, quase quinze centímetros.

Meus olhos vão sair da minha cabeça.

Mas. Que. Porra.

Eu olho para Lúcifer. Ele ainda está me encarando. Eu olho para Ria. Os olhos dela também estão arregalados e a pele marrom ficou pálida. Ok, pelo menos eu não sou a único perdida aqui.

Ezra segura a lâmina, cheia de sangue, na ruiva.

Meu estômago revira.

A ruiva parece confusa, as sobrancelhas juntas.

"Abra sua boca," ordena Ezra.

Não faça isso, eu penso. Mas não consigo encontrar as palavras para realmente dizer isso.

Ela abre a boca, mostra a língua. Ezra passa a borda plana da lâmina em volta dela e, embora eu queira, não consigo desviar o olhar. Eu nem consigo piscar.

Ezra sorri, então ele a agarra pela nuca, afasta a faca e força a boca na ferida que sangra.

Hesitante, ela lambe o sangue. Ezra quase geme, e ela fica mais confiante em suas habilidades de sugar sangue.

Estou ciente de que do lado de fora da porta, às minhas costas, provavelmente ainda há foliões, imaginando o que será das cinco garotas que entraram. Estou ciente de que, se eu gritar bem alto, eles me ouvirão.

Talvez um deles chame a polícia.

Ou talvez ninguém o faça.

E é esse medo que mantém minha boca fechada. Estou pensando que talvez esses foliões saibam o que está acontecendo aqui.

Quando me forço a desviar o olhar, Lúcifer está de pé sobre mim, e ele também tem uma faca. Percebo que todos os Unsaints estão de pé sobre suas meninas. Olho para a mão estendida de Lúcifer em minha direção. Ok, talvez nem todos bebam o sangue dos Unsaints...

Ao meu lado, a ruiva ainda está lambendo sangue e Ezra geme novamente.

Eu quero sair daqui. Pego a mão de Lúcifer e ele me levanta. Eu continuo assistindo a faca. Felizmente, ele coloca no bolso de trás.

Ezra sai de seu transe por tempo suficiente para murmurar para todos os caras. "Nada acontece até que o sangue saia."

Lúcifer assente, e então ele me leva pelo corredor, me puxando para longe de qualquer coisa que esteja acontecendo nas minhas costas.

A única coisa que posso pensar em perguntar é. "Por que precisamos nos ajoelhar?"

Ele olha para mim, os cantos da boca se transformando em um sorriso. "Subserviência," ele ronrona.

Paro de andar direito quando chegamos ao final do corredor e uma porta de metal fechada.

Eu arranco sua mão.

"Lúcifer..."

Ele olha para mim enquanto desliza as mãos nos bolsos. Ele inclina a cabeça. "Sim, Lilith?"

“O que está acontecendo agora? Que merda é essa?”

Ele dá um passo mais perto de mim, franzindo a testa. "Meus amigos e eu," ele começa, "estamos em uma merda estranha."

Eu não sei o que dizer sobre isso, além disso, "eu sei."

Ele envolve a mão na parte de trás do meu pescoço e me puxa gentilmente para ele. "Não corra Lilith," ele sussurra no meu ouvido.

Não sei por que faço minha próxima pergunta. Talvez seja a vodca. Talvez seja o rum que eu tinha antes de sair do meu apartamento. Talvez seja porque estou em uma ala psiquiátrica e sinto que perdi a cabeça.

"Esse é o seu bebê?" Eu deixo escapar, desejando que minha voz não tremesse quando eu disse as palavras.

Desejando não dar a mínima. Sabendo que eu não deveria me importar. Por que isso importa? Há muito mais coisas fodidas acontecendo aqui.

Ele se afasta e eu observo a veia em seu pescoço, vejo ele engolir. Ele ainda tem meu pescoço na mão, mas ele coloca algum espaço entre nós.

Ele morde o lábio e não consigo desviar o olhar da boca dele. Eu posso realmente começar a acreditar que ele realmente é o próprio diabo. Porque neste momento, eu não ligo para o que vem a seguir. Acho que não vou tentar me afastar novamente.

"Eu não sei," ele finalmente me responde.

Percebo que tenho prendido a respiração. Agora, exalo e franzo a testa, mas não consigo me fazer uma pergunta de acompanhamento.

Ele balança a cabeça, se endireita, mas mantém um aperto forte em mim. As sobrancelhas dele franzem, um cacho caindo sobre um brilhante olho azul.

No final do corredor, de volta por onde viemos, uma garota geme.

"Eu não sei," ele diz novamente.

Ele coloca a outra mão na minha cintura, seus dedos cavando o tecido da minha roupa, beliscando minha pele. Ele me puxa para ele, e eu me pego em seu peito, dedos abertos contra ele.

"E se for, Lilith?" Ele me pergunta, sua voz rouca.

Sinto o cheiro do qual nele parece ser: Cigarros e pinho. Eu gosto disso. Eu nunca fumei, nunca fui atraída por fumantes. Não tenho ideia do quão ruim é o hábito dele, mas agora não me importo. A vida é curta. A minha seria especialmente curta, dezenove anos de tempo perdido. Mas se eu chegar ao fim daqueles dezenove anos em uma noite como essa, eles podem realmente significar alguma coisa.

"E se for meu?" Ele me pergunta novamente, roçando os lábios na minha testa.

Estremeço contra ele, e ele me puxa ainda mais forte. Quase dói. Mas não quero que ele o solte.

"Então é," eu finalmente respondo. "Não importa. Não tem nada a ver comigo." Encontro seu olhar. "Não importa, porque hoje à noite você não é você e eu não sou eu. Você é Lúcifer. Eu sou Lilith. Nós possuímos o inferno. Também podemos possuir nossos próprios infernos."

Deve ser a vodca falando.

Ele levanta meu queixo.

"E se eu quiser ser eu? Com você?"

Eu me afasto, mas ele agarra meu rosto com mais força, me forçando a encontrar seu olhar.

Mas há coisas que ele não sabe sobre mim. Coisas que eu claramente não sei sobre ele. E a merda da morte deste amante...

E apesar do fato de eu apenas ter visto um homem esculpir sua própria pele e forçar uma garota a beber seu sangue, sou a única insegura.

"Você não me quer," eu mordo. "Não sou o meu verdadeiro eu." Não quero continuar nesse caminho. Eu preciso dar o fora daqui. Mas é como se eu estivesse congelada ao redor dele.

O rosto dele escurece. Ele está zangado. "Não me diga o que eu quero, Lilith." Ele levanta meu queixo ainda mais. "Nunca me diga o que eu quero."

"Eu não sou apenas uma garota solitária procurando um caso de uma noite, Lúcifer." Seu aperto não relaxa, e minha garganta é provocada, mas eu continuo falando assim mesmo, me fazendo dizer as palavras. Eu nem sei por que isso importa, mas por algum motivo, isso importa. "Parece que você já teve o suficiente disso," cuspi, quase tremendo. De raiva, de luxúria, do que planejei fazer hoje à noite, não sei. "E eu também." Seus olhos se estreitam. "Eu tive mais encontros de uma noite do que você pode imaginar. Eu já tive tantos..."

Ele pressiona a mão na minha boca. Duro.

"Pare de falar."

Eu separo meus lábios, mas ele aperta mais, seus dedos cavando na lateral do meu rosto, sua palma mantendo minhas palavras.

"Eu disse pare de falar."

Eu posso sentir ele sob minhas próprias mãos em seu peito, respirando com dificuldade, seu coração batendo forte. Mas minha raiva aumenta para encontrar a dele. Acabei de assistir a uma cerimônia de sangue, a primeira que eu já vi, e ele ainda não pode ouvir meus pecados. Minhas confissões.

Ele mantém a mão pressionada na minha boca e alcança a outra atrás dele. No bolso de trás. Demoro um minuto para me perguntar o que ele está fazendo, mas então ouço o golpe da lâmina e a vejo brilhando à luz da tocha quando ele coloca a mão entre nós.

Eu me afasto, mas ele balança a cabeça, move a mão da minha boca e pega meu pulso, pressionando com tanta força que sinto os ossos esfregarem juntos.

"Não tão rápido, Lilith," ele ronrona, segurando a faca. É uma lâmina curta, mas parece muito afiada.

Não tenho ideia do que ele pretende fazer. Esculpir sua própria pele, como Ezra? Seus lábios são transformados em um sorriso misterioso, a pintura de esqueleto fazendo ele parecer quase louco. E ainda bem que ele está segurando meu pulso.

Porque parte de mim quer correr.

Mas parte de mim... parte de mim quer ficar. A parte que está fodida. Isso sempre foi uma merda desde o primeiro lar adotivo.

"Se eu deixar você ir, você vai tentar correr?" Ele me pergunta, inclinando a cabeça.

Eu engulo. Eu iria? Eu não sei.

Mas lentamente, balanço minha cabeça.

"Não minta para mim, Lilith."

Eu respiro, e outro. Outro. Eu aspiro o ar o mais rápido que consigo.

"Você vai correr, menina?" Ele pergunta novamente, afrouxando seu aperto no meu pulso.

Eu balanço minha cabeça novamente. Eu não vou.

Ele parece perceber que estou dizendo a verdade. Ele me solta, depois vira a faca na mão e antes que eu possa dizer uma palavra, ele corta um buraco na calça preta.

Por um momento, apenas olho para a pele pálida abaixo. Ele corta uma tira da calça, deixa o tecido cair no chão. Então eu vejo a tatuagem. A mesma que o de Ezra , uma caveira com fumaça e um U. Eu também vejo o sangue.

Eu deveria ofegar. Ou correr agora. Talvez perguntar a ele que porra ele está fazendo. Mas eu não faço nada disso. Eu apenas assisto o corte se aprofundar com o vermelho, inchando sob os olhos do crânio, depois corre pela coxa e pelas calças. Ele está sangrando. São sete centímetros ou mais, e pode ser uma ferida superficial, mas está pingando constantemente. Ele tem outras cicatrizes também.

Ele passa a parte plana da lâmina sobre a ferida, revestindo ela de sangue. Então ele segura a faca novamente

entre nós. Não consigo parar de encarar ele, a mancha de prata com vermelho. Ele me empurra de volta contra a porta.

"Abra sua boca," ele comanda.

Eu fico tensa, encontrando seu olhar na escuridão.

"Abra sua boca, Lilith."

E eu faço. Não sei porque. Eu poderia correr agora. Eu poderia gritar por ajuda.

Mas eu não faço.

Eu abro minha boca maldita.

Ele faz um som em algum lugar entre um suspiro e um gemido e se pressiona mais perto de mim, deixando apenas espaço suficiente para segurar a faca.

"Estique sua língua," ele sussurra, sua voz grossa com alguma emoção desconhecida.

Eu estendo minha língua.

"Não se mexa." O aviso soa na minha cabeça quando ele coloca o sangue na minha língua. Eu provo cobre. Sangue.

O sangue dele.

Ele desliza a lâmina pela minha língua, tomando cuidado para não me cortar, mas ele cobre minha língua com ele.

"Engula."

Eu faço. É salgado e metálico, e eu só quero mais do que isso. Eu cerro minhas mãos em punhos para não cair de

joelhos, para não correr minha língua em sua coxa. De parar o sangramento com minha própria boca.

Mas ele me puxa para ele pelo pescoço e esmaga sua boca na minha.

Somos dentes e línguas, sangue e cuspe e eu só quero mais. Ele geme contra a minha boca, depois desliza algo na minha mão.

O punho da lâmina.

"Sua vez," ele sussurra contra os meus lábios.

Capítulo Dez



Presente

Meu primeiro pensamento é sobre a criança. Eu sei que não deveria ser. Eu sei que deveria ser uma pessoa melhor. Mas não consigo parar de pensar na barriga daquela garota, estando firme e rechonchuda entre ela e Lúcifer quando eles estavam falando.

E então as palavras de Ria, sobre não saber. Confirmação de Lúcifer, que ele não sabia.

Eu quero saber sobre ela. Sobre o bebê. Então eu pergunto a Nicolas.

Ele está bebendo para o dia, porque a mansão Rain não segue a ordem natural das coisas: café da manhã, almoço, jantar. Trabalho no meio. Não, a mansão Rain é especializada em assassinatos noturnos, narcotráfico e muita bebida.

Isso e maconha são as únicas drogas que Jeremiah permite que as pessoas consumam que trabalham para ele.

Eles são testados para drogas. E eles sabem melhor do que tentar fingir.

Eu não sou. Não sei porque. Talvez ele não se importe. Talvez ele saiba que nunca fui atraída por drogas.

Ainda não.

De qualquer maneira, ficar bêbado antes das dez da manhã é perfeitamente aceitável na mansão Rain, desde que o trabalho seja feito.

Nicolas toma sua cerveja enquanto eu me sento em frente a ele em uma das salas de estar. Costumava ser um bar e ainda tem um bar. Mas Jeremiah queria um bar maior. Agora há três na mansão Rain.

As luzes são fracas, vidro colorido nos protegendo do sol quente do meio de outubro.

Lembro-me vagamente do calor da Califórnia. Era leve, mas aqui... bem, a Carolina do Norte ainda está sufocante durante o dia.

No Halloween, porém, geralmente esfria. As noites já estão caindo de temperatura.

Nicolas coloca a garrafa vazia na beira da cadeira de couro vermelho escuro. Eu tenho meus joelhos dobrados no meu peito, minhas mãos enfiadas nos bolsos do moletom de capuz. Anos de me vestir para homens me deixaram com um estilo que grita: "acabei de acordar." É confortável. Eu amo isso. Ninguém me olha assim.

Os profundos olhos castanhos de Nicolas encontram os meus. Então eles vão mais baixo. Na minha garganta.

Existem hematomas roxos e amarelos lá, altos demais para esconder embaixo do meu capuz. Provavelmente de Kristof. Talvez do meu irmão.

Nicolas suspira e estica as pernas. Ele veste jeans escuro, uma camiseta folgada que mostra sua pele bronzeada, braços marcados. Nicolas não tinha ido para o sistema de adoção quando criança. Mas ele deveria ter. Até eu posso admitir que ele estaria melhor. A maioria de suas cicatrizes veio de sua própria mãe.

"Seu irmão me disse para não contar nada disso," ele finalmente diz, olhando para o chão de madeira polida agora.

Eu zombei. "Desde quando você deixa meu irmão mandar você?"

Ele ri. "Desde que eu comecei a trabalhar para a bunda punk dele todos esses anos atrás."

Quando Nicolas lidou nas ruas. Ele era conhecido por seus produtos de qualidade e sua palavra. Meu irmão me contou isso durante uma das muitas vezes em que ele tentou me comparar com seus homens mais competentes. Até para os próprios Unsaints. Embora nunca Lúcifer.

"Sim, pergunta estúpida," murmuro. Mas mesmo assim, não vou deixar passar. "Vamos fazer um pouco de 'Sim' ou 'Não'?" Eu balanço minhas sobrancelhas quando ele olha para mim, com um sorriso no rosto. Era um jogo que jogamos

quando eu não queria conversar, e ele queria me deixar desabafar, com poucas palavras. Fizemos perguntas "Sim" ou "Não" e nenhuma explicação era necessária. Ou, de fato, permitida. Tudo parte do jogo.

Ele suspira, levanta as mãos em um encolher de ombros. "Tudo bem," ele rosna.

Há um limite de cinco perguntas, a menos que a parte sendo interrogada concorde em levar mais. Me sinto confiante de que ele não o fará, por isso não pressiono.

Bato meus dedos juntos, pressionando as pontas uma contra a outra. "Lúcifer tem um filho?"

"Indo para a matança," Nicolas murmura, balançando a cabeça. Ele dá um suspiro e brinca com a garrafa de cerveja clara em sua poltrona, girando ela ao redor. "Sim."

Eu sinto que quero vomitar. Mas isso não me levará a lugar algum.

"Ele está com a mãe daquela criança, romanticamente?"

Nicolas olha para mim, claramente irritado.

"Você sabe que não importa o que eu diga, você tem que matar ele, certo?"

Eu o calo. "Não faz parte do jogo, Nicky," murmuro.

Ele engole. Observo o pomo-de-adão dele subindo e descendo. "Sim." E então ele me joga um osso. "Julie é a mãe."

Julie.

Outro soco no estômago. Se eu fizer o resto das minhas três perguntas, provavelmente matarei Lúcifer agora, assim que o encontrar.

"Ele realmente queimou a casa de Brooklin?"

Eu sei que Jeremiah quis dizer o que ele disse quando me ofereceu minha liberdade. Ou melhor, minha liberdade dentro da razão, dentro dos limites desta mansão. Mas não sei se ele mentiu sobre os detalhes.

Por alguma razão, Nicolas parece nervoso. Ele gira a garrafa mais rápido em suas mãos, observando ela com cuidado.

"Sim," ele finalmente diz. "Com a ajuda de seus amigos Unsaints." Isso me surpreende. Não os Unsaints, mas achei que seus nervos tinham a ver com o fato de que ele iria revelar uma mentira do meu irmão.

Mais duas perguntas. Eu mexo na minha cadeira, coloco as mãos nos bolsos e limpo a garganta.

Nicolas levanta as sobrancelhas como se perguntasse: *'isso é o suficiente?'* Mas não é. Nem mesmo perto.

"Meu irmão ama Brooklin?"

Nicolas se afasta, quase deixando cair a garrafa nas mãos. Ele aperta em uma, dedos empalidecendo contra o copo. Ele não esperava isso. Mas eu já sei a resposta antes que ele a confirme.

"Sim."

Minha garganta fica seca e nem sei por quê. Se Jeremiah a ama, talvez ele fique longe de mim. Ele não parece estar fazendo isso, no entanto. Mas talvez eu não queira que ele fique. Talvez eu goste das crueldades dominantes dele. Talvez elas me façam sentir amada.

Meu rosto queima com esse pensamento. Olho para os meus joelhos, esburacados e cheios de hematomas, Deus sabe por quê. Então eu lembro. Kristof me jogando no chão de mármore. Algo que meu irmão o deixou fazer.

Mais uma pergunta.

Respiro fundo e olho para fora, para as sebes limpas que alinham as janelas.

Eu posso sentir Nicolas me observando.

Não sei se quero a resposta para a única pergunta batendo no lado do meu cérebro como um animal selvagem.

"Ele sabe que estou aqui?"

Nicolas congela. Seu aperto na garrafa aperta tanto que eu acho que pode quebrar em suas mãos. Ele parece parar de respirar. Eu acho que sei a resposta.

Mas me chocando, ele balança a cabeça.

Eu suspiro para ele. "Você não pode mentir!"

Ele sorri, mas isso não chama a atenção dele. "Eu não estou mentindo. Ele provavelmente pensa que você está aqui.

Todos eles fazem. Mas, se soubessem, já teriam tentado entrar em contato com você antes. Enfim, não há mais perguntas. Sem explicações, *Sidney*."

Eu atiro o dedo para ele. Meu nome não é Sidney. Minha mãe, provavelmente maluca e meio acordada, tinha escrito "Sid" na minha certidão de nascimento quando eu estava recém-nascida, ainda no hospital.

Bem então.

Lúcifer pode não saber que estou aqui, mas ele sabe algo sobre mim. Sabe que algo aconteceu com Jeremiah naquela noite, para fazer ele deixar os Unsaints sem uma palavra. E Nicolas havia me dado uma dica. Ele geralmente mostrava suas emoções ao meu redor, mas eu sabia muito bem que ele também poderia tê-las escondido quando perguntei se Lúcifer sabia onde eu estava.

Nicolas geralmente mantinha seus sentimentos para si mesmo, como se estivesse nas primeiras duas semanas que eu estive aqui. Quando Jeremiah me manteve em uma cela porque ele não confiava em mim em uma sala sozinha.

Nicolas tinha sido totalmente mudo. Mesmo quando ele algemava minhas mãos nas minhas costas e forçava minha boca a abrir, mesmo quando meu queixo estalou quando ele empurrou a sopa pela minha garganta.

Ele não disse uma palavra. Eu pensei que ele realmente era o próprio diabo, até Jeremiah me libertar. E me tornei amiga de Nicolas.

Nós não somos amigos exatamente. Eu não tenho isso. Mas nós somos alguma coisa. E ele me deu mais do que precisava.

Eu quase quero agradecer a ele. Mas eu sei melhor.

Suspiro e fico de pé, me agachando para amarrar minhas botas de combate.

"Mais uma pergunta," eu digo sem olhar para cima. "Quando eu começo?"

Nicolas ri. "É um acordo único. Um tiro para matar. Apenas noite de Halloween, Sidney. Seu irmão é um sadomasoquista, você sabe?”

Eu sorrio, aceno.

Eu sei.

Mas de jeito nenhum vou esperar até o Halloween.

Capítulo Onze



Presente

Encontrar Lúcifer é mais difícil do que eu pensava.

Por um lado, não tenho o sobrenome dele. Não pensei em perguntar a Nicolas o que era durante o nosso jogo, e agora é tarde demais para isso. Quando encontro Nicolas naquela noite na academia, ele fecha os lábios e joga fora uma chave imaginária. Reviro os olhos e começo a correr na esteira. Trabalho melhor quando suo.

Não ouço música, apenas as batidas constantes do meu coração, as inspirações e expirações enquanto corro por intervalos de velocidade. Olho na parede de espelhos na minha frente e vejo o roxo e o azul na minha garganta.

Não vejo Kristof desde a noite anterior. Estou feliz. Se tivesse, poderia ter perfurado seu pulmão com a faca longa e curva que tenho no porta-copos da esteira. Eu tinha deixado o canivete no quarto dele no caos da interrupção do meu

irmão, mas não precisava dele de volta. Eu tinha mais facas no meu quarto do que roupas.

Meus olhos se voltam para Nicolas no espelho. Ele está fazendo flexão e levantamento de peso no outro extremo da academia, vestindo uma camiseta regata e shorts de basquete. Observo seu corpo se mover por um longo momento, maravilhada com o tônus muscular. Ele está respirando com dificuldade e passa a mão pelo cabelo loiro curto, transferindo os pesos das mãos para uma mão para fazer isso. Ele me pega olhando no espelho e balança a cabeça, revirando os olhos.

Eu rio, trago meu olhar de volta para mim.

Estou usando um agasalho de capuz, deixando o calor extra me encharcar enquanto passo por outro trecho de intervalos altos. Minha pele pálida está manchada e vermelha agora, e olho para os músculos flexionando minhas coxas enquanto corro, meu short longo de corredor balançando um pouco com o movimento. Eu me orgulho desse músculo. Demorei muito tempo para construí-lo, meio ano depois que meu irmão me levou do Parque Raven. Quando eu era acompanhante, corria também, mas nunca levantava pesos. Eu não pratiquei luta, nem disparando uma arma, nem empunhando uma faca.

Tudo isso mudou quando cheguei à mansão Rain. Mesmo dentro dessas paredes, onde a maioria dos funcionários do meu irmão vive em período integral, é difícil confiar em alguém. A única pessoa em quem eu confiava era aquela nas

minhas costas, mas sei que ele levaria uma bala para Jeremiah em um bater de coração antes que ele pensasse em levar uma para mim. Eu entendo essa lealdade. Nicolas está aqui há mais tempo do que eu. Na verdade, ele também conhecia meu irmão há mais tempo.

Nicolas não era um Unsaints porque sua própria família não fazia parte da Sociedade dos 6. Mas ele era amigo de meu irmão antes mesmo de iniciar a Ordem da Rain.

Depois que eu e Jeremiah nos separamos, quando eu era criança, eu tinha chorado por ele, mesmo que ele tivesse me aterrorizado. Ele era familiar. O diabo que eu conhecia. Os novos lares que eu frequentava estavam cheios de monstros piores, demônios piores. Quando completei dezoito anos, me encontrei sem diploma do ensino médio (porque achei que escrever na biblioteca era mais divertido do que escrever na sala de aula), finalmente tinha provado a liberdade.

Eu fui para ser acompanhante depois de procurar trabalhos fáceis no computador da biblioteca. Eu trabalhei para uma mulher mais velha por alguns meses, aprendendo o ofício, como não ser pega, como evitar a polícia. E então me cansei dela pegando uma parte, então saí de perto dela e levei meus clientes comigo. Eles me trouxeram mais.

Eu não tinha ficado rica.

Eu deveria ter ficado. Mas eu me subestimei, só queria o suficiente para pagar minhas contas e comprar livros e roupas. Então, há um ano, quando decidi que nem queria isso, peguei a arma que tinha em casa para ter uma sensação

de autoproteção e pensei em me aposentar mais cedo. Dezenove e pronta para morrer.

Maldito Lúcifer. Ele tirou isso de mim e depois me colocou em algum lugar pior.

Aqui.

Eu ando pela velocidade baixa, puxando minhas mangas do agasalho, limpando as costas da mão sobre a testa. Então eu aumento os últimos intervalos rápidos, pensando apenas nele. De como agora eu poderia o destruir. Ele deve algo a meu irmão por incendiar a casa de Brooklin, mas ele me devia mais. Ele levou minha morte.

Quando Jeremiah me jogou naquela cela, foram catorze dias de vigilância constante por Nicolas, e um substituto quando Nicolas teve que dormir algumas horas. Mesmo assim, ele não saiu do meu lado. Ou melhor, do outro lado da minha cela. Quando finalmente saí, eu tinha uma mulher, a filha da governanta, ao meu lado. Ela até dormiu no meu quarto. Eu gritei com ela. Eu a ameacei. Mas ela era atarracada, alta e, desta vez, estava com a arma.

Eu não me matei.

Tirar minha própria vida exigia coragem que naquela noite de Halloween eu tinha. Eu tinha certeza de que minha vida não melhoraria e me senti bem ao fazer essa escolha. Sobre tomar minha vida e morte em minhas próprias mãos. Mas quando finalmente ganhei a confiança de Jeremiah, o

suficiente para morar sozinha no hotel, eu não era mais corajosa.

Eu também não conseguia tirar Lúcifer da minha cabeça. Eu ainda não posso. Mas eu nunca esperava ver ele novamente. Ele me deixou no abrigo subterrâneo, para Jeremiah me encontrar. E Jeremiah tentou me levar naquela noite, antes de saber quem eu era. Lúcifer tinha me avisado sobre ele, mas acontece que Lúcifer era o pior monstro.

Eu não vou apenas matar ele por meu irmão. Eu vou estragar a vida dele como ele tinha estragado a minha quando ele tirou a minha escolha. Quando eu fiz esse juramento a ele, e ele a mim. Ele não cumpriu a parte dele.

Vou levar o meu tempo gostando da morte dele, como eu não tinha sido capaz de curtir a minha.



É uma fonte improvável que me leva ao paradeiro de Lúcifer.

Por volta da meia-noite, eu levei os sete lances de escada até uma das cozinhas, a industrial destinada a servir refeições para todo o hotel. Está cheia, como geralmente é no meio da noite. As pessoas que trabalham para a Ordem da Rain não mantêm o horário normal. E as pessoas que não estão trabalhando estão ficando chapadas e com fome.

Um dos guardas do meu irmão está aqui embaixo, sentado em cima de um frigobar, usado ironicamente para os

funcionários da cozinha. Como se a monstruosidade brilhante de aço inoxidável não fosse suficiente. Felizmente, o guarda não é Kristof, então larguei a faca presa na minha cintura, enfiada embaixo da minha camiseta preta folgada embaixo do meu capuz.

Trey estende o punho para mim e eu bato, acenando em direção ao queijo em suas mãos.

"Este lugar serve refeições gourmet e é com isso que você está trabalhando," eu provoco. Trey é jovem, apenas um ano mais velho que eu. Ele raspa a cabeça e um piercing preto brilha acima da sobrancelha.

Ele sorri. "O queijo está úmido," diz ele rindo.

"Por que meu irmão deixou você sair da coleira?" Fico em volta da chefe da noite, Chasity, enquanto ela caminha, procurando uma especiaria no balcão de aço inoxidável. Vislumbro a carne dourar em sua panela. Sento-me ao lado de Trey.

Ele franze a testa para mim, seus olhos brilhantes se estreitando. "Você é uma vadia, alguém já te contou?"

Eu dou de ombros, dou um tapa no joelho dele. Ele tem um buraco no jeans muito grande. Eu sei que ele pode comprar roupas que se encaixem, mas tudo nas roupas de Trey é muito grande.

"Todos os dias, amigo," eu respondo, colocando as mãos nos bolsos.

Eu vejo os olhos dele na minha garganta, e ele balança a cabeça. Eu pensei que tinha puxado meu casaco com capuz o suficiente para cobrir as contusões, mas aparentemente não.

"Kristof é um saco de pau," diz ele, depois mastiga outro pedaço do queijo.

Eu franzo a testa. "Você sabe, você deve tirar pedaços de queijo, não morder ele como um animal selvagem."

Ele coloca o resto na boca e mastiga com a boca aberta, bem na minha cara. Eu ri, recuando. Ele amassa o embrulho plástico e o joga na lata de lixo ao lado dele.

"Você veio aqui para me irritar ou comer?"

Eu assisto uma chama subir da panela de Chasity e ela assobia. O mesmo acontece com a maioria dos funcionários. Eu não gosto de carne, mas tem um cheiro muito bom.

Meu estômago ronca, e Trey ouve. Os olhos dele se arregalam.

“Sua filha da puta. Há comida suficiente neste lugar para alimentar Alexandria e você está morrendo de fome?” Ele aperta minha coxa, chegando quase de mãos vazias. “Além disso, eu poderia quebrar você ao meio. O que vai acontecer quando Kristof voltar para você?"

Eu rio disso. "Ele não vai. Ou eu o mato.”

Trey pisca, esfrega as mãos sobre o jeans. "Essa é uma boa menina. Mas você está certa," ele suspira," ele

provavelmente não vai. Porque se ele o fizer, você e Jeremiah o matarão. Ninguém quer morrer de ambos os Rains."

Eu reviro meus olhos.

"Sério," diz ele, me dando um soco levemente no braço. "O que Kristof fez foi fodido."

"Você quer dizer o que meu irmão ordenou que ele fizesse?" Eu o contrario de sobrancelha arqueada. Cruzo os tornozelos, flexiono os pés nos tênis brancos.

Trey de repente parece desconfortável. Ele limpa a garganta. Nunca o ouvi dizer nada menos que positivo sobre meu irmão, mesmo sabendo que ele é um monstro. Todos nós sabemos. Trey olha para os próprios sapatos, Vans com furos. Ele realmente não se importa com sua aparência.

Eu posso relacionar.

"Esqueça," murmuro, deixando ele fora do gancho.

Ele suspira. "Obrigado. Ele está com Brooklin agora, indo a um maldito filme drive-in como pessoas civilizadas."

"Um drive-in à meia-noite?" Eu pergunto, balançando a cabeça, surpresa com o tempo e a atividade. Mas lembro o que Nicolas havia dito. Que Jeremiah ama Brooklin. Ou algo assim.

Trey assente. "Ele só levou Kristof, provavelmente para afastar ele de você, e o resto de nós sai. Idiotas sortudos, hein?" Ele revira os olhos.

Meu estômago ronca novamente. Eu tinha planejado pegar um pouco de tofu cozido na geladeira. Eu sei que Chasity sempre mantém um pouco aqui para mim. Mas agora pretendo pegar outra coisa.

Trey e eu ficamos quietos por um momento, enquanto as pessoas trabalham ao nosso redor, chiando, fritando e lavando pratos. Me surpreende que meu irmão financia tudo isso. Ele não nasceu para ganhar dinheiro, mas o encontrou de qualquer maneira. Eu não deveria me surpreender. Não sei se ele realmente matou sua família adotiva, mas sei que ele de alguma forma caiu em algum dinheiro que ele realmente não merecia e o usou para entrar nos Unsaints. Embora agora ele tenha aumentado mais. Acho que ele merece.

"Você ouviu falar do meu grande trabalho?" Pergunto a Trey, tentando manter minha voz calma, indiferente.

Ele solta um suspiro. "Sim. Como você está se sentindo? ” Não sei o que ele sabe sobre Lúcifer e eu, mas do jeito que ele pergunta, ele deve saber alguma coisa. E eu sei que ele conhece os Unsaints.

Eu dou de ombros. "Vi muitos cadáveres." Isso é verdade. Estou mais aterrorizada com a perspectiva de um dia dar à luz e, Deus não permita, criar um filho, do que tirar uma vida. Especialmente de Lúcifer.

Pensar em pagar ele de volta é emocionante de alguma forma.

"Você sabe onde ele está?" Pergunto. É uma pergunta direta e, se Trey tivesse pensado melhor, ele não teria me respondido. Mas ele não fez. Não até que seja tarde demais.

Ele ri, balança a cabeça e passa a mão no queixo. "Sim," diz ele, assentindo. “O filho da puta está se tornando um alvo fácil. Ele não está em sua maldita mansão. Sabe que temos muitos olhos lá."

Eu espero, meus nervos no limite.

"Sabe algo sobre o Parque Raven?" Ele continua, e eu sinto seu olhar deslizar para o meu. Mas eu não olho para ele. Não quero que ele saiba o quanto essas informações significam para mim.

Em vez disso, apenas aceno. "Todo mundo conhece o Parque Raven." E eu sei tudo sobre isso.

"Há uma casa de merda estranha do outro lado. Apenas uma. Eu nem sei se o local tem encanamento interno. Ele está lá."

Eu mal posso respirar.

"Não é como a casa dele. Não, o cara tem uma família. Mas ele está lá por enquanto. Ele e os malditos Unsaints voltaram para lá depois que ele incendiou a casa de Brooklin. Nós o seguimos. A gangue dele também está lá.”

Finalmente, encontro o olhar de Trey.

E ele parece ver o que estou pensando quando pego na geladeira. Ele estende a mão, puxando meu braço e me girando.

"Porra, eu não deveria ter lhe dito isso." Ele se levanta, se elevando sobre mim, ainda segurando meu braço. "Olha, Sid, você não pode ir atrás dele. Ainda não. Você terá sua chance. Mas se algo lhe acontecesse... Jeremiah me mataria. E você."

Eu encolho meu braço fora de seu aperto. Ele deixa ir.

"Não diga a Jeremiah que tivemos essa conversa."

Eu sorrio para ele, depois saio, saindo da cozinha sem me preocupar em procurar o tofu.

Capítulo Doze



Presente

Eu não quero ir para o Parque Raven. Jeremiah me leva até lá para me torturar com bastante frequência, e me pergunto se Lúcifer me viu. Gostaria de saber se ele está me esperando lá. O pensamento me assusta mais do que deveria.

Mas eu preciso fazer isso por mim. Para tirar seus lindos olhos azuis da meia-noite da porra da minha cabeça.

Sair do hotel é relativamente fácil, com alguns aborrecimentos. Eu pretendo ter Nicolas atestando por mim, depois de ameaçar contar a meu irmão sobre o jogo 'Sim/Não' que jogamos no início do dia, no qual ele me contou tudo sobre os sentimentos de Jeremiah por Brooklin e tudo sobre o bebê de Lúcifer.

Ele não tinha, é claro, mas era verdade que eu poderia foder com ele.

Ainda assim, ele discute comigo.

"Absolutamente não, Sid," diz ele do seu sofá de couro preto. Me sento em frente a ele empoleirada na beira de uma cadeira. A TV está ligada, repetindo uma luta da noite anterior.

"Você não pode me parar."

Nicolas ri. "Eu posso. E eu vou. Seu irmão nos mataria se eu deixasse você sair daqui."

Não é que eu nunca possa sair. Só não à noite. E definitivamente não vou procurar Lúcifer, quando Jeremiah me disse especificamente que o trabalho é para o Halloween.

Além disso, eu não tenho carro. E meu telefone tem um rastreador. Jeremiah afirma que é para me manter a salvo dos Unsaints.

Mas não pretendo trazer meu telefone. Ou pegar um carro. Raven Park não está tão longe. Eu posso correr para lá e sei como chegar à fronteira sul que margeia o lago. É onde fica a casa. Eu já vi isso.

Uma pequena parte de mim se pergunta o quão perto ele sabe que está de mim. O que ele e os Unsaints fariam com Jeremiah se soubessem que eu estava aqui. Talvez eles saibam. Mas quero saber por que diabos eles estão me procurando. Lúcifer não teve nenhum problema em me deixar ir naquela noite.

"Olha, Nicky," eu digo, cruzando meus tornozelos, minhas botas de combate no assento de sua cadeira. "Você me deixa

sair, fique de boca calada, ou vou contar ao meu irmão sobre nosso joguinho."

Nicolas olha para mim, afastando os olhos da luta. Ele fecha os olhos, solta um suspiro impaciente. "Você está me testando, garota. Mas aqui está a coisa. ” Seus olhos se abrem. "Eu não dou a mínima se você contar a Jeremiah sobre o jogo. Eu tenho muito menos inferno para pagar por isso do que se ele descobrir que eu deixei você sair daqui na calada da noite enquanto ele estava fora, sem enviar ninguém com você.”

Eu sorrio, pulando da cadeira, em pé na frente de Nicolas, bloqueando sua visão.

Ele estreita os olhos, esperando pelo meu desafio.

"Volto em duas horas," digo, cruzando os braços. "E você pode pensar que Jeremiah não se importará se eu contar a ele sobre o nosso jogo, e talvez ele não o faça. Talvez ele não se importe, de você me falando sobre Brooklin.” Eu levanto um ombro em um encolher de ombros preguiçoso. “Talvez ele não se importe que você me disse que Lúcifer não sabe que estou aqui.” Então eu me agacho, minha mão no joelho dele. “Mas ele dará a mínima para o resto. Sobre o fato de Lúcifer ser pai. Que ele está com a mãe do bebê. Ele vai se importar, porque ele saberá que foi você quem me empurrou para fora deste hotel para procurar Lúcifer. Porque se você não me deixar sair, vou encontrar uma saída. Nós dois sabemos que sim.” Aperto sua rótula, meu coração batendo forte enquanto ele me observa.

Isso pode não funcionar.

Vou encontrar outra saída, se ele disser não. Mas ter Nicolas me tirando é mais fácil. Muito menos trabalho do que tentar escalar o telhado e me esgueirar pela longa entrada da garagem, me esquivando dos guardas armados.

Mas eu farei isso. Também vou matar os guardas, se for preciso.

Mas prefiro não.

Duas horas. Isso é tudo o que eu quero. Tempo suficiente para correr para o parque, percorrer a casa e voltar correndo. Para ver o que eu estou enfrentando. Para ver aonde Lúcifer e sua gangue foram depois que ele me largou no abrigo no último Halloween.

"Jesus, porra de mulher," Nicolas ferve, esfregando a mão no rosto. É quando eu sei que o tenho.

Sorrio, me levanto e me viro para ir, enfiando as mãos no bolso do capuz.

“Duas horas, Sid. Se você não voltar em duas horas, todas as apostas estão canceladas. Mentirei para o seu irmão, se for preciso, e quando te encontrar, eu mesmo mato você.”

Olho por cima do ombro. "Combinado. Agora me ajude.”



Sair do porta-malas da Mercedes de Nicolas e respirar o ar ainda quente do outono me dá um chute de adrenalina. Eu

estou realmente fazendo isso. Eu realmente pechinchei em duas horas de tempo livre, mesmo que Nicolas tivesse que me enfiar em uma mala para isso. Uma mala de corpo que ele alegou que estava cheia de ferramentas quando passamos pelos guardas na porta da mansão. Não é segredo que Nicolas tem um refúgio na cidade e que ele está trabalhando na renovação dele mesmo. Um lugar para fugir quando ele tem folga, o que é quase nunca.

Meu irmão sabe onde fica.

O que significava que Nicolas tinha realmente colocado ferramentas na mala comigo e, na longa e sinuosa viagem pela entrada da garagem, fui atingida na bunda com um martelo e alguns pregos muitas vezes.

Mas ainda assim... estou livre agora.

Nicolas não pergunta para onde estou indo. Ele não quer saber. Porque se Jeremiah vier atrás dele por isso, sua bunda estará em risco.

Mas mesmo quando ele me deixa ir embora do estacionamento de um posto de gasolina morto, acho que ele sabe. Especialmente quando ele grita. “Duas horas. Você tem a arma? O relógio?”

Eu aceno sem olhar para trás, indo para a calçada que alinha uma das ruas mais calmas de Alexandria.

A arma está no meu quadril, escondida pelo meu agasalho de capuz. O relógio está no meu pulso. Olho para ele enquanto me afasto.

"Eu não vou te decepcionar," grito durante a noite.

Nicolas murmura algo baixinho, mas eu não entendo e ele não repete. Eu ouço a porta do SUV bater, mas ele não liga o carro. Ele vai esperar aqui, vamos despejar as ferramentas no esconderijo dele e depois voltaremos juntos para a mansão. Jeremiah não faz uma chamada todas as noites, mas às vezes ele faz. O tempo todo, porém, ele deixa Nicolas saber onde e quando ele estará em algum lugar. E hoje à noite, ele disse a Nicolas que não voltaria até o amanhecer.

Eu me pergunto onde ele e Brooklin estão hospedados e por quê.

Mas eu sei que meu irmão gosta de fugir da mansão algumas vezes. Das demandas. Demandas que ele criou, e exige que ele mergulhe como um tolo com os trabalhos que ele fez.

Mas nada disso é problema meu, esta noite.

Hoje à noite, meu problema é Lúcifer e os Unsaints.

E eu sei, sem ele ter me dito, que Nicolas sabe menos sobre os Unsaints do que eu. Ele pode saber que Jeremiah costumava ser um. Ele pode saber que seus pais são a Sociedade de 6. Mas ele não sabe o quão perigoso eles são, ou ele nunca teria me deixado fazer isso.

Estou muito feliz.

As estradas para a floresta são silenciosas. É segunda-feira à noite, e mesmo em uma cidade universitária, as

pessoas dormem. Não frequentemente, e não bem, mas eles fazem. As luzes piscando no centro da cidade estão distantes. Mas vinte minutos depois que deixei Nicolas, ando pelo cruzamento em que conheci Lúcifer.

Prendo a respiração enquanto atravesso a rua, puxo o capuz por cima da cabeça, como ele tinha o dele quando nos conhecemos. Não quero pensar nessa noite. Sobre a morte que ele roubou de mim.

Quero pensar no que vou tirar dele.

Porque se Jeremiah aprova ou não, será mais do que a vida dele.

A floresta está totalmente escura, o único som é o da sujeira debaixo dos meus pés enquanto eu ando pelo caminho na escuridão. Me ocorre tarde demais que talvez eu devesse ter levado Nicolas comigo. Se ele queria saber o que eu estava fazendo ou não, é irrelevante, se eu tivesse perguntado, acho que ele provavelmente teria vindo.

Mas ele se foi há muito tempo, a cidade às minhas costas, a extensão escura da floresta diante de mim. Eu gostaria que houvesse mais sons, mais insetos, mais animais correndo pela floresta. Seria mais... natural. Mas não há quase nada.

Apenas meus pés.

Pego um caminho de terra que bifurca para a esquerda, tiro o capuz da minha cabeça e puxo a arma contra o meu quadril. Consigo ouvir meu coração bater na cabeça e tento parar de olhar por cima do ombro. Se alguém estiver me

observando, saberá que estou nervosa. Não é bom mostrar nervosismo.

Eu enrolo minha espinha, coloco um pé na frente do outro e ignoro as formas que minha mente evoca, sombras se transformando em ursos que se tornam homens zombadores E quando um morcego voa acima, o bater de suas asas me assustando, se torna o próprio Lúcifer.

Eu bufei uma risada.

Não tenho motivos para ter medo. Não é como se Lúcifer me matasse, mesmo que ele me veja aqui. Não sei para que ele me quer, mas provavelmente é pior que a morte.

Ele é um Unsaints, afinal.

Eu sobrevivi pior que a morte.

Mas o resto dos Unsaints... eles podem realmente me matar.

Gosto da sensação fria da arma na minha mão e passo o polegar ao redor do cano, um raio de confiança iluminando meu braço com o toque.

Eu estou segura

Repito isso para mim como um mantra enquanto me aproximo do rio.

A casa aqui em baixo é supostamente uma casa de família, desde os tempos antigos. Mas eu nunca soube que alguém vivia nela. Este parque é propriedade do governo. Estou surpresa que eles nunca derrubaram a coisa.

E então, muito cedo, aparece na minha frente.

Escuridão total, o rio brilhando além dele sob a luz das estrelas. Olho para o segundo andar. Há cortinas fechadas em todas as janelas, mas mesmo assim, não há um pingo de luz em nenhum lugar da casa. Não consigo imaginar os Unsaints ficando aqui. Eles supostamente deixaram a cidade por um tempo depois do último Halloween, mas eles têm mais dinheiro do que eu já vi na minha vida. Eles podem, e oferecem, acomodações melhores que essa.

Talvez Trey estivesse errado. Talvez Jeremiah tenha alimentado essa informação precisamente porque ele sabia que eu tentaria extrair ela de Trey. Talvez ninguém mora aqui, e eu estou brincando com a armadilha do meu irmão, como sempre faço.

Mas talvez não.

Eu dou um passo mais perto, olhando a varanda de madeira. Há folhas secas espalhadas pela porta da tela, mas, caso contrário, parece chocantemente limpo.

Eu penso em me virar.

Penso em voltar correndo pelo caminho, sair do parque, encontrar Nicolas e voltar para a mansão. Acho que essa pode ter sido uma das minhas piores ideias de todos os tempos. Mas antes que eu possa girar, ouço algo.

Por trás de mim.

Aponto a arma, braço estendido, mão oposta no cotovelo e depois me viro. Mas eu não digo uma palavra. A floresta escura olha de volta para mim.

Eu tento engolir meu medo. Não tenho nada a temer. Eu tenho uma arma e sei como usar ela. E além disso, provavelmente era apenas um animal. Não importa que parecesse uma bota raspando o cascalho.

Ou talvez seja Nicolas, tentando me foder.

Eu estou segura

Eu digo isso de novo e de novo e de novo.

Segura.

E então uma mão aperta minha boca.

Sei que é melhor não apertar o gatilho, mas agito os braços e tento dar uma cotovelada em quem estiver nas minhas costas. Mas o outro braço ao redor dos meus braços está ao meu lado, forçando a arma a apontar para baixo, inútil nas pontas dos meus dedos.

Eu tento respirar. Inalo. Expiro. Repito. Eu tento acalmar meu pulso, tento pensar. Mas, no momento, não consigo pensar. Minha mente está vazia, meu medo quase palpável.

Como a mão dessa pessoa está na minha boca, eu sinto o cheiro.

Cigarros, mas um tipo particular. Não conheço a marca. Eu nunca fumei. Mas esse perfume está queimado em minha memória como tantas outras coisas que eu quero esquecer.

"Você está com medo de mim, Lilith?"

A voz de Lúcifer é tão rouca quanto eu me lembro, suas palavras roçando no meu ouvido. Eu tento não tremer nos braços dele. Tento e falho.

Ele respira uma risada na parte de trás do meu pescoço, depois descansa o queixo na minha cabeça. O aperto dele não diminuiu, nem um pouco. Não quero dar a ele o benefício de me contorcer, de tentar inutilmente revidar. Porque eu posso ter sido treinada, mas algo sobre a maneira como ele está me segurando, sobre como ele está se certificando de que a arma está apontada para baixo... Eu sei que ele e os Unsaints também foram treinados.

Eu fico parada.

“Ah, Lilith. Estou esperando há muito, muito tempo para você voltar ao inferno.” Ele me puxa mais forte contra ele, e eu posso sentir ele, me querendo, nas minhas costas. Bile sobe à minha garganta.

Não porque eu não quero.

Mas porque eu faço.

E eu odeio essa parte de mim. Não sou mais uma acompanhante e também não sou a Lilith dele. Não há Juramento da Morte entre nós hoje à noite. Não somos nada. E seja hoje à noite ou na noite de Halloween para apaziguar meu irmão, eu vou matar ele. E eu vou fazer ele sofrer enquanto eu faço.

Mas ainda não posso negar o fato de que uma parte doente de mim gosta disso.

Ele move a mão da minha boca, apoiando ela na minha garganta. Ele pressiona seus lábios no meu cabelo.

"Você não tem nada a me dizer?" Ele sussurra no meu cabelo.

Eu engulo. Minha boca ficou subitamente seca. Eu tenho muito para dizer. Mas estou esquecendo tudo isso. Toda palavra.

"Você está ficando aqui," é a única coisa que eu gerencio.

Não é uma pergunta, mas ele murmura seu acordo contra o meu cabelo de qualquer maneira. "E você veio atrás de mim," ele respira. “Jeremiah te enviou aqui?”

Eu endureci. Eu não esperava isso. Nicolas estava errado. Ele sabe onde estou.

Ele sabe quem é Jeremiah para mim?

Balanço a cabeça. "Não," eu respondo honestamente.

"Abaixe a arma." Um comando.

"Não." Um desafio. Porque eu terminei com as pessoas me dizendo o que fazer hoje à noite. Nicolas, meu irmão, agora Lúcifer.

Eu quero fazer isso do meu jeito. E isso é com a arma na minha mão.

Lúcifer ri. Então seus dedos se enrolam em volta da minha garganta. Ele aumenta lentamente a pressão até eu não conseguir respirar. Seus dedos cavam as contusões já lá, do meu irmão e Kristof.

Um gemido escapa dos meus lábios sem minha permissão. Não quero mostrar nenhuma fraqueza na frente dele, não depois do ano em que passei por causa do garoto que me deixou no abrigo. Mas os machucados doem. Meu rosto queima.

A mão de Lúcifer para e ele diminui a pressão, mas não desiste. "Você não se machucou tão facilmente há um ano, Lilith," ele ronrona.

Não ouso respirar. Não consigo respirar ar nos pulmões. A floresta é tão escura que sinto como se estivesse sonhando. Isso pode até não ser real. Mas um vento frio sopra através das árvores, chocalhando galhos, e eu volto à realidade.

Isto é minha vida.

Estou nos braços de Lúcifer, mais uma vez. E eu tenho a desvantagem, mais uma vez.

Antes que minha mente possa alcançar a realidade, Lúcifer me gira e pega a arma da minha mão. E eu deixei. Meus dedos não trabalham rápido o suficiente para deter ele. De repente, ele segura a arma. Mas, novamente, ele sempre segurou a arma.

Ele me deixa ir, dá um passo atrás de mim.

Então braços se dobram ao meu redor, fortes e firmes e mesmo antes de ouvir sua voz profunda, eu sei que é Ezra. Ele sussurra no meu ouvido: "você sentiu nossa falta?"

E eu suspiro, lutando contra seu aperto.

Ele mantém firme e o tempo todo, Lúcifer apenas observa.

"Que porra é essa?" Eu sibilo para os dois, tentando torcer a cabeça, para ver a forma maciça de Ezra atrás de mim. Mas ele não está se mexendo. Paro de tentar lutar, guardo isso para quando eu puder fugir.

"Lúcifer," eu quase imploro.

Eu posso ver seus olhos azuis da meia-noite brilhando no meio da noite, e uma mecha de cabelo preto encaracolado cai sobre sua sobrancelha, por baixo do capuz. Ele usa um capuz preto, como eu, e calça preta de jogging. Mas não é nada disso que deixa minha respiração presa na garganta.

É a pele dele.

A cara dele.

Ainda estamos perto o suficiente para compartilhar a respiração, mesmo se não estivermos nos tocando. E percebo que é a primeira vez que vejo a pele dele. Antes, ele usava a maquiagem. Mas agora... sua pele está pálida, mais ainda à noite. Seu queixo está definido, as maçãs do rosto quase vazias. Ele é lindo.

Ele estava lindo naquela noite também, mas disfarçado.

E enquanto seus olhos percorrem o meu rosto, descansando nos meus lábios, percebo que ele está me vendo também, pela primeira vez, sem a maquiagem pálida que usei naquela noite.

Seus lábios carnudos se curvam em um sorriso. Eles são rosa pálido, o de cima um pouco maior que o de baixo. Eles são lindos. Eles são perigosos. Igual a ele.

Ele segura a arma ao seu lado, mas estou ciente disso.

E então seus olhos passam por meus lábios e sua expressão muda. Ele levanta a arma, o braço dobrado no cotovelo, o cano apontando para o dossel acima de nós. Ele está franzindo a testa e seus olhos se estreitam, sua mandíbula travada.

A mão que não segura a arma vai para minha garganta novamente, e eu estremeço, pronta para ele apertar. Ezra sente meus movimentos porque ele aperta mais forte ao meu redor.

Mas Lúcifer não aperta minha garganta. Ele passa os dedos levemente contra a minha pele, fazendo arrepios descerem pelos meus braços.

“São machucados?” Ele pergunta, sua voz assumindo um tom mais sombrio e mortal.

Eu esqueci. Ou melhor, eu realmente não esperava ver ele hoje à noite. E eu nunca esperava que ele me visse. E não assim. Não tão perto.

Mas com suas palavras, a memória de Kristof volta rapidamente. De mim esfaqueando sua perna. Dele me batendo contra a parede. Meu irmão entrando no último minuto.

Eu tento não pensar sobre isso. Agora não é a hora.

Parece tarde demais, no entanto, porque Lúcifer inclina a cabeça, seu dedo arrastando até minha mandíbula. "Eles são, não são?" Ele murmura. Eu posso sentir seu hálito, sentir na minha testa enquanto olho para ele. Ele cheira a cigarro e hortelã.

"Quem fez isso?" Ezra rosna.

Eu não respondo e Ezra bufa, me puxando mais forte contra ele.

Fecho minhas mãos em punhos, mas não vou a lugar nenhum. Ezra tem meus braços. Lúcifer está com minha arma. Eu não tenho chance.

"Por quê?" Eu desafio Lúcifer. É hora de eu encontrar minha voz novamente.

Sua mão volta ao seu lado, longe do meu queixo. "Por que, Lilith?"

É tão bom ouvir a voz dele.

E eu odeio isso.

"Por que você queimou a casa de Brooklin?"

Ezra ri, mas com um olhar de Lúcifer, ele fica em silêncio. Eu posso sentir seu peito subindo e descendo contra meus ombros.

Lúcifer sorri friamente, olhando para o chão entre nós. "É isso que você quer me perguntar?" Ele diz suavemente, arrastando o olhar ao longo do meu corpo, até encontrar meus olhos novamente. "Eu acho que você quer saber outra coisa, não é, Lilith?"

Balanço a cabeça. "Eu não quero nada de você." Eu cubro minhas unhas com tanta força nas palmas das mãos que sei que vai tirar sangue. Assim como eu fiz naquela noite. A cicatriz branca pálida na minha coxa está lá para provar isso.

Ele tem um igual. Mas ele tinha mais, antes de mim.

Ele parece estar pensando na minha própria cicatriz agora enquanto olha para as minhas pernas, um sorriso nos lábios. "Eu lembro do seu sangue," diz ele calmamente, dando um passo mais perto. Estou congelada, entre esses dois Unsaints. Mais uma vez, eu e Lúcifer estamos perto o suficiente para tocar. Mas não vou alcançar ele. Nem mesmo para tentar recuperar a arma. Eu nunca vou alcançar ele novamente. "Eu lembro de provar você," ele murmura, o queixo inclinado para baixo enquanto me observa. Como se ele quisesse me devorar. “Eu lembro de tudo sobre você, Lilith. Sobre aquela noite. E a primeira coisa que você quer me perguntar é sobre o brinquedo do seu chefe?”

Ezra solta uma risada, e sinto seu peito roncar atrás de mim.

Mas isso significa que Lúcifer não sabe que eu sou irmã de Jeremiah. E eu com certeza não direi a ele. Se ele souber, pode pensar que eu significo algo para Jeremiah. Que ele pode me usar como moeda de troca em qualquer guerra que esteja travando com meu irmão. Porque há mais nisso do que eu. Os Unsaits não estão aqui apenas para mim. Eles não se importariam muito.

E Jeremiah pode me recuperar se eles me levarem. Mas ele não vai pagar nada por mim.

“Isso foi muito corajoso, Lilith. Para vir aqui sozinha.” Ele desliza a arma no cós da calça. Quero dizer a ele que é estúpido, mas não me importo o suficiente.

Isso, e vislumbro o V levando para baixo em suas calças baixas e de repente fiquei completamente estúpida. Me lembro da tatuagem na coxa dele.

Olho nos olhos dele, mas não antes que ele perceba onde estou olhando. Ele solta uma risadinha.

"Realmente corajoso," ele fala, se aproximando de mim, seu peito roçando meu ombro. "E realmente estúpido."

Me afasto mais em Ezra, que ri novamente. Ele pressiona o nariz na curva do meu pescoço, e eu o ouço inalar.

"Deus, você cheira muito bem." Ele levanta a cabeça. "Deveríamos ter ela hoje à noite, Luce," ele canta.

O olhar de Lúcifer endurece, mas ele não diz nada a Ezra. Em vez disso, suas próximas palavras são para mim. “Você

pode correr, Lilith. Mas você não pode se esconder." Ele balança a cabeça. "Não de mim."

Ele acena com a cabeça para Ezra, que me empurra para a frente, e eu corro, sem ousar olhar para trás. A adrenalina brota pelo meu corpo tão rápido quanto um raio e meus sapatos batem na sujeira a cada passo difícil. Não consigo ouvir sobre meu próprio coração, minha própria respiração pesada, mas acho que eles não vão me seguir. Ainda não.

Eles querem arrastar isso também. Não tenho ideia do porquê eles estão com raiva de mim, o que aconteceu entre eles e meu irmão, além da casa de Brooklin e Jeremiah virando as costas para os Unsaints. Mas eu não ligo. Se eles quiserem jogar, me dará tempo para correr.

Só diminuo a velocidade quando estou completamente fora da floresta, só olho para trás quando as luzes da cidade se abrem à frente.

Eles não estão lá.

Atravesso a rua vazia, corro devagar pela calçada, até o cruzamento onde eu e Lúcifer nos conhecemos. Meu antigo complexo de apartamentos, minha antiga vida, está ao virar da esquina.

Coloco a mão no peito, sinto meu coração bater contra a palma da mão.

Isso não sou mais eu. Lúcifer tinha mantido uma garota quebrada viva, apenas para transformar ela em um monstro.

Ele pensou que era mau. Ele pensou que eu estava assustada.

Ele não tem ideia do que eu fiz no ano passado. O que eu vi. O que eu sofri nas mãos do meu irmão. Ele pode foder comigo, mas apenas um de nós vai ser fodido. E Lilith vai pegar de volta o que é dela.

Capítulo Treze



Halloween, um ano atrás

Lúcifer se ajoelha.

Ele nos levou pelas escadas no final do corredor, e estamos no subsolo, no que parece que poderia ter sido uma cela. Há uma cadeira de rodas com uma garrafa de rum apoiada no assento e uma cama de solteiro com um colchão surpreendentemente branco. Os pisos de cimento estão vazios. Há uma corda no canto da sala. E em algum lugar além dessa cela, eu posso ouvir alguém gemendo, e o inconfundível bater ritmado de duas pessoas fodendo.

Lúcifer rasga um buraco com as mãos nas minhas meias, e então ele olha para mim do chão, olhando para a lâmina na minha mão.

"Você gosta de dor?"

Eu não sei o que dizer. Eu ainda posso provar ele nos meus lábios. Na minha língua. Eu quero mais disso. Mais dele. Mas também quero que ele me tenha.

Concordo com a cabeça, e entrego a lâmina com as mãos trêmulas. Não sei se estou tremendo da vodca, de medo, confusão. Algo completamente diferente.

Seus olhos seguram os meus enquanto ele coloca a ponta da faca contra a minha pele. "Só dói um pouco," ele promete. E então, ainda olhando para mim, ele desliza a lâmina pela minha pele.

Queima, mas é mais do que suportável.

Ele solta a faca e eu abro a boca para protestar. Para dizer a ele que ele tem que me provar, como eu o tinha provado.

Mas não preciso dizer as palavras.

Sua língua vai para minha coxa, lambendo meu sangue. Dói, e eu amo isso. Sua língua está quente, e seus lábios roçam contra a minha pele enquanto ele suga mais sangue em sua boca, suas mãos segurando minha coxa. Tão perto de onde eu quero que seus dedos estejam. Para onde eu quero que ele esteja. Tão perto, mas ele não vai me dar isso.

Ainda não.

Ele passa a língua provocativamente para frente e para trás sobre a ferida e depois olha para mim mais uma vez.

"Desça aqui," ele rosna.

Eu faço.

Caio de joelhos no chão de concreto e sua boca encontra a minha novamente. Não é um beijo doce. Também não está com raiva. É possessivo. Está sujo. Cru. Eu sinto meu sangue na língua dele, e mordo seu lábio com força.

Ele morde, partindo a pele.

Eu choramingo e ele geme, suas mãos envolvendo meu corpo. Isso é pecado. E nunca mais quero ser boa.

Suas mãos encontram minha garganta, dedos enrolando em volta de mim. Ele se afasta e depois leva os lábios ao meu ouvido. Ele beija aquele ponto sensível entre minha orelha e meu pescoço, e então ele me morde novamente.

"Eu não ligo para o que você fez," diz ele, suas palavras quentes na minha pele. "Eu não ligo com quem você esteve, entende?"

Minha respiração pega. Estamos falando sobre isso novamente. Eu pensei que ele odiaria essa parte. Eu pensei que ele não queria ouvir. Ninguém mais fez. É por isso que eu nunca namorei. E talvez ele não queira ouvir, porque eu não queria ouvir sobre a garota grávida. Não quero pensar que um de seus primeiros, um dos maiores, não estará comigo. Isso pode me tornar uma pessoa horrível. Uma pessoa louca. Mas eu não ligo.

Compreendo.

"Você entende?" Ele me pergunta novamente, seus dedos se apertando mais em volta da minha garganta.

Eu concordo.

Ele geme no meu ouvido, sua respiração quente contra a minha pele.

"Você é minha agora, Lilith. Você é minha a partir de agora." Uma mão ainda na minha garganta, ele arrasta a outra possessivamente pelo meu corpo, até que ele esteja lá, entre as minhas coxas. Bem onde eu quero que ele esteja.

Ele me agarra com força.

"Esta. É minha." Sua mão volta para cima e ele segura um seio e depois o outro, passando o polegar sobre meus mamilos. "Minha," ele rosna novamente.

Ele se afasta, uma mão ainda na minha garganta. A outra no meu peito.

"Toda você. Você é minha agora."

Eu penso na garota. No bebê dela. De Atlas e os outros Unsaints. Do que Ria havia sugerido sobre eles. Sobre o que são. O que eles fazem. Penso em tudo isso, mas não me importo. Hoje à noite, ele não é ele e eu com certeza não sou eu. Porque o 'eu' que havia saído do meu apartamento queria morrer. O 'eu' que eu tinha sido há apenas algumas horas se foi há muito tempo, porque se ela não tivesse, eu não estaria aqui agora.

Mas eu estou.

Ele me pega e me joga na cama e eu rolo, de costas.

Ele pega algo fora da minha vista e então se ajoelha, seus olhos me devorando, uma mão no meu peito. Ele segura uma garrafa como uma oferta.

Rum.

Uma comunhão distorcida e doentia que não vou recusar.

"Antes que você aceite isso, há algo a dizer." Ele ainda está pressionando uma mão no meu peito, ainda ajoelhado sobre mim.

"O quê?" Pergunto, curiosa.

"O Juramento da Morte."

Ele deixa cair a garrafa na cama e prende meus pulsos mais ou menos acima da minha cabeça. Ele se inclina, com a boca na minha enquanto fala as palavras que devo repetir para ele.

Eu me vinculo a você hoje à noite,

Não importa a mudança da faca.

Através de sangue e osso,

Carne e coração,

A morte pode vir,

Mas não vamos nos separar.

Repito cada frase em sua boca e, mantendo meus pulsos juntos em uma mão, ele pega a garrafa de rum, desenrosca a tampa com os dentes e segura a garrafa sobre minha boca.

“Isso significa que você é minha hoje à noite, Lilith, não importa o que eu faça com você. E eu não sinto vontade de jogar bem. Eu quero foder a sensação de todos os homens que você já teve com você. ” Ele passa a língua na minha garganta. "Agora abra bem."

Abro a boca, tiro a língua para fora e ele sorri. Então ele derrama o rum na minha língua, lentamente, e eu gosto da queimação.

Sua boca encontra a minha e bebemos juntos, derramando rum sobre nós até que ele joga a garrafa, assim como ele jogou minha arma. Nós não precisamos dessas coisas. Não agora. Nós somos droga um do outro. As armas um do outro.

Ele desliza a alça do meu corpo para baixo e depois parece pensar melhor. Ele para, encontra a faca no chão desta sala subterrânea e segura a lâmina entre nós.

"Não se mexa," ele me adverte. "Ou você pode ter outra cicatriz."

Talvez eu devesse ter medo. Talvez eu seja uma idiota. Mas eu faço como ele diz.

E então ele corta uma linha do meu peito até as minhas coxas. A ponta da faca roça a pele da minha barriga, mas eu nem sequer recuo. Ele abaixa a faca e depois separa o resto do tecido como se não fosse nada.

E mesmo estando nua na frente de muitos homens diferentes, em todos os tipos de posições e vários estágios de

sobriedade, sob o olhar dele, sinto como se pudesse derreter. Como se o fogo em meu núcleo pudesse nos queimar. Seus olhos, mesmo na escuridão, estão cheios de um desejo, um desejo, que eu nunca tinha visto antes. Não de qualquer homem. É quase selvagem, o que vejo quando ele me vê.

Ele afasta minhas pernas com o joelho, as mãos nos meus pulsos, prendendo acima da minha cabeça. Ele me bebe com os olhos.

"Porra, você tem uma buceta perfeita."

Então ele se abaixa sobre mim, seu peito roçando no meu, seu corpo roçando o comprimento do meu.

“É isso que você quer, Lilith?” Ele pergunta.

Eu balanço meus quadris, tentando sentir ele contra mim, mas ele se afasta, me provocando. Meus pulsos queimam, mas não quero que ele o solte.

"Não até que você confesse," ele ronrona contra o meu pescoço, arrastando beijos pelo meu peito. Então, seus olhos em mim, sua língua gira contra o meu mamilo e eu ofego. O mundo parece girar. Sei que bebi demais para realmente aproveitar isso como deveria, mas deixo esse pensamento de lado.

"Confessar?" Eu sussurro. Eu pensei que já tinha feito isso. Quantos pecados ele quer tirar de mim?

Ele morde meu mamilo, depois passa a língua sobre ele, acalmando a queimadura. Ele segura meu olhar o tempo

todo. Ele morde novamente, olhos perfurando os meus, e eu vejo sangue no canto do lábio. Meu sangue.

"Você quer dominar o mundo comigo?" Ele pergunta, sua voz rouca, seus lábios roçando minha pele.

Eu soltei uma risadinha. "Eu faria qualquer coisa com você."

Ele levanta a cabeça com isso, olhando para mim como se estivesse procurando a verdade na minha embriaguez. Eu vejo a garganta dele enquanto ele engole. Eu vejo aquela deliciosa veia em seu pescoço que eu quero passar minha língua. Ele solta meu pulso, tira o moletom e puxa as calças. Ele está nu, exceto pelas cuecas boxer, e seu corpo é lindo. Esculpido, músculos macios, e eu vejo seu pau pressionando contra tecido preto. Eu vejo o crânio tatuado em sua coxa.

"Depois de hoje à noite," diz ele, a voz rouca, se inclinando para mim, "e daí?"

Eu pisco. Depois desta noite. Eu não deveria sobreviver à noite. Este deveria ser o fim. A depressão me visitou como um fantasma na noite, tanto quanto eu conseguia lembrar. Eu terminei me afogando na escuridão. Eu quero finalmente morrer nele.

Ele agarra meu queixo entre o polegar e o indicador. “E então?” Ele repete, com a voz fria.

Abro a boca e ele acaricia o polegar sobre o meu lábio inchado. Eu ainda provo o sangue dele e o meu. Ele se inclina até ficarmos nariz a nariz.

"Diga que você vai ficar."

Eu respiro fundo. Não é um comando, essas palavras. É mais como um apelo.

"Por favor, diga que você vai ficar," ele me pede novamente, sua voz mais desesperada. "Você não quer morrer." Ele faz dessas últimas palavras uma pergunta e uma ameaça.

Eu ouço alguém gemendo de novo na distância deste lugar fodido. Juro que também ouço alguém sussurrando. Estou ficando tonta e Lúcifer estar em cima de mim, tão perto de mim, implorando para que eu viva, isso não me ajuda a pensar.

Eu já estive aqui antes. Não emocionalmente, não é assim com Lúcifer. Mas apaguei mais vezes do que gostaria de contar. E eu bebi demais esta noite. Estou desaparecendo e uma pequena parte de mim está chateada. Vou ter que acordar de manhã e tudo isso pode se transformar em um sonho. Lúcifer pode ter ido embora. Eu posso estar sozinha. E terei que encontrar a arma na luz da manhã e ter coragem de puxar o gatilho novamente.

Ele pressiona um beijo nos meus lábios, mais suave que todos os outros.

"Diga que você ficará e eu sempre estarei aqui. Sempre seremos assim. Você leva meus pecados, eu vou levar os seus."

Eu luto para manter meus olhos abertos. Não vou durar muito mais tempo aqui com ele.

"Eu tenho medo que, quando eu acordar, você se foi."

Eu deveria ter vergonha dessas palavras, mas não tenho.

Não quero que esse garoto estranho e retorcido vá embora.

Ele me beija novamente. "Eu nunca vou te deixar," ele jura. "E se você me deixar... os Unsaints saberão como encontrar você."

Fecho os olhos, um sorriso nos lábios. "Você não me conhece."

Ele beija meus lábios, minhas bochechas, meu nariz. Minha testa.

"Eu não deixo o que é meu. Podemos levar uma eternidade para nos conhecermos."

Eu suspiro. "O bebê..." Não sei por que digo isso, mas é uma das muitas coisas que não entendo.

Ele passa o dedo pela minha mandíbula, descansando na minha garganta. Eu mantenho meus olhos fechados, com medo do que ele possa dizer em seguida vai doer.

"Nós vamos descobrir isso. Com você ao meu lado, descobriremos isso, Lilith."

Eu sorrio.

E então o mundo fica preto.



Eu sonho com coisas estranhas.

Mãos em volta da minha garganta. Um sussurro no meu ouvido. Alguém gritando, muito, muito longe. O som de gemidos, de vozes masculinas furiosas. O sentimento de amor e luxúria envolvido em um. Em mim. O despedaçar de um coração. Um grito agudo e gutural para alguém “Pare!” Mas ninguém para.

As luzes acendem.

Alguém chora.

Eu sou levada embora, e os Unsaints são deixados espalhados pelo sanatório.

Capítulo Quatorze



Presente

Jeremiah nos enganou.

Ou melhor, ele disse especificamente a Nicolas que não voltaria até de manhã para ver exatamente o que poderíamos fazer em sua ausência.

E ele está esperando, porra, quando Nicolas passa pelos guardas na porta, eu por cima do ombro dentro da bolsa preta.

Eu sei que Jeremiah está lá antes de ver ele. Antes que ele diga uma palavra. Porque Nicolas ainda acalma, suas mãos me apertando com mais força na cintura.

Porra, porra.

Gentilmente, ele me coloca no chão, e eu sei que ele abre o zíper quando Jeremiah o impede.

"Não," ele diz calmo. Calmamente.

Eu ouço Nicolas se afastar. Fecho os olhos com força, desejando ao meu irmão uma morte lenta. Ele vai arrastar isso para fora. Ele vai me manter aqui, me fazer aprender minha lição. Mas prometo a mim mesma que se ele me jogar de novo em Kristof, fugirei e nunca mais voltarei.

Nunca.

Eu ainda vou matar Lúcifer por ele, porque é para mim também. Mas não vou mais cumprir as ordens dele se ele me colocar em posição de ser estuprada novamente.

"É isso que você quer?" Ele pergunta calmamente. Pelo som de sua voz e pela proximidade, eu sei que ele está ajoelhado ao meu lado.

Reviro os olhos, sem ser vista por ninguém, mas talvez pelo próprio diabo.

"Vai se foder."

Claro, talvez eu deva ficar de boca fechada. É uma da manhã. Não importa as horas da mansão Rain, ninguém é realmente eles mesmos durante a noite. Usamos máscaras quando o sol se põe. Nossas ações mais sujas saem para brincar. Nossas almas feias. À noite, somos a nossa forma mais selvagem.

Meu irmão não é exceção.

Ele puxa o zíper da bolsa e me puxa pela garganta, esmagando minha traqueia no processo. Mesmo sabendo que não deveria, mesmo sabendo que não é assim que consigo me

segurar, minhas mãos voam para os dedos dele, tentando tirar ele de cima de mim. Estou em pânico.

Nicolas está com minha arma, minha faca está no bolso de trás e, quando Jeremiah me bate contra a parede ao lado das portas de vidro da entrada, vejo manchas.

"O que você me disse?" Ele me pergunta, meus pés pendurados no chão.

Minha garganta vai parecer uma porra de ameixa quando esses garotos terminarem comigo.

Não me incomodo em tentar falar. Eu sei que não vou falar nada.

“Jeremiah, a culpa foi minha. Eu a levei.” A voz de Nicolas. E então eu o vejo, atrás do meu irmão, estendendo a mão. Como se ele pudesse realmente colocar uma em Jeremiah. Seus olhos estão arregalados, e eu percebo que ele está assustado. Guardas estão espalhados pela sala, sendo Kristof um deles. Ele está me olhando com um sorriso irônico. Eu nem tenho a satisfação de ver sua perna enfaixada. Ele usa calças que cobrem isso.

Filho da puta.

Os olhos de jade de Jeremiah se estreitam. Ele está vestindo um terno, uma camisa branca nítida sob o blazer. Nesse momento, não há nada que eu queira mais do que obter seu próprio sangue por todo o corpo. Foda-se ele.

Ele me deixa ir, me jogando contra a parede mais uma vez antes de soltar. Ele vira as costas para mim, começa a andar, as mãos em punhos.

"O que devo fazer com você?" Ele pergunta em voz alta. Ninguém responde. Nicolas parece aliviado por ele me soltar, seus ombros caem e seus olhos se voltam para os meus, suas sobrancelhas subindo, quase como se estivesse se desculpando.

Mas essa é a minha bagunça.

Coloquei minha mão na minha garganta, esfregando meus músculos e tendões doloridos lá.

"Me matar," eu respondo por ele. "É o que eu estava tentando fazer quando você me arrastou do abrigo no ano passado. Antes que você e seus malditos Unsaints estragassem tudo. Porra, vá em frente e me ajude. Termine agora. Eu não sou nada além de uma dor na sua bunda. Eu sempre serei apenas uma dor na sua bunda."

Ele para de andar, mas não olha para mim.

Agora Nicolas parece furioso. Comigo. Kristof está olhando para mim. Fico feliz que Trey não esteja aqui. Ele me disse onde estava Lúcifer. Eu não quero que ele receba o peso da besteira do meu irmão também. Eu me pergunto onde está Brooklin. Se ela estiver recebendo uma massagem de corpo inteiro em sua suíte no andar do meu irmão. Não tenho ideia de como ela lida com as besteiras dele. Se ele é assim comigo, eu sei que ele tem que ser pior com ela. Ele a ordena na

frente de todos, comanda ela aqui e ali. Uma vez, eu o vi levantar a mão como se fosse bater nela, mas ele não o fez.

Essa foi a única vez que os vi discutir.

Mas isso é porque Brooklin mantém a boca fechada. Brooklin é mansa. Ela vacila para o meu irmão.

Eu não. Eu não!

Maldito seja.

"É isso que você quer?" Ele finalmente me pergunta. Sua voz é baixa. Mas eu sei que isso não significa que ele está calmo. Isso significa que ele está mais irritado.

"Sim," eu digo com alegria simulada. "Coloque uma maldita bala no cérebro de sua irmã e me enterre com o resto de seus bandidos." Dou de ombros. “Ou me queime. Eu não dou a mínima.” Eu me inclino contra a parede, deixando minha cabeça inclinar para trás, enfiando as mãos nos bolsos do agasalho. Eu falo um bom jogo. Eu realmente não me importo se ele me matar. Mas estou fodidamente cansada.

Hoje era um dia. E considerando a minha vida, isso está dizendo algo.

Além disso, Lúcifer não sai da minha cabeça. Ele está bem aqui. Ele poderia estar sempre aqui. Ele está com Julie. Eles têm um filho. Eu vou matar ele.

Jeremiah se vira para mim, finalmente. Ele tem um sorriso no rosto.

"Certo," ele diz calmamente. Então ele enfia a mão dentro do blazer e puxa uma arma. Ele pisca, mira na minha cabeça. "Se é isso que você quer, mana."

Nicolas congela. Ele estava esfregando a mão na mandíbula, mas agora está congelado, encarando meu irmão com a boca aberta.

Inferno, até Kristof parece desconfortável, o que está dizendo algo. Eu tenho certeza que ele não teria escrúpulos em foder meu corpo morto. Mas de repente ele não está mais olhando para mim. Parece que ele está prendendo a respiração, seu olhar disparando de mim para meu irmão e de volta para mim.

Jeremiah não vacilou.

Eu não me movi. Eu não quero. Deixo ele fazer isso.

Eu tento desafiar ele com meus olhos. Eu não vou desviar o olhar. Se ele vai puxar esse gatilho, se ele vai matar sua irmã, ele vai assistir minha expressão. Ele vai olhar nos meus olhos. Eu não vou desviar o olhar. Vou deixar ele ver a total e total falta de traição no meu olhar. Eu sempre esperei que chegasse a isso. Os Unsaints são desequilibrados, e ele pode não ser um deles agora, mas ele foi criado. Além disso, este hotel já viu morte suficiente, essas pessoas já causaram o suficiente.

O que há mais a acrescentar à contagem de corpos?

Conto até três em minha mente, mas Jeremiah ainda não puxou o gatilho.

"Não desanime agora," eu assobio para ele.

Ele ri.

E então ele dispara.

O tiro soa no vestíbulo, meus ouvidos zumbem e eu pulo, assustada, mas por outro lado, me forço a não me mexer. Eu ainda estou olhando para ele. Nós compartilhamos sangue. Ele apenas atirou em mim.

Mas ele mirou alto.

Nicolas está olhando acima da minha cabeça. Kristof ficou pálido.

Me afasto da parede e olho para a tinta creme. Um buraco de bala está alojado na parede, um pé acima da minha cabeça.

Ele deixou muito espaço.

Giro minha cabeça para trás para olhar para ele. Ele abaixa a arma e não sei dizer o que ele está pensando. Ele não parece satisfeito. Ou arrogante. Ele nem parece mais zangado.

Ele parece decepcionado. E eu tenho certeza que ele está decepcionado consigo mesmo por não poder fazer isso. Fecho o espaço entre nós, minhas botas ecoando no chão de mármore. Quando estamos quase frente a frente, ou o mais perto que estaremos considerando nossa diferença de altura, paro.

Eu me inclino perto dele, sussurro as palavras contra seu pescoço. "Da próxima vez, não erre." E então eu vou embora, aproveitando o silêncio que me segue.



Eu deveria ir para a cama.

Mas não posso. Estou exausta, mas minha mente está correndo milhões de quilômetros por minuto. Tenho orgulho de mim mesma por não me encolher. Orgulhosa, que não tentei deter ele. Que eu não tinha me movido. Ainda estou genuinamente chocada que ele tenha errado de propósito.

Mas não é isso que estou pensando quando me sento na minha varanda, a porta deslizante aberta nas minhas costas. Eu tenho minhas pernas esticadas, estendidas sobre uma cadeira de ferro preto na minha frente, idêntica àquela em que estou sentada.

Eu bebi um rum e coca diet do frigobar no meu quarto e deveria ter mais de um, mas não tenho energia para servir outro. Em vez disso, coloquei o copo na mesa de cabeceira e saí de pijama, uma camisa grande demais e bermuda preta de algodão.

A noite está mais fria do que quando eu estava no Parque Raven. Eu olho para as luzes lá embaixo na cidade,

Alexandria passando no meio da noite. A universidade está lá. Alguém da minha idade está tomando sua primeira bebida legal lá em baixo. Alguém está sendo fodido pela primeira vez. Alguém está com o coração partido em dois, provavelmente não pela última vez. Alguém está morrendo.

Eu não sinto nada.

Estou entorpecida enquanto observo a cidade.

Eu me recosto na cadeira, envolvo meus braços em volta de mim e fecho os olhos. Não me preocupei em trazer uma faca aqui. Se alguém vier para mim, bem, por tudo que eu me importo, eles podem me foder.

Mas quando fecho meus olhos, não vejo ninguém no hotel. Ninguém aqui em que penso, mesmo tendo certeza de que quase todo mundo sob esse teto enorme me quer morta.

Não.

São seus olhos azuis da meia-noite que brilham na minha mente. Pele pálida e suave. Uma covinha na bochecha. Um queixo afiado.

Meus olhos se abrem e, instintivamente, caem na cicatriz prateada da minha coxa. Três centímetros de largura, branco perolado. Eu passo um dedo sobre ela, mas as bordas são lisas. Eu gostaria que elas não estivessem. Eu quero sentir a irregularidade daquela faca.

Quero sentir alguma representação física do que Lúcifer fez no meu coração. E agora ele está brincando comigo. Ele

está me esperando. Ele sabe que Jeremiah quer que eu o mate? Ele queimou a casa de Brooklin como uma mensagem de todos os Unsaints, para dizer ao meu irmão que eles estavam vindo para ele? Ou para mim?

E porquê?

A traição?

Meu irmão se recusa a falar comigo sobre os Unsaints. Sobre a morte do amante. Sobre o Juramento da Morte. Sobre o que exatamente ele viu naquela noite.

Queimar a casa de Brooklin fora uma mensagem.

Um aviso.

Ela nunca mais ficou lá. Nenhuma garota jamais se afastou de Jeremiah, uma vez que ele decidiu tornar elas dele. Elas também nunca duraram tanto tempo e, além de algumas brigas e tortura com facas, nunca conheci Jeremiah em busca de vingança contra alguém que havia ofendido sua garota. Ele as substituiu muito rapidamente para desenvolver esse tipo de sentimento. Ele era protetor, pois não queria compartilhar o que era dele, mas, além de mim, nunca soube que ele era possessivo. Ele jogou elas de lado, como lixo.

Literalmente. Pelo menos, eu não ficaria surpresa. Eu certamente nunca vi nenhuma de suas ex-namorados e não podia imaginar que ele as deixaria viver depois do que sabiam.

Jeremiah e a Ordem da Rain estão sempre sob investigação da polícia. A mansão Rain, como um todo, está sempre sob investigação. Mas o problema da polícia é que eles também gostam de dinheiro. E se você pagar o suficiente, eles ficarão para o outro lado. E se você cuidar da família deles, eles fingirão ser surdos aos rumores.

E Jeremiah pagou melhor do que qualquer um em Alexandria. Em todo o maldito estado, provavelmente.

Exceto, talvez, os próprios Unsaints.

Eles estão acima de tudo.

Se ele tivesse me matado lá embaixo naquele vestíbulo, ninguém saberia, exceto as pessoas lá. E ninguém teria se importado.

Até Nicolas teria seguido em frente. Ele viu a morte repetidamente desde que começou a trabalhar com meu irmão. Provavelmente antes disso também.

Kristof teria brindado a Jeremiah mais tarde em seu 'clube, ' o maior bar do hotel que era apenas para meninos.

Que se foda todos eles.

Olho para a calçada abaixo, a fonte de mármore de uma gárgula. Eu me pergunto se eu vou morrer se eu pular. Estou apenas no sétimo andar, mas há cerca de vinte mais acima de mim. Eu poderia subir até o topo.

Olho para as estrelas. É estranho saber que Lúcifer pode estar olhando para as mesmas. Também pode estar pensando

na minha morte. Ele pode estar se perguntando como seria estalar meu pescoço em suas mãos.

Ou ele pode estar se lembrando do gosto do meu sangue.

Como eu estou lembrando do dele.

Gostaria de saber se ele tem mais filhos com Julie. Não pensei em perguntar isso a Nicolas. Não tenho certeza se quero saber. Mas vai doer um pouco mais. Vai torcer a faca um pouco mais fundo, e talvez seja exatamente isso que eu preciso. Porque mesmo que eu o mate, e com prazer, não consigo parar de pensar nele.

O gosto dele.

As mãos dele em mim.

A voz dele no meu ouvido.

O cheiro dele.

O sangue dele.

As mentiras dele.

Pressiono a palma da mão na testa.

Eu o quero fora.

Você pode correr Lilith, mas não pode se esconder. Não de mim.

O mesmo para você, Lúcifer.

O mesmo para você.

Capítulo Quinze



Presente

Acordo na manhã seguinte no chão da minha varanda.

No começo, não sei onde estou. Eu me levanto, e há uma pontada aguda no meu pé. Eu estremeço, olhando para baixo. Vidro quebrado. Eu tinha bebido mais bebidas ontem à noite e agora, a julgar pela trilha de sangue escorrendo pelo meu pé, eu acabei de cortar ele.

Meu rosto dói. Eu toco minha mandíbula, flexionando ela. Eu dormi aqui, no concreto duro do piso da varanda.

O sol está nascendo, a cidade está acordando. Ou indo para a cama.

O vidro está em toda parte. Em momentos como esses, fico feliz que meu irmão idiota tenha uma equipe inteira de empregadas domésticas. Parte de mim quer cavar minhas mãos no copo, para ver mais do meu sangue pintando essa varanda. Para me lembrar de Lúcifer.

Mas parte de mim quer nunca mais pensar nele. É por isso que bebi tanto ontem à noite, sozinha. Isso e o fato de que meu próprio irmão quase me matou.

Eu manco no quarto, deixando a porta da varanda aberta, deixando entrar o ar frio de outubro. Estou tecnicamente fora até a noite de Halloween, quando Jeremiah quer que eu me livre de Lúcifer. Mas eu não vou ser desse tipo.

Hoje vou encontrar Julie e a criança.

Hoje, lembrarei a Lúcifer de todas as promessas que ele fez há um ano.

Mas primeiro, preciso tirar o vidro do meu pé e me vestir. Porque Jeremiah terá que me deixar fazer isso do meu jeito.

Entro no banheiro, mármore preto e maior do que a sala de estar da maioria das pessoas. Me sento na beira da banheira depois de pegar uma pinça e começo a trabalhar, cavando minha pele para encontrar a borda da lasca que vejo brilhando nas luzes do banheiro.

O sangue dificulta ver tudo, mas encontro um bom ângulo e aperto a pinça, pronta para puxar. A lasca é pequena, mas não pode ficar lá. Se isso acontecer, estarei lidando com mais do que sangue em minhas mãos.

Rapidamente, arranco, ofegando com o alívio e segurando a lasca contra a luz. Minúsculo, irregular, doloroso. Eu vou ficar de pé, mas o mundo parece girar ao meu redor. Certamente não perdi sangue suficiente para me deixar tonta, mas estou desidratada e exausta. Tropeço contra o balcão,

colocando a pinça e o copo no balcão, me pegando no mármore.

Ligo a pia, espirro água no rosto, na boca.

Existem círculos sob meus olhos, que são vermelhos e parecem assustadores. A prata da minha íris contra as veias dos meus olhos me faz parecer um monstro de um filme de terror. Eu sorrio para mim mesma.

Bom. Quero que Lúcifer saiba que um monstro está atrás dele.

Inclino meu queixo para cima, sinto o estado da minha garganta. Os hematomas são feios, manchas de roxo e azul. Eu serei amaldiçoada se alguém colocar a mão em volta da minha garganta novamente. A menos que eu queira.

"Bom dia, mana."

A voz de Jeremiah me faz estremecer, e eu mordo minha língua para não gritar. Mordo com tanta força que sinto gosto de ferro.

Eu olho para ele no espelho. Ele está encostado na moldura da porta do banheiro, com os braços cruzados. Ele está vestindo uma camisa preta de manga longa e shorts de basquete. O suor umedeceu seus cabelos escuros.

"Veio me visitar depois do seu treino matinal?" Eu pergunto, mantendo meu tom calmo e olhando para mim mesma no espelho. "Eu me sinto especial." Então eu me viro para ele, encostada no balcão e cruzando os braços, imitando

sua postura. "Ou você veio para terminar o que começou ontem à noite?"

Seus olhos verdes pálidos não vacilam. Ele segura meu olhar. Nada sobre ele sugere que ele se sente mal pelo que fez na noite passada. Eu ainda acho que ele provavelmente se arrepende de ter perdido minha cabeça.

"Se eu quisesse você morta, Sid, você estaria morta."

Eu não posso discutir com isso. Tenho certeza que é verdade. No mínimo, ele acredita que seja verdade.

"Então por que você está aqui?"

Ele olha para o chão, a trilha de sangue do meu pé, que ainda está sangrando. Band-Aids não são a minha coisa favorita, e eu queria tomar banho primeiro.

"O que aconteceu?" Ele me pergunta, inclinando a cabeça.

Eu quero bater contra a parede. Eu dou de ombros. "Acidente."

Ele se vira, olhando para as portas abertas da varanda, sem dúvida vendo o vidro quebrado do lado de fora. Ele suspira e olha para mim.

"Noite longa?"

Eu bufei uma risada. “Meu irmão tentou me matar. Fui transportada em uma sacola para corpo porque ele não confia em mim. E minha garganta parece uma tempestade. Então, sim,” levanto um ombro em um encolher de ombros preguiçoso, “acho que você poderia dizer isso.”

Ele sorri. Parece estranhamente genuíno. "Uma tempestade?" Ele ecoa, os olhos passando rapidamente para minha garganta.

Eu engulo. "Sim. Preto e azul com luzes ofuscantes, me lembrando por que é melhor ficar longe de tempestades."

Ele fica quieto por um momento e depois dá um passo em minha direção, levantando o queixo, olhando para o teto. Ele vai dizer algo que não quer dizer. Será que ele deixou seus guardas do lado de fora por esse motivo? Ou talvez eles estejam no meu vestíbulo, agarrando cada palavra. Pensando em quanto eles serão capazes de me atrapalhar e se safar disso agora que Jeremiah e eu estamos em desacordo novamente.

Mas sempre estivemos em desacordo.

"O que você quiser dizer, irmão, cuspa."

Ele abaixa a cabeça e segura o meu olhar. "Eu sinto muito."

Não posso ouvir ele direito. Franzo o cenho, balançando a cabeça. "Não entendi direito."

Ele desliza as mãos nos bolsos. "Não vou dizer de novo, Sid. Mas a noite passada foi longe demais. Não deveria ter acontecido."

Não tenho certeza se meu irmão não está tendo algum tipo de convulsão. Ele não pode dizer o que está dizendo. Balanço

a cabeça, procurando seu ângulo. Esperando a próxima pergunta. A próxima coisa a dizer que tudo isso faz sentido.

Mas isso só fica mais estranho.

Ele balança a cabeça até a beira da banheira.

"Sente," diz ele.

"Não."

Ele revira os olhos e passa por mim, no closed pelo meu banheiro. "Onde estão seus suprimentos médicos?"

Eu bufo. "Suprimentos médicos? Eu não tenho esses."

“Band-Aids? Nada? ” Ele pergunta, vasculhando o armário com coisas normais, como absorventes e tampões, mas sem suprimentos médicos. Antes que eu possa dizer para ele se foder, ele encontra a caixa de Band-Aids que eu devo ter escondido na parede do armário.

Ele os puxa para fora com um sorriso e depois olha ao redor do resto do meu closet. Não está cheio de merda, mas o que está lá é uma infinidade de moletons, jeans e tênis.

"Você precisa de mais dinheiro?" Ele me pergunta, franzindo a testa. "Essas roupas... isso é literalmente tudo que você veste?" Ele puxa a manga de um moletom de capuz rosa brilhante.

"Foda-se," eu digo, saboreando a oportunidade.

Ele aperta a língua e solta o agasalho, chegando à banheira novamente.

"Vamos, Sid, sente-se lá, por favor."

Por favor.

Meu irmão nunca diz por favor. Levanto as mãos, imaginando se talvez sua próxima tática seja me afogar na banheira, e me sento na beira, estendo meus pés descalços na porcelana vazia.

Ele tira os sapatos, as meias e passa por cima de mim, sentado na extremidade oposta, perto da parede. Ele pega uma toalha da borda e coloca a caixa de Band-Aids no chão.

"Aqui," diz ele, indicando sua coxa. "Coloque o pé para cima."

"Por que você está fazendo isso?" Pergunto sem me mexer, encostada na parede à frente dele, meus pés firmemente plantados na banheira. "Você vai injetar algum veneno no meu corte?"

“Você realmente está testando minha paciência, Sid. Apenas me dê seu pé do caralho.”

Ali está ele. O verdadeiro Jeremiah espreitando.

Eu cuidadosamente levanto meu pé, examinando o sangue seco e o sangue molhado, ainda vindo do meu arco interior. Ponho o calcanhar na coxa dele, e ele estica a mão para abrir a torneira, testando a temperatura da água enquanto o faz. Quando está suficientemente quente, ele coloca a toalha embaixo dela, torce e, cuidadosamente, começa a limpar meu pé.

Eu nunca soube que meu irmão poderia ser tão cuidadoso. Eu nunca soube que ele era gentil, nunca.

Ficamos em silêncio enquanto ele trabalha, o pano branco ficando vermelho. Ele a lava, torce e começa tudo de novo. Quando o sangue seco é tratado, ele o enxágua novamente e, em seguida, segura o pano na ferida, pressionando suavemente, parando o sangue.

Cruzo os braços sobre o peito. Algo apertado está na minha garganta, e engulo antes de falar.

"Por que você está fazendo isso?" Eu finalmente consigo perguntar.

Ele não olha para de olhar meu pé, o pano ainda pressionado contra a ferida. "Eu deveria cuidar melhor de você," diz ele calmamente.

Eu endureci. Ele percebe, e com uma mão ainda segurando o pano, com a outra, desenha círculos suavemente contra meu tornozelo, depois passa a mão na minha panturrilha, me massageando. Sua mão volta para baixo, depois para cima novamente, e eu lentamente relaxo contra seu toque.

"Eu deveria ser melhor," continua ele. "Eu deveria ter encontrado você, quando estávamos separados." Ele finalmente encontra o meu olhar. “Eu atravessei o inferno, Sid. Mas eu nem sei o que você passou. Onde você foi. Eu tentei te encontrar quando me libertei. Quando eu encontrei meu lugar com os Unsaints.” Eu o vejo engolir e me pergunto

o quanto de sua sabedoria é verdadeira. Ele matou sua família? Eles o trancaram em uma jaula? Pela primeira vez que me lembro, meu coração dói pelo meu irmão.

“Eu estava procurando por você há muito tempo. Eu sabia que você de alguma forma chegou à Carolina do Norte também.” Ele balança a cabeça com o milagre. Ele suspira. "Eu sempre lembrei que você gostava do Halloween, quando criança."

Eu fiz. Eu implorei à nossa mãe que me levasse às compras de fantasias todos os anos desde que eu podia conversar. Ela nunca fez isso, mas eu achei a merda em casa para ser uma bruxa ou um gato ou qualquer coisa que não fosse eu.

"Quando eu te encontrei no abrigo..." Ele respira fundo e balança a cabeça, finalmente removendo o pano do meu pé. O sangramento parou, mas eu não me mexo. Ele mantém um aperto no meu tornozelo. "Eu não sabia que era você antes disso. Se eu soubesse... nunca te deixaria ir, Sid. Eu nunca deixaria Lúcifer ter você.” O líder do nome do Unsaints sai como um rosnado. “Lúcifer era o pior de nós. E eu estava com tanta raiva. Tão zangado que eu deixei você chegar lá. Isso me levou tanto tempo.”

Mordo o lábio, lágrimas brotando nos meus olhos. Escovo minha mão com força sobre o rosto, tentando segurar elas. Ele havia disparado uma arma logo acima da minha cabeça, ontem à noite. Estou procurando o truque nisso, porque a verdade é que... quero que o que ele esteja dizendo seja

verdade. Eu quero um irmão mais velho. Um real. Um que se importa. Um que não permite que homens como Kristof ponham suas mãos imundas em mim.

"E eu dediquei tudo a você," ele está dizendo. “Eu a castiguei com os corpos e a morte porque fiquei aterrorizado por você, se você não tivesse cuidado. Estou com medo de que eles venham te buscar. Eles nunca perdoam. E coloquei toda a dor que senti por você, todo o arrependimento que sentia por você e apenas o libertei. Em você.”

Seus olhos estão brilhando. Eu nunca vi meu irmão chorar. Eu nunca o vi chegar perto disso. Mas seus olhos verdes estão brilhando com lágrimas. Ele acaricia meu tornozelo novamente, puxando o lábio entre os dentes antes de soltar um suspiro instável.

"Sinto muito, Sid. Não quero que as coisas sejam assim."

Eu não consigo falar. Eu não sei o que dizer. Percebo que minhas mãos estão tremendo e as cerro em punhos. Eu apenas olho para Jeremiah, tentando encontrar o truque. A surpresa desagradável. Mas seu rosto está aberto, desprotegido, provavelmente a única vez em toda a sua vida.

Ele lentamente coloca meu pé no chão e depois se levanta, cruzando o espaço na banheira entre nós. Ele se ajoelha diante de mim, entre as minhas pernas, as mãos nas minhas coxas. Ele não sabe disso, mas sua mão cobre a cicatriz branca e pérola que Lúcifer havia me dado. Talvez ele saiba disso. Talvez ele não queira pensar sobre isso.

“Eu te amo, Sid. Eu sempre te amei. E eu senti sua falta todos os dias que estávamos separados.” Suas mãos apertam minhas coxas, gentilmente. "Quero que sejamos diferentes."

Balanço a cabeça. "Por quê?" Eu resmungo. "Porque agora?"

“Ontem à noite eu apontei uma arma para sua cabeça, para lhe ensinar uma lição. Para mostrar os monstros que estão fora dessas paredes. Mas eu era a porra do monstro noite passada. Sinto muito, Sid.” Ele estende a mão, coloca ela delicadamente na parte de trás do meu pescoço e me puxa para ele. Eu pressiono minha sobrancelha contra a dele, olhando para ele.

Meu irmão lindo e frio. Chorando aos meus pés.

Eu aceno, meu lábio tremendo. "Certo," eu consigo dizer. "Tudo bem. Vamos fazer isso de forma diferente."

E então não consigo mais segurar as lágrimas e, pela primeira vez na minha vida, choro no ombro do meu irmão.



O próprio Jeremiah cuida do copo na varanda. E é Jeremiah, ao meu lado, quando ele segura uma arma nas mãos, apontada para outra pessoa completamente quando estamos na sala de reuniões. Eu geralmente não venho aqui. Jeremiah me liga depois que um cadáver é criado. Antes de um, ele chama seus homens aqui. Eu não tenho parte nisso.

Mas ele me chamou aqui hoje de manhã, depois que eu tomei banho e enfaixei o pé. Ele me ligou para ver ele cuidar de alguém.

Eu não sabia o que esperar quando me sentei em frente a Nicolas na mesa. Brooklin estava sentada à cabeceira da mesa, uma perna cruzada sobre a outra, parecendo entediada. Mas ela realmente me deu um bom dia, o que nunca aconteceu antes nos seis meses em que vivemos sob o mesmo teto enorme.

Eu apenas inclinei minha cabeça em resposta, mas era alguma coisa. Eu não sabia que tipo de epifania Jeremiah teve ontem à noite, ou se Nicolas havia dito algo a ele, ou se ele usava drogas. Eu gostei, mas isso me deixou desconfortável. Eu senti como se estivesse andando em casca de ovo. Como qualquer coisa que eu fiz de errado, o decepcionaria e faria tudo desaparecer.

E agora, sinto como se estivesse prendendo a respiração.

Três guardas, incluindo Trey, estão ao redor da sala, mas Jeremiah está apontando uma arma para seu melhor guarda.

Kristof.

Kristof está vestindo um terno, sua própria arma no quadril, e ele mantém suas mãos enormes em submissão, balançando a cabeça, lançando seus olhos para mim e de volta para a arma enquanto ele tropeça em desculpas.

"Sinto muito," ele está dizendo, "não quis machucar ela. Você me disse... você me disse que ela era minha durante a noite..."

"Eu não disse para você estuprar ela," Jeremiah responde friamente. Seu olhar passa para o meu. "Olhe para a garganta dela," ele ronrona. "Me diga o que você vê."

Kristof faz. Ele não está surpreso, é claro. Mesmo com o capuz que uso agora sobre meu short jeans, as contusões são, infelizmente, visíveis. Eu tinha pensado em enrolar um lenço no pescoço, mas depois pensei melhor. Não há necessidade de esconder ferimentos de guerra aqui nesta mansão.

"Entendo..." Kristof se interrompe, os ombros caídos, o rosto franzindo quando ele olha para o meu irmão. "Sinto muito, Rain, eu não quis..."

Eu reviro meus olhos. Todos nós sabemos que ele realmente queria. Todos sabemos que ele também teria terminado o trabalho, mesmo depois que eu o esfaqueei, se meu irmão não tivesse intervindo. Mas não sei qual é o próximo passo de Jeremiah. Ele é um assassino. Se ele puxar o gatilho, não ficarei surpresa. Mas fazer isso na frente de todo mundo assim... parece precipitado.

Ele suspira, mas ainda aponta a arma para Kristof. Todos na sala parecem nervosos. Até a coxa de Nicolas está pulando para cima e para baixo debaixo da mesa. A única que parece não se importar é Brooklin, olhando para as unhas bem cuidadas como se mal pudesse esperar para dar uma aula de

classe ou um compromisso de depilação ou aparar o corte de duende ou algo assim.

"Sid, o que você acha que eu deveria fazer?" Jeremiah me pergunta, seus olhos treinados em Kristof.

Eu me mexo no meu lugar. Que porra é essa? "Eu não sei, Jeremiah. O que você achar melhor."

Seus lábios se contraem em um sorriso e vejo Nicolas morder o lábio. "Mas o que você acha que é melhor?"

Eu considero a pergunta. O que eu acho melhor? Obviamente, Kristof é um pedaço de merda. Mas assim como todas as pessoas nesta sala, por diferentes razões, inclusive eu. Nenhum de nós é santo. Nós somos o oposto dos santos. Todos estamos inseguros, se somos ou não o criador da Sociedade dos 6.

Eu tamborilo meus dedos na mesa. "Deixe ele viver," eu finalmente digo.

Nicolas exala na minha frente e acena com a cabeça em minha direção, como se eu tivesse feito a escolha certa. Acho que até os que não são santos têm algum tipo de código moral distorcido.

"Sério?" Jeremiah pergunta, parecendo surpreso. Mas ele ainda não me olha. Ele está gostando de ver Kristof se contorcer. Eu acho que deixar Kristof viver pode representar um problema para o meu irmão no futuro. Kristof ficará ressentido com este pequeno ato. Ele começará a odiar

Jeremiah, se já não o fizer. Isso pode não ser um bom presságio para o meu irmão.

Mas para agora...

"Por que não?" Pergunto. “Deixe ele viver. Vamos seguir em frente por enquanto."

Acho que por uma fração de segundo Jeremiah vai puxar o gatilho de qualquer maneira. Sua boca é pressionada em uma linha fina enquanto ele olha para Kristof, e Kristof realmente choraminga, se encolhendo como se estivesse se preparando para morrer.

Mas então Jeremiah abaixa a arma.

"Por enquanto," ele concorda, afastando a arma. "Mas se você tocar em minha irmã novamente," ele olha ao redor da sala agora enquanto ele fala, "se algum de vocês tocar em minha irmã, eu vou explodir sua cabeça."

O silêncio cumprimenta suas palavras.

Eu sorrio. "Vamos começar?" Eu pergunto, inclinando minha cabeça. Certamente, há outra coisa pela qual todos viemos aqui.

Jeremiah assente e lança um sorriso em minha direção. Então ele se senta em frente a Brooklin, no outro extremo da mesa. Kristof tenta recuperar a compostura, puxando o blazer enquanto ele se posiciona na parede. Ele olha para os pés.

"Vamos começar," Jeremiah ecoa. Ele olha para mim. "Eu tenho outro emprego para você, antes da sua grande noite de Halloween. Se você quiser."

Paro de bater os dedos, coloco as palmas das mãos na mesa. "Oh?" Eu pergunto, tentando manter minha expressão entediada. Desinteressada. Mas algo torce no meu intestino. Algo está me avisando que não vou gostar do que meu irmão tem a dizer a seguir.

Jeremiah assente, esfrega as mãos. "Um dos nossos homens foi morto esta manhã." Ele dá essa informação sem um pingo de emoção.

"Qual cara?" Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. Claramente alguém que eu não conheço. "Não importa. Um corredor." Para drogas. "E a remessa foi roubada, além da fronteira." México. Não sei muito sobre os trabalhos de Jeremiah, fora daqueles que ele me mostrou o resultado, mas sei o que essas palavras significam. Eles significam guerra.

"Quem fez isso?"

Ele me dá um sorriso. "Lúcifer. Os Unsaints."

Meu coração afunda. Mas eu tinha visto Lúcifer na noite passada. E embora nem Nicolas nem meu irmão tenham se incomodado em me perguntar para onde eu fui quando saí, tenho certeza de que eles podem ter uma ideia.

"O próprio Lúcifer?" Eu pressiono. "Qual deles?"

Jeremiah balança a cabeça. "Um dos demônios," ele responde facilmente. "Uma das pessoas deles."

Eu engulo. "Certo," eu digo. "O que você quer que eu faça?"

Jeremiah troca um olhar com Nicolas. “Encontre o bebê dele. Encontre a garota dele.”

Eu espero, prendendo a respiração.

“Mate a garota. Mate todos os malditos Unsaints se você os encontrar também.”

Esse filho da puta. Não é de admirar que ele tenha jogado a carta do irmão mais velho antes. Não é à toa que ele apontou uma arma para a cabeça de Kristof. Ele queria me mostrar que faria qualquer coisa por mim e, por sua vez, eu deveria estar disposta a fazer qualquer coisa por ele. Mas o que ele não sabe, o que ele não parece entender, é que eu estou tão fodida quanto ele. Tão cruel.

"Certo," eu digo, levantando um ombro em um encolher de ombros preguiçoso. "Me diga onde eles estão."

O silêncio cumprimenta essas palavras. Até a boca de Brooklin se abre e eu vejo o chiclete rosa brilhante em sua língua. Mas ela não se atreve a dizer uma palavra.

Jeremiah, por sua vez, parece impressionado. Ele assente, como se estivesse confirmando algo para si mesmo. "Você se encontrará com Nicolas por volta do meio-dia, ele fornecerá todas as informações."

"Eu tenho que esperar o Halloween fazer isso também?" Pergunto.

Jeremiah balança a cabeça. “Temporada aberta.” Ele se levanta, empurra a cadeira e pressiona as pontas dos dedos na mesa, se inclinando. "Tudo bem, vamos lá," diz ele, olhando para Nicolas. Ele olha para Brooklin e depois limpa a garganta.

Seu olhar desliza para mim.

"Antes de se encontrar com Nicolas..." Ele acena com a cabeça em direção a Brooklin. "Você terá um brunch com ela."

Eu endureci, meus olhos passando de Brooklin para o meu irmão e voltando novamente. "Por quê?" Eu pergunto, olhando para ela.

Ela ri. É falso.

Eu me forço a encarar meu irmão. Ele nunca tentou fazer eu e Brooklin gostar uma da outra quando a trouxe para casa seis meses atrás. Por uma boa razão. Eu não queria ser amiga dos brinquedos dele. Eu ainda não quero.

"Ela vai lhe contar tudo sobre os Unsaints, mana."

Eu acho que posso desmaiar. Eu o persegui com perguntas sobre eles nos primeiros meses em que estive aqui. Nicolas também. Eles não me diziam nada. Eu sabia que Jeremiah sempre fora do lado de fora, os Unsaints não se importaram que ele não tivesse chegado ao sanatório Raven

Shores para o Juramento da Morte. Eles não esperaram por ele. E Lúcifer o ameaçara no parque, no carrossel. Eu também sabia que meu irmão não havia nascido aqui. Como ele havia entrado na gangue, eu ainda não sabia. Ninguém responderia nada para mim.

Como diabos Brooklin saberia?

Ela sorri para ele, e noto que não parece falso.

Ela fica de pé, com o vestido estampado de guepardo abraçando os quadris e se aproxima da porta, soprando um beijo para o meu irmão. Então ela olha para mim. Esperando.

Os olhos de Nicolas e Jeremiah também estão em mim, junto com os dela.

Não acredito nisso, mas sou muito gananciosa para obter informações para discutir com meu irmão. Eu fico com as pernas bambas e atravesso a sala. Brooklin empurra a porta e a segura para mim.

Eu aceno a ela e saímos juntas, um guarda que não é Kristof atrás de nós.

A porta bate fechada.

"Você quer beber antes de ouvir essa merda?" Brooklin me pergunta. Provavelmente, a maioria das palavras que ela já falou comigo ao mesmo tempo.

Eu engulo, abro minha boca. Fecho.

Então eu aceno.

"Eu quero mais de um," eu digo, e juntas, vamos para o bar.

Capítulo Dezesseis



Presente

Eu viro a minha segunda dose de uísque.

Brooklin toma um gole de algo roxo brilhante e gira o canudo de papel em seu copo. Dissemos três palavras uma para a outra desde que estamos sentadas aqui, e estou esperando que ela chegue ao ponto. Para me dizer o que eu quero ouvir para me afastar dela. Não é justo para ela, meu constrangimento em relação a outras mulheres. Não é justo para as mulheres em geral. Mas aqui estamos nós.

Faço um sinal para o barman, Monica, para outra bebida. Monica balança a cabeça, os lábios puxando um sorriso.

Ela o traz para a mesa, coloca para baixo e cruza os braços sobre o peito. "Vocês Rains, são exatamente o mesmo," diz ela.

Tanto eu como Brooklin a encaramos.

Eu me cerco contra essas palavras. Ela coloca uma mecha de cabelo cor de mel atrás da orelha, um pedaço que caiu do seu rabo de cavalo baixo. Ela empurra a bebida em minha direção. Suas mãos estão apoiadas na mesa enquanto eu bebo a dose, saboreando a queimadura, ciente de que ela e Brooklin estão me observando.

"Não, não somos," eu respondo, batendo o copo na mesa.

Ela arqueia uma sobrancelha, recoloca os braços. Ela provavelmente está na casa dos trinta, se isso. Não tenho ideia de como ela veio trabalhar para Jeremiah. Não sei como a maioria do pessoal dele trabalha para ele, mas acho que todos tínhamos uma coisa em comum: éramos perdidos. Ele nos arrancou das ruas e nos colocou nessa prisão chique.

"Olhe em volta, Sid," Monica diz, olhando ao redor para o bar vazio, encontrando o olhar de Brooklin brevemente. “Seu irmão é o mesmo. Bebidas nos piores momentos.”

"Pior?" Eu pergunto, balançando a cabeça. "Não existe tal coisa."

“Concordo,” Brooklin diz, olhando para as unhas e tomando um gole de sua bebida roxa. Ela tem um corte de duende loiro descolorido e o agita com a mão, os olhos azuis voltando para Monica.

Monica sorri e seus olhos brilham com esse sorriso. Ela poderia ser algo mais do que o barman do meu irmão, se ela quisesse ser. Eu sei que ela, como todo mundo aqui, é bem

paga. Mas ainda assim, ela é linda. Ela poderia ser uma modelo. Uma atriz.

Mas talvez ela não quisesse nada disso.

"Você não pode fugir de seus demônios em uma garrafa, Sid," diz ela calmamente. Ela se vira para Brooklin. "Isso vale para você também."

Eu franzo a testa. "Quem disse que estou correndo?" Giro o copo, observando ele pegar as luzes baixas do bar.

"Apenas corredores se afogam."

Eu suspiro. "Você nunca ouviu falar do Ironman? Essas pessoas provavelmente implorariam para discordar."

Ela revira os olhos e dá um tapa no pano de limpeza que estava em seu ombro na mesa entre nós. "Você sabe o que eu quis dizer," ela brinca.

Eu dou de ombros. "Talvez."

Ela pisca para mim e se vira, voltando para o bar.

As três doses me aqueceram. Coloco minhas mãos na mesa e me inclino em direção a Brooklin, que toma um gole de sua bebida. Ela está apenas na metade do caminho. Ela precisa se apressar.

"Me diga," eu exijo. "Conte sobre os malditos Unsaints antes que eu perca a cabeça."

Ela mastiga o canudo, lambe os lábios carnudos e depois se recosta na cadeira. Ela usa brincos gigantes de argola de

prata e brinca com um agora. Ela é linda, o que não é surpresa. Meu irmão tem um tipo.

Ela finalmente suspira, cruza os braços. "Os Unsaints são realmente donos de Alexandria," diz ela, ecoando as palavras de Ria de um ano atrás. Eu não digo nada. Eu quero ouvir tudo. Ela olha pela janela, para o gramado bem cuidado nos fundos da mansão Rain. "Filhos da Sociedade de 6." Ela encolhe os ombros, ainda não olhando para mim. “A Sociedade é feita de todos os tipos de pessoas ricas. Presidente de um conglomerado de investimentos, CEOs de empresas de bilhões de dólares, herdeiros de fortunas que a deixariam de joelhos. ” Ela balança a cabeça. "Realmente não importa. As crianças são piores que os pais.”

Giro os resíduos do meu copo. Não há realmente nada lá, exceto algumas gotas de uísque, mas tenho vontade de lamber tudo. Eu resisto.

"Como você sabe tudo isso?" Pergunto a Brooklin. Obviamente, há coisas que não sei sobre meu irmão, mas não consigo imaginar que ele tenha dito isso a ela.

Ela encontra o meu olhar. "Eu sou irmã do Mayhem."

Eu paro de brincar com meu copo. "O quê?" Pergunto a ela, com certeza a ouvi errado.

Ela suspira, bate as unhas perfeitamente cuidadas na mesa. "O Mayhem é um dos Unsaints."

"Eu sei quem ele é," eu digo, ignorando sua explicação. Ela parece surpresa que eu saiba, mas não diz nada. Eu me

pergunto o que meu irmão disse a ela sobre como ele me encontrou. "Mas você... então por que diabos você está aqui?"

Ela faz uma careta. "Mayhem e eu nos amamos muito menos do que Jeremiah e você."

Ou seja, eles devem realmente, realmente se odiar.

Eu arqueio uma sobrancelha, esperando que ela continue.

"Ele é meu irmão mais velho. Eu estava sempre tentando seguir ele pelas cerimônias Unsaints. Eu fui à Morte do Amante uma noite, quando eu tinha quinze anos, ele tinha dezessete. Eu escapei, segui ele até o parque." Ela para, trabalhando o lábio entre os dentes. Eu me pergunto se a história dela é tão fodida quanto a minha. "Fui pega com Atlas, fiz o Juramento da Morte. Mas eu usava uma máscara, cobri todo o meu rosto. Atlas não sabia que era eu, a irmã do irmão de sangue dele." Ela balança a cabeça e suspira, olhando para o teto. Fico maravilhada com o quanto meu irmão está passando para ela.

E então percebo por que meu irmão a mantém por perto. Ela provavelmente é uma benção de informações.

"Quando Atlas descobriu, depois que ele, hum, tirou minha máscara, ele disse ao Mayhem imediatamente." Ela fecha os olhos. "O Mayhem perdeu a merda," ela sussurra. "Bateu na porra do Atlas naquele carrossel em Raven Park. Seu sangue estava por toda parte. Então Mayhem disse ao meu pai. Meu pai... ele me expulsou."

Sinto raiva passar por mim em seu nome. Penso na história de Ria, sobre o carrossel. Acontece que era verdade. "O quê?" Eu pergunto, batendo minhas palmas na mesa. "Por quê?"

"As meninas não são permitidas nos Unsaints. Eles são como... os masons, sabia?" Ela pergunta, olhando para mim novamente. Ela leva a bebida aos lábios, mas não toma um gole. "E para eu ser manchada por um..."

"Manchada?" Eu cuspi, com raiva novamente. "Que porra é essa?" Vejo Monica olhando para nós de trás do bar, onde ela está esfregando um local limpo. Mas o que mais ela deveria fazer? É um bar vazio. E tenho certeza que não vou abaixar minha voz.

"Olha, Sid, eu sei que você era... uma acompanhante..." ela diz como se fosse uma palavra suja. "Mas minha família, os Astors, nós não... isso não é feito para meninas. Eles são da velha escola."

Engulo de volta a resposta irritada que tenho por isso, tentando simpatizar. Eu acho que não posso. "Mas isso não seria uma coisa boa, para você foder um dos Unsaints? Quero dizer, é um clube super-secreto para garotos ricos e malcriados. Seu irmão estava nele. Qual é o problema?"

"O problema é que ninguém fode a família de ninguém lá sem permissão. Forcei Atlas a fazer seus próprios juramentos acima do que tinha com Mayhenm."

Eu vejo lágrimas brilhando em seus olhos. Essa merda está fodida. Isso não faz sentido. Mas eu engulo tudo isso. Não adianta dizer agora. Ou Brooklin entende, ou ela não. Mas não adianta discutir com ela sobre alguma merda que sua família fez com ela.

"Onde meu irmão entra nessa foto?" Pergunto em voz baixa. É isso que eu realmente quero saber. Eu entendo que os Unsaints estão fodidos. Eu sei que eles gostam de juramentos de sangue. Eu sei que eles são misóginos. Eu só quero saber como Jeremiah Rain acabou andando com eles quando ele nasceu do outro lado do país. "Quero dizer, são todas as famílias da velha escola de Alexandria, certo?"

Ela assente, enxugando os olhos com as costas da mão. "Sim," ela funga, tomando um gole de sua bebida, em seguida, pousando ela, girando o copo. “Sim, eles são. Mas a última família adotiva de seu irmão era daqui. Eles eram mais ricos do que todos os outros, exceto a família de Lúcifer.” Seus olhos se voltam para os meus com o nome dele. Eu não comento. Claro, Lúcifer seria a foda mais rica entre eles.

"Ele realmente os matou?" Eu pergunto. Porque se meu irmão matou uma família tão rica, não tenho ideia de como ele não está na prisão.

Chocando a merda fora de mim, ela assente. “Ele os matou. E as crianças de sangue.”

Minha boca se abre. "O quê." Não é realmente uma pergunta.

“Quando ele tinha dezessete anos. Eles o deixaram trancado por duas semanas naquele momento,” ela explica, e meu sangue esfria. “Mas não os filhos deles. Eles simplesmente não gostavam dele. Talvez porque ele estivesse sempre tendo problemas na escola. Má atitude.”

Ela ri um pouco disso, e eu também. Eu nem sei o porquê. Não é divertido. Meu coração está doendo pelo meu irmão, mas não consigo parar de rir de qualquer maneira.

“Uma das meninas, as duas eram mais velhas que ele, a propósito, dezenove anos e vinte anos, o deixaram sair, e ele pegou uma arma no quarto de seu pai adotivo e atirou em todos eles.” Ela encolhe os ombros. “O testamento considerou que ele receberia o dinheiro, porque a família era burra e nunca o atualizou. Apenas iria para as crianças restantes, incluindo ele, distribuídas uniformemente. Ele foi o único que restou. Ele contratou um bom advogado. Defesa pessoal. Nem foi a julgamento. Porque é isso que esse tipo de dinheiro pode fazer."

"E os Unsaints o deixaram entrar depois disso?"

Ela ri. "Você está brincando comigo? Eles matariam para ter ele. Eu já estava nas ruas então...”

"Na porra da rua?" Pergunto confusa. Eu sabia que ela disse que seu pai a expulsou, mas...

Ela assente, o lábio tremendo de novo. Este é claramente um ponto dolorido para ela. Eu não posso culpar ela. "Sim,"

diz ela, "eles me retiraram fora do testamento e me deram alguns milhares para um hotel, e é isso."

Eu soltei um suspiro. "Uau," eu digo, chocada. "Continue."

Ela franze a testa, mas faz. “Os Unsaints o queriam. Todos eles mais ou menos odeiam seus pais. Eles acharam que o que ele fez foi legal. Mas, obviamente, ele estava sempre do lado de fora olhando. Mesmo que ele estivesse lá há alguns anos quando você apareceu, ele ainda não era um deles. Essas crianças cresceram juntas. Eles começaram os Unsaints quando eram apenas crianças, e seus pais o apoiaram. Incentivado, até. Então Jeremiah não se encaixou bem. E você... bem... quando ele viu o que Lúcifer fez com você..." Ela abaixa a voz, como se isso fosse tirar a porra do buraco no meu coração. "Ele não aguentou mais. Ele saiu depois daquela noite. Ele não tinha nada a ver com eles. Ele já tinha esse lugar, já tinha seu povo que era leal a ele e não aos Unsaints. Ele se tornou a Ordem da Rain e," ela encolhe os ombros, "aqui estamos nós.”

Sento em silêncio, deixando tudo digerir.

Isso não faz sentido.

Ainda existem coisas que não entendo.

“Por que eles estão vindo atrás dele? Atrás de você?” Eu pergunto, gesticulando em sua direção. Descobrir que Mayhem é o irmão dela que me surpreende. Isso piora pela casa dela.

"Estou surpresa que eles demoraram tanto tempo. Mas você não pode deixar uma gangue assim e sobreviver para contar a história, Sid. Eles vieram para mim como um aviso. Eu conheci Jeremiah em um de seus clubes. Eles deveriam ter olhos e ouvidos por toda a cidade. Eles *têm* olhos e ouvidos por toda a cidade. Estou morta para o Mayhem. Ele não perderia o sono depois de incendiar minha casa."

Preciso de outra bebida, mas estou momentaneamente sem palavras. Um culto de cretinos ricos que são leais um ao outro por uma falha, mas abandonam sua verdadeira família por algo tão ridículo quanto sexo e juramentos inventados na noite de Halloween.

Eu bato meus dedos na mesa, olhando para nada em particular.

"Sid?" Brooklin sussurra.

Inclino minha cabeça na direção dela, me perguntando que nova onda de informações está chegando.

"Se você machucar Julie..."

"Eu não vou machucar Julie." Meus olhos se voltam para Brooklin. "Eu vou matar ela."

Brooklin recua visivelmente. Ela pode ser a irmã separada de um Unsaints e o brinquedo atual de meu irmão, mas ela claramente não é adequada para esta vida, mesmo depois do que sua própria família fez com ela.

"Se você fizer isso, Lúcifer e o resto deles virão atrás de você."

Eu lanço um sorriso para ela. "Espero em Deus que o façam."

Capítulo Dezessete



Halloween, um ano atrás

A primeira coisa que sinto é a dor.

Minha cabeça está girando, minha boca está seca, minha língua gruda no céu da minha boca. E minhas pernas doem. Eu tento abrir meus olhos, mas eles são incrivelmente pesados, é preciso um esforço hercúleo.

Quando finalmente consigo abrir eles, fecho eles novamente, imediatamente.

A luz está muito brilhante.

Registro que estou deitada no chão da floresta. E tudo da noite anterior volta correndo para mim em ondas dolorosas.

A arma no meu quadril, agora se foi. A caminhada do meu apartamento. Meu plano que foi rasgado em pedaços. Lúcifer. A boca dele. A língua dele. A faca. A voz dele. O cheiro dele.

Os Unsaints.

A garota grávida.

Ria.

O fogo.

O rum.

O sanatório.

O Juramento da Morte.

Oh Deus.

Eu tento abrir meus olhos novamente, mas então sinto algo cavar ao meu lado.

"Bom dia, bela adormecida."

Eu reconheço a voz, e o medo ondula através de mim. Eu preciso me mover. Eu preciso me levantar. Mas não posso. Tudo machuca. Eu cerro os dentes e me empurro, rolando de costas, para que eu possa pelo menos ver.

Um homem está em cima de mim.

Não é Lúcifer.

"Lúcifer," eu sussurro de qualquer maneira, esperando que ele saia das árvores. Certamente, ele ainda está aqui. Ele me prometeu que estaria aqui.

Engulo o nó seco da garganta e sinto o gosto de sangue. Gostaria de saber se é meu, ou dele.

O céu está rosa e azul acima de mim, e eu tremo. Só então, quando uma brisa atinge meu peito, percebo que não estou usando nada. Minha roupa está em frangalhos no chão ao meu lado, e até minhas botas foram arrancadas. Não sinto o peso dos chifres na cabeça e minha mão voa para o meu rosto, mas não sei o que estou procurando.

Contusões? Cortes?

O homem parado em cima de mim sorri. Isso arrepia meu sangue.

Eu o conheço.

Jeremiah.

Aquele que me seguiu ontem à noite. Aquele que Lúcifer me tirou.

"Você está inteira," ele canta. "Mas mal." Ele está usando um agasalho de capuz, mas o capuz está fora de seu rosto agora. Eu olho para ele, tentando pensar. Tentando juntar os pedaços do que aconteceu ontem à noite.

Mas a única coisa que lembrei depois de fazer promessas a Lúcifer é... desmaiar. Eu apaguei. Não sei se ele sabia disso. Eu sei que às vezes as pessoas não sabem. Não é o mesmo que desmaiar. Não tenho ideia do que aconteceu depois disso. Mas estou nua. Eu me sinto suja.

O homem que está em cima de mim parece sentir minha confusão. Ele se agacha ao meu lado e agarra minha mão. Deixei que ele segurasse, mas não recuo.

"Você se lembra de mim?" Ele pergunta.

Eu forço um balançar a cabeça, puxo minha mão da dele. Para me cobrir. Mas então eu vejo os olhos dele.

Verde pálido, como o jade mais leve. Como uma folha de grama nova. E o cabelo dele, escuro e grosso. Sobrancelhas pesadas, perfeitamente arqueadas, como as minhas.

Mordo um suspiro.

"Jamie?" Eu sussurro. Minha garganta dói com o nome dele, mas preciso que ele me diga que é verdade. Eu preciso saber.

A mão do meu irmão na minha aperta. Mas uma sombra cruza seu rosto. “Sim, Sid. Sim."



Ele me carregou para fora longe do sanatório em seus braços. No começo, ele teve que me arrastar para longe. Eu tinha me esforçado para ficar, procurando por Lúcifer. Lutando. Mas há apenas Jamie e dois guardas com ele, o último, felizmente, tem roupas para eu vestir. Eu usava de bom grado o agasalho e a calça de moletom, olhando os restos que restavam da minha roupa no chão da floresta.

Mas eu não queria ir embora.

Há sangue em pedaços de grama e sujeira no chão. Não sei se é meu, ou de Lúcifer, ou de Jamie. Meu irmão não me contou nada. Eu bati nas costas dele quando ele me jogou por cima do ombro, como se eu não fosse nada. Eu tinha procurado a arma. Pela entrada do sanatório. Para qualquer coisa para me dizer que a noite passada tinha sido real. Que não tinha sido um sonho. Uma alucinação. Mas eu não vi nada. Estávamos no meio da floresta. Não havia nada para confirmar que alguma coisa havia acontecido na noite passada, exceto pelo fato de alguém ter cortado minha roupa.

Me lembro de Lúcifer fazendo isso. Me lembro dele em cima de mim. E eu tinha visto o corte na minha coxa, que estava manchada de sangue.

Isso tinha sido real.

Mas o que mais? O que mais aconteceu? Como Jamie me encontrou? Depois de todo esse tempo... quatorze anos. Durante uma década, um país inteiro foi colocado entre nós.

Jamie não diz nada.

E ontem à noite, eles o chamavam de Jeremiah. Também ouço um dos guardas chamar ele assim.

Ele não diz nada. Ele não oferece explicação. Em vez disso, ele me leva para o hotel, me coloca na banheira, tira as minhas roupas novas e me esfrega. Eu grito com ele. Cubro meus seios com as mãos. Mas ele é clínico, metódico, me esfregando com uma bucha. Ele não falou uma palavra, mas

quase arrancou minha pele. Estou cor de rosa quando ele terminou comigo.

Seus olhos permanecem no corte na minha coxa, mas ele não pergunta sobre isso.

Ele me puxa para os meus pés, me seca com uma toalha e me coloca em um roupão branco. Então ele me senta em uma cadeira de couro em um quarto de hotel e começa a andar na minha frente.

Um de seus guardas entra e me oferece um copo de água. Eu quero jogar de volta na cara dele. Eu quero gritar no topo dos meus pulmões. Mas, em vez disso, pego a água e bebo, depois coloco o copo na mesa de café.

O guarda olha para Jamie, que lhe dá um breve aceno de cabeça, e então ele sai.

Jamie para de andar.

Ele cresceu. Quando estávamos separados, ele era um menino. Oito anos de idade. Agora ele é um homem. De ombros largos, musculoso, ainda vestido com moletom e calça jeans escura. Sua mandíbula tinha dobrado para fora, seu pescoço estava preso com músculos.

"Como você me encontrou?" Pergunto a ele. Eu quero gritar com ele, mas não tenho forças. Não consigo me levantar. A humilhação lava sobre mim em ondas. Do jeito que ele me encontrou, do jeito que ele me esfregou como se eu fosse impura. Para o fato de que Lúcifer me deixou. Ele me quebrou e depois me deixou.

Jamie inclina a cabeça para olhar o teto. O hotel tem que ser um cinco estrelas. Eu já vi isso antes, além de uma colina passando pelo meu apartamento. Mas nunca me perguntei sobre isso. Encontrei clientes em minha casa ou na deles, mas não frequentava hotéis. Eu queria os lucros. Eu precisava deles. Além disso, a maioria dos meus clientes não podia pagar um hotel e meus serviços. Eles tiveram que escolher um, o que era bom para mim.

O que eu não entendo sobre esse lugar é que... Jamie parece ser o dono.

"Eu procurei por você," ele finalmente diz, o peito arfando enquanto ele olha para mim. Olha para mim. “Eu procurei por você por muito, muito tempo, Sid. Onde diabos você esteve?”

E isso me leva a meus pés. Eu pulo para ele, meu dedo cutucando seu peito. "Onde diabos você esteve?" Eu rosno, raiva iluminando minhas veias. “Onde diabos você esteve, Jamie? Você deveria cuidar de mim! Você era meu irmão mais velho! Onde diabos você esteve? Como você me achou?"

Ele pega meu pulso na mão e o abaixa entre nós. "Não faça isso."

"Não faça o quê?" Eu assobio. Tenho dezenove agora e ele tem vinte e três. Mas naquele momento, eu me sinto como sua irmã mais nova, com cinco anos e gritando seu nome quando os serviços sociais nos separaram. Nós nunca voltamos juntos.

Não até agora.

"Não me culpe," diz ele, balançando a cabeça. Ele ainda está segurando meu pulso na mão. "Não faça isso." Sua expressão parece... angustiada. Um pouco da raiva no meu peito derrete. Isso se transforma em tristeza. “Onde você estava, Sid? Todo esse tempo?"

Eu fecho meus olhos. Ele me puxa para mais perto dele, e quando encontro seu olhar novamente, estamos perto o suficiente para compartilhar a respiração. “Fui transferida para cá, logo depois que estávamos... logo depois que fomos separados. Então eu...” engulo, imaginando como diabos resumir quatorze anos brutais em uma frase. “Eu andei ao redor. No ano passado, aos dezoito anos, abandonei o ensino médio e me mudei. Tenho meu próprio lugar.”

Os olhos dele escurecem. "Eu estive procurando por você," diz ele calmamente.

"Estive aqui," respondo a ele. Não é exatamente verdade. Eu me mudei de Raleigh para Alexandria quando saí da casa dos meus últimos pais adotivos. Uma casa em que fiquei apenas seis meses antes de abandonar a escola. Eles queriam o dinheiro extra que receberiam do governo por me dar um quarto do tamanho de um armário para ficar. Mal me lembro dos nomes deles. "Como você me encontrou?" Pergunto novamente.

Mas não é o que eu realmente quero saber. O que eu realmente quero saber é algo mais profundo. Onde está Lúcifer? O que aconteceu comigo à noite? Não havia sinal da

festa quando saímos, mas eu vi a fogueira a caminho do parque, surpreendentemente queimada em nada. Não tinha sido um sonho. O corte na minha perna...

Mas todo o meu corpo ainda dói, como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Há hematomas por todo o lado.

"Eu preciso saber o que aconteceu ontem à noite," eu finalmente sussurro. "O que aconteceu comigo?" Engulo o nó na garganta. "Por que você estava com eles?"

Ele solta meu pulso e acho que ele se afasta de mim. Eu acho que ele vai me deixar de novo. Mas, em vez disso, ele passa os braços em volta de mim e me puxa para seu peito duro.

Eu resisto, a princípio, enrijeço sob seu toque. Eu não descanso minha cabeça contra ele. A princípio não. Seu perfume gira em torno de mim, roupa fresca e perfume, mas algo mais também. Algo como fumaça. Fumaça de fogueira. Desde a noite anterior.

Quando ele descobriu que era eu? Quanto tempo ele me observou enquanto eu estava inconsciente?

Um soluço rasteja na minha garganta e eu desisto, descansando contra seu ombro, deixando ele me segurar.

"O que aconteceu comigo?" Pergunto novamente. "O que aconteceu comigo, Jamie?"

Ele me aperta mais forte, me puxando para mais perto, tentando me impedir de desmoronar.

"Sinto muito," diz ele contra o meu cabelo. "Sinto muito por não encontrar você antes."

Sei que, aconteça o que acontecer, será difícil ouvir. Talvez eu não queira saber. Não sei se vou querer saber.

Capítulo Dezoito



Presente

O almoço com Nicolas começa com bebidas. Eu já estou empolgada quando desço no banco em frente a ele em um dos restaurantes do hotel. Este lugar é realmente como sua própria aldeia, para os doentes, retorcidos e aflitos.

Mas Nicolas tem uma bebida esperando por mim, o que parece ser rum e Coca-Cola, e eu vou sofrer essa aflição a qualquer dia. Ele também tem água gelada, e eu aceno meus agradecimentos a ele por ambos antes de pegar o álcool.

"Você pode querer ir mais devagar, garota," ele me adverte. Quero dizer a ele que não sou uma criança, mas apenas tomo uma bebida.

Ele revira os olhos, descansa o antebraço na mesa. Ninguém veio para fazer nosso pedido ainda, e estou feliz. Eu

quero tirar isso do caminho primeiro. Então saberei se poderei comer sem vomitar.

Nicolas está vestindo uma camisa branca, mangas arregaçadas nos antebraços. Ele me dá um sorriso torto enquanto termino minha bebida e pego a água, mas o sorriso não encontra seus olhos.

"O que está acontecendo com você e Jeremiah?" Ele me pergunta.

A pergunta me pega de surpresa. Deixei a água gelada descer pela minha garganta, esfriando a queimadura do rum. "Por que você não perguntou isso a ele?"

Seus olhos se estreitam em fendas. "Eu fiz. Mas agora estou perguntando a você."

Eu me inclino para trás, pego o guardanapo de pano da mesa e o enrolo, colocando ele sobre o meu colo para fazer algo, mesmo que ainda não tenha comida a caminho.

Eu aperto minhas mãos no meu colo. "O que ele disse?"

Nicolas esfrega a mão no rosto. "Vocês dois são mais parecidos do que pensam," diz ele, gemendo. “Você é definitivamente irmão e irmã. Rain cem por cento e idiotas cem por cento.”

Eu rio alto. "Não somos parecidos," eu argumento. Eu não quero que sejamos iguais. Não podemos ser parecidos. Eu não acho que sou uma santa, por qualquer extensão da imaginação. Mas Jeremiah é pior que o próprio Satanás.

"Ele teria atirado em Kristof por você, esta manhã," diz Nicolas, subitamente sério, olhando para mim através de seus cílios loiros. “Ele o mataria naquela sala de reuniões e alguém queimaria o corpo. Você conhece isso?"

Aceno sua sugestão de que, de alguma forma, Jeremiah teve uma verdadeira mudança de coração em relação a mim. Eu quero que seja verdade. Mas ele apenas fingiu, para me fazer concordar em me livrar de Julie e os Unsaints. E Lúcifer, eu me lembro.

"Tanto faz. Ele apontou uma arma para minha cabeça na noite passada e puxou o gatilho. Ou você esqueceu disso?”

A expressão de Nicolas é séria. "Não," diz ele, sua voz cortada. "Eu não esqueci. E eu não vou. ” Ele se inclina para a frente, os dois cotovelos na mesa. "Mas também não acho que Jeremiah se esqueça. Eu acho que ele se arrepende.”

"Foi isso que ele disse?" Eu pergunto, sabendo que ele não tinha.

Nicolas não desvia o olhar de mim. "Não," ele responde com sinceridade. “Mas eu o conheço. Mais que você. Mais do que quase qualquer um. Ele se arrepende. E ele lamenta ter colocado você nessa posição, para fazer algo que ele sabe que vai machucá-la."

"Uau," eu interrompo, balançando a cabeça. "Quem disse que vai me machucar?"

Nicolas se inclina para trás e limpa a garganta. “Jeremiah conhece Lúcifer. Ele foi quem encontrou você, lembra? Ou você esqueceu?”

"Ele não sabe o que aconteceu antes de me encontrar."

Eu nem sei o que aconteceu antes dele me encontrar. Me lembro de saber que meu irmão não era mais chamado de 'Jamie.' Que ele se transformou em Jeremiah. Me lembro de acordar no parque, nas profundezas da floresta, longe do sanatório. Meus olhos ardem com essa memória. Mas eu não sabia o que realmente havia acontecido.

Ninguém sabe.

Ninguém além de Lúcifer.

E ele fugiu, quando prometeu que não iria.

Eu empurro essa memória de lado. Não tenho tempo para pensar nessa merda agora. É tarde demais para arrependimentos, tanto de mim quanto de Jeremiah.

"Se ele se sente tão mal com isso," eu estalo, tentando limpar minha cabeça, "então por que ele está me fazendo fazer isso?"

Nicolas levanta as sobrancelhas. "Você realmente não sabe?"

Balanço a cabeça, meu temperamento aumentando. "Não, eu realmente não sei."

Ele suspira e faz um gesto no bar para outra bebida. Percebo que ele só tem água, mas não me importo. Eu posso

sair do controle. Jeremiah pode pegar os pedaços ou me deixar morrer. Qualquer um está bem comigo, desde que eu possa sair da minha própria cabeça.

O barman, um homem que eu mal conheço, deixa a bebida na mesa. Eu geralmente não venho aqui. Este é o lugar de Jeremiah e Nicolas. Geralmente reservado para os homens.

Tomo a bebida sem olhar para o homem, que se afasta.

"Porque ele quer deixar você ter sua vingança."

É preciso todo o autocontrole que possuo, que já é escasso, e não jogar essa bebida contra a parede.

"Foda-se isso," eu fervi. Tomo um gole, coloco na mesa, cruzo os braços sobre a mesa. “Foda-se isso. Você e eu sabemos que não é por isso que ele está fazendo isso. Ele está fazendo isso para me punir. Porque ele pensa, por alguma razão, que havia algo entre Lúcifer e eu. Mas ele não tem a menor pista. Nenhuma. Não havia nada entre nós. Então eu vou fazer esse trabalho," arranco minha franja dos meus olhos "e matar quem diabos ele quer que eu mate. Mas não ouse fingir que isso é para mim.”

Nicolas me observa com olhos encobertos. Eu estou respirando rápido, a raiva é como uma coisa viva no meu sangue. Não estou brava com Nicolas, não exatamente. Mas se ele realmente acha que meu irmão, conivente, manipulador e louco de merda, está me oferecendo essas mortes como vingança, ele perdeu a cabeça. Ele bebeu do suco de saquinho por muito tempo.

Quanto mais ele me observa, mais irritada fico. Até eu querer ficar de pé e sair. Mas ele deve sentir isso, porque ele finalmente abre a boca para responder a mim.

"Você esquece tão facilmente." Ele passa a língua sobre os dentes e olha para mim, como se estivesse se lembrando.

Como se eu tivesse esquecido. Como se eu pudesse esquecer. Deus eu quero. Eu quero esquecer tudo. Mais do que juntar as peças, mais do que lembrar dos buracos daquela noite, quero esquecer tudo.

"Você esquece que Lúcifer estuprou você."

Eu estremeço com essas palavras.

“Você esquece que ele deixou você nua, em um sanatório de loucos. Você esquece que ele não deu a mínima para você, sobre o que aconteceu com você. Ele usou você como um pedaço de lixo, Sid, e você não quer fazer ele pagar por isso? Porque eu quero.”

Eu zombei. "Você deixaria Kristof me estuprar," eu contradigo, minhas mãos enroladas em punhos.

Nicolas balança a cabeça. "Eu sabia que Jeremiah não deixaria isso acontecer," diz ele com firmeza. Como se ele acreditasse nisso. Eu com certeza não. "Ele não teria, e se eu tivesse pensado que sim, eu estaria lá para impedir isso sozinho."

Eu rio alto e baixo. "Você é um idiota."

Nicolas bate com o punho na mesa. "E você é uma menina estúpida, porra," ele rosna para mim, se inclinando sobre a mesa para entrar na minha cara. "Ele. Estuprou. Você. Seu irmão te salvou. Tudo o que você passou, tudo o que teve que fazer para sobreviver e ainda age como nada além de uma criança."

Eu tento acalmar meu temperamento. Eu tento inspirar pelo nariz, pela boca. Eu tento relaxar. "Se você está tão entusiasmado com isso, sobre defender minha honra, por que você não os mata?"

O punho de Nicolas se desenrola e ele se mexe na cadeira, segurando meu olhar firme, mirando. Pronto para furar meu coração. "Porque você precisa crescer, Sid. Jeremiah nem sempre estará por perto para te proteger. Um dia, você pode liderar a Ordem da Rain. Um dia, você terá que lidar com a merda que ele passa diariamente. Um dia," ele gesticula ao nosso redor, "isso pode ser seu. E se você vai se encarregar de algo assim, precisa crescer algumas bolas de merda."

"Eu não quero este lugar, Nicolas. O que você não entende disso? Eu estava pronta para morrer naquela noite antes de meu irmão me arrastar para fora do sanatório. Eu ainda estou! " Eu fico de pé, deslizo minha mão sobre a mesa, derrubando minha bebida no chão, o som de vidro quebrando perfurando a quietude do restaurante quase vazio. "Ele te disse isso?"

Nicolas está com tanta raiva que suas mãos estão tremendo. Eu sei que ele provavelmente quer me dar um soco

na cara. Eu quero fazer o mesmo com ele. Nunca brigamos fisicamente, desde as duas semanas que passei em uma cela e ele teve que forçar comida na minha garganta e roupas limpas no meu corpo todos os dias. Mas estou pronta para isso agora.

"Você nos disse," ele cospe, ficando de pé agora também, olhando para mim do outro lado da mesa. “Você nos disse, porra. Você gritou comigo todos os dias naquela cela que queria morrer. Que você tentou morrer. Que Lúcifer te salvou e você não queria ser salva."

Meu rosto queima com essa memória. Eu tinha esquecido convenientemente. Tudo depois daquela noite ficou borrado por muito, muito tempo.

“Lúcifer te ferrou, Sid. De mais de uma maneira. Eu sei o que Jeremiah pediu para você fazer esta manhã não é fácil, não importa o que você possa dizer em contrário. Ele também não espera que você siga tudo isso."

Minha boca cai aberta, um pouco da raiva saindo. "O quê?" Eu assobio.

Nicolas balança a cabeça e bate com o punho na mesa. "Obviamente, eu não deveria te contar essa merda. Mas matar todos os Unsaints? Você, que nunca matou ninguém na sua vida? Não, Sid, você não vai levar todos os cinco deles. Ele sabe isso. Mas ele quer que você pegue Julie antes de pegar Lúcifer. Deixar Lúcifer entrar em pânico. Para deixar Lúcifer receber parte do retorno que ele merece.”

Apesar de tudo, não consigo esconder meu sorriso com isso.

"E quem vai me ajudar a matar todos eles?"

Nicolas dá de ombros. "Nós vamos."

Mordo o lábio, mordendo de volta a dor. Dor que Nicolas não faz ideia de que está me causando. Como talvez eu não lembro do estupro, talvez não me lembre do pior daquela noite, mas lembro de nossas promessas. O que Lúcifer e Lilith haviam jurado um ao outro na escuridão.

Mas ele quebrou esses votos assim que os fez. O Juramento da Morte não significava nada para os Unsaints.

Eu também vou gostar de quebrar ele.

"Me diga o que eu preciso saber para fazer essa merda."

Nicolas me olha por um momento, me lendo. Tentando avaliar meu humor. Mas é impossível fazer isso. Eu nem conheço minha própria mente neste momento. Eu apenas sei o que eu quero. O que eu vou levar.

O que eu mereci.

Capítulo Dezenove



Presente

Eu tenho que entregar isso a Lúcifer. Ele escondeu bem sua namorada e seu filho. Não em Alexandria. Nem mesmo no estado da Carolina do Norte. Não, ele os levou para o norte, para a Virgínia. Uma pequena cidade nos arredores de Roanoke chamada Acid City.

Se encaixa, realmente.

Acid City fica a quatro horas de carro, que foi seu primeiro erro. Isso não é longe o suficiente. Especialmente para um Rain. Nenhum lugar teria sido longe o suficiente, mas isso apenas facilita.

Seu segundo erro é ficar naquela casa no Parque Raven. Isso significa que meu irmão pode ficar de olho nele, garantir que ele não tenha ideia de que algo está errado. Não sei que tipo de guerra ele e meu irmão têm, o que exatamente significa para um Unsaints desertar, mas Lúcifer quer

machucar Jeremiah tanto quanto Jeremiah quer machucar ele.

Isso é óbvio quando um dos clubes de meu irmão, Dead Weight, queima no meio do dia, logo após Nicolas e eu terminarmos o almoço. É uma perda que meu irmão leva de ânimo leve, ele tem mais de meia dúzia de clubes na cidade e nos arredores. Mas, para ser tão descarado, ignorar completamente as câmeras de segurança... é ousado.

Mas isso significa que Lúcifer ainda está por aí.

E Jeremiah sabe que tinha que ser ele, ele deixou uma máscara de esqueleto na entrada do estacionamento. Filho da puta.

Quando a tarde chega, enquanto Jeremiah lida com seguros, restauração e ajustadores, Nicolas e eu partimos. Pegamos um dos carros reserva, um Porsche SUV preto com janelas e rodas escurecidas. Eu acho que por si só pode ser visível, mas Nicolas me lembra que é Alexandria.

Uma parte desta cidade é fodidamente feita de dinheiro.

O que me lembra os Unsaints. Atlas, Cain, Mayhem e Ezra . Eu me pergunto se eles estão todos com Lúcifer na casa de Raven Park. Eu me pergunto se eles são tão estúpidos.

Trey havia escondido facas e armas em nossas malas pretas com zíper no banco de trás. Faço Nicolas passar em um drive-thru para um grande café gelado e então estamos a caminho.

Eu seleciono *Upperdrugs* de Highly Suspect do meu telefone e coloco para tocar. Nicolas olha para mim por trás do volante enquanto nos fundimos na estrada.

“Você sabe,” ele diz, falando alto sobre a música, “é possível ser um gangster e ainda assim manter a sua audição.”

Eu rio, balançando a cabeça ao ritmo e cantando em voz alta. "Acho que não," grito depois que minha parte favorita passa. "E além disso," acrescento, "qual é o sentido?"

Nicolas ri e abre as janelas. Eu gosto do ar frio rasgando meu cabelo, minha franja obscurecendo minha visão. Faz sol esta tarde, mas finalmente está ficando legal. Finalmente mudando com a estação. O Dia das Bruxas estará aqui em breve, e quando eu queimar o corpo de Lúcifer, dançarei no túmulo dele.

Nicolas baixa minha música quando a música termina, e estou prestes a protestar quando ele coloca a mão na minha.

"Você parece animada," ele observa sobre o vento soprando através do veículo.

Eu cruzo minhas pernas no banco e ele olha e ri, balançando a cabeça. "Eu gostaria de poder fazer isso," ele murmura.

"Você está dirigindo," aponto, apertando a mão dele. "Você precisa pisar no acelerador."

"Porra, Sid, mesmo que eu não estivesse dirigindo, minhas pernas nunca se encaixariam no banco assim."

"Corte elas," eu brinco.

Ele começa a rir novamente.

Eu me sinto leve. Mesmo sabendo que estamos carregando mais armas do que as que podem ser legais. Mesmo sabendo que estamos prestes a fazer algo muito ilegal, me sinto mais leve do que em anos. Eu não vou ver as sobras do meu irmão. Não serei forçada a tocar seus cadáveres. Não, eu vou fazer o trabalho desta vez.

Não importa que eu nunca tenha feito isso antes. Minha raiva fervendo sob minha pele no ano passado, é suficiente para fazer o trabalho. E por questões práticas, Nicolas está comigo.

Eu só desejei que Lúcifer estivesse lá para me ver fingir deliberar sobre a decisão de acabar com a vida de Julie.

Vai ser divertido, com ou sem ele. Eu posso até levar a cabeça de Julie na bolsa para jogar a seus pés.

Eu não sei muito sobre Lúcifer. Mas a única coisa que tenho certeza é que ele é um psicopata. E sim, eu também. Jeremiah também. Talvez Nicolas também. Mas Lúcifer não é um psicopata do meu lado, e isso o torna perigoso. Ele é uma ameaça para mim e para a família fodida que construí ao longo do ano passado. Talvez Jeremiah só estivesse me manipulando hoje de manhã quando ele limpou meu pé, mas eu acreditei em Nicolas quando ele disse que meu irmão teria

matado Kristof. Eu meio que acreditei nele também, quando ele disse que Jeremiah não teria deixado Kristof chegar até mim, no final.

E ele não tinha. No final.

Jeremiah e eu nunca estaremos perto, nunca seremos como irmãos e irmãs normais. Mas nós nos amamos, à nossa maneira doentia. E Lúcifer vai ver como é esse amor. Lúcifer pode ter governado o inferno, mas Lilith o fará queimar. E hoje à noite, ele descobrirá exatamente o que isso significa.



Eu adormeço na estrada, mesmo depois do café. Eu estava recostada no banco, a música estava no alto novamente, minhas mãos estavam enfiadas nos bolsos do capuz e Nicolas havia me deixado com minha música e meus pensamentos. Eu cochilei e, quando acordo, está completamente escuro lá fora.

Estamos em uma estrada de duas faixas, o único carro que vejo ao nosso redor. Minha lista de reprodução começou de novo, o *The Old Me* de Memphis May Fire está sendo reproduzido e eu tenho que tirar ela. É uma música que eu amo odiar, porque dói. Estou cansada de me machucar.

"Quanto mais longe?" Eu pergunto.

Nicolas está tamborilando com as mãos no volante. "Você parece criança," brinca.

Atiro a ele um olhar e o dedo.

"Estamos indo para Acid City agora." Ele olha em volta, com a testa franzida. "Engraçado. Não vejo nada de bom para explorar."

Eu zombei. "Isso foi uma piada fodida do papai, se eu já ouvi uma."

"O que você sabe sobre papai?" Ele responde.

"Uau," eu digo, exagerando a palavra. "Apenas uau. Você é um idiota, alguém já te contou?"

Ele encolhe os ombros. Eu assisto o tríceps dele flexionar sob sua camisa de algodão preta nas luzes do painel. "Uma ou duas vezes."

"Quando você se casar, é melhor sua esposa zombar de você o tempo todo, ou terei que divorciar vocês dois. Alguém precisa te lembrar de que você não é uma merda."

Ele solta um suspiro. "Ainda bem que nunca vou me casar, Sid."

"Mas você não gosta de sexo estável e outras coisas?"

Ele balança a cabeça. "Sim, não estamos tendo essa conversa."

Mas eu sei que ele tem esse apartamento particular. Ele está certo, no entanto. Também não quero essa conversa.

Estico minhas pernas, giro meu pescoço. Mais à frente, vejo luzes. Quando dobramos a esquina, há um posto de gasolina solitário com um carro na bomba.

"Precisa de combustível?" Pergunto a Nicolas.

Ele balança a cabeça. “Eu parei enquanto você estava nocauteada. Estaremos lá em cinco minutos."

Eu franzo a testa. "Não há absolutamente nada nesta cidade. Por que Lúcifer esconderia sua família tão longe das pessoas?”

Nicolas dá de ombros. "Isso facilitará para nós. Ela não poderá pedir ajuda."

Eu concordo. "Verdade." É um bom argumento. O outro lado, no entanto, é que, se ela pedir ajuda, a polícia nos identificará facilmente. Esta cidade está deserta. E nós, junto com os Unsaints, podemos ter a polícia de Alexandria no nosso bolso, mas geralmente não cruzamos as fronteiras dos estados para nossos piores crimes.

Eu brinco com as cordas do meu capuz, mantendo um olho na estrada vazia e curva. Eu gostaria que estivéssemos aqui para ir acampar. Para ter umas férias de família bizarras. Para se divertir. Algo que eu não tive por muito tempo. Mas todos os nervos do meu corpo parecem nervosos, meu sangue bombeando forte nas minhas veias. Isto não é para se divertir. Isso faz parte da guerra.

Pego, pelo canto do olho, Nicolas olhando para mim.

"Você está bem?"

Eu quero dizer algo rude. Jogar sua preocupação de volta para ele. Mas a verdade é que, por algum motivo, eu não estou exatamente bem. Não sei porque. Ou melhor, eu sei. Mas eu deveria estar mais animada com isso. Extraindo vingança.

Nem é a criança.

Eu não vou tocar na criança.

Algo parece... desligado.

"Não," eu respondo Nicolas honestamente. Seus olhos estão de volta na estrada, e os meus também, então eu continuo falando. É mais fácil falar quando não estou olhando para ele. "Eu só tenho uma sensação estranha."

Ele diminui a velocidade do Porsche, e vejo uma entrada de cascalho à minha direita, levando para longe da estrada, árvores grossas obscurecendo nossa visão do que pode estar por vir.

"Você mapeou essa área?" Pergunto me virando para Nicolas. Ele não disse nada sobre o meu sentimento estranho. Ele provavelmente o descartou assim que as palavras saíram da minha boca.

Mas ele está me encarando e não virou a entrada de garagem. Ele apaga as luzes e estamos do lado da estrada principal, mas ele não faz nenhum movimento para sair.

"Por que você tem um sentimento estranho?" Seus olhos estão concentrados nos meus. Ele está levando isso muito a sério. Inferno, eu não deveria levar isso a sério.

Balanço a cabeça, pego a maçaneta da porta, mas ele tranca as portas.

"Não é nada, Nicky," digo com uma risada. "Vamos. Você queria ir até lá?"

"Sentimentos significam algo, Sid. Sei que seu irmão gostaria que você acreditasse de outra maneira, mas eles significam."

Eu sei disso. Eu fui trabalhadora sexual por anos e não envolvia apenas fazer malabarismos com as preferências sexuais dos clientes. Envolveu uma multidão de sentimentos demais. Eu mantenho minha mão na maçaneta da porta, que ainda está trancada, mas me viro para olhar Nicolas.

"Provavelmente não é nada." Solto um suspiro. "Honestamente. O que poderia dar errado? Se não pudermos entrar hoje à noite por algum motivo, vamos embora, voltamos outro dia." Eu levanto um ombro em um encolher de ombros. "Certo?"

Nicolas esfrega a mão no rosto, mas ele parece concordar.

"Certo. Mas estamos indo de carro." Ele olha para a longa entrada. "Isso é assustador. Como um filme de terror. Quero que o carro da fuga perto." Ele sorri, mas não encontra seus olhos.

Ele mantém as luzes apagadas enquanto dirigimos pela estrada esburacada, e eu tenho que admitir, é assustador. Nada além de escuridão, árvores e cascalho, até onde podemos ver. Mas eu corri para uma floresta no meio da noite um ano atrás, direto nos braços de um homem que claramente queria me machucar. Esta é uma mãe e seu bebê. Quão assustador pode ser?

Nós dobramos a esquina e a casa paira à distância. Cheio de luzes. Porque estamos lidando com Lúcifer. Luzes são impedimentos. Mesmo no meio da porra de lugar nenhum.

Pelo menos, eles são dissuasores para a maioria das pessoas.

Mas Nicolas e eu... não somos a maioria das pessoas.

Eu sou Sid Rain. Se meu irmão me ensinou alguma coisa, é para fazer o trabalho, porra, não importa o custo.

Paramos ao lado de uma fileira de árvores no amplo jardim da frente, e Nicolas vira o carro, de frente para a estrada. A casa em si é de tamanho moderado, uma varanda branca comprida na frente com cadeiras de balanço. Duas histórias. Há um galpão ao lado, uma alça de carroça vermelha apoiada contra ele. E um jipe estacionado em frente, as portas do carro quase alinhadas à porta vermelha da casa. Uma escapada rápida.

Eu sei que não é o carro de Lúcifer. Nenhum dos Unsaints dirigia um jipe, se eles são tão ricos quanto todo mundo diz.

Surpreendentemente, não ouço ou vejo cães.

Eu implorei a Jeremiah por cães no hotel. Disse que seriam ótimos cães de guarda. Ele me disse que não queria outra boca para alimentar e é para isso que servem as armas. Proteção.

Parece que ele e Lúcifer compartilham esse sentimento.

Meus olhos permanecem na carroça pelo espelho lateral enquanto Nicolas e eu nos sentamos, esperando. Para ver se alguém nos nota. Para ver se vemos algum movimento das cortinas das janelas.

Meu intestino torce.

Julie.

Filho de Lúcifer.

Ele não sabia, ele disse. Embora isso pudesse muito bem ser besteira. Ele não sabia, mas ele ficou por perto. Enquanto isso, ele me deixou nua em um sanatório, cheia de hematomas e uma cicatriz permanente.

Meus punhos cerram e eu pego a bolsa preta com zíper atrás do meu assento.

Nicolas pega meu braço.

Dou de ombros, mas não agarro a bolsa, estreitando os olhos para ele. "Não podemos ficar aqui a noite toda."

As sobrancelhas dele se erguem. "Eu sei. Mas o que você quer fazer? Depois que Julie estiver morta?”

Não sei por que, mas de repente me ocorre que Lúcifer não sabe meu nome verdadeiro. Se ele tem um, eu também não o conheço. Que é bom.

Eu quero virar Lilith. É a única maneira de superar isso.

"O que você quer dizer com *o que eu quero fazer*? " Eu pergunto. “Eu quero dar o fora daqui e ir para casa." Mas eu vejo a carroça vermelha novamente. Eu sei o que ele está perguntando. Eu só não quero lidar com isso.

“Sid, olha, eu sei que você odeia esse cara. Você deve. Ele é uma merda pelo que ele fez com você. Todos os Unsaints são pedaços de merda. Mas isso não muda o fato de que, dentro daquela bela casinha branca, há um bebê dormindo profundamente em um berço ou em uma cama minúscula e estamos prestes a matar a mãe dele. Então eu vou te perguntar novamente.” Ele aperta o volante na mão, eu observo enquanto os nós dos dedos empalidecem. "O que você quer fazer depois?"

Eu aperto minhas mãos. “Você e Jeremiah já deveriam ter pensado nisso antes. Não podemos sequestrar a criança. Não vamos viver isso sem gastar tempo atrás das grades."

Ele bufa. Eu sei o que ele está pensando, mas a verdade é que é mais fácil fugir do assassinato. Para nós. Sequestrar um bebê... nenhuma delegacia de polícia nos Estados Unidos deixará essa merda para lá. E Jeremiah nos matará se trouxermos uma criança de volta ao hotel.

Nicolas bate os dedos no volante, olhando para a casa no espelho retrovisor, pensando. Eu não tenho resposta. Isso deveria ter sido planejado melhor, mas eu estava tão ansiosa para me vingar de Lúcifer, para manter meu irmão pacificado, para provar a mim mesma, que fizemos esse passeio sem descobrir todos os ângulos.

Isso foi um erro e não podemos cometer erros. Eu já fiz o suficiente disso, de acordo com meu irmão.

"Se você não quer fazer isso," eu provoco Nicolas, "sempre podemos voltar para casa e dizer a Jeremiah que nos acovardamos."

Nicolas franze a testa. "Não tenho medo do seu irmão, criança." Na verdade, acredito nele, embora ele seja o único, exceto por mim. Na maioria dos dias, porém, se estou sendo honesta comigo mesma, também tenho medo. "Vamos lidar com a mãe, depois ligaremos para o 911 de dentro de casa e depois iremos. Os socorristas vão lidar com a criança."

Ele desafivelou o cinto de segurança. Como se isso resolvesse isso. Como se isso fizesse sentido. Assassinar à noite é benéfico, porque nos dará muito mais tempo para fugir da casa da vítima. Chamar a polícia enquanto ainda estamos dentro de casa parece uma ideia horrível. Mas também não tenho melhores.

"Tudo bem," eu concordo. "Acho que temos que fazer o que temos que fazer."

Abro a porta do carro, fecho ela silenciosamente. Do outro lado do carro, Nicolas faz o mesmo. De repente, a vingança que imaginei tomar contra Lúcifer é muito mais complicada do que deveria ser.

Eu abro a porta traseira, Nicolas abre a porta oposta.

"Qual?" Eu pergunto, olhando para a bolsa preta.

Nicolas dá de ombros. “A arma é mais rápida. Faca é mais dolorosa. ” Seus olhos se voltam para os meus. "Qual você quer que seja?"

"Eu quero sair daqui."

Nicolas assente. "Entendi." Ele abre o zíper da bolsa, me joga um par de luvas. Quando nós dois as vestimos, ele me entrega uma Glock, e eu a pego pela mão. Ele fica do mesmo jeito, e então saímos dali, fechando as portas para evitar ruídos desnecessários.

Ficamos do lado de fora da piscina de luzes por um momento, olhando a casa antes de entrarmos.

"Os fundos?" Ele me pergunta.

Como se eu soubesse.

Mas eu aceno. Ele está me deixando pensar sobre isso. Me deixando sentir no controle. Há luzes nos fundos, e poderíamos facilmente entrar pela frente. Mas a maioria dos proprietários toma mais precauções com as portas da frente. Como se os criminosos não tivessem a audácia de correr para trás.

Os criminosos têm a audácia de fazer quase tudo quando planejam invadir uma casa no meio da noite.

Nós circundamos a casa em lados opostos, nos mantendo fora da poça de luz até que tenhamos absolutamente que pisar nela. Afasto o lado da casa do galpão. Eu não quero ver a porra da carroça vermelha novamente.

Nos encontramos no quintal, ambos acenando que a barra está limpa. Aqui, há uma floresta além do quintal, uma paisagem interminável de árvores que vai Deus sabe onde. A varanda dos fundos é menor que a da frente, a apenas alguns passos que levam a uma porta de tela. Há uma piscina acima do solo com uma lona e alguns brinquedos espalhados pelo gramado.

Juntos, olhando em volta, as armas apontadas, Nicolas e eu subimos silenciosamente os degraus. Ele puxa a porta de tela. Está desbloqueado. Eu vejo um sorriso piscar em seus lábios. Menos bagunça.

A porta dos fundos, é claro, está trancada.

Nicolas me entrega sua arma, tira um kit de ferramenta do bolso e vai trabalhar. Eu não sei nada sobre invadir casas. Não sei nada sobre assassinato, exceto os corpos que meu irmão deixa para trás. Estou totalmente despreparada para isso. Mas é um pouco tarde para voltar agora.

A fechadura clica e Nicolas abre a porta, embolsando as ferramentas. Ele pega a arma de volta e esperamos, no limiar da porta. Aguardamos um alarme, um cachorro, um gato.

Qualquer coisa. Esperamos trinta segundos. Então vamos para dentro, e eu guio a porta suavemente fechada.

Ficamos dentro da cozinha, envoltos em escuridão.

Cheira como se alguém tivesse assado algo recentemente, biscoitos ou algo parecido. Cheira bem, e meu estômago ronca. Nicolas me lança um olhar, mas não há muito que eu possa fazer sobre isso. Eu dou de ombros na escuridão.

Enquanto meus olhos se ajustam, vejo garrafas na pia, uma cadeira alta ao redor de uma mesa de madeira brilhante na cozinha, na sala de jantar. E logo depois da cozinha há escadas que levam para cima. Nicolas me disse que os quartos quase sempre estão lá em cima.

Eu balanço minha cabeça nessa direção, quase prendendo a respiração. Há algum barulho lá em cima, como uma máquina de som ou um ventilador, mas, caso contrário, é silencioso. Eu posso ouvir meu coração batendo nos meus ouvidos.

Nicolas dá pequenos passos pela cozinha, testando o chão. É barulhento, então ele distribui seu peso quase comicamente, rastejando como um ladrão de desenhos animados pelo chão de madeira escura.

Este lugar é uma casa. Não há mármore aqui. Sem brilho como no hotel. Na verdade, parece... aconchegante. Mas eu deixo esse pensamento de lado.

Eu sigo o rastro de Nicolas, olhando para trás enquanto observo, olhando ao redor do corredor quando chegamos ao

pé da escada. Eu posso ver a porta da frente e uma sala logo antes dela. Trevas. Silêncio.

No entanto, esse sentimento não me deixou. O estranho. Eu pensei que era porque há um bebê nesta casa. Mas eu recebo uma picada na nuca, como se estivesse sendo observada. Enquanto Nicolas examina as escadas, felizmente não muito barulhento, olho atrás de mim, para a porta pela qual viemos.

Nada.

Sou paranoica.

Eu sou, verdade seja dita, sempre paranoica. Mas isso não vai me ajudar agora.

Eu respiro pelo nariz, pela boca, tentando acalmar meu coração acelerado. Estamos dentro. Isso é metade da batalha. Agora só temos que fazer a outra metade e depois podemos sair.

Nicolas está no meio da escada quando percebo que ele está olhando para mim. Eu não me movi. Eu cerro os dentes para impedir que as desculpas na minha língua borbulhem pelos meus lábios. Eu o sigo, olhando para as paredes à sua frente, no patamar. Não há fotografias que eu possa ver. Espero não ter que ver nenhuma foto do rosto sorridente de Lúcifer com Julie e essa criança.

Chegamos ao patamar, nós dois, e esperamos novamente. Ouvindo. O som é um ventilador, vindo de uma porta fechada no final do corredor. Provavelmente o quarto do bebê. Logo

em cima da escada, há outra porta totalmente aberta. Nas minhas costas, há um banheiro pequeno.

Nicolas acena com a cabeça em direção à porta aberta, e ele caminha rapidamente até ela, ficando encostado na parede antes de enfiar a cabeça, torcendo como eles fazem nos filmes de policiais quando estão limpando os quartos.

Ele gira de volta e eu vejo no seu rosto.

Algo está errado. Ele está franzindo a testa, os olhos arregalados.

Me aproximo dele, em pé na frente dele, e faço como ele fez, olhando para dentro da porta. É um quarto, e embaixo do edredom azul está Julie, mechas loiras espalhadas no travesseiro, o rosto longe de nós, e o bebê aconchegou-se contra o peito, mechas de cabelo espetadas em todos os ângulos, voltadas para a mãe.

Tento respirar enquanto saio do quarto e passo por Nicolas, me achatando contra a parede também.

Nós não nos olhamos. Não por um longo momento.

"Eu farei," Nicolas finalmente diz, palavras contra meu ouvido para que eu possa ouvir ele.

Engulo o nó na garganta. Isto não está certo. Mas nunca estive certa. Nada em mim está certo.

Eu aperto meus olhos fechados. Jeremiah pode estar chateado que não sou eu quem faz isso. Ele quer me ensinar

uma lição em tudo isso. Mas não posso. Eu sei que não posso. Eu só vou estragar tudo.

Eu aceno e Nicolas acena em direção à escada. Ele quer que eu desça antes que ele puxe o gatilho.

Eu quero discutir, mas agora não é realmente o momento. Não podemos falar mais do que já falamos, e não vou estragar mais do que isso já está fodido. Tanta coisa para trazer a cabeça de Julie de volta para provocar Lúcifer.

Minha arma ainda empunhada, ainda nas duas mãos, desço as escadas na ponta dos pés, olhando para os pés, tomando cuidado para não tropeçar. Quando chego ao fundo, olho para Nicolas, e ele está me olhando. Eu puxo minhas sobrancelhas juntas, confusa. Ele precisa se mexer. Precisamos dar o fora daqui. Quanto mais tempo ficamos, pior fica o mau pressentimento.

Mas quando ele se move, não é para o quarto.

É para mim. Ele abre a boca, prestes a dizer algo, quando sinto uma mão sobre minha própria boca.

Tento me mexer, me virar para quem quer que seja, mas Nicolas é quem fala.

"Ele tem uma arma. Não se mexa."

Ele diz isso em voz baixa, mas eu ouço alto e claro.

Eu congelo.

"Eu disse que você não poderia correr, Lilith."

Capítulo Vinte



Presente

Nunca pensei que alguém pudesse me assustar tanto quanto Jeremiah. Meu irmão é cruel, frio, não é afetado pelas emoções humanas básicas. Eu pensei que, às vezes, ele era um psicopata. Eu pensei que ele era uma combinação dos piores da natureza e da criação. Abandonado por uma mãe que nunca se importou com ele, dado a famílias que só queriam usar ele. Mas ele tinha a escuridão nele desde tenra idade. Eu estava com medo dele antes mesmo de nos separarmos.

Mas eu estava errada.

Porque quando Lúcifer me arrasta para fora, para o quintal, e Nicolas vem atrás de mim, fico apavorada.

Lúcifer ainda me tem na frente dele, um braço em volta do meu peito. Mas eu posso ver a arma na mão dele. Está voltada para Nicolas, e Nicolas, por sua vez, está mirando de volta, com os olhos focados em Lúcifer.

Não me importo muito com o que Lúcifer possa fazer comigo, mesmo sabendo que será horrível. Eu quase acabara de ajudar a matar sua preciosa Julie, afinal. Na mesma cama em que seu filho dormia. Mas não quero que Nicolas morra.

Ele é um dos únicos pontos positivos para mim na mansão Rain.

“Deixe ela ir.” Sua voz é calma, suas mãos firmes enquanto ele aponta para Lúcifer, mas seu queixo está tenso. Ele não ousa olhar para mim.

Lúcifer ri, rouco e grave. Eu posso sentir o cheiro dele. Cigarros e pinho. Eu posso sentir o calor dele nas minhas costas, sentir a força em seu braço em volta do meu peito. Minha própria arma está pendurada ao meu lado. Eu poderia dar a volta. De alguma forma, encontrar uma maneira de mirar Lúcifer atrás de mim. Mas eu não faço. Eu não quero provocar ele. Eu quero que Nicolas viva.

"Você entra em minha casa, planeja matar uma mãe e um filho e ousa me dar um comando?" Lúcifer não parece zangado ao falar as palavras, o que é ainda mais perturbador. Ele soa como se estivéssemos discutindo o clima. Frio, com uma leve brisa. Céus escuros e claros. Muitas estrelas são visíveis no alto.

"Deixe ela ir e nós partiremos. Ficamos quites.” Eu sei que Nicolas não quer dizer isso, e Lúcifer também sabe.

Ele não ri de novo. Mas ele descansa o queixo no meu cabelo e vejo Nicolas inalar profundamente. Tentando acalmar sua raiva.

"Eu não vou deixar ela ir. Mas você vai embora. Agora." Lúcifer mantém o mesmo tom de conversa, seu queixo ainda descansando no meu cabelo.

Nicolas dá um passo à frente. Lúcifer não se mexe. Nem está tenso. Nicolas percebe e dá outro passo. Não tenho certeza de como ele acha que se aproximar ainda mais com a arma ainda vai nos tirar dessa merda, mas não consigo pensar em nada para dizer. Estar tão perto de Lúcifer novamente, estar encostada ao corpo dele... não consigo pensar em nada. Ele me faz estúpida.

"Se você não deixar ela ir," Nicolas diz com os dentes cerrados, "eu vou te matar. Então eu vou matar eles," ele empurra a cabeça em direção à casa, "e eu vou fazer isso lento. Especialmente para a criança. Ainda não sei se ele pode falar, mas de qualquer forma, ele estará me implorando pela morte."

Eu sei que ele não vai. Nicolas não machucará um fio de cabelo na cabeça do garoto. Mas Lúcifer não sabe disso. Mesmo assim, ele não reage.

"Você acha que eles significam algo para mim?" Ele pergunta. Ele aperta o braço contra mim, deslizando a mão no meu ombro e apoiando ela no meu pescoço. "Eles não. Mas isso," seus dedos se enrolam na minha garganta e os

olhos de Nicolas se estreitam. Eu vejo a arma tremer em suas garras, só um pouco. “Isso faz. Você fez parte disso?”

Não sei o que ele quer dizer a princípio. Eu não tenho ideia do que ele está dizendo.

Mas então eu lembro. Os machucados. Ele os viu na floresta. Mas que porra ele se importa? Ele me deixou em um sanatório, inconsciente, que logo estaria morta por tudo o que sabia. Eu sei que ele não cresceu um coração de repente. Ele nunca teve um.

Nicolas não brinca com a isca. "Deixe ela ir."

Lúcifer suspira. Eu sinto o peito dele expandir contra os meus ombros. Então sua arma é retirada da minha visão. E sinto o cano frio dela contra minha própria cabeça.

Eu endureci. Agora pode ser a hora de usar minha própria arma. Eu me mexo um pouco nos braços de Lúcifer, e ele fica surpreso o suficiente para me deixar fazer isso. Então eu pressiono a arma na coxa dele nas minhas costas.

Ele ri. "Isso vai doer," ele reconhece, "mas não vai me matar." Ele cava o cano de sua própria arma um pouco mais fundo ao lado da minha cabeça. "Isso porém, isso vai."

Nicolas está cheio de fúria mal contida. Mas ele sabe tão bem quanto eu que Lúcifer acabou de virar a mesa. Não há nenhuma maneira, mesmo que Nicolas e eu disparemos ao mesmo tempo, que possamos derrubar Lúcifer antes que ele coloque uma bala no meu cérebro.

E não tenho dúvida de que ele faria. Ele já me fodeu uma vez.

Pela primeira vez desde que esse impasse começou, Nicolas e eu encaramos os olhos. Eu mantenho a arma pressionada desajeitadamente contra a coxa de Lúcifer, mas falo primeiro.

"Vá," eu digo. “Vá e conte a Jeremiah. Ele vai dar um jeito."

Lúcifer ri sombriamente atrás de mim. "Eu duvido disso, Lilith."

Nicolas balança a cabeça. "Eu não vou embora sem você."

"Você vai," eu digo, minha voz subindo, "e você voltará para Alexandria e dirá a Jeremiah. Não há outra opção.” Eu odeio dizer isso, especialmente quando Lúcifer ri de novo, mas é verdade. Não há outra maneira de sair disso. Eu me viro sozinho. Eu ainda tenho uma arma, afinal.

"Escute ela," murmura Lúcifer. "Ou colocarei uma bala no seu precioso crânio."

Engulo o nó na garganta, meus olhos ainda nos de Nicolas.

Ele balança a cabeça novamente. "Não."

"Maldição!" Eu assobio, meu temperamento aumentando. Eu quero essa arma longe da minha cabeça. Uma vez, pensei que queria. Uma vez, planejei fazer isso. Alguns dias, pensei em outros planos. Como pular de uma varanda no hotel. Mas

agora, eu não quero morrer. Não antes de eu matar Lúcifer primeiro.

"Shh, baby," ele sussurra no meu ouvido. "Ele fará o que você diz." Ele afasta o rosto de mim. "Você não vai?" Ele desafia Nicolas.

"Jeremiah vai me matar," diz Nicolas. Eu sei que essa não é a primeira preocupação dele. Mas é válido, no entanto. Não sei o que dizer. Talvez ele vá, depois que ele me encontrar. Mas vou lutar por Nicolas. Assim como eu estou lutando por ele agora.

Mas é Lúcifer que fala antes que eu possa consolar ele.

"Jeremiah pode se foder," ele assobia, os primeiros sinais de raiva rastejando em seu tom. “Jeremiah a deixou quando ela precisava dele. Jeremiah fez pior com ela do que eu poderia fazer.”

"Do que diabos você está falando?" Pergunto. Minhas primeiras palavras falaram com ele desde que estivemos aqui.

Jeremiah é um idiota. Ele quase me matou. O que Lúcifer está dizendo não é exatamente falso. Mas meu irmão não me estuprou em um prédio abandonado e me deixou como morta.

Lúcifer ri. "Ele sabe."

Nicolas franze a testa. Ele balança a cabeça. "Vai se foder."

Mas ele não nega. Ele não nega que sabe alguma coisa.

Lúcifer mantém a arma na minha cabeça, sua mão gentil na minha garganta. "Se você não voltar para o seu mestre, eu direi a ela. E então eu vou matar ela."

Eu torço a cabeça. Eu não me importo mais com a arma. Eu quero ver Lúcifer. Mas ele pressiona a arma mais forte contra o lado do meu rosto, não me deixando ver ele.

“Do que você está falando? ” As palavras saem muito quietas. Sinto como se o mundo estivesse girando ao meu redor. Ambos sabem algo que eu não. Sobre o meu irmão. Sobre mim.

"Você não sabe do que está falando," Nicolas se aproxima de Lúcifer. Mas há algo sob essas palavras. Como se ele estivesse tentando se convencer. E os olhos dele... eles estão de volta em mim. E eles parecem quase arrependidos.

Lúcifer suspira. Então ele assobia.

Franzo a testa e Nicolas gira, mirando em todos os lugares que ele se vira. Meu pulso voa e posso senti-lo em todos os lugares. No meu peito. Meus pulsos. Minha cabeça.

Então eu ouço.

Do bosque, quatro pessoas emergem com um farfalhar silencioso de folhas. Eles têm bandanas de esqueleto puxadas sobre o nariz e os lábios, apenas os olhos são visíveis. Mas eu sei quem eles são.

O resto dos Unsaints.

Atlas. Cain. Ezra . Mayhem.

Todos eles têm armas. Eles não estão mirando em ninguém, mas andam devagar para ficar ao nosso lado, e vejo pelo canto do olho que eles olham para Nicolas.

"Prazer em te ver novamente, Lilith," diz um com uma voz profunda. Ezra . Minha pele se arrepia e um gemido escapa dos meus lábios.

"Então você não é tão estúpida, hein?" Pergunta outro. Não tenho certeza de quem é. Talvez Mayhem. Talvez Cain. No escuro, não consigo dar uma boa olhada neles.

A mão de Lúcifer se contrai contra a minha garganta, um rosnado baixo sai da sua garganta. Os Unsaints não falam novamente.

Nicolas parece que ele vai gritar. Em vez disso, ele abaixa lentamente a arma. Um dos Unsaints ri.

Nicolas abaixa a cabeça. "Sinto muito, Sid."

"*Sid*?" Lúcifer ronrona. Sinto raiva endurecer em minhas veias que agora ele sabe disso sobre mim. Ele sabe meu nome. Não sei se conheço o dele.

"Sinto muito," diz Nicolas novamente, suspirando. Ele levanta a cabeça e encontra o meu olhar. "Estou voltando para você. Você sabe disso, certo? Eu sempre voltarei para você."

Lúcifer endurece nas minhas costas. "Vá," ele ordena severamente.

Eu baixo minha própria arma. Meu pulso dói ao torcer para mirar na perna de Lúcifer. Minhas mãos estão suando nas minhas luvas.

"Vá," eu ecoo, acenando em direção a Nicolas. "Eu sei que você vai voltar. Eu estarei esperando por você."

"Ele vai esperar muito, muito tempo," rosna Lúcifer. Outra risada dos Unsaints ao nosso lado.

Nicolas olha para mim com olhos suplicantes, mas eu aceno de novo.

E ele vai embora.

"Esse é um bom garoto," sussurra um dos Unsaints. Nicolas não o ouve ou finge não ouvir. Ele continua andando, sem olhar para trás. E quando ele chega ao lado da casa, ele começa a correr. Podemos ver, do lado de fora da casa, que ele entra no Porsche, liga, as luzes desta vez. E então ele voa pela calçada. Espero em Deus que não se arruíne antes de voltar para o meu irmão.

E espero em Deus que meu irmão não o mate antes que me encontrem.

Mas Lúcifer sussurra no meu ouvido e lembro que Deus não se importa comigo.

"Bem-vinda de volta, Sid." Suas palavras são quentes contra a minha pele. "Estou esperando por você há muito, muito tempo."

Capítulo Vinte e Um



Presente

Nós não voltamos para casa. Em vez disso, Lúcifer me empurra para a frente, em direção à floresta, depois de arrancar minhas luvas e descartar elas em algum lugar que não consigo ver. Eu não tento resistir. Os meninos vêm conosco, e não há como eu lutar contra todos eles. Um para Lúcifer em pé na frente dele, uma forma maciça em uma camisa preta e calça jeans, a máscara de esqueleto ainda puxada sobre a metade do rosto.

"O que, Cain?" Lúcifer rosna para ele.

Cain pega a arma da minha mão e depois assente. Eu deixei ele fazer isso. Eu não quero lutar. Eu não tenho ideia de onde diabos estou, para onde vamos.

Ninguém fala quando entramos na floresta, e eu tropeço nos galhos enquanto Lúcifer ainda me segura nas costas e me empurra para frente.

Gostaria de saber se Julie é sua esposa agora. Eu me pergunto como ela pode dormir com toda essa besteira acontecendo a alguns metros de seu próprio filho. Eu sei que estou me perguntando as malditas coisas erradas.

Os únicos sons são os passos dos caras, minha própria respiração e meu coração ainda martelando no meu peito. Vejo à frente uma clareira e veículos, tinta preta e branca brilhando sob a lua. Por isso não os ouvimos. Gostaria de saber se meu irmão será capaz de me encontrar.

"Onde você está me levando?" Eu finalmente pergunto. Porque eu preciso perguntar uma coisa.

Outra risada sombria de alguém dos Unsaints.

"Você não pode fazer perguntas," murmura Lúcifer.

"Você não vai me matar, afinal?" Pergunto.

De repente, ele para de andar na beira da clareira. Há um Range Rover branco e um carro preto. Um BMW M5 escurecido, vejo por trás dele. Os veículos estão estacionados em ângulos, os traseiros em direção um ao outro.

Os Unsaints circulam ao meu redor, suas máscaras de esqueleto puxadas para baixo e vejo que suas armas estão longe. Provavelmente na parte de trás das calças. Eu conheço Atlas, de trás para frente, bem na minha frente. Conheço Ezra também, porque ele é o mais baixo deles, o que não significa muito. Eles são todos como gigantes. Reconheço Mayhem também, por sua camiseta branca e calça preta,

tatuagens cobrindo cada centímetro de seus braços. Uma no rosto.

Cain está vestindo uma camisa social, a cabeça raspada dos dois lados, mais comprido em cima.

São expressões ilegíveis, pois não consigo ver a maioria dos rostos malditos.

Lúcifer esteve nos meus pesadelos. Ambos acordados e dormindo. Mas eu não o conheço. Eu também não conheço esses homens.

Eu pensei, naquela noite de Halloween, que talvez eu tivesse me apaixonado por ele. Eu pensei que milagres aconteceram. Comecei a pensar, antes de cair na escuridão, que ele era algum tipo de anjo sombrio, um verdadeiro anjo, enviado a mim durante a noite para me manter aqui.

Mas então eu acordei nua e sozinha, exceto pelo atormentador que é meu irmão.

Lúcifer não era um anjo. Nem mesmo um caído. Ele realmente, realmente era o diabo.

Olho para o chão da floresta. Não consigo pensar enquanto olho para eles, enquanto sinto o corpo quente de Lúcifer atrás de mim, me agarrando a ele.

"Eu vou matar eles," ele me responde. “Todo mundo na fodida ordem da Rain. Mas provavelmente não pelas razões que você pensa.”

O medo me rouba. Não para mim. Para Nicolas. Mesmo que eu deteste admitir isso, pelo meu irmão. Eu normalmente nunca ficaria com medo do meu irmão. Nunca pensei que alguém poderia chegar até ele. Mas Lúcifer me tem e, embora Jeremiah possa não me amar no sentido convencional, ele nunca permitiria que mais alguém me tivesse. Especialmente depois do que Lúcifer fez comigo. Não depois de como Jeremiah me encontrou.

Meus olhos se voltam para o antebraço de Lúcifer na minha cintura, o músculo cortado, seus longos e pálidos dedos cavando nos meus lados.

"Explique," eu sussurro. Eu tento não sentir seu corpo duro contra o meu. Tento não cheirar ele.

Não quero pensar em como ele me encontrou naquele cruzamento, e enfiou a mão na minha.

"Você não quer saber a verdade." Ele se vira contra mim, e eu percebo que ele puxou um cigarro do bolso de trás quando sua mão sai da minha cintura e ele acende. Ele dá uma tragada, exala a fumaça por cima do meu ombro.

Sinto o cheiro familiar de qualquer marca de cigarro que ele fuma. Gosto, embora nunca admita isso em voz alta para ninguém.

Eu fecho meus olhos. Não quero ver o foco dos Unsaints em mim. Eles estão tão quietos que estão me assustando. E Lúcifer parece não ter pressa de entrar em um desses carros.

"Quem machucou você?" Ele me pergunta calmamente.

Meus olhos se abrem. Eu quase rio alto. *Você*, eu quero gritar com ele. *Você me machucou. Você arruinou minha vida já fodida. Você me deixou nas mãos de um monstro*.

Eu mordo de volta essas palavras. Não quero que ele saiba o quanto me ferrou. Eu não respondo. Ele não merece uma resposta. Ele não merece nada.

"Eu posso fazer ela falar," diz Ezra, sua voz profunda retumbando pela floresta.

"Relaxe, Ez," diz Atlas, revirando os olhos escuros. "Ela vai ter que falar, de um jeito ou de outro."

Lúcifer me empurra para o chão. Eu me pego nas palmas das mãos, o chão da floresta úmido. Eu olho de um lado para o outro, sentada, mas não há onde eu possa correr. Eles me cercam. E do chão, eles parecem tão grandes. Eles poderiam me destruir.

Mas é para Lúcifer que eu olho.

E não sei por que, mas sei. Eu encontro seus brilhantes olhos azuis. Ele está vestindo uma camiseta preta justa e jeans preto rasgado.

Ele suspira, exalando fumaça. "Não quero perguntar novamente, *Sid*," ele zomba, como se meu nome fosse uma maldição. "Quem machucou você?"

Eu ri. É amargo e quebrado, mas é uma risada. "Você se importaria se tivesse dois filhos?" Pergunto a ele, apostando no fato de que Julie é a única pessoa que ele tem. Inferno, ele

poderia ter um filho em todos os cinquenta estados. Porra, se eu sei.

Não sei o que espero que ele faça. E isso não é verdade. Peguei o plano B, trazido por Jeremiah. Mas eu quero foder com ele um pouco, como ele esteve fodendo comigo.

"Que porra ela está falando?" Ezra rosna. Eu não olho para ele, nas minhas costas.

Lúcifer parece mais irritado do que eu já vi. O que, considerando que eu não o vi muito, não deveria estar dizendo algo, mas está. A veia em seu pescoço parece latejar e ele agarra o cigarro com tanta força entre o polegar e o indicador que acho que ele acidentalmente o apagou.

"Como." Não é uma pergunta.

Eu encontro o seu olhar. Isso é culpa dele. "Não fique tão surpreso," rosno. "Você já deveria ter descoberto como isso funciona até agora."

O olhar dele não vacila. Ele joga o cigarro no chão e pisa nele. "Você estava grávida."

Eu quero arrastar isso para fora. Eu quero foder com ele onde dói. Porque parece que pode doer. Mas balanço minha cabeça.

"Não," eu cuspi nele. "Mas eu poderia estar."

"Maldita cadela psicopata," alguém diz atrás de mim. Eu acho que é Cain.

Lúcifer dirige seu olhar para ele e seus lábios se curvam. Cain não diz mais nada.

"Você me deixou, porra," eu assobio. Eu engulo, mordendo as lágrimas. Lentamente, eu fico de pé, muito consciente de que cinco Unsaints me circulam agora e estou gritando com o cara que parece ser o líder deles. "Você me deixou!" Eu grito com ele, cambaleando pelo espaço entre nós, minhas mãos voando em seu peito. Ele apenas fica lá, sólido como uma rocha. “Você me deixou no meio da floresta, em um asilo de loucos. Seu pedaço de merda!” Estou gritando no topo dos meus pulmões, toda a dor do ano passado saindo às pressas. Minhas mãos estão tremendo contra seu peito, meus punhos estão cerrados com tanta força. Me faço abrir um, aponto um dedo na cara dele. "Você me estuprou..."

Um dos caras assobia.

Lúcifer pega meu pulso, me segurando com tanta força que sinto os ossos se esfregarem juntos. A raiva brilha em seus olhos, suas sobrancelhas franzem quando ele aperta sua mandíbula.

"Quem é Jeremiah?" Ele me pergunta.

Eu respiro fundo e tento puxar meu pulso fora de seu aperto. É infrutífero. Ele segura firme. “Seu idiota. Você não aguenta, não é? ” Eu zombo, a raiva ainda vem em ondas. Ainda derramando através do meu coração partido. "Você não consegue ouvir o que fez. Você não aguenta me ver. Veja isso."

"Quem. É. Jeremiah?” Ele repete. "Para você?"

"Eu disse que nunca deveríamos confiar nessa filha da puta," diz Atlas com os dentes cerrados.

Eu tento puxar meu pulso para longe de Lúcifer novamente, e novamente, ele se mantém firme.

"Vai se foder."

Alguém suspira. "Se você não contar a porra para ela, mano, eu vou." Cain.

Lúcifer parece que ele quer dizer algo para Cain, mas ele força seu olhar de volta para mim. Ele morde o lábio, e eu me lembro de morder ele antes também. Eu lembro do sangue dele. Como provei na minha língua. Como é estar com ele.

Ele me deixa ir, me empurrando para longe. Eu tropeço para trás e nos braços magros de alguém. Este é o Mayhem. Ele é construído semelhante ao Lúcifer. Ele me segura contra ele, e eu vejo os braços dele.

"Você queria brincar com a gente, *Lilith*?" Mayhem provoca. Gostaria de saber quanto eles conversaram desde aquela noite. Quanto eles riram da minha dor. Quanto eles sabem sobre mim. Aparentemente, não basta, se eles não sabem que Jeremiah é meu irmão. "Você pode não sair dessa viva, Anjo."

"Mayhem," Lúcifer estalou, a voz fria. "Coloque ela na porra do carro e depois saia daqui."

Há algumas queixas entre o grupo, mas ninguém discute. Estes são os Unsaints no trabalho. Mayhem me pega pelo cotovelo e me arrasta para a M5, abre a porta e me empurra para o assento de couro, passando o cinto de segurança também.

"Não corra, Anjo. Você só vai piorar." Seus olhos azuis bebê se depararam com os meus e, quando Lúcifer desliza no banco do motorista, Mayhem bate a porta e se aproxima do Range Rover.

Capítulo Vinte e Dois



Presente

Há um caminho de terra cercado por árvores que Lúcifer cruza, os garotos no Range Rover atrás de nós. Demos algumas voltas assim que saímos na estrada principal. Nós não falamos. Ele não fuma. Eu tento não pensar. As lágrimas que senti atrás dos meus olhos secaram. Eu já chorei por ele. Eu terminei com ele. Passei um ano odiando ele, mas não me importo mais.

Deixe eles me matarem. Deixe eles cortarem meu corpo em pedaços.

Foda-se isso.

Minutos se passam, e então ele vira por uma longa entrada, que parece ser toda a paisagem de Acid City ou onde diabos estamos. Não vejo nenhum sinal de civilização desde que saímos da casa de Julie.

Julie.

O nome dela parece amargo no meu cérebro.

A casa em que estacionamos é maior que a de Julie, uma grande casa de tijolos com três andares de altura. A entrada de automóveis aqui é pavimentada e há uma garagem para três carros em um caminho de tijolos a uma pequena distância da casa. Lúcifer não se incomoda em estacionar em um dos três. Em vez disso, ele para o carro em frente à varanda e desliga as luzes e o motor. O Range Rover estaciona ao nosso lado.

"Você sabe que Jeremiah virá atrás de você." Não é uma ameaça que eu sussurro para ele no escuro. É apenas a verdade. "Ele virá te buscar e matará você."

Há um longo período de silêncio entre nós. Eu me pergunto se ele sairá, me arrancar daqui com ele e não dizer uma palavra. Eu me pergunto o que ele planeja fazer comigo. O que ele pode fazer é pior do que o que ele fez.

Ele passa o polegar sobre o lábio.

"Espero que ele venha me buscar," ele finalmente diz. Então ele sai, pega a arma do lado da porta e a guarda atrás dele. Em segundos, ele está do meu lado, abrindo a porta e desafivelando o cinto de segurança antes de me puxar para fora, por cima do ombro. Ele pode ser magro, o mais magro entre os Unsaints, mas é fodidamente forte. Me sinto leve nos braços dele.

Sem peso e insignificante.

"Eu posso andar," eu rosno. Os Unsaints saem do carro e riem dessas palavras. Lúcifer não se incomoda em me colocar no chão enquanto ele sobe os degraus da varanda, tira uma chave do bolso com a mesma mão que segura sua arma. Ele abre a porta e se agacha um pouco para me trazer para casa sem bater minha cabeça no batente da porta.

O resto deles entra atrás dele e alguém fecha a porta, e ouço o clique da fechadura. Então Lúcifer me coloca no chão.

Está escuro dentro do vestíbulo. Uma escada corta a entrada e, além disso, há uma sala de estar de plano aberto com sofás de couro e uma televisão que parece ter sido embutida na parede. O lugar não parece velho, como se estivesse abandonado por um longo tempo. Em vez disso, cheira a cigarro.

Os cigarros dele.

Mas não consigo imaginar que essa seja a casa dele. Não é tão opulento quanto eu imaginava.

Ele está atrás de mim, e nenhum de nós se moveu desde que entramos. Os Unsaints estão em casa aqui, sentados no sofá na sala de estar, exceto Mayhem. Ele fica nas minhas costas, perto da porta.

Eu me viro para Lúcifer, cruzando os braços sobre o peito.

"O que você quer comigo?"

Ele sorri, suas covinhas piscando. Fico maravilhada com a suavidade de sua pele pálida. O único sinal de qualquer

imperfeição em seu rosto, na simetria de seus traços, é que seu lábio superior é maior que seu inferior. Mas serve apenas para tornar ele mais bonito.

Ele coloca a arma na mesa perto da porta, um espelho pendurado acima dela. Meus olhos não deixam os dele.

Então ele me alcança, me gira e me empurra contra a parede ao lado da porta, Mayhem nos observando. Lúcifer move as mãos do meu peito para ambos os lados da minha cabeça enquanto ele olha para mim. Como se ele estivesse com raiva. Mas ele não tem o direito de estar. Claro, talvez eu fui matar a namorada dele. Talvez eu tenha invadido a casa, de quem quer que fosse. Talvez eu vá foder com ele com tanta força quanto ele me fodeu. Mas ele havia iniciado essa cadeia de eventos há um ano. Ele aproveitou minha chance de sair deste inferno que era a minha vida e me empurrou para os braços de um monstro quase tão ruim quanto ele.

Por pouco.

Mas não exatamente.

"Eu não tenho medo de você," respiro, minhas mãos ao lado do corpo, fechadas em punhos. É mentira. Eu sei que ele sabe que é mentira. Mas eu não ligo. Eu não vou admitir o meu medo. E Jeremiah realmente virá atrás de mim. Só posso contar com ele por dor, raiva e vingança, mas posso contar com isso. O que é mais do que posso dizer para Lúcifer.

Não posso contar com ele para nada.

"Você é uma má mentirosa, Lilith."

Mayhem ri baixinho. Os três garotos na sala estão sussurrando um para o outro, murmúrios baixos. Não consigo entender o que eles estão dizendo.

Fico tensa com o nome que Lúcifer me chamou. Eu não sou Sid agora. Mas ele ainda é Lúcifer. Ele sempre foi Lúcifer.

Seu dedo desce pela minha mandíbula, descansando na minha garganta. Seus olhos passam rapidamente para as contusões. Sinto meu rosto queimar de vergonha.

"Quem fez isso?" Ele me pergunta calmamente.

Eu não respondo. Ele arrasta o dedo para baixo, até a borda do meu casaco. Ele o puxa, mas não faz nenhum movimento para tirar ele. Abaixo, tenho um sutiã esportivo preto. Não quero me despir na frente dele. Eu nem quero estar perto dele. Mas, mesmo assim, não consigo me mexer. Dizer algo. Estar tão perto dele atrapalha meu julgamento.

Este homem se aproveitou de mim. Ele me deixou. Ele mentiu para mim.

Eu tento repetir essas coisas repetidamente em minha mente. Como um canto. Uma proteção contra os outros sentimentos que estão ressurgindo à sua proximidade.

"Você queria?" Ele tenta novamente, os olhos passando rapidamente para minha garganta.

Eu engulo. A raiva passa por mim, mas suponho que seja uma pergunta justa. Às vezes eu quero isso. Às vezes eu tinha. Mas essas marcas não eram sexuais.

Embora ele não saiba disso.

Eu ainda não falo nada. Não tenho certeza de quais pecados posso confessar esta noite se o fizer. Não quero mais dar a ele. Não quero mais dele. Eu não posso.

Sua mão corre pelo meu corpo, como naquela noite. Ele para na barra da minha blusa, olhando para mim. Então ele desliza a mão por baixo, seus dedos se espalham pela minha pele. Seu toque é como fogo. Um fogo que eu quero me queimar.

Eu tento forçar esse pensamento a se afastar.

"Tire sua mão de mim," rosno.

Seus dedos cavam na minha pele, uma mão ainda na parede ao lado da minha cabeça. "Quem machucou você?"

Eu suspiro. Ele não vai desistir. Mas como posso contar a ele? E por que eu faria?

"Isso não é da sua conta. Quem me machuca, quem me agrada, quem me fode. Nada disso é da sua conta. Nunca foi."

"Lúcifer, controle sua garota," diz Ezra do sofá nas costas dele. "Provavelmente não temos muito tempo."

Os olhos de Lúcifer estreitam, cílios longos, quase alcançando suas sobrancelhas escuras. Ele pressiona sua

sobrancelha contra a minha. "Lilith," diz ele, e noto que há algo como um apelo nessa palavra. "Por favor. Me conte."

Por favor.

Ele e meu irmão são mais parecidos do que provavelmente sabem. Ambos manipuladores. Ambos sedutores na escuridão. Eu me pergunto se eles se deram bem, nesses poucos anos em que correram juntos. Fico maravilhada com o fato de terem durado tanto tempo.

Também fico maravilhada com o fato de meu irmão ter se afastado deles. Disso. Mais de uma noite. Ele me escolheu.

Mordo o lábio e os olhos de Lúcifer vão para a minha boca. Algo brilha em seu olhar, algo além da raiva. A frieza. Algo quente.

Viro minha cabeça para longe dele, e seus dedos cavam um pouco mais fundo no meu abdômen. Ele não move a cabeça da minha.

Eu fecho meus olhos com força, tentando não sentir ele. Tentando tirar minha mente deste momento.

"Não importa," eu digo baixinho, a luta saindo de mim por um momento. "Não importa."

Sua mão desliza mais para cima do meu tronco, pousando no meu coração. "Isso importa para mim," ele sussurra.

Balanço a cabeça. “Alguém que trabalha para Jeremiah. E...” Eu engulo contra o nó na garganta. Não sei por que estou dizendo a ele. Mas não fará diferença para ninguém. "O

próprio Jeremiah." Cuspi o nome do meu irmão como se fosse veneno. De certa forma, ele tinha sido veneno para mim. Mas ele também foi meu antídoto. Lúcifer tinha me fodido, tirado minha escolha de morrer. Mas Jeremiah fez o possível para me trazer de volta à vida, mesmo que seus métodos não fossem convencionais.

Sinto a mão de Lúcifer tensa no meu coração, no meu peito. O toque não é sexual. É... reconfortante de uma maneira estranha. Eu mantenho meus olhos fechados.

"Olhe para mim," ele ordena.

Eu não olho.

Ele suspira pelo nariz, a testa ainda na minha. "Lilith," ele implora. "Sid." É a primeira vez que ele diz meu nome, meu nome real, sem desdém. "Sid, olhe para mim."

Abro os olhos, viro para encarar ele. Ele se afasta um pouco, para me olhar completamente.

"Quem é Jeremiah para você?" Ele me pergunta novamente.

"Por que você faz todas as perguntas!" As palavras surgem dos meus lábios em um rosnado, mas ele nem sequer vacila. Como se ele os esperasse. Como se ele estivesse acostumado com a minha escuridão, apenas aguardando seu tempo, esperando que ele saísse e brincasse. “Por que você pergunta alguma coisa? O que estou fazendo aqui? Se é o dinheiro que você deseja, você não o receberá. Jeremiah não me ama tanto. Ele vai te matar, e vai me levar de volta, e é isso.”

Ele respira uma risada, meu peito arfando sob a mão debaixo da minha camiseta. "Eu não preciso do dinheiro dele. Eu tenho muito do meu."

"Isso com certeza," diz um dos caras. Atlas, eu acho. Eu continuo esquecendo que eles estão aqui. Eu gostaria que eles não estivessem. Eu gostaria que eles não estivessem assistindo tudo isso.

"Então o que?" Eu pergunto, encolhendo os ombros. Eu quero que essa merda termine. Eu quero esquecer que Lúcifer já existiu. Eu nem ligo se não posso matar ele. Se ele me deixar ir, vamos viver vidas separadas. Parar de foder com meu irmão. "Por que você queimou a casa de Brooklin? E o clube? Matou o cara dele? O que você quer de nós?"

"Nós?" Ele assobia. "Você o deixou brincar com outras mulheres e ainda se alinha com ele?"

Eu lanço um sorriso mortal para ele. Ele não sabe. Eu não quero que ele saiba a verdade. É mais divertido assim. "Você só conseguiu meu primeiro nome antes," eu indico. Ele me observa com cuidado, como se eu fosse uma bomba que pudesse detonar a qualquer momento. Juro que todos nesta casa estão prendendo a respiração, até o Mayhen ao nosso lado. "Mas meu sobrenome..." Eu paro e lambo meus lábios, apreciando sua angústia. "Meu sobrenome é Rain."

Ele olha para mim por um longo momento e depois bate com o punho contra a parede, ao lado da minha cabeça, e puxa a mão debaixo da minha camisa. Eu acho que sei o que

ele está pensando. Eu quero que ele pense isso. Ele acha que eu peguei o sobrenome de Jeremiah.

Ele se vira, passando as mãos pelos cabelos escuros. Eu assisto seus músculos das costas flexionarem sob sua camisa, como seus quadris se estreitam, como seus jeans se encaixam nele tão bem.

Satanás.

Lúcifer.

O maldito diabo.

Eu fico contra a parede, aproveitando esse momento. No momento em que tenho algo nele. Por alguma razão, mesmo que ele me odeie, ele ainda quer que eu seja dele. Ele quer me reivindicar. Me possuir. Antes que ele me destrua completamente.

Os meninos se levantaram na sala de estar. Eles dão passos em nossa direção.

Lúcifer se vira para me encarar. "Como você pôde?" Ele pergunta, balançando a cabeça. "Como você pôde?" Suas mãos ainda estão em sua cabeça, e eu vejo a linha sob seu bíceps.

Eu me forço a olhar para o rosto dele. “Eu poderia perguntar o mesmo de você. Você me deixou naquela floresta. Você me deixou e você...”

Luzes piscam através do painel de vidro da porta ao meu lado. Paro de falar, minha boca se fecha. Mais luzes. Múltiplos veículos.

Lúcifer age primeiro, pegando a arma da mesa perto da porta. O resto dos Unsaints se aglomera ao nosso redor, e Mayhem me empurra para trás deles. Eles olham através do painel de vidro e as mãos juntas de Lúcifer acima dos olhos para ver melhor. Eu espero com a respiração presa. Não há como Nicolas chegar a Jeremiah e voltar tão rápido. Isso seria impossível.

Fico de lado e a expressão de Lúcifer é ilegível enquanto olho para o perfil dele. O nariz reto. Lábios carnudos. Eu quero bater sua cabeça contra o vidro e quebrar esse lindo rosto do caralho.

"Parece que seus donos voltaram cedo," Cain murmura, alisando a camisa, os músculos inchando sob ela.

Eu ignoro a piada e balanço a cabeça. "Alexandria é muito longe."

Lúcifer olha para mim. "Jeremiah não queria que você ficasse muito longe dele, não é?"

Isso me bate. Meu irmão nos seguiu até aqui. Dadas as circunstâncias, não posso culpar ele exatamente por isso.

"Tudo bem, no entanto," Lúcifer continua em sua voz grave. Sinto um calafrio percorrer minha espinha. "Gostaria que você estivesse aqui para isso."

Eu franzo a testa para ele. Eu vejo todos os cinco Unsaints, armas na mão, expressões tensas, músculos flexionando sob suas roupas. Eles não vão deixar meu irmão sair daqui vivo. Ele os deixou. Depois que eles deixaram um estranho entrar em seu pequeno culto por seus crimes perversos, ele os traiu. Provavelmente levaram pior que um Juramento da Morte.

Não que o Juramento da Morte tenha significado alguma coisa. Pelo menos não para Lúcifer.

Como um, todos eles se afastam da porta. É estranho como eles se movem juntos. Lúcifer puxa meu braço até que eu esteja na frente dele. Mayhem estende a mão e desliza a fechadura da porta, abre ela e depois se junta à fila.

Lúcifer está no meio comigo, dois meninos nos flanqueando de cada lado.

Vejo Nicolas primeiro, contornando a calçada, e depois meu irmão nas costas dele, e fodido Kristof e Trey atrás dele. Todos eles têm armas. Todos eles, exceto meu irmão.

Reviro os olhos, mas meu coração pula ao ver eles. Até a porra do Kristof.

Eu quero sair daqui. Eu quero me afastar dessa merda. Do meu passado. Pelo que aconteceu. Estou pronta para terminar.

Os quatro atravessam a porta, um de cada vez, e Trey chuta a porta fechada atrás dele.

Somos jogados na escuridão, silenciados apenas pela lâmpada acesa na sala de estar às nossas costas.

"Podemos fazer isso da maneira mais fácil," diz meu irmão, "ou da maneira mais difícil."

Lúcifer nos dá um passo atrás, e eu ouço o resto dos Unsaints mover com ele. Lúcifer não está apontando a arma para mim, ou para eles. Tenho certeza de que os outros estão, mas não tiro os olhos dos de Jeremiah, mesmo que não seja eu quem ele esteja olhando.

"Você pode deixar ela ir agora e todos nós vamos embora, ou eu cortarei seu filho em pedaços e os alimentarei dele, um por um."

Ninguém diz nada. O silêncio soa após as palavras do meu irmão. Ninguém está olhando para mim, exceto Trey. Ele parece quase se desculpar. Mas agora não é o momento para isso.

"Seu pedaço de merda." É a voz estrondosa de Ezra que quebra o silêncio. Os olhos do meu irmão se voltam para os dele. “Seu filho da puta. Você nos abandona, quebra seu juramento e se atreve a fazer exigências de nós?”

Lúcifer ri sombriamente, e quando ele fala, eu posso ouvir o sorriso em suas palavras. “Você continua me confundindo com alguém que se importa com essa criança. Sobre Julie. Você entendeu tudo errado. É por isso que você está aqui nesta posição."

Nicolas cospe no chão e trabalha a mandíbula. "Errado?" Ele responde, inclinando a cabeça, a arma apontada para Lúcifer nas minhas costas. Kristof e Trey também estão. "Engraçado, para um cara que não liga, você estava esperando nas sombras da casa do garoto. Você arrastou Sid com uma arma por ele. Trouxe seus amigos por ele. Isso não parece alguém que não se importa para mim, Lúcifer."

Lúcifer tem um braço em volta da minha frente e ele aperta contra o meu peito. "Antes de considerar seu pedido," ele diz calmamente, "o que aconteceu com a garganta de Sid?"

O olhar de Kristof dispara para mim e Lúcifer percebe. O idiota se entregou. Sinto Lúcifer tenso atrás de mim.

"Eu vou te matar," ele diz calmamente para Kristof.

"Me deixe ir." Essa é a minha voz se juntando à briga. Estou cansada de ser usada como um peão. “Me deixe ir, Lúcifer. Você não quer me matar. Claro, você pode querer me foder de novo. Para me usar. Mas você não quer me matar, e eles sabem disso."

"Cuidado, Lilith." Palavras de Atlas. "Eu não diria a Lúcifer o que fazer e o que não quer."

"Vai se foder," eu rosno para Atlas. Isso gera um estalo de desaprovação na língua de Cain. Giro nos braços de Lúcifer para encontrar os olhos escuros de Atlas ao meu lado. "Você sabia?" Pergunto a ele. "Você sabia que ele ia me estuprar naquela noite?"

O olhar de Atlas não vacila com o meu olhar. "Estupro?" Ele zomba, um sorriso nos lábios. "Parecia para mim que você queria isso."

Eu avanço nele, mas Lúcifer mantém seu aperto firme em volta do meu peito.

"Eu vou esculpir sua língua e enfiar ela tão longe na sua garganta que você vai engasgar com isso." Isso vem do meu irmão. Pela primeira vez, estamos do mesmo lado.

Mas Atlas sorri completamente agora, se virando para o meu irmão. "Você nunca contou a ela, contou?"

Isso me faz parar.

"Estou doente e cansado," começa Lúcifer, com a voz baixa no meu ouvido, mas alto o suficiente para todos ouvirem, "de perguntar a você as mesmas merdas vezes sem conta, Sid. Quem é ele," e eu sei que ele está se referindo a Jeremiah, "para você? Você tem o mesmo sobrenome, mas eu conheço Jeremiah. Eu o conheço provavelmente melhor que você. Ele é fodido imundo. Você não se casaria com essa merda, não importa o quão rico ele fosse. Quem é ele para você, Lilith? E não minta pra mim."

Sua respiração contra a minha pele faz arrepios nos meus braços. Ao longo do meu corpo. Encontro o olhar de Jeremiah na escuridão. Suas sobrancelhas estão franzidas e há uma careta no rosto. Ele realmente parece preocupado.

Eu não tenho ideia do porquê.

Não tenho ideia do que importa, neste momento, o que sou para Jeremiah. Que eu sou irmã dele. É muito claro, com base na quantidade de músculos e armas que Jeremiah trouxe aqui, e no fato de que ele me seguiu até aqui, que ele mataria por mim. Ele pode não pagar um resgate ou conceder seu território ou seus negócios, mas ele dispara uma arma no cérebro de alguém por mim.

Isso deve ser suficiente para Lúcifer e os Unsaints.

Mas a maneira como Jeremiah está olhando para mim, e a quantidade de vezes que Lúcifer fez a pergunta... eu quero saber. Eu quero saber o que importa.

"Ele é meu irmão," eu sussurro.

Capítulo Vinte e Três



Presente

Ninguém se mexe, mas toda a atmosfera da sala muda. É como se alguém tivesse tirado o ar da casa e fechado os pulmões de todos. Nos sufocando a todos. A tensão é pesada, mas alta, como chuva forte. E há uma tempestade se formando, mesmo que nenhuma palavra seja dita depois da minha confissão.

E é assim que se sente.

Uma confissão.

Eu não tenho ideia do porquê.

Eu me viro para ver o rosto de Lúcifer. E ele me deixa. Seus braços ainda estão ao meu redor, mas ele me deixa virar para ele, e eu levanto minha cabeça para encontrar seu olhar.

Choque. Isso é o que está escrito em seu rosto. Eu esperava triunfo, alegria ou frio calculado, sabendo o que sou para Jeremiah. Sabendo que somos sangue. Ele não sabe o

quão raso esse sangue corre. Embora ele deva saber que estávamos separados, pois ele conheceu Jeremiah por vários anos. Mesmo assim, eu esperava, conhecendo nossa ligação, ele ficaria feliz.

Mas o choque não se transforma em exaltação. Ele se transforma rapidamente em horror e depois raiva. Ele aperta a mandíbula e desvia o olhar de mim, na direção do meu irmão. Ele aponta a arma para Jeremiah com uma mão.

Atlas xinga baixinho.

Nenhum dos homens do meu irmão diz uma palavra.

Mas é Ezra que se move primeiro.

Ele passa por todos nós, direto para o meu irmão, batendo a cabeça dele contra a porta e as costas. Ele levanta a arma na mão quando os dois estão no chão e começa a acertar Jeremiah no rosto com ela.

"Você, doente, filho da puta!" Ele rosna, cada palavra pontuada pela arma esmagando o rosto do meu irmão. Eu ouço cada golpe, e sinto isso no meu estômago, me estremecendo. Começo correr em direção a eles, mas Lúcifer me agarra pelo colarinho, me puxando para trás nele. Eu luto contra ele com tudo o que tenho, empurrando, chutando e batendo. Ele só me segura mais apertado e depois me empurra para os braços do Mayhem, que travam em torno de mim com um aperto que é quase impossível respirar.

Lúcifer se ajoelha ao lado de Ezra, que ainda está atacando meu irmão. Nicolas, Trey e Kristof estão gritando

com Ezra, dizendo a ele para abaixar a arma, e estou com medo de que eles atirem em um deles, e não sei por que me importo de que eles atirem em Ezra, mas eu me importo. Mesmo quando o rosto do meu irmão se transforma em nada além de um poço sangrento, eu também tenho pavor por Ezra. Um homem que eu nem conheço. E agora Lúcifer está na briga, segurando o rosto de Ezra.

"Pare," ele está dizendo, com a voz baixa, mas Ezra continua, apesar de não poder ver, porque Lúcifer não largou sua cabeça. "Pare," Lucifer rosna novamente.

"Eu vou explodir sua cabeça!" Kristof rosna, inclinando a arma.

Eu congelo quando Cain segura uma arma na minha cabeça, os braços de Mayhem me segurando no lugar.

"Não, você não vai," diz Cain.

Lúcifer ergue os olhos, os olhos escuros. Mas ele não parece se importar que um de seus Unsaints esteja me segurando à mão armada. Por que ele iria? Porra, ele estava apenas me segurando com uma arma.

Lúcifer agarra os ombros de Ezra e o sacode. Mas Kristof vê a arma na minha cabeça e ele, junto com Nicolas e Trey, se calam. Embora ninguém abaixe suas armas.

Ninguém, exceto Ezra.

O peito de Ezra está agitado, posso ver por trás dele, as costas subindo e descendo. Lúcifer o puxa para cima, e Ezra

parece apenas ficar ali, mole nos braços de Lúcifer. Lúcifer o arrasta de volta, e a arma de Ezra está pendurada em seus dedos. Seus olhos castanhos estão cegos enquanto ele olha para o chão, e meus olhos se voltam para o rosto do meu irmão.

Trey e Nicolas se agacham sobre ele, enquanto Kristof continua apontando sua arma na direção dos Unsaints. Na minha direção.

Lúcifer está na minha frente, de frente para mim, Ezra agora com um braço jogado contra Atlas, que o olha com preocupação, mas sem falar. O peito de Ezra ainda está pesado.

"Me diga por que não devo matar seu irmão," diz Lúcifer.

"Deixe... ela... sozinha." A voz do meu irmão está rouca. Estou surpresa que ele ainda esteja falando.

Mas algo está errado. Há algo que todo mundo nesta sala sabe que eu não sei.

Cain não abaixa a arma, mas percebo que o dedo dele não está no gatilho. O Mayhem ainda me mantém apertada, Kristof ainda está apontando para nós, e Trey e Nicolas estão tentando ajudar meu irmão a se sentar. Lúcifer está de costas para eles.

"Lúcifer." Seu nome sai como um sussurro. Seus olhos amolecem quando ele ouve.

Ele balança a cabeça. "Sid," ele me implora, "me diga o porquê." Ele tem uma arma na mão. Está batendo contra a coxa dele.

"O que está acontecendo?" Não sei por que minha voz treme. Nada mudou desde que contei a verdade. Nada mesmo. Jeremiah era meu irmão antes de eu dizer as palavras. Ele é meu irmão agora, depois que eu disse. Mas um rápido olhar para Atlas, que fecha os olhos por um momento antes de olhar para mim e depois para Ezra ao seu lado, diz que tudo mudou.

Lembro que o pai de Mayhem expulsou sua irmã, por ele, Atlas. Me lembro que isto é um emaranhado. Há coisas que eu não sei. Coisas que eu não entendo.

"Ele está fodendo com você, Sid." Mas as palavras ilegíveis de Jeremiah não parecem verdadeiras. Ele está mentindo. Mas sobre o que?

Lúcifer engole. Me lembro da tinta de esqueleto em que o vi pela primeira vez. Me lembro do capuz sobre seus cachos. Me lembro das mãos dele em cima de mim. A faca. Os dentes dele. A boca dele. Nosso sangue em nossos lábios quando nos beijamos.

Como ele me salvou, talvez sem nem mesmo saber.

Mas eu me lembro de outras coisas também. Como ele passou por mim bebida após bebida. Como ele despejou em nossas gargantas quando se deitou em cima de mim no sanatório abandonado. Lembro de suas últimas palavras para

mim. As últimas que eu me lembro de qualquer maneira. *Com você ao meu lado, descobriremos isso, Lilith.*

Me lembro de algumas das minhas últimas palavras para ele também. *Eu faria qualquer coisa com você.*

"O que aconteceu, Lúcifer?"

Os olhos de Lúcifer estão com raiva. Ele está bravo.

Mas não desvio o olhar dele.

Alguém vai me dizer, porra, sobre o que todos esses nove homens estão prendendo a respiração. Alguém vai me dizer o que eu preciso saber.

O rosto de Lúcifer na verdade se amassa. Ele franze a testa, fecha os olhos e passa a mão livre pela mandíbula e pressiona a palma da mão contra os olhos.

"Eu estive procurando por você," ele sussurra, abaixando a mão, mas sem encontrar o meu olhar. "Eu estive procurando todo ano passado. Ando procurando porra em todos os lugares, Sid. ” Observo a veia em seu pescoço se mover enquanto ele engole. “Mas eu nunca descobri seu nome. Eu nunca descobri.”

"Porque você me deixou."

Atlas zomba e Mayhem rosna atrás de mim, mas eles não dizem nada.

"Está certo," meu irmão grita do chão atrás de Lúcifer. Ele está encostado na porta, Nicolas e Trey ainda agachados ao seu redor. Mas sua voz está ganhando força. Antes, ele

parecia hesitante. Mas agora ele está de volta ao comando. “Ele deixou você. Ele te fodeu. Eu te levei. Volte, Sid. Venha ao seu irmão, para que eu possa colocar uma bala no cérebro deste filho da puta.”

Os olhos de Lúcifer se voltam para os meus. Percebo, mesmo na escuridão, que posso ver eles brilhando. "Ele está mentindo," ele engasga. Ele balança a cabeça, morde o lábio. Percebo que a arma de Cain não está mais pressionando minha cabeça.

O que quer que Lúcifer esteja prestes a dizer, ele não quer. Eu sinto que posso desmaiar.

"Ele está mentindo. Eu nunca te deixei, Sid. Eu nunca teria deixado você. Naquela noite, quando eu te vi naquela faixa de pedestres, foda-se. Eu vi a arma na sua coxa. Eu sabia que era real. Quando falei com você, tive uma ideia do que você pretendia fazer. E eu não pude. Eu não te conhecia. Você não me conhecia. Mas eu não poderia ter deixado você fazer isso. E eu nunca teria deixado você.”

"Isso é besteira suficiente," a voz de Jeremiah soa na casa silenciosa. Ele está chateado. Ele vai se levantar, mas Nicolas e Trey o seguram.

Atlas aponta sua arma para meu irmão, um braço ainda pendurado em torno de Ezra .

“Se você atirar em mim,” Jeremiah diz a Atlas calmamente, “você morrerá. Você entende isso, não é? Você não é tão burro quanto parece?”

Atlas sorri. Pela primeira vez, eu vejo o monstro de sangue frio nele. O mesmo que está em Lúcifer. No meu irmão. Kristof. Ezra . Mayhem. Cain.

Eu.

"Eu vou," concorda Atlas. "Mas você também estará morto, imbecil. Isso será o suficiente para mim."

Meus olhos estão presos nos de Lúcifer. Não me importo com a briga entre Jeremiah e Atlas. Não me importo com os braços do Mayhem ao meu redor. Na verdade, eu preciso dele lá, porque de repente me sinto fraca demais.

"Eu acordei," eu digo, meu lábio tremendo. “Eu acordei e você estava... você se foi. Eu estava...” Eu sufoco um soluço. Eu respiro pelo nariz. Fora pela minha boca. Eu sinto que estou caindo. Sinto como se estivesse caindo e ninguém vai me pegar. Não dessa vez. "As minhas roupas..."

A mandíbula de Lúcifer se aperta novamente. O mesmo acontece com o Mayhem, embora não pareça ameaçador. "Sinto muito, Sid. Me desculpe, eu não pude te salvar. Sinto muito.” Lúcifer quase soluça as palavras.

"O. Que. Aconteceu?!” Grito as palavras. Lúcifer realmente se encolhe. Ninguém se mexe. Parece que ninguém está respirando.

"Não vai mudar nada," Jeremiah diz friamente. "Não vai melhorar isso. Você entende isso, não é? Podemos resolver isso entre nós. Mas você não a fará amar você.”

"Não fui eu, Lilith." Lúcifer parece partes iguais de angústia e raiva.

Eu preciso saber o que diabos aconteceu naquela noite antes de decidir como vou mudar isso.

"Não fui eu. Era ele." Seus olhos se voltam para Jeremiah nas costas, se estreitando em fendas quando ele vira a cabeça. Com um esforço, ele afasta o olhar dele, se concentra em mim. "Ele encontrou você. No carrossel." Eu me lembro. "Mas ele não sabia, então, eu não acho, quem você era. Ele só queria você. Nunca confiamos nele, mas tentamos. Deus, nós tentamos. Ele seria o único que poderia nos foder na Noite dos Unsaints. A única merda." Ele embala a cabeça nas mãos por um segundo. Então ele olha para cima.

Ele morde o lábio. Eu vejo sangue brilhando quando ele começa a falar novamente.

"Ele deveria ter me matado, porra. Meu Deus." Ele cobre a boca com a mão, manchando o sangue. Então ele abaixa. "Ele... ele tentou te machucar, Sid." Ele balança a cabeça e sua voz treme. "Ele voltou. Ele tentou te machucar." As últimas palavras saem como um rosnado. "Ele me fez assistir isso acontecer. Você... você mal estava consciente. Mal acordada. Mas você pensou que ele era eu. Você deixou, porque você não sabia. Oh meu Deus, você não sabia. Ele me fez assistir. Eu não consegui me mexer. Ele havia drogado todos nós. Porra de todos nós." Me lembro da mesa com bebidas no vestíbulo do manicômio degradado. "Então ele

esmagou uma garrafa na minha cabeça e me amarrou a um maldito poste de concreto. Ele esperou até eu acordar."

Seu peito sobe e desce, cada vez mais rápido. Ele passa a mão no rosto novamente, como se pudesse tirar a memória da cabeça.

"Ele esperou. Tentei chegar até você." Ele levanta a camisa e vejo cicatrizes ao longo de seu abdômen perfeito, grosso e prateado. A forma de algo que se parece com corda.

Ele solta a camisa e meus olhos voltam para os dele.

"Eu tentei chegar até você. Mas ele não... em algum momento, ele percebeu quem você era. Ele não chegou até o fim, Sid. Foda-se se isso é um consolo, mas ele não foi. Ele deve ter reconhecido você porque ele parou. Ele parou e me bateu de novo e te arrastou para longe. Mas pensei que poderia te encontrar. Eu não sabia que ele era... nunca soube que ele era seu irmão. Sinto muito, Sid. Sinto muito, porra."

Eu não me mexo. Eu mal estou respirando. Minha cabeça está girando. Minha mente tenta me salvar, tenta não pensar naquela noite. Então eu não penso. Eu não quero lembrar. Eu não quero pensar nisso. Para pensar em Jeremiah. O capuz dele. Sobre ele se elevando sobre mim. Esperando que eu acorde.

Sobre ele me levar para o hotel. Me lavando. Esfregando minha pele crua.

Eu não quero pensar. Eu não quero ser

Não ouso olhar para ele. Ninguém fala. Meu irmão não diz nada.

Eu bato minha cabeça para trás, contra o peito do Mayhem. Ele é um muro de pedras atrás de mim. "Porra, me mate," eu ordeno a Lúcifer. Eu bato minha cabeça contra Mayhem novamente.

Lúcifer balança a cabeça. "Não, Sid." Eu o vejo engolir novamente, o vejo tentar se recompor. “Não, Sid. Não. Não deixe ele ganhar isso."

Recuo minha cabeça para trás novamente, batendo ela no Mayhem. “Alguém puxa o gatilho. Você é Lúcifer, afinal. Me mande de volta para o inferno.”

"Não deixe que ele ganhe isso, Lilith."

Algo sobre esse nome me faz estalar. Com um último olhar para Lúcifer, eu torço para fora dos braços de Mayhem. Ele me deixa ir. Eu evito Lúcifer, e os olhos do meu irmão estão em mim. O rosto dele é branco. Espectral. Pelo menos as partes dele que não estavam cobertas de sangue e já estavam começando as contusões. Ele parece perdido. Não tenho ideia do que ele está pensando, mas ele não se mexe, nem Nicolas, Kristof ou Trey, enquanto caminho para o meu irmão.

Eu levanto meu punho, levanto de volta, e dou um soco nele o mais forte que posso na cara.

Seu nariz treme sob o meu punho, sua cabeça recua. Quando ele se vira para olhar para mim, vejo lágrimas brotando em seus olhos, sangue pingando de seu nariz. Do

rosto dele. Sua boca, onde Ezra chegou até ele. Não sei por que Ezra o arrebentou, mas não tenho tempo para pensar nisso. Eu ainda levanto meu punho. Eu empurro de volta novamente.

"Sid." A voz de Nicolas.

Eu olho para ele. Ele ainda se inclinou ao lado do meu irmão.

"Você sabia?" Eu pergunto a ele baixinho, sem abaixar o braço.

Ele desvia o olhar por meio segundo. E eu sei.

Minha boca se abre. Eu abaixo meu braço.

Ele sabia.

Ele tinha que saber.

Eu olho para Kristof, para Trey. Eles também sabiam. Eles tinham que saber, porra. Eles sabiam que meu próprio irmão quase me estuprou, drogou os Unsaints e depois mentiram para mim depois que ele me manteve prisioneira em seu hotel.

"Sid." Não consigo olhar para Jeremiah enquanto ele fala.

Em vez disso, olho para Nicolas. Ele sabia. Ele sabia o tempo todo que eu estava naquela cela.

Jeremiah continua falando. “Sid. Eu não sabia que você estava inconsciente. Você estava... você estava desmaiada.

Mas eu não fiz isso. Não foi tão longe. Eu vi... quem você era... minha irmãzinha."

Eu o soco de novo, mas desta vez, ele abaixa a cabeça e agarra meu pulso.

"Sid, eu não sabia..." Sangue está em toda parte. Mas percebo, neste momento, que a alavancagem que os Unsanits tinham se foi. Estou nas garras de Jeremiah agora. Qualquer um de seus homens poderia puxar o gatilho e matar todos os Unsaints.

Relaxo. O aperto de Jeremiah no meu pulso afrouxa, mas ele não o solta ainda. Seus olhos verdes pálidos perfuraram os meus. Ele quase tinha me fodido.

Bile sobe na minha garganta.

Eu vou ficar doente.

Mas não posso. Ainda não. "Por que você não me contou?" Pergunto. Porque eu tenho que saber disso. "Por que você me fez pensar..." Fecho meus olhos contra a memória. "Por que você não confessou?" Encontro seu olhar novamente. "E por que... por que você me queria?"

Me lembro dele me encarando na festa. Me lembro dele me seguindo ao carrossel. O mesmo que ele usa agora para me atormentar. Para me fazer forte.

Ele abaixa meu braço, mas não o solta. Ainda não. "Eu não queria que você me odiasse," ele sussurra. Neste momento, acredito nele. Mas o que ele não sabe é que eu já o

odeio. Mesmo antes desta noite, eu o odiava. Mesmo se eu o amava antes, mesmo se eu o amo ainda, eu também o odeio.

Eu concordo. Ele solta meu pulso. Aproveito esse momento e me afasto. Os braços de alguém me rodeiam.

Lúcifer.

Só consigo pensar nele tendo que assistir. Dessas cicatrizes no estômago. Do que ele tentou fazer para me salvar. Do meu irmão, arruinando nossas vidas em uma noite. De trair esses meninos.

"Saia daqui," cuspi nos quatro, a Ordem da Rain, encontrando cada um de seus olhos. Eles estão doentes. Eles estão errados. Todos nós estamos contaminados, mas eles são os piores de nós. “Saia daqui e nunca mais volte. Não quero mais ver seus rostos.”

Meu irmão balança a cabeça, lutando para ficar de pé. Parece que ele vai perder a cabeça. Ele agarra o cabelo, rosnando baixinho, o rosto coberto de sangue e machucados. "Eu não vou embora sem você, Sid. Você é minha irmã. Eu esperei muito tempo para encontrar você.”

"Você não estava me procurando," eu cuspi.

"Ele estava." Nicolas fala. "Ele esteve. Ele sempre esteve. Ele não sabia que era você a princípio, mas pensava que você era alguém familiar.”

"Eu não quero ouvir você falar," rosno para Nicolas.

“Você precisa acreditar nisso, Sid. Mesmo se você o odeia. Me odeie. Ele estava procurando por você desde que escapou. Ele queria te encontrar. Para te manter segura...”

"Cala. A. Boca."

"Ele não sabia quem você era. Não quando ele primeiro... te encontrou pela primeira vez. Ele não sabia. Ele me disse que não sabia. Ele me disse que você não revidou...”

"Porque eu estava quase inconsciente!" Eu grito.

"Quase," repete Nicolas. Ele balança a cabeça. "E além disso, ele não fez isso. Ele não fez. Ele quase terminou, Sid, mas não fez."

"Você escondeu isso de mim." Eu quero enterrar todos os seus corpos. "Você escondeu isso de mim e agora você está defendendo ele."

Jeremiah geme. "Eu não quero ser defendido. O que eu fiz foi errado, Sid. Eu sinto muito, porra. Estava errado. Estava fodido. Mas quando percebi que você era minha maldita irmã, parei imediatamente...” Ele se interrompe e depois cai de joelhos.

Meu irmão.

De joelhos.

Em uma sala cheia de seus homens e seus inimigos.

Todo mundo está olhando para ele. Atrás de mim, o peito de Lúcifer sobe e cai contra meus ombros, e ele mantém os dois braços em volta de mim, a arma apontada para o chão.

Ele não fala, me deixando discutir isso com meu irmão por enquanto. Nenhum dos Unsanits fala.

Jeremiah começa a rastejar, de joelhos, para mim.

Ele para a alguns centímetros dos meus pés e senta nos calcanhares. Ele está vestindo um terno, sem amarras, mas coberto de sangue. Eu quero que ele se afogue nele.

“Por favor, me perdoe, Sid. Por favor. Não vá com ele. Você não está segura com ele. Você não está segura com ninguém além de mim. Eu prometo a você, Sid. As coisas vão mudar. Ficarei melhor. Vou me sair melhor. Ele queimou a casa de Brooklin...”

"Ela não estava nela," Mayhem rosna ao meu lado. “Nós estávamos enviando uma mensagem para você. E eu vou recuperar ela também. Dê o fora daqui. Sua irmã está lhe dizendo que ela não quer você. Não volte aqui. Se você fizer, eu mesmo vou te matar.”

É a maioria das palavras que já ouvi o Mayhem dizer.

Jeremiah parece que quer pular de pé. Como se ele quisesse retaliar. Mas ele aperta a mandíbula e não o faz. Ele olha para mim novamente, mas um pouco da raiva está de volta em seus olhos. Isso é realmente o que Jeremiah é, no centro dele.

Raiva.

Ele está cheio de tanta raiva e queimou todo o meu mundo. Em uma única noite, ele me arruinou.

“Sid. Eu não posso te perder de novo," ele tenta novamente. "Eu não posso. Se lembre que eles mataram um dos nossos homens...”

“Seu idiota. Não nos preocupamos com dinheiro pequeno, filho da puta. Que merda queremos com seus drogados?” Ezra rosna.

"Você não me quer. Você quer me possuir, Jamie.” Eu rosno seu nome verdadeiro. Aquele com quem ele nasceu. "E eu não sou sua." Eu odeio que um pequeno pedaço do meu coração quebrado queira ir com ele. Um pequeno pedaço de mim se lembra dele cuidando do meu pé no banheiro. Me dizendo que as coisas serão melhores. Que ele me ama. Eu quero dobrá-lo em meus braços. Porque ele tinha me fodido. Mas ele também foi fodido. Nossa dor correu muito profunda entre nós, por causa de nossa mãe. Nosso pai ausente.

Um pai que nunca conhecemos.

Amor que nunca conhecemos.

Seus doentes e ricos pais adotivos e irmãos.

Mas não posso voltar com ele. Eu nunca posso voltar com ele. Eu nem sei se vou poder olhar ele novamente depois desta noite.

Eu tenho muitas perguntas. Eu não sei o que Lúcifer faz. O que os Unsaints fazem. Se eles trabalham no mesmo negócio que meu irmão, ou algo diferente. Não sei o que estou escolhendo ficando aqui, do lado deles, mas não posso ir com meu irmão.

E isso machuca.

Porque também sei que, quando apago, é difícil para outras pessoas perceberem. Eu ajo como se estivesse acordada. Como se eu estivesse consciente. Parte de mim sabe que Jeremiah está dizendo a verdade quando ele diz que eu o deixei. Quando não resisti e parecia acordada. Eu sei que é verdade.

Mas isso não muda nada entre nós. Porque em qualquer estágio da consciência em que eu estava, ele sabia que eu estava bêbada. Ele queria punir os Unsaints. Para assustar. Humilhar eles me levando.

Eu engasgo com a bile subindo pela minha garganta.

"Sid..."

"Se você não se levantar e sair daqui eu mato você."

Jeremiah balança a cabeça. "Você não faria. Não o seu próprio irmão."

Estendo minha mão, palma para cima. Sem hesitar, Lúcifer chega ao meu redor e coloca a arma ali, envolvendo meus dedos em volta do punho. Eu aponto para Jeremiah. Seus homens ficam tensos e apontam suas armas, embora com relutância, para mim. Ele vira a cabeça para encarar eles. Eles abaixam suas armas.

Ele encontra meu olhar novamente. "Você não faria, Sid. Porque você sabe que eu te amo. Que estamos tristes e quebrados, e eu sou o único que pode te amar. Você sempre

volta para mim, porque eu sou seu irmão. Eu sou a quem você pertence, Sid."

Lúcifer me puxa para mais perto de seu corpo, e sua respiração cresce mais rápido. Raso. Ele vai matar Jeremiah se meu irmão não sair daqui.

"Saia," eu digo novamente. "Se você me amou, se ainda ama, saia daqui." Eu gesticulo com a arma, meus olhos se estreitaram. "Agora."

Jeremiah abaixa a cabeça. Mas lentamente, ele se levanta. Então ele olha para Lúcifer, nas minhas costas.

"Eu voltarei para ela. E ela virá comigo. Ela nunca vai escolher você sobre mim. Eu sou o sangue dela. Você é nada."

Com um último olhar para mim, ele se vira. Kristof é o primeiro a seguir ele. Trey e Nicolas mantêm meu olhar.

"Venha conosco," sussurra Nicolas.

Balanço a cabeça. "Eu nunca mais quero ver nenhum de vocês."

Nicolas morde a língua. Trey parece que ele pode tentar correr e me agarrar, me puxar para fora da porta. Mas Nicolas se vira primeiro e coloca a mão firme no ombro de Trey. Juntos, eles partem. Eu os assisto descer as escadas, e então Mayhem se move primeiro, batendo a porta e trancando ela atrás deles.

Me afasto de Lúcifer e, com relutância, ele me deixa ir.

Eu giro para encarar ele, a arma ainda na minha mão. O Mayhem está nas minhas costas. Ezra ainda está inclinado contra Atlas, e Cain está me observando atentamente com os braços cruzados. Estes são os Unsaints. E eu não sou um deles.

Eu não sei quem eu sou

Mas não é isso.

"Eu preciso sair daqui," eu digo baixinho.

Lúcifer franze a testa. "O que? Não. Sid. Não."

Pego as chaves do BMW da mesa. "Preciso sair daqui e, se você quiser me ver novamente, não vai me seguir."

"Sid." Esse é Ezra. Ele sai do braço de Atlas e fica parado na minha frente. Eu vejo Lúcifer tenso em suas costas.

Ezra dá outro passo em minha direção e eu não recuo. Ele me puxa para seus braços e eu o deixo me esmagar contra o peito. Ele cheira a suor e sangue e eu não o abraço de volta. Ele me segura no comprimento do braço e pressiona um beijo na minha testa. Estou chocada demais para reagir.

Lúcifer parece que ele pode atacar ele.

Mas Ezra diz, naquela voz profunda. “Volte, Lilith. Temos o inferno para pagar."

"Não," diz Mayhem atrás de mim. Ele passa por mim, cruza os braços. Eu vejo a tatuagem de uma cruz invertida no lado do rosto. Seus olhos azuis bebê estão treinados em mim. Ele é alto e magro como Lúcifer, mas com cabelos loiros. Ele

parece zangado. E um pouco assustado. "Não," ele diz novamente.

Ezra olha para ele. "Ela vai voltar."

Ninguém diz uma palavra. Nem mesmo Lúcifer.

E depois de dar uma vantagem à Ordem da Rain, eu saio.

Capítulo Vinte e Quatro



Presente

Já faz muito tempo desde que eu dirigi um veículo. Meus pais adotivos não me compraram um carro, e eu nunca me preocupei em economizar dinheiro suficiente para conseguir um. O ônibus funcionou bem em Alexandria. Eu nem tenho licença.

Eu tive, em um tempo, uma de minhas famílias adotivas pelo menos me deu isso, me deixando praticar com seus SUVs. Mas ainda assim, ao volante do BMW de Lúcifer, minhas mãos estão tremendo no volante.

Racionalmente, sei que parte disso tem a ver com o que aconteceu.

Irracionalmente, não quero pensar no que aconteceu.

Dirijo pela estrada solitária, ainda bem que não vejo outros carros. Também os procuro. Nos arbustos. A floresta. Acostamentos de cascalho. Mesmo no único posto de gasolina que Nicolas e eu tínhamos passado antes de chegarmos à casa de Julie.

Julie.

Eu me pergunto se ela acordou durante todo esse encontro. Gostaria de saber se Nicolas e Jeremiah voltarão e

terminarão o trabalho. Eu me pergunto se eles machucariam o garoto também.

Jeremiah. Jamie.

Meu irmão.

Meu irmão quebrado, nojento e horrível.

Não consigo pensar nele sem minha pele se arrepiar. Eu quero arrancar tudo. Eu quero vomitar. Eu vou vomitar.

Desvio para o lado da estrada, nada além de colinas gramadas sob as estrelas de ambos os lados. Eu pulo para fora do BMW, deixando ele funcionando, e corro para a vala, abaixando. Tudo vem para fora, o que não é muito. Meu estômago roncou na casa de Julie. Não me lembro da última vez que comi.

Mas agora, sou grata por esse fato. Mesmo depois de vomitar o que estava lá dentro, bile seco, e cuspe pelos lábios. Sou grata por ninguém estar aqui. Ainda bem que estou sozinha.

Grata e assustada.

Porque quem vai me parar agora? Não tenho armas, mas não ficaria surpresa se Lúcifer tivesse algo no carro. Ele é tão sujo quanto meu irmão.

Mas não exatamente.

Meu irmão…

Levanto novamente, minhas mãos nos joelhos, enquanto me inclino sobre a vala.

Meu maldito irmão.

Ele estava tão cego pelo ódio, por qualquer maneira que os Unsaints não o fizeram se sentir bem-vindo, que ele não tinha poupado um pensamento sobre quem ele estava usando para foder com eles. E não era só isso. Não foi apenas a injustiça do que aconteceu entre nós. O pecado. A coisa nojenta que quase tínhamos feito juntos.

Porque ele parou.

Eu tenho que dar isso a ele.

Mas são as mentiras. A besteira.

Oh Deus.

Eu vomito de novo, a bile subindo, meu estômago em convulsão quando minha mente se recusa a pensar sobre o que ele deve ter sentido quando descobriu.

E então ele mentiu, para encobrir seus rastros. Ele havia me convencido de que Lúcifer não se importava comigo. Mas eu não fui a única vítima naquela noite. Lúcifer foi forçado a assistir. Ele tinha cicatrizes para provar que tentou me ajudar. Tentou parar.

Mas Jeremiah tinha me usado. Ele não tinha intenção de me salvar naquela noite, ele só queria chegar aos Unsaints.

Que tipo de monstro era meu irmão?

Caio de joelhos na vala, a centímetros da minha própria doença.

Eu seguro minha cabeça em minhas mãos, soluços silenciosos assolando meu corpo. Nenhum som sai dos meus lábios, nenhuma lágrima sai dos meus olhos. Apenas tristeza silenciosa, me envolvendo.

Jogo a cabeça para trás, levanto o queixo, meus olhos se fecham.

E eu grito.

Eu grito o mais alto e o maior tempo que posso. Não dou a mínima para que alguém possa ouvir. Eu nem me importo que Jeremiah possa me ouvir. Que Nicolas poderia. Kristof. Trey. Espero que sim. Espero que eles pensem que estou sendo despedaçada por um animal selvagem. Espero que eles pensem que estou morrendo.

Eu sinto como eu estou.

O grito ecoa nos vastos campos selvagens ao meu redor, e eu grito até minha garganta ficar dolorida e tudo o que sai é outro soluço sufocado.

Lentamente, começo a recuperar meus sentidos. Se Jeremiah me encontrar aqui, ele não partirá sem mim. Nós dois podemos morrer nas mãos um do outro, mas ele não vai embora sem mim. De novo não.

Eu fico de pé. Minhas pernas tremem, mas volto para o lado do motorista, me arrasto para o banco, fecho e tranco as portas.

Eu descanso. Por um minuto conto até sessenta, minha cabeça contra o assento. Meus olhos se fecharam. Eu me dou mais um minuto para juntar minhas coisas. Quando abro os olhos, puxo o cinto de segurança e coloco a BMW em movimento, estou pronta.

As cicatrizes que Jeremiah deixou para trás, aquelas feridas emocionais e dolorosas... eu sei que elas nunca partirão. Mas a auto-piedade tem que acabar. Porque Jeremiah precisa aprender uma lição de merda.

Por mais que eu odeie Nicolas, fiquei feliz por termos tido esse joguinho entre nós. 'Sim/Não' tinha sido útil, não aprendendo nada sobre Lúcifer, Julie ou a criança. Mas ao aprender sobre meu irmão. Seus sentimentos por Brooklin. Irmã do Mayhem. Ele colocou o coração na manga na frente de Nicolas. Ele fez isso na frente de outras pessoas também, para Lúcifer saber que queimar a casa de Brooklin chegaria ao meu irmão.

Agora eu também sei.

Agora vou chegar ao meu irmão.

Vou pagar ele pelo que ele fez comigo e fazer ele sentir como eu. Como eu gostaria de nunca ter nascido. Como eu não estive confortável em minha própria pele.

Ele queria que eu matasse Lúcifer na noite de Halloween. Ele queria que Lúcifer e os Unsaints sofressem, e ele queria que eu acabasse com ele para que ele não pudesse me dizer a

verdade sobre aquela noite. Mas Lúcifer estava me procurando o tempo todo.

Agora ele me encontrou.

E agora, ele ia me ajudar a foder Jeremiah e a Ordem da Rain.

Capítulo Vinte e Cinco



Presente

Na manhã seguinte, acordo com a ressaca, apesar de não ter tocado em nada na noite anterior. O pensamento de consumir álcool novamente, de chegar a onde estive naquela noite que Jeremiah me encontrou no Parque Raven... isso me faz sentir doente.

Mas tudo me faz sentir doente.

Olhar para o teto acima da minha cabeça na casa velha na beira do Parque Raven me deixa doente. Rolando na cama de solteiro para olhar pela janela, um estalo de luz saindo da borda das cortinas, me faz sentir mal.

Vou precisar de uma bebida em breve. O que importa se eu estiver doente, sóbria ou bêbada? Pelo menos bêbada, talvez eu possa esquecer. Talvez eu não sonhe com Jeremiah em cima de mim. Sobre Lúcifer gritando meu nome enquanto ele assistia.

Por vários minutos, tento não pensar. Sobre qualquer coisa. Nada. Escuridão. O que posso experimentar quando estiver morta. O que eu poderia sentir. Sem peso. Sem carga. É exatamente por isso que planejei me matar na noite em que conheci Lúcifer. Porque estar no infinito nada é muito melhor do que sentir.

Há uma batida suave na porta do meu quarto emprestado.

Me sento, puxando os lençóis de creme pálido até o peito. Estou de sutiã e bermuda, as mesmas roupas que vesti na noite anterior, menos o agasalho, que fica no chão deste quarto antigo. As madeiras são arranhadas e frágeis, o papel de parede é uma impressão floral atroz. Mas é bom estar aqui, escondida à vista de todos. Meu irmão conhece esta casa. Ele sabe que Lúcifer está aqui. Mas ele não veio. Ele quer me dar espaço agora. Ele acha que isso pode acabar logo. Que eu voltarei rastejando de volta para ele, exigir seu perdão e os irmãos Rain seguirão em frente juntos.

Ele sempre me subestima.

"Entre," eu chamo, mesmo quando a porta está se abrindo sem minhas palavras.

Lúcifer está parado na porta, sem camisa.

Meus olhos encontram seus músculos esculpidos, as veias em seus antebraços, seu impressionante tanquinho. E as cicatrizes ao redor do torso, da corda que meu irmão amarrou em volta dele. Sua calça de moletom está baixa nos quadris,

mas forço meu olhar até o dele, ignorando o profundo corte em V logo acima da cintura de sua calça.

Seus olhos estão encapuzados, azuis da meia-noite e cheios de exaustão. Ele tem círculos embaixo deles, sombras que provavelmente combinam com as minhas. Eu não dormi bem. Ele provavelmente não dormiu bem. Suas mãos estão nos bolsos enquanto ele me observa, como se não tivesse certeza de como eu poderia me comportar. Como se eu fosse um animal selvagem.

Eu meio que me sinto como um.

"Você quer conversar?" Ele pergunta com aquela voz rouca que faz meus dedos do pé enrolarem, mesmo contra a minha vontade.

Balanço a cabeça.

Ele concorda. Eu o vejo engolir, aquela veia bonita em seu pescoço encantando meu olho. Ele olha para o chão, os cílios quase abanando as bochechas. Mesmo quando ele estava com uma pintura de esqueleto, mesmo quando ele estava disfarçado de Lúcifer do inferno, eu sabia que ele era bonito. Quando ele pegou minha mão na primeira vez que nos conhecemos, naquele cruzamento que eu planejara percorrer pela última vez, eu conhecia sua beleza.

Eu pensei que era isso que me atraiu para ele, o que me colocou nessa bagunça em que acordei depois do Halloween. Eu me amaldiçoei por isso, por ter sido tomada por seu charme. Especialmente quando eu tinha visto os sinais de

alerta: como seus amigos falavam dele. Como ele falou sobre seus amigos. Julie. A gravidez. Os Unsaints, que estão todos nesta casa agora. Ou pelo menos estavam na noite passada.

Mas não tinha sido enganada. Já o vi. Como ele estava naquela noite. As cicatrizes em torno de seu torso me mostram isso agora. Ele tinha sido o que eu precisava naquela noite. Mas não tenho tempo para pensar nisso. Depois do Halloween, vou embora. Eu nunca voltarei a Alexandria. Nunca mais vou ver meu irmão. Se ele não sobreviver à noite de Halloween, melhor ainda.

Eu nunca vou ver Lúcifer ou os Unsanits novamente.

Esse pensamento penetra um pouco mais no meu coração partido. Mas eu posso lidar com isso. Se eu posso lidar com meu irmão, eu posso lidar com isso.

"O que você está pensando?" Lúcifer me pergunta baixinho, ainda olhando para o chão. Ele move o pé, vestido com uma meia preta, de um lado para o outro sobre a madeira, como se não pudesse ficar parado.

Eu ri. Parece falso até para meus próprios ouvidos. Isto é falso. Cheio de despeito, raiva e dor.

"Estou pensando em como será sair daqui e nunca mais voltar."

Os olhos de Lúcifer se voltam para os meus. "Fora de onde?" Ele pergunta, franzindo a testa.

Olho pela janela e vejo a lasca de luz. Eu puxo meus joelhos no meu peito, cobertores ainda puxados sobre mim. "Fora desta cidade."

Eu poderia jurar que o ouço exalar. Eu me viro para olhar ele, inclinando a cabeça em uma pergunta silenciosa.

"Eu pensei que você quis dizer..." ele passa a mão sobre seus cachos pretos. "Eu pensei que você quis dizer que você poderia... como você fez quando nos conhecemos... que você sairia daqui."

Suicídio.

Ele não quer dizer isso.

"Como você sabia?" Eu pergunto a ele. Minha voz soa desconectada. Eu tento manter as coisas assim. Eu limpo minha garganta. "Como você soube quando me conheceu?"

Ele sorri um pouco, covinha piscando, mas a faísca não encontra seus olhos. "Vi a arma," diz ele, como havia feito na noite anterior. “Eu sei como é uma arma de verdade. E você tinha aquele ar sobre você...”

"Deprimido?" Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha.

Ele ri, um doce som rouco que faz meu peito apertar. "Não, não. Você não estava deprimida. Não, então. Você estava... empolgada. Eu sabia que isso era um sinal. Sempre é, no final.”

Eu franzir a testa. "Como você sabia disso?" Eu estava animada. Sabendo que minha próxima aventura estava

chegando. Que essa vida estaria terminada. Que eu poderia começar de novo em outro lugar. Ou na escuridão.

Ele encolhe os ombros. “Minha madrasta mal me tolerava a maior parte do tempo, quando eu morava com ela. Peguei meu dinheiro e me afastei da minha família quando me formei na universidade, há alguns meses. ” Ele solta um suspiro, olhando ao redor do quarto. Ele força uma risada. "Juro por Deus que minha casa é melhor que essa merda."

Eu franzo a testa. "Sua madrasta?" Eu pergunto a ele.

Ele concorda. "Há muita coisa que você não sabe sobre mim. Os Unsaints. Sociedade de 6. Mas o que aconteceu com você, Sid... ” Ele limpa a garganta, enfia a mão no bolso e tira um cigarro e um isqueiro. Mas ele apenas os segura na mão, apertando com o punho. "Não consigo imaginar," ele finalmente diz. "Mas minha madrasta... quando ela não estava gritando comigo... ela.... *gostava* de mim."

O ar nos meus pulmões se apaga.

Eu não quero ouvir isso. Fecho os olhos, encosto a cabeça na cabeceira da cama. Eu não consigo ouvir isso. Não consigo pensar na dor que Lúcifer passou antes de me conhecer.

"Enfim," continua ele, "eu conhecia essa emoção porque senti isso antes comigo. Eu sabia porque já tinha pensado nisso antes."

Eu abro meus olhos com isso. "O que parou você?"

Ele segura o cigarro nos lábios, acende e dá uma longa inspiração. Ele coloca o isqueiro preto de volta no bolso, exala uma nuvem de fumaça. Quando limpa, ele finalmente me responde.

"A arma não estava carregada." Ele ri, balançando a cabeça. Como isso fosse tudo uma piada. É o tipo de nossas vidas. Uma piada horrível e triste após a outra. “Apertei o gatilho, sem saber muito sobre armas, quando eu era criança. Ela clicou, e eu estremeci. ” Ele dá outra tragada, apaga. Bate as cinzas no chão. Ele olha pela janela. “Quando eu vacilei, eu sabia. Eu ainda não estava pronto para ir."

Eu suspiro. "Você sabe, Lúcifer," eu digo, chamando seu nome. Ele olha para mim, quase como se estivesse esperando por algo. Esperando desesperadamente que o que eu vou dizer a seguir resolva isso. Nos conserte. "Você foi minha vacilada," digo a ele, e falo sério. "Quando você deslizou sua mão na minha..." Eu sorrio, passando a mão pelo meu cabelo curto. "Você foi minha vacilada."



Jeremiah não vem. Ele não vem naquele dia ou no próximo. Ou na semana seguinte. Eu corro todos os dias no Parque Raven, compro algumas roupas, mas, caso contrário, não vou embora. Eu não preciso. Conheço todos os

esconderijos do meu irmão, ou melhor, conheço o suficiente para atingir ele onde dói. Eu conheço Brooklin. Eu conheço a agenda dela. Eu também sei que se eu voltasse para a mansão Rain, eles me deixariam entrar.

É com isso que estou contando.

Meu plano é fácil. Enganosamente simples.

Mas terá que esperar.

Os Unsaints trazem comida para a casa em que estamos hospedados. Eles até cozinham. Outras pessoas que eu não conheço também vêm. Homens com armas. Homens que eu conheço são guardas. Mas eles nunca ficam a noite. Lúcifer dispensa eles ao pôr do sol todos os dias.

Ele me disse que é dono desta casa. Não o parque, porque a cidade não venderia para ele, mas a casa. Aquela para a qual ele me levou também é. Onde eu aprendi a verdade sobre Jeremiah. E aquela em que Julie e a criança ficam.

Nos sentamos na varanda dos fundos da antiga casa, nos degraus, olhando para o rio Raven, a alguns metros de nós. O som suave da corrente borbulhante na escuridão é suave à sua maneira. Lúcifer está fumando, e eu gosto do cheiro dele. Parece... confortável de alguma forma.

Não nos tocamos desde que chegamos aqui. Ezra está me dando um ombro frio, o que é estranho, considerando que ele foi o primeiro a atacar meu irmão. Atlas me deu um tapinha nas costas algumas vezes, e Mayhem está sempre olhando para mim. Cain fica quieto e fica em seu quarto a maioria dos

dias. Eu me pergunto o que eles estão perdendo. Eles não trazem meninas para cá. Gostaria de saber se eles ainda mantêm contato com Ria, ou qualquer uma das meninas da Noite dos Unsaints. Eu me pergunto o que aconteceu com todos os que foram drogados.

Lúcifer sabe o que pretendo fazer. Ou melhor, ele sabe que eu pretendo fazer alguma coisa. Ele não me pressionou exatamente. Ele não mencionou Jeremiah novamente para mim, embora eu o tenha ouvido falar com seus guardas sobre ele em voz baixa quando ele pensou que eu não podia ouvir.

Ouvi Atlas amaldiçoar meu irmão ainda mais do que tenho em mente. Eu não posso culpar eles. Eles o conheciam há anos. Ele os traiu e eu.

Mas eu não falei com Lúcifer sobre isso. Eu não quis.

"Me conte sobre Julie," eu digo, olhando para a noite. Não tenho certeza do que quero ouvir. Eu sei que ela ainda está viva, que meu irmão ainda não terminou o trabalho. Espero que ele não esteja tão ferrado desde a nossa última reunião que ele estrague tanto que alguém o mate antes que eu possa chegar até ele.

Lúcifer está quieto, soprando um anel de fumaça. Começo a pensar que ele pode me ignorar. Começo a pensar que isso pode ser o melhor.

“Julie é... ela era como uma amiga. Quando eu estava no ensino médio."

Eu engulo. Mesmo que Lúcifer e eu não tenhamos nos tocado, eu quero. Mas toda noite ele me dava boa noite depois de jantares silenciosos e mal-humorados com os Unsaints. Ele me colocou mais ou menos na cama, sem literalmente fazer isso. Ele tinha uma arma no quadril na maioria dos dias, e seu quarto ficava ao lado do meu. Durante a noite, eu o ouvi sacudindo e virando como eu. Eu sabia que ele estava cuidando de mim. E me dando espaço.

Eu me pergunto se ele acha que estou contaminada agora.

Eu não quero perguntar a ele.

"Ficamos uma vez," continua ele.

Não brinca, eu penso, mas não diga nada.

"Ela ficou grávida." Ele dá outra tragada no cigarro. Quero partir ele ao meio e apagar nos meus próprios olhos. "Ela disse que era meu." Eu o vejo, pelo canto do olho, dar de ombros. “Foi um erro, o sexo. Estávamos bêbados. Jovens. E estúpidos.” Ele tinha 21 anos quando nos conhecemos. Vinte e dois agora. Não é tão jovem.

Mas não é isso que me interessa. Não quero saber disso. Eu quero saber o resultado. O que veio depois. O que acontece agora.

Ele apaga o cigarro na varanda, triturando ele em nada, com um pouco mais de força do que provavelmente é necessário. Ele deixa lá, entre nós, e junta as mãos, abaixando a cabeça.

"Eu acreditei nela, sabia?" Ele pergunta. Ele vira a cabeça e olha para mim, as mãos ainda entrelaçadas. "Inferno, ela provavelmente acreditou também."

Não digo nada. Estou prendendo a respiração.

“Eu acreditava que era meu. Mas depois daquela noite, brigamos como cães e gatos. Ela parecia me odiar, por não querer estar com ela. Ser uma família. ” Ele diz a última palavra com um sorriso de escárnio. Sabendo o que ele passou, com sua própria família ou o pouco que eu sabia, não posso culpar ele.

Conhecendo minha própria família, não posso culpá-lo. Não tenho mais certeza do significado dessa palavra. Família.

“Ela me tratou como uma merda. Eu deixei. Foi a minha cagada tanto quanto a dela.”

Meu pulso acelera. Eu preciso saber. Eu quero gritar para ele me dizer, para responder à pergunta mais importante. Mas não posso. Eu não. Ele merece esse tempo. Meu silêncio. Então ele pode me dizer. Passei um ano odiando ele por algo que ele não havia feito. Odiando ele por Julie também. Pensar que isso fazia parte de sua maldita persona do mal.

Agora eu sei melhor.

Então eu espero.

"De qualquer forma," ele esfrega a mão no rosto. “O bebê nasceu. Ela o nomeou de Finn.” Ele bufa uma risada, balançando a cabeça, como se não gostasse do nome. “Coisa

boa também. Porque seu pai, Finley, não teria nada a ver com ele. Pelo menos o garoto recebeu o nome dele."

Eu pisco, tentando processar o que ele está dizendo. Essas palavras significam... que o garoto não é dele. O filho de Julie não é dele. Ela não estava grávida do bebê dele.

Mas estou perdendo alguma coisa. A história não acabou.

"Eu não ajo como o pai da criança. Mais como um tio ou um padrinho." Ele encontra meu olhar novamente. Ele parece estar me fazendo uma pergunta, do jeito que sua sobrancelha está franzida. Mas ele continua falando. "Paguei pela casa em que moram. Não os escondo lá. Julie queria morar lá, longe deste lugar. Longe de Finley. Paguei e também a ajudo nas despesas. Porque mesmo que não seja meu filho... bem, poderia ter sido, certo? E Julie e eu não nos gostamos particularmente, mas poderia ter sido meu tão facilmente quanto o de Finley. Finley não quer nada a ver com seu filho, embora ele assine cheques de pensão alimentícia, o que eu acho que é melhor que nada. Mas não muito melhor."

Ele abaixa a cabeça novamente.

Eu expiro, deixando meus olhos se arrastarem para o rio, a água escura passando por nós, a poucos metros de onde eu me sento. Sinto que fui absorvida por uma corrente mais rápida que a do ano passado, apenas esperando me afogar. Agora, porém... sinto que alguém me jogou um colete salva-vidas. Ainda estou na água, ainda fluindo pelo riacho, mas talvez agora não me afogue.

"Eu sabia que Jeremiah sabia que não tinha certeza," ele continua em silêncio. "Mas achei que ele iria atrás deles. Por isso eu estava lá quando você estava. Eu não esperava te ver lá. Não sabia ao certo por que você me odiava, mas quando a encontrei aqui, depois de estar procurando por um sinal seu durante todo esse tempo... descobri que você não sabia. Você não poderia saber."

Ele esfrega as mãos, como se estivesse tentando se aquecer. Ele está usando shorts cinza de basquete e uma regata preta. Eu quero me aproximar dele. Mas eu não vou. Qual é o objetivo?

"Eu sabia que Jeremiah reconheceu você," ele continua suavemente. "Aquela noite. Mas eu não sabia o que você era. Um amor perdido?" Ele tosse. "E eu sabia que você era uma acompanhante." Ele me dá um pequeno sorriso, dentes brancos quase brilhando na escuridão. "Eu não tinha certeza até que nos encontramos aqui, na floresta. Eu não tinha certeza de que você não o amava ou algo assim. Mas então, quando eu percebi que você me odiava... cliquei. E eu sabia que você não estaria com ele se soubesse. Eu não sei muito sobre trabalho sexual," ele admite. "Mas eu sei que consentimento é um grande negócio. E você não parecia o tipo de garota que ficaria bem com o que aconteceu naquela noite. E sua raiva em relação a mim fez com que tudo se encaixasse. " Ele estalou os dedos, enfatizando o ponto. "Mas eu não fazia ideia de que ele era seu..." Ele não pode dizer a palavra. Eu não quero que ele faça. "O Mayhem queimou a casa de Brooklin, para pagar pelo que ele fez conosco e avisar

a ela. E o clube dele também. Mas eu queria te encontrar. Eu só precisava saber que você estava viva e bem." Ele suspira. "Ele nunca mencionou uma irmã. Eu sabia o que ele fez com sua família adotiva. Eu pensei que isso provasse sua lealdade, que ele faria o que fosse necessário, não importa o quê." Ele esfrega a mão no rosto. "Sim, acho. Mas a lealdade dele é com você."

Eu respiro um pouco, sentindo minha garganta apertar. Passo a mão na parte de trás do meu pescoço. "Não teria funcionado antes, você sabe," eu digo, minha voz calma. Mas ele está me encarando. Ele parece que está se apegando a cada palavra. "Eu não teria deixado Jeremiah. Ele não teria parado de me procurar. Ele ainda não vai. Tenho certeza que ele sabe que estou aqui. " Engulo, mas me forço a continuar. "Isso nunca teria sido uma escolha para nós. Laços que atam e tudo isso. " Enquanto digo as palavras, meu coração se parte em dois.

Há um silêncio entre nós por um momento.

"Estes são laços monstruosos," Lúcifer finalmente diz, suas palavras pesadas. Eu o vejo engolir. E eu quero ir para ele. Arremessar meus braços em volta do pescoço dele. Para puxar seu corpo magro e esbelto em mim. Para descobrir o que poderia acontecer entre nós.

Mas não posso. Isso só vai piorar as coisas. Para nós dois. Não importa que o filho de Julie não seja dele. Esse não é o fim do negócio. Isso nunca foi.

São, como ele disse, esses laços monstruosos. Esta história contaminada. Lúcifer havia salvado minha vida naquela noite de Halloween. Mas eu o havia quebrado. Meu irmão havia quebrado a nós dois. Ele traiu os Unsaints, e eu não podia lidar com ser um lembrete vivo dessa traição para eles, mesmo que eu fosse apenas uma irmã distante.

Isso nunca poderia ser.

Eu quero perguntar a ele até onde chegou. Quero perguntar exatamente o que ele viu, o que assistiu. Mas eu também não quero saber.

Então, em vez de ir até ele, em vez de tocar ele, me levanto e começo a entrar. E mesmo quando ele sussurra meu nome como um apelo desesperado, não olho para trás.

Em vez disso, bato direto em Atlas, a porta se fechando atrás de mim.

Atlas pega meus braços em suas mãos calejadas e sorri. É pateta.

"Tire essa careta do seu rosto," diz ele levemente. "Amanhã à noite, teremos uma festa maldita."

Capítulo Vinte e Seis



Presente

Eu protesto. Eu reclamo. Estou puta. Eu lamento. Mas acontece que os Unsaints não dão a mínima para meus sentimentos, porque no dia seguinte, quando o sol começa a cair atrás do rio, a casinha no parque está lotada.

Eu tenho coragem de perguntar ao Mayhem se Ria está chegando. Ele está vestindo jeans pretos rasgados e seus olhos azuis bebê se estreitam em mim.

"Não," ele responde, em seguida, leva uma tragada do seu baseado enquanto desce as escadas da varanda, vagando.

Bem então.

Isso significa oficialmente que não vou conhecer ninguém aqui. Mas os Unsaints.

Tomo uma bebida de Atlas, que enfiou um copo de plástico preto na minha mão. Tudo isso me lembra muito aquela noite, mas não vamos ao sanatório, Lúcifer me prometeu. Ele

disse que é para a noite Unsaints. E a noite de Halloween ainda está a dois dias de distância.

Eu bebo todo o refrigerante de vodca que Atlas me deu, enquanto ele assiste.

Ele pisca para mim, uma garota pendurada em seu braço, sorrindo para mim com as pupilas estreitadas. Eu me pergunto que droga ela está tomando e se posso tomar alguma.

"Você só..." Atlas se arrasta, seus olhos escuros indo da bebida vazia na minha mão para o meu rosto. "Você acabou de virar isso."

Eu concordo. "Você não foi à universidade? É isso que os alunos fazem, certo?"

Ele zomba. "Somos mais velhos que você."

Aparentemente, eles são. Por alguns anos, mas quem está contando? Eu não dou a mínima.

Eu seguro meu copo para ele, agito um pouco. "Mais?" Eu imploro.

Ele sorri e pega o copo. "Minha espécie de garota." Ele se vira, se desembaraçando da garota em seu braço. Ele bate na bunda dela e pisca. "Volto já." Ele olha para mim. "Ah, Sid, essa é Natalie, Nat, Sid."

Ela franze a testa para ele e ele bate na bunda dela novamente. Ela solta uma risadinha, depois tropeça em minha direção na varanda. Há pessoas espalhadas pelo

gramado, conversando e bebendo, e uma fogueira começa nas mãos de Ezra, o que não é surpreendente. Tenho certeza de que ele foi quem começou naquela noite. Alguém, um dos Unsaints, trouxe meia dúzia de barris aqui, e há um maldito mordomo usando luvas brancas no meio do parque, distribuindo bebidas também.

Sem mencionar os homens armados. Porque este ainda é um parque público.

Mas estes são os Unsaints. Eles financiaram tudo isso.

Não vejo Lúcifer desde que o deixei na varanda ontem e não o procurei. Espero que ele se divirta. Sem mim.

"Como você conhece Atlas?" Natalie me pergunta, um pouco sem fôlego. Eu realmente quero saber o que ela está usando e como posso conseguir um pouco também. Ela pega minha mão e me puxa para os degraus da varanda. Eu afundo ao lado dela, me sentindo tonta com a vodca.

Como conheço o Atlas?

Percebo então que não sei o que as pessoas sabem nesta cidade. Se eles sabem exatamente o que são os Unsaints. A Sociedade dos 6.

Eu não pergunto. Eu não quero estar em uma lista de alvos por contar a todos. Quero dizer, não é segredo que eles têm a Morte do Amante, o Juramento da Morte e a noite Unsaints, mas as pessoas pensam que essa é uma brincadeira estranha de um universitário?

Eu dou de ombros. "Conheci ele através de Lúcifer."

Os olhos castanhos dela se arregalam. Ela tem cabelos escuros empilhados na cabeça em um elaborado coque trançado. Ela está usando um vestido amarelo, mangas de sino longas e botas marrons. Ela tem uma vibração boêmia que parece ser do Atlas. Pelo menos por hoje à noite.

"Lúcifer?" Ela sussurra, cobrindo a boca com batom com a mão.

No começo, acho que ela pensa que eu quero dizer Satanás. Eu começo a explicar, e ela me interrompe, balançando a cabeça.

"Garota, eu sei o que você quer dizer." Ela ri. "Você não foi para a AU?"

"Não." A resposta é curta. Isso me lembra a pergunta de Ria do ano anterior. Isso me lembra o quanto eu não sei.

Natalie suspira, coloca a mão no meu braço. Eu a deixei apesar de querer meio que fugir.

"Lúcifer lidera os Unsaints," ela sussurra para mim, no meu ouvido. Como se eu não soubesse. "Você sabe o que é isso?"

Mas que caralho? Eu sei o que é isso. É um grupo de garotos ricos e idiotas que são muito pensativos para o seu próprio bem.

"Não," eu minto, pronta para ouvir sua versão dessas crianças. Embora, enquanto olho para o Mayhem nos

observando de um pequeno grupo de pessoas, com uma bebida na mão e seus olhos definitivamente em mim, eu tenho que me lembrar de que eles não são crianças. Até onde eu sei, todos eles já se formaram na universidade. Eles deveriam estar fazendo algo com suas vidas. Liderando as empresas de seus pais ou indo para a faculdade de direito. Mas eles estão aqui.

Natalie praticamente grita no meu ouvido com a emoção de me dizer exatamente o que são os Unsaints. Ela se inclina para mim, o que significa que há exatamente zero espaço entre nós e eu começo a me sentir desconfortável. Estou tensa, mas ela não percebe.

"Eles são como Masons, mas são filhos dos Masons."

Segunda vez, alguém os comparou a isso. Concordo, incentivando ela a continuar, embora não ache que ela precise de incentivo. Na minha opinião, eles são como a Ordem da Rain. Mas meu irmão acabou de fazer essa merda. Não há rituais elaborados, nem Noite dos Unsaints. Sem derramamento de sangue, exceto pelas pessoas que ele mata por seu 'negócio.'

"Filhos da sociedade de 6."

Eu respiro uma risada. "E o que é isso?"

Ela se recosta, mas sua mão ainda está no meu braço. "Eles são realmente Masons. Mas mais rico."

"Entendi," eu digo, puxando meu braço da mão dela. Eu aprendi uma carga fodida de nada. Nenhuma surpresa.

Ela olha para mim por um minuto com olhos castanhos arregalados, e depois mergulha a mão no vestido e, por um segundo, acho que ela vai me mostrar. Em vez disso, ela pega duas pílulas brancas e oblongas.

Ela os empurra em minha direção. "Melhor se você cheirar," ela sussurra, piscando.

Balanço a cabeça, levantando a mão para recusar. Mas então ouço alguém passando pela porta às nossas costas e ela estreita os olhos.

"Pegue eles!" Ela assobia, e olho por cima do ombro e vejo Atlas acenando uma saudação a um cara que acabou de chamar seu nome pelo fogo. Pego as pílulas e as aperto na mão. Claramente, Atlas não deveria saber que ela os tem. Como se esses meninos fossem santos ou algo assim.

Atlas se inclina sobre ela e me entrega minha bebida. Eu tomo sem jeito com a mão esquerda, já que os comprimidos estão na minha direita e Natalie pisca novamente.

Atlas se senta ao lado dela, tomando um gole de sua própria bebida.

"Vocês duas estão virando amigas rapidamente?" Atlas puxa, olhos escuros voando entre nós.

Natalie ri e se inclina para ele, tirando o boné da cabeça dele e colocando na dela. Por baixo, seu cabelo loiro está uma bagunça e ele faz uma careta por um segundo, mas depois encolhe os ombros e revira os olhos.

"Você não me disse que essa é a garota de Lúcifer," ela sussurra, segurando o braço dele.

Ele joga a cabeça para trás e ri, mas antes que ele possa dizer alguma coisa, Mayhem nos interrompe.

"Ela não é." Ele caminha do fogo e está com os braços cruzados sobre o peito. Ele está vestindo uma regata preta e seus olhos azuis bebê se estreitam em mim. Eu noto um script no tríceps dele, e um esqueleto de boca aberta, uma borboleta em uma cavidade ocular. Isso significa que o braço dele não é onde está a tatuagem do Unsaint.

Termino metade da minha bebida e estou muito ciente de que os comprimidos na minha mão suada se dissolverão se eu não me mexer.

"Mas você disse que estava aqui por causa de..." Natalie começa a protestar. Mas pelo canto do olho, vejo Atlas capturar sua boca com a dele e ela é puxada para um beijo barulhento.

Minha sugestão para ficar de pé. Eu faço. Mayhem ainda está olhando para mim. Me encarando é mais parecido.

"Tenho que fazer xixi," anuncio, e ele faz uma careta. Eu me viro e entro, deixando minha bebida na varanda. Sinto os olhos de Mayhem em mim quando entro.

Quando estou lá dentro, vejo uma garota se esfregando contra Cain no sofá gasto da sala e seus olhos se voltam preguiçosamente para os meus, mas ele não fala nem me

reconhece. Ele tirou a camisa e ela está usando uma saia. Não fico muito tempo para ver o que mais está acontecendo.

Subo as escadas duas de cada vez, vou para o banheiro no topo. A música está alta do lado de fora, *Bow Dawn* - I Prevail, e vejo através da janela do quarto em frente à escada que o fogo está aumentando.

Tropeço no banheiro, ciente de que estou prestes a ficar bêbada e fecho e tranco a porta atrás de mim. Eu me inclino contra ela, deslizando para os azulejos brancos.

É chocantemente limpo, e eu me pergunto se um dos Unsaints fez alguém vir limpar este lugar. Isso não me surpreenderia. Passei a maior parte do tempo no meu quarto.

Abro a palma da mão e examino as pílulas. Não sei muito sobre drogas fora a maconha e álcool, mas sei que faltam dois dias para o Halloween e eu adoraria mergulhar em um esquecimento pacífico até então. Ou faça uma cara feliz como Natalie.

Me levanto e coloco os comprimidos na borda da pia de porcelana. Faço minha mão em punho, respiro e as esmago. Eu me inclino, me sentindo um pouco ridícula, e fecho uma narina enquanto cheiro a pequena quantidade de pó na outra. Eu nem sei se isso é uma coisa inteligente a se fazer. Não tenho ideia se isso vai ajudar ou machucar. Só sei que não quero estar nesta festa, mas também não quero ferrar com todos os Unsaints. Nós não somos amigos e tenho certeza que alguns deles me odeiam porque Jeremiah é meu

irmão. Eu sei que eles estão aqui apenas para Lúcifer, mas ainda assim...

Há uma batida forte na porta, quase a sacudindo das dobradiças. Eu pulo, assustada, mas grito. "Só um minuto!"

Eu limpo as costas da minha mão sobre o nariz e verifico meu reflexo, tirando minha franja dos meus olhos prateados. Eles estão alinhados com sombras e depois de toda a vodca que acabei de tomar, ou talvez seja pela falta de sono, eles também estão vermelhos.

E antes que eu possa me virar para abrir a porta para quem está do outro lado, ela se abre e Mayhem fica lá, olhando para mim.

Seus olhos vão para a minha mão, meu nariz e de volta para o meu corpo. Estou usando um jeans skinny, saí em uma rara corrida para fora do parque e uma camiseta preta folgada. Em outras palavras, nada para encarar. Olho para os meus sapatos.

Botas de combate.

Mas Mayhem não parece que ele está interessado em mim. Ele parece que me odeia.

"Todo seu," eu murmuro e vou para passar por ele. Mas ele bloqueia meu caminho, seu peito roçando meu ombro.

Eu dou um passo para trás, confusa. Ele ainda está olhando. Ele me disse zero palavras desde que cheguei aqui. Não sei quase nada sobre ele, exceto que ele tatuou o rosto e

ele dirige uma McLaren. Eu sei disso porque ele mencionou ir a uma pista de corrida uma vez para os Unsaints antes de eu entrar na sala e ele ficar em silêncio.

"Posso ajudar?" Eu pergunto, irritada. Ainda não sinto nada com as pílulas, mas, por algum motivo, sinto que ele sabe que eu fiz.

Ele cruza os braços e se inclina contra a porta. Não vejo ninguém atrás dele.

"Você viu minha irmã," diz ele.

Ah. Então é disso que se trata. Brooklin.

Eu aperto minhas mãos. "Sim. Eu vi ela. E para ser sincera, ela estava muito melhor do que eu. ” Franzo o cenho, como se estivesse pensando. Eu sei que não devo dizer, mas digo de qualquer maneira. "E provavelmente muito melhor do que ela estava quando seu pai a expulsou de casa quando ela era apenas uma criança."

Ele não reage por um segundo. Nada. Nem sequer pisca.

Então ele agarra meu cotovelo e me puxa para fora do banheiro e pelo corredor. Estou atordoada demais para revidar até estarmos no que suponho ser seu quarto temporário neste lugar e ele bater a porta, trancando ela.

Ele me joga para dentro e eu giro, o cérebro trabalhando novamente.

"Eu vou te matar, porra," eu cuspi nele, furiosa. A cortina está fechada, a cama feita com lençóis brancos como um maldito hotel.

Ele não parece nem um pouco intimidado pela minha ameaça.

"Você não sabe nada sobre mim. Ou ela. Ou Lúcifer. Ou nós."

Reviro os olhos e balanço a cabeça. "Muita merda que eu não quero saber."

"Seu irmão nos traiu. Deveríamos te aceitar como pagamento."

"Forma de pagamento? Você não é uma gangue, se não sabe. Você é um monte de idiotas mimados que..." Ele me agarra pela garganta antes que eu tenha tempo de terminar e me joga na cama.

Eu sento contra a parede, observando ele. Esperando.

Ele caminha até a cortina e puxa ela para trás. "Você quer saber o quanto Lúcifer dá a mínima para você?" Ele aponta pela janela para algo que eu não consigo entender, mas meu estômago revira.

E então eu sinto isso. Na pior hora, sinto as pílulas que acabei de cheirar. Elas estão me fazendo sentir... leve. Talvez seja a minha imaginação. Eu não sei nada sobre pílulas, mas não há como elas trabalharem tão rápido, e ainda assim... um sorriso se espalha no meu rosto, mas eu luto contra isso.

“Ele sente pena de você. É isso,” Mayhem está dizendo, ainda apontando pela janela.

Eu resisto à estranha vontade de sorrir e rastejo até o final da cama, deslizando e parando ao lado dele na janela. Eu posso sentir seu corpo esquentar, cheira maconha, água de colônia e couro.

Eu sigo o dedo dele.

Eu vejo uma multidão reunida em volta da fogueira e vejo Atlas pegando Natalie, envolvendo as pernas em volta dele. Eu vejo Ezra, ainda atento ao fogo. Não vejo Cain e lembro que ele está lá embaixo. E por um momento, não vejo Lúcifer.

Até eu fazer.

Eu paro de respirar.

Ele colocou o braço em volta de uma garota fofa e curvilínea, com longos cabelos loiros em um rabo de cavalo alto. Eu não a reconheço, mas ele está encostado nela e ela está encostada nele, depois ele sussurra em seu ouvido e ela joga a cabeça para trás e ri. Ela está usando shorts e uma jaqueta está amarrada na cintura.

"Você não pertence aqui," diz Mayhem ao meu lado.

Eu me viro para encarar ele, engolindo qualquer raiva antes que eu possa me permitir realmente sentir isso. Em vez disso, eu vou com os comprimidos. Eu forço um sorriso. Seus olhos são fendas quando ele olha para mim, mas ele não se move.

"Então me faça sair," eu sussurro, me inclinando para mais perto dele.

Por um momento, ele não diz nada. Apenas me encara com os braços cruzados. Tomo seu bíceps, as tatuagens em volta deles, a cruz invertida em seu rosto, seus longos cílios. E então ele me empurra de volta na cama.

Eu ri. "Esta não é a porta," eu provoco. Ele tira a camisa por cima da cabeça e tira o cinto. Há mais tatuagens por todo o peito, indo até o abdômen.

Mas antes que ele venha em minha direção, ele inclina a cabeça e encontra o meu olhar. "Você quer isso?" Ele me pergunta.

Mordo meu lábio e seus olhos encontram minha boca. Então eu soltei um suspiro. "Sim," e ele dá um passo mais perto.

Ele puxa as calças depois de abrir o zíper da calça e eu vejo seu pênis duro por baixo da cueca boxer preta.

Ele sai da calça e dá outro passo em minha direção.

"Eu sei que você tomou pílulas de Natalie," diz ele em voz baixa. "Eu vi você fazer isso."

Mais um passo. Volto contra a parede, levanto os joelhos no peito.

"Eu sou uma garota grande," murmuro.

O canto de sua boca se contrai em um sorriso, mas seu olhar é tudo menos brincalhão.

“Você tem certeza que quer isso? Porque Lúcifer pode ser duro," ele ri, "mas eu sou descuidado."

Respiro fundo e olho pela janela. Mas de onde estou sentada na cama emprestada do Mayhem, não consigo ver nada. Eu apenas aceno. Foda-se Lúcifer. Foda-se os Unsaints. O que isso importa mais? Vou embora daqui quando tudo acabar. Estou saindo e nunca mais voltando. Nunca mais os verei.

"Sim," eu respondo a ele.

E então ele está comigo.

Ele tira minha camisa, puxa minha calça jeans e a joga no chão. Percebo, através da neblina nebulosa de álcool e pílulas, que estou usando calcinha de algodão cinza, mas também percebo que está muito escuro aqui e realmente não me importo.

O Mayhem certamente não parece se importar. Ele literalmente rasga eles ao meio e eu tento protestar, mas ele enfia minha cabeça na cama e, porra, eu gosto. Ele passa a mão inteira na minha bunda, e debaixo de mim, na minha fenda.

Eu gemo, e sua outra mão pressiona meu rosto ainda mais na cama. Ele se inclina sobre mim, abdominais nas minhas costas.

"Fique quieta, Anjo," ele sussurra no meu pescoço.

Eu rio, mas ele passa a mão na minha garganta e eu fico quieta.

"Eu te disse, sou descuidado. Especialmente com coisas que quero quebrar."

E então a mão sobre minha buceta se move e ele empurra a ponta do seu pau grosso contra a minha entrada.

"Não grite," ele comanda, e então se enfia dentro de mim.

Sua mão na minha garganta abafa qualquer som, mas eu aperto em volta dele, ofegando.

Ele bombeia uma vez, duas vezes, com força, e então encontra um ritmo, empurrando cada vez mais fundo. Ele solta minha garganta e eu suspiro, minha cabeça batendo na parede ao lado de sua cama. Mas, porra, eu não ligo. Eu não me importo porque ele me faz sentir muito bem. Eu tento não pensar no que Lúcifer pode sentir. O que ele poderia fazer, se visse isso.

O Mayhem faz uma pausa, e então seu cinto passa pela minha garganta e ele me puxa na posição vertical, minhas costas contra ele.

"Tire o seu sutiã, Anjo," ele sussurra no meu ouvido. Eu me viro e olho para ele. Seu pau está dentro de mim e eu mal posso respirar com este cinto, mas ele quer que eu tire minha porra do sutiã?

Ele puxa o cinto mais apertado em volta da minha garganta. "Agora," ele rosna.

Eu chego atrás de mim, meus dedos roçando seu peito, e eu tiro meu sutiã. Ele empurra as tiras para baixo com uma mão e joga no chão. Então ele solta o cinto e apalpa meus seios, depois aperta cada mamilo com força. Ele me fode assim, nós um contra o outro, dedos puxando meus mamilos. Seus dentes encontram meu ombro e ele morde. Eu grito, e sua mão vai do meu peito para minha buceta, empurrando seu dedo dentro de mim ao lado de seu pau.

"Você gosta de se encher, não gosta, Anjo?" Ele ronrona.

Concordo com a cabeça, e ele coloca a outra mão no meu cabelo, puxando minha cabeça para trás.

"Você é tão fodidamente apertada," ele geme no meu ouvido. "Diga meu nome, Anjo."

Ele empurra de novo, me empurrando de volta para a cama, minha cabeça baixa, bunda para cima enquanto ele bombeia em mim e circula meu clitóris com o polegar.

"Mayhem," eu engasgo, uma das mãos dele ainda no meu cabelo. "Mayhem," eu suspiro novamente.

Ele geme, se inclinando sobre mim, seu peito contra as minhas costas, e então ele me empurra, puxando para fora. Eu o sinto derramar na minha bunda, quente e molhado. E então ficamos assim por um momento, recuperando o fôlego.

Ele se afasta de mim.

"Agora, se Lúcifer descobrir, ele precisa encontrar uma maneira de te manter, bem, você está sem sorte."

Eu congelo.

Ele lambe sua língua quente na minha espinha. Tremo embaixo dele e a grosso modo, ele me vira, seu olhar me devorando da cabeça aos pés.

Cruzo os braços sobre o peito. Não estou em pânico, por causa do que quer que esteja naquelas malditas pílulas de Natalie, mas estou levemente assustada com as palavras dele.

Ele sorri, vestindo suas roupas. Vislumbro a tatuagem do Unsaint nas costas dele. É enorme. Quando ele coloca o cinto na calça jeans, ele encolhe os ombros.

"Nós não escondemos as coisas, Anjo."

Me sento, arranco minhas próprias roupas do chão depois de limpar seu esperma de mim em seus lençóis. "Você não pode contar a ele."

Ele caminha até a porta enquanto eu me visto. "Eu posso. E eu vou. Agora mesmo." E então ele sai.

Eu voo pelo corredor atrás dele, mas ele se vira para mim na escada e balança a cabeça.

“Não, anjo. Você não quer ver isso." Ele aponta a cabeça para a porta pela qual acabamos de sair. "Foi divertido, mas você provavelmente não terminou a noite."

Meu rosto esquenta com essas palavras e eu quero empurrar ele escada abaixo. Mas então eu lembro que toda a merda de razão pela qual me senti justificada em fazer sexo

com ele é porque Lúcifer está com o braço em volta de outra garota no fogo. Além disso, não somos nada um com o outro, Lúcifer e eu. Apenas duas pessoas que compartilharam uma noite horrível.

"Vai se foder," eu digo, passando por Mayhem e descendo as escadas duas de cada vez. "Eu mesmo direi a ele."

O Mayhem geme atrás de mim e começa a correr escada abaixo, enquanto eu pulo os dois últimos. "Você é louca," ele diz. Ele passa o braço pelo meu. “Porra. Nós dois contaremos a ele. ” Ele balança a cabeça e olha para mim enquanto eu saio pela porta da frente. "Ele vai matar nós dois."

"Ele pode tentar."

Quando Mayhem e eu caminhamos para o fogo, vejo Lúcifer, e ele ainda está com o braço em volta daquela garota. Mas de alguma forma, ele tem a audácia de estreitar os olhos em mim e no Mayhem quando nos aproximamos dele. A audácia do caralho.

Colo um sorriso no rosto que não é tão falso, graças a Natalie e seus remédios.

A garota com o rabo de cavalo loiro e o short cortado também me oferece um sorriso. É único. Inclino minha cabeça para ela, mas parece que a multidão ao redor da fogueira ficou quieta enquanto Lúcifer nos avalia silenciosamente.

"Boa participação, hein?" Mayhem pergunta, e eu ouço o sorriso em sua voz. Gostaria de saber se ele sabe o que está

por vir. Porque eu com certeza não. Enquanto observo os olhos azuis da meia-noite de Lúcifer, sua mandíbula cerrada, eu meio que não quero contar a ele.

Não me arrependo, porque ele com certeza não parece se arrepender de abraçar essa garota. Mas sinto algo como culpa. Eu tento me dizer que é estúpido. Porque é. Eu e Lúcifer não estamos juntos.

Seus olhos se voltam para o Mayhem, que, por sua vez, parece totalmente frio.

"Eu sou Ophelia," a garota fala, estendendo a mão. "A maioria das pessoas me chama de O."

Olho para a mão dela e penso em não pegar. Mas isso não é sobre ela. Isso é sobre Lúcifer ser uma merda e eu ser mesquinha. Aperto a mão dela calorosamente.

"Eu sou Sid," eu respondo. "A maioria das pessoas..." Eu paro e dou de ombros, largando a mão dela. "Não ligue." Eu forço uma risada, e o Mayhem ri ao meu lado.

Ophelia sorri. Lúcifer não. Ele não disse uma palavra do caralho.

O Mayhem nos puxa para mais perto de Lúcifer e o cutuca. Olho para todos e vejo que eles ainda estão conversando entre si, mas também estão olhando para nós. Até Atlas tem Natalie de volta no chão e, enquanto ele passa um braço em volta da cintura dela, ele está nos observando, com a boca em uma linha fina. Eu posso sentir a porra da

tensão neste lugar, e há algumas dezenas de pessoas aqui. Por que o humor de Lúcifer dita tudo?

"Você está bem, mano?" Mayhem pergunta.

Eu acho que isso pode estar pressionando. Ele claramente não está bem. Ele remove o braço de Ophelia, que, por sua vez, é arrastada para uma conversa com uma garota que ria atrás dela.

Lúcifer está na minha frente e de Mayhem. Eles têm a mesma altura e, embora Lúcifer seja um pouco mais magro, ele parece um pouco mais cruel também. Especialmente agora.

Olho para Mayhem. O filho da puta está realmente sorrindo.

"Por que vocês dois saíram de casa juntos?" Lúcifer pergunta. A primeira coisa que ele me disse nessa festa. A primeira coisa que ele me disse desde ontem.

Eu rio alto e seus olhos se estreitam ainda mais. "Nós dois moramos lá," eu indico. "Por enquanto."

O maldito garçom que os Unsaints contrataram chega ao nosso lado com uma bandeja na mão com luvas brancas e bebida em copos de plástico preto em cima. Pego um da bandeja e ele me dá um sorriso. Ele provavelmente está na casa dos quarenta, com um penteado elegante. Ele acena com a cabeça na direção de Lúcifer, mas Lúcifer o ignora. Onde essas crianças encontram essas pessoas?

Começo a beber minha bebida enquanto Mayhem toma uma também, e o garçom se afasta.

"Vocês não se falam desde que moramos aqui," diz Lúcifer, cruzando os braços. Seus olhos se voltam para os meus e os braços enrolados de Mayhem e voltam para o rosto de Mayhem. "Sai fora dela."

Mayhem não se move. Ele bebe do copo e eu do meu, e então, quando ele termina, batendo os lábios, ele suspira. "Se isso," ele levanta nossos braços unidos por um segundo, "é com isso que você está preocupado, bem, mano, você ficará realmente chateado quando eu lhe disser onde eu apenas..."

Ele não consegue terminar sua frase.

Lúcifer pega o copo da mão e joga o resto na cara dele, e então ele o joga no chão. Mayhem tira seu braço do meu bem a tempo de me impedir de ser puxada para baixo também.

Os punhos de Lúcifer começam a voar no rosto de Mayhem e Mayhem fica lá, levando ele. Atlas corre, Natalie seguindo atrás dele, os olhos arregalados como discos voadores, e logo há um círculo gigante ao redor dos meninos. As pessoas estão cantando "Unsaints!" E eu estou de alguma forma no meio do círculo, o que significa que as pessoas estão olhando para mim e para eles.

Ophelia tem a ousadia de se aproximar de mim. Ela me cutuca. "Que diabos?" Ela pergunta, em choque. Eu me pergunto quantas vezes os Unsaints lutam. Talvez nunca?

Eu dou de ombros. Mayhem começou a revidar. Ele vira Lúcifer, a mão em volta da garganta. Lúcifer alcança os olhos de Mayhem e eu me encolho.

Mayhem ri, vira a cabeça.

Então Ezra entra no círculo.

Ele caminha calmamente até Mayhem e o puxa de Lúcifer e se levanta. Mas Lúcifer sai do chão e agarra Mayhem pelo colarinho. Ezra tenta arrancar os dedos dele, mas acho que eles realmente precisam de Cain aqui, o maior de todos, para acabar com essa merda. Atlas não entrou na briga, mas ele ainda está assistindo.

“Se afaste, porra! ” Ezra diz, sua voz profunda um rosnado. Seus olhos encontram a multidão reunida e ele acena com a mão, não segurando Mayhem na direção deles. "E, porra, encontre outra coisa para encarar ou você pode sair daqui."

As pessoas ouvem.

Eles se dispersam, como se ele os afastasse fisicamente.

Mas Ophelia e eu ficamos onde estamos. Lúcifer ainda tem o colarinho do Mayhem no punho e ele está gritando na cara dele.

“Que porra você fez? O que você fez, porra?”

Mayhem enxuga o nariz, que está sangrando, e Ezra coloca a mão no peito de Lúcifer, forçando ele a se afastar.

Os olhos de Mayhem encontram os meus e ele sorri. Lúcifer olha entre nós como se ele fosse nos jogar na porra do fogo e assistir nossos corpos se desintegrarem.

"Pergunte a sua garota," murmura Mayhem.

Os punhos de Lúcifer, cobertos de sangue, apertam, mas Ezra lhe dá um olhar de aviso, ainda segurando Mayhem por sua camisa.

Sinto os olhos de Ophelia em mim. "Você e Lúcifer..." ela interrompe, deixando a pergunta entre nós.

Encontro seus olhos verdes, minha testa franzida. "Eu ia perguntar o mesmo."

Com isso, ela começa a rir, balançando a cabeça. Sinto minhas bochechas esquentarem, mas um sorriso aparece no meu rosto. E agora não é hora de sorrir. Maldita Natalie.

"Não, não," diz Ophelia, balançando a cabeça novamente, seu rabo de cavalo voando. "Não, nós crescemos na mesma rua." Eu vejo seus dentes brancos, pele lisa, extensões de cílios, bronzeado. Quero dizer, ela parece que vem de dinheiro, mas comparada a mim, a maioria das pessoas aqui faz.

Minha boca se abre.

Eu olho para o Mayhem. Ele pisca para mim.

Aquele bastardo sabia.

Lúcifer passa por mim e puxa meu braço enquanto ele faz. "Precisamos conversar," diz ele com os dentes cerrados. Eu

olho para Mayhem quando Lúcifer me puxa para a varanda e entra em casa, batendo a porta atrás de nós.

Cain está fodendo a garota com quem eu o vi antes.

"Não se importe conosco," ele resmunga.

Nós não ligamos.

Lúcifer me puxa escada acima. Ele me empurra para o meu quarto, acende a luz e fecha a porta. Então ele começa a andar com os braços cruzados. Ele está olhando para o chão. Afundo na cama, cruzo as pernas e passo a mão pelo cabelo.

"O que aconteceu com o Mayhem?" Ele me pergunta, com a voz baixa.

"N-nada," eu gaguejo. Não tenho medo de contar a ele. Eu realmente não quero dizer isso. Ele tem sangue no canto do lábio superior e quero lamber, mas forço meus olhos até a colcha acolchoada embaixo de mim. Eu aperto minhas mãos juntas, esperando.

"Não minta para mim." Ele ainda não olhou para mim. Ele ainda está olhando para baixo.

"Nós não estamos juntos," eu engasgo.

Ele não para de andar. "Não brinca."

"Então, por que isso..."

Ele para de andar e cai de joelhos na minha frente, com as mãos nas minhas pernas, apertando com força. "Não importa, Sid!" Ele balança a cabeça e suspira. "Isso não importa,

porra. Você está certa. Não importa.” Ele solta uma perna e gesticula descontroladamente atrás dele. "Não importa se eu foder todas as garotas aqui, importa? Não importa."

Agora é a minha vez de ficar com raiva. Eu sei que não deveria. Não é justo. Isso não faz sentido. "Não," eu me forço a dizer, encontrando seu olhar.

Ele morde o lábio e fica de pé, olhando para mim. "Não há nada entre nós, existe?"

Balanço a cabeça. De repente, eu gostaria de tomar mais pílulas de Natalie.

"Não há nada para me impedir de meu pau ser chupado por O, existe?"

Eu cerro meus punhos com tanta força que sei que tirei sangue. "Fique a vontade."

Seus olhos azuis brilham em diversão e meu estômago se contrai. Eu me pergunto, por um segundo, se ele vai sair pela porta e fazer exatamente isso.

Eu me pergunto se me sentirei melhor se ele fizer.

Mas ele não.

Ele se move, balançando a cabeça, passando a mão pelos cachos escuros. “Você sabe, eu passei o ano passado procurando por você. Tentando voltar para você.” Ele passa a mão distraidamente por sua camisa preta, e penso nas cicatrizes em seu abdômen. “Eu pensei que, uma vez que encontrasse sua linda bunda, isso estaria feito. Essa besteira

entre nós.” Sua mão cai ao seu lado quando ele encontra o meu olhar. "Mas está apenas começando, não é?" Ele inclina a cabeça. “Você nunca seria minha, não é? Aquela noite foi apenas uma fantasia.”

"Parte da sua morte do amante, certo?" Eu cutuco.

Ele revira os olhos. "A morte do amante nos dá uma ilusão de controle. Geralmente não nos apaixonamos por nossos amantes.” Ele solta uma risada. "E você não foi exceção."

Ele se vira e sua mão vai para a porta.

"Espere," eu grito, minha voz tremendo.

Ele pousa a mão na maçaneta da porta, mas não olha para mim.

"Espere," eu digo novamente.

Fico de pé e dou um passo em sua direção. Ele ainda não olha para mim.

"Sinto muito," começo, apesar de não ter certeza do que sinto muito. Eu vejo seus ombros tensos. "Sinto muito, Lúcifer, eu... eu penso em você todos os dias desde aquela noite. Pensando que você tinha me fodido.” Respiro fundo, passando pela névoa da vodca e dos comprimidos. "Mas você não fez. E não sei o que fazer agora." Enredo minha mão no meu cabelo. "Eu não sei o que fazer."

Por um momento, ele ainda não me olha, e me pergunto se ele não vai. Se ele simplesmente sair pela porta de qualquer maneira. Encontrar Ophelia, ou outra pessoa.

Se ele fizer, não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Mas, em vez disso, ele se vira para mim e não vejo raiva nos olhos dele. Eu vejo tristeza em seu lugar.

Ele fecha o espaço entre nós e envolve seus braços em volta de mim, pressionando sua sobrancelha na minha.

"Lilith," diz ele, e eu fecho meus olhos, respirando ele. "Eu já disse antes... vamos descobrir isso. Seja o que for... vamos descobrir."

Concordo com os olhos ainda fechados. "Mas Mayhem..."

Ele respira fundo. "Que se foda o Mayhem," ele rosna. "O que está feito está feito. Mas pelo amor de Deus, por favor, não faça essa merda novamente. Eu odiaria quebrar o pescoço dele."

Capítulo Vinte e Sete



Presente

A noite do Halloween vem devagar. O céu começa a escurecer lentamente. Eu me visto lentamente, vestindo calças pretas de couro falso. Uma camisa preta de manga comprida, um agasalho de capuz preto com zíper por cima. Faço minha maquiagem devagar, tinta de esqueleto branca e preta, nariz preto como um gato para se divertir. Exagero minha boca esquelética, os dentes dentro. Eu puxo meu capuz sobre a cabeça, coloco meu cabelo castanho atrás das orelhas, afasto a franja dos meus olhos cinzentos.

Quando olho no espelho rachado pendurado acima da pia da casa velha, sorrio.

É lindo e aterrorizante.

Espero que Jeremiah esteja pronto para uma reunião.

Eu não me incomodo em trazer uma arma. Eu tenho uma lâmina no meu bolso de trás. As armas são para mortes

rápidas. Facas são para dor. E preciso que Jeremiah sinta um pouco da dor que sinto pelo que ele fez conosco.

Quando abro a porta, vejo o sol descendo pelas árvores do Parque Raven através de uma janela, Lúcifer está parado na porta.

E ele é Lúcifer.

Ele está vestido quase do mesmo jeito que eu, com a mesma maquiagem, seus assustadores olhos azuis contrastando com a maquiagem branca e preta em seu rosto. Ele está com os braços cruzados e está me observando atentamente.

Por um momento, apenas nos encaramos.

"O que você está fazendo?" Eu finalmente pergunto, tentando acalmar as borboletas que estão girando como se fossem arrastadas por um tornado no meu estômago.

Lúcifer sorri.

"Eu vou com você, Lilith."

Balanço minha cabeça, meu intestino se contorcendo. Coloquei minhas mãos nos bolsos. "Não," eu digo com força. Quando eu acabar com isso, vou embora. Eu tinha comprado uma passagem de ônibus para Nova York. Levou cada centavo do dinheiro que Jeremiah me deixou ter, e eu sei que ele também será capaz de rastrear ela. Mas eu não ligo. Eu tenho que sair daqui. E talvez eu pare em outro lugar ao

longo do caminho. Comece uma nova vida em um lugar em que ninguém saiba meu nome. Meu rosto. Minha vida.

Mas não posso fazer isso com Lúcifer. Conversamos depois da noite da festa. Nós nos beijamos, mas nada além disso. Mayhem voltou a me ignorar, Atlas realmente o único se preocupando em falar comigo além de Lúcifer. Lúcifer e Mayhem mantiveram uma distância fria, mas eu sei que eles vão superar isso.

Mas isso não mudou nada. Lúcifer disse que conseguiríamos superar qualquer coisa. Mas a única maneira de fazer isso é sem o outro. Ele tem um legado aqui. Eu tenho uma vida em outro lugar. Ou eu vou ter.

"Você não pode," eu digo a ele.

Ele se aproxima de mim, acima do limiar do banheiro. Penso nas cicatrizes em nossas pernas, a que ainda deve estar na dele. Penso na tatuagem do Unsaints. Eu penso no sangue dele na minha língua. De provar ele. De desejar ele. E depois odiar ele na manhã seguinte, acreditando nas mentiras do meu irmão. Acreditando que Lúcifer havia abandonado Lilith, depois que ele prometeu que não iria.

Penso em como ele poderia ter sido o diabo, mas ele também era meu salvador. Por aquela noite.

Minhas pernas estão fracas. Eu quero dizer a ele para parar de se aproximar de mim. Para me deixar em paz. Para esquecer meu rosto. Aceitar que ele nunca mais me verá. Quero dizer tudo isso, mas ele está olhando para mim, o

queixo inclinado para baixo, com tanta fome nos olhos azuis que eu não consigo falar nada.

Meu corpo está traindo minha mente. Novamente. Eu quero parar com isso. Mas como tinha estado naquela noite um ano atrás, sou impotente contra esse garoto lindo e quebrado.

Ele dá outro passo. Estamos quase nos tocando. Estamos perto o suficiente para isso. Mas nenhum de nós alcança o outro. Eu ainda o cheiro. Cigarros e pinho. Um perfume que eu nunca poderia imaginar que quase rasgaria meu coração.

Mas nunca vamos sentir o que fizemos então. Um ano atrás. O otimismo. A luxúria imprudente. A esperança selvagem.

Nós nunca vamos sentir isso de novo... e ainda assim... quando ele fecha o pouco espaço que existe entre nós e se estende para mim, seus braços passando pelas minhas costas, eu sei que ainda sinto.

Eu ainda sinto isso.

Em toda a minha miséria, em todo esse desgosto que sinto pelo meu próprio corpo, sinto. Quando ele me toca, eu acendo. Eu quero derreter nele. Eu quero queimar com ele. Podemos queimar o mundo inteiro, se quisermos. Nós podemos queimar o inferno se for necessário. Podemos destruir tudo o que tocamos e podemos fazer juntos, sem nos queimarmos.

Um pequeno som escapa dos meus lábios, algo em algum lugar entre um soluço e um gemido, e seus dedos cavam nas minhas costas, me puxando para mais perto dele. Sua cabeça está inclinada para baixo, seus olhos na minha boca, mas ele espera. Ele espera até eu chegar até ele.

E eu faço.

Nossas bocas se chocam, como na primeira noite de um ano atrás. Somos um emaranhado de raiva, desespero e quebrantamento. Nosso beijo é possessivo, urgente, desesperado. Seus dentes se arrastam contra os meus lábios e eu gemo em sua boca. Ele me puxa ainda mais perto, pressionando meu corpo contra o comprimento dele. E quando ele morde meu lábio, eu mordo de volta. Nós tiramos o sangue um do outro, e eu gosto da sensação de ferro na minha língua. Ferro, tabaco e hortelã. Eu quero tudo isso. A sujeira. A crueza.

Quero isso.

Eu quero isso.

Eu o empurro e saímos do banheiro. Eu o empurro contra a parede logo acima da escada, minhas mãos em seu peito. Ele está quase ofegando, eu posso sentir as inspirações e expirações sob minhas mãos. Não ouço mais ninguém nesta casa, embora saiba que os meninos estão aqui.

Seus olhos procuram os meus. Como se ele estivesse esperando que eu recuasse. Como se ele estivesse esperando que eu não quisesse isso.

Quero isso.

Pego o moletom e ele o puxa em um movimento fluido. Ele abre o meu e isso também cai no chão. Eu corro minhas mãos pelos bíceps dele, seus braços nus. Ele não veste nada por baixo do agasalho. A tinta do esqueleto termina em sua garganta, e eu me inclino, lambendo uma linha do peito, passando pela veia do pescoço, até o ponto em que a tinta começa.

Maldita pintura, porra.

Nós vamos estragar tudo de qualquer maneira.

Ele puxa minha blusa e eu levanto meus braços em submissão, deixando que ele a tire de mim, espalhando minha franja nos meus olhos. Ele ri e as escova de volta, e então ele pega o meu sutiã.

Mas ele não soltou.

Em vez disso, ele olha para mim por um momento, esperando.

Para permissão.

Minhas mãos estão descendo pelos lados dele, até suas calças de jogging. Concordo com a cabeça, e ele solta meu sutiã, passando as alças pelos meus ombros. Ele bate no chão e eu puxo a cintura da calça dele.

Seus olhos permanecem no meu pescoço.

Por um momento, esqueço o porquê.

Então eu lembro. Os machucados. Provavelmente há mais do Mayhem também. Sua mão vai para a minha garganta, e ele gentilmente acaricia círculos no meu pescoço.

"Eu vou matar ele," ele sussurra, se inclinando, colocando a sobrancelha na minha.

Não sei de quem exatamente ele está falando, mas sorrio levemente para ele, um pouco da luxúria deixando meus ossos. Parte da luta também. Mas não quero pensar nisso. Eu não quero terminar isso. Não agora. Mais tarde, talvez, quando eu estiver naquele trem indo para o norte, e me arrepender disso. Talvez então eu me amaldiçoe por ser tão estúpida. Mas não agora. Agora, eu o quero. Eu quero esse momento.

"Não se preocupe, Lúcifer," eu digo, sorrindo. "Eu sou sua hoje à noite."

Com isso, suas mãos apertam suavemente contra a minha garganta e ele rosna no meu ouvido, essa urgência de volta em suas mãos, sua boca, seus dentes. Também está de volta na minha.

É aqui que prosperamos.

Na angústia. O caos. A toxicidade. Estes são nossos próprios laços monstruosos se formando. Os laços que terão que ser quebrados devem ser cortados como um membro. Mas, por enquanto, eu não ligo. Estou caindo rápido e nada vai me impedir de bater no chão.

Quando nós dois estamos nus, ele me pega em seus braços, me embalando em seu peito e me carrega para sua cama, me deitando gentilmente. Olho para ele, através da pouca luz que ainda resta no céu, entrando pela janela aberta.

Cada centímetro dele é lindo. Cada centímetro não coberto de tinta é liso, pálido e cortado, exceto a tatuagem na coxa e as cicatrizes ali. Até as cicatrizes no torso são lindas. Especialmente aquelas cicatrizes. E o preto e branco de Lúcifer deixa seus olhos azuis ainda mais devastadores.

Ele também está pronto. Para mim.

Eu olho para o seu pau, absorvendo o quão grande ele é, com olhos arregalados e um pequeno sorriso.

Ele sorri para mim, seus olhos percorrendo todo o meu corpo, dos meus pés às minhas coxas, à pequena cicatriz que ele havia feito, entre minhas pernas, meu abdômen, percorrendo meus seios. Finalmente, ele encontra meu olhar novamente.

Ele morde o lábio. "Você está pronta, Lilith?" Ele ronrona.

Todos os ossos do meu corpo estão prontos. Todo músculo está enrolado.

Eu concordo.

"Você é minha?" Ele me pergunta, mais calmo, os olhos ainda presos nos meus.

Meu coração afunda um pouco com essa pergunta.

Mas, ainda assim, digo as palavras que ele quer ouvir. As palavras que ele precisa ouvir. "Sim. Eu sou sua, Lúcifer."

Em seu nome nos meus lábios, ele ataca em mim, o peso de seu corpo quente e reconfortante e selvagem contra o meu. Ele acaricia minha franja do meu rosto, se esfregando contra mim.

Eu suspiro, e ele morde meu lábio inferior.

"Você é tão linda," ele diz contra a minha boca, se pressionando contra a minha coxa novamente. "Você é tão linda, Sid."

Envolvo minhas pernas em torno dele, empurrando meus quadris, tentando levar ele lá. Onde eu o quero.

"E tão ansiosa também, não está?" Ele me provoca, sussurrando as palavras na minha garganta.

"Sim," eu sussurro. "Sim." Minhas mãos vão para as costas musculosas dele, e cubro minhas unhas em sua pele. Ele geme, depois se estica entre nós, afastando minhas coxas com a mão.

Ele me segura, deslizando um dedo gentilmente e depois outro.

Eu gemo, apertando contra ele.

"Me diga novamente," diz ele contra a minha garganta, uma mão na parte de trás da minha cabeça, a outra dentro de mim. "Me diga a quem você pertence."

"Você," digo em seu pescoço. "Sempre. Sempre será você.” Mentiras. Belas mentiras.

"Diga querida," ele me incentiva. "Diga meu nome."

Não dou a mínima para que nossa maquiagem esteja manchada, que nosso plano esteja atrasado, que seja a nossa última vez. Não preciso pensar nisso agora.

"Lúcifer," eu gemo contra sua orelha, e seus dedos se movem mais profundamente dentro de mim, seu pau duro contra minha coxa. "Eu sou sua, Lúcifer."

Ele se afasta de mim, pegando seus dedos com ele e arrastando eles pelo meu estômago, por cima do meu peito, meu mamilo, minha garganta. Ele os leva aos meus lábios.

"Abra sua boca." Sua voz é rouca e envia um choque de desejo e necessidade através de mim.

Faço o que ele pede, me provando. Terroso, salgado e doce, e ele encontra minha boca, seus dedos entre nós.

Ele geme e morde meu lábio novamente, sangue fresco escorrendo pelas nossas línguas.

Ele se recosta, relutantemente, como se não quisesse se separar nem por um segundo. Mas seus dedos percorrem meus lábios e desçam pela minha garganta, e movo meus quadris sob ele, me ajusto, descruzando minhas pernas das costas dele, abrindo espaço para ele.

Olhando entre nós, mordendo o lábio, ele se guia em mim. Só um pouco de cada vez.

Eu suspiro, minha mão ao redor do pescoço dele apertando, uma ao redor do bíceps dele, minhas unhas cravando. Ele olha para mim, com a testa franzida.

"Está tudo bem?" Ele me pergunta baixinho.

Eu aceno, ansiosa pelo resto dele.

Ele abre caminho dentro de mim, e eu gosto da sensação dele. A plenitude dele. Eu aperto em volta dele e ele geme, sussurrando meu nome no meu ouvido.

"Porra, Sid," ele geme.

Eu suspiro, envolvendo minhas pernas em torno dele novamente, sentindo cada centímetro dele profundamente dentro de mim. É isso que eu estava esperando. Por um ano, pensei que tinha perdido. Eu pensei que ele tinha me fodido, e eu nem tinha a memória de nós dois juntos. Eu pensei que ele tinha maculado isso para sempre.

Mas não senti falta. É isso.

Estes somos nós. Podemos nunca ser assim novamente, talvez nunca mais nos conectemos dessa maneira com o resto de nossas vidas. Mas eu sei que nunca vou esquecer isso.

Ele se move lentamente no começo, me deixando me adaptar a ele. Mas então seus movimentos vêm cada vez mais rápido. Ele tem uma mão contra a cabeceira da cama, a outra debaixo da minha cabeça, me embalando. Ele olha para mim enquanto se move, seus olhos procurando por cada centímetro do meu rosto.

Sua própria maquiagem está distorcida, distorcida pelas minhas mãos nele. Há sangue no canto do lábio dele e eu levanto minha cabeça, pressionando meus lábios nos dele enquanto ele se move. Ele geme novamente com o gosto de mim, o gosto de nós em nossas línguas.

Ele levanta a cabeça, interrompendo o beijo e se move mais rápido, batendo em mim. Eu fecho meus olhos com força, me afogando na sensação dele.

A cabeceira range contra a mão dele, mas ele não para. Ele bate com mais força em mim, e então seus movimentos se tornam espasmódicos.

"Abra os olhos," ele comanda. "Olhe para mim."

Eu faço.

E eu sei por que ele faz isso. Por que ele não sai. Mayhem não dá a mínima para nada, mas ele não fez isso.

Mas Lúcifer faz. E eu sei porque.

Eu sei por que ele se esvazia em mim sem perguntar. Eu sei que ele quer me manter aqui. Eu sei que, mesmo que ele não tenha feito o que eu pensava, ele ainda é tóxico. Seus sentimentos por mim ainda são muitos níveis de erro. Eu sei que ele quer me possuir. Ele quer que eu seja dele. Eu sei que ele pensa que talvez se eu tiver um filho dele, ele possa me manter.

Eu sei disso e não digo nada.

Em vez disso, beijo suas pálpebras enquanto ele diminui a velocidade dentro de mim, enquanto aperto minhas pernas com mais força. Traço aqueles beijos pelo nariz dele, passando por seus lábios carnudos. Ele abre a boca para mim e eu tiro dele, minha língua varrendo enquanto ele para. Nós nos separamos, relutantemente, e ele pressiona a cabeça no meu peito, respirando com dificuldade.

Eu beijo seu cabelo, corro minhas mãos através de seus cachos pretos e macios.

Estamos revestidos de suor e eu estou revestida nele.

Eu não ligo

Esta será a última vez. Eu não vou ter filho dele. Mas eu não ligo. Porque eu também quero isso. Lentamente, ele se afasta de mim.

Ele olha para mim e agora está de quatro sobre mim, seus olhos descendo pelos meus seios. Ele abaixa a cabeça e gira a língua ao longo de um mamilo e depois do outro. Eu arqueio minhas costas, pressionando-o, mesmo sabendo que o sol se pôs. Mesmo sabendo que agora é apenas escuridão lá fora.

Ele passa a língua no meu estômago, deixando seus dentes arranharem contra mim enquanto ele faz. Observo sua cabeça abaixar, até que ele passa a língua no meu clitóris.

Eu suspiro, respirando com dificuldade, minhas mãos emaranhadas em seus cabelos.

Ele se move mais baixo, sua boca inteira em mim. Ele não parece se importar com o fato de ter se derramado dentro de mim. Ele arremessa sua língua de qualquer maneira, depois sobe em minha fenda, sacudindo meu clitóris novamente.

Ele se move dessa maneira, para frente e para trás, gemendo com o gosto de mim, até que eu sinta, esse orgasmo apertando no meu núcleo.

E quando eu gozo, gemendo baixinho o nome dele como eu faço, parece que o mundo está finalmente me dando um pedaço de tudo o que me deve.

Digo o nome dele repetidamente, Lúcifer, como uma oração. Como uma confissão. Como um segredo.

Quando terminei, meu orgasmo ainda ecoando pelo meu corpo, ele levanta a cabeça e olha para mim, sorrindo.

"Eu adoro quando você diz meu nome," diz ele, e então ele beija minha parte interna da coxa, chupando minha pele entre os dentes. Vai deixar uma marca. Assim como quando ele gozou dentro de mim, ele está tentando me marcar.

Para me manter.

É como se ele soubesse que não pode.

Ele rasteja pelo meu corpo, e seus lábios encontram os meus novamente.

Nos beijamos até eu achar que nossos lábios estarão machucados. Quando ele finalmente se afasta, ele passa a

mão pelo meu corpo, como se estivesse naquela primeira noite na floresta.

"Você é minha," ele sussurra no meu ouvido.

Eu sorrio, me deixando acreditar nessa mentira. Me deixando saborear ele dizendo essas palavras apenas mais uma vez.

"Vamos queimar o mundo," murmuro contra seu pescoço.

Capítulo Vinte e Oito



Noite De Halloween, Presente

Não nos preocupamos em consertar nossa maquiagem. Parece mais sinistro assim, manchado pelas bordas, nossos dentes arrastados em presas irregulares. As órbitas dos meus olhos estão distorcidas, e a maquiagem de Lúcifer sangra em sua garganta, nos alcances do capuz em que ele se vira.

Nós nos vestimos rapidamente, Ezra chamando nosso nome lá em baixo.

E então vamos para baixo, a faca de volta no meu bolso de trás.

Mayhem sorri para mim quando descemos, todos os quatro sentados juntos no sofá da sala de estar. Percebo que eles também têm armas.

“Se divertindo lá em cima?” Mayhem pergunta, direcionando sua pergunta para Lúcifer.

Sinto meu rosto esquentar, mas vou para a porta.

"Ah, não fuja, Anjo," Mayhem chama atrás de mim. "Talvez alguém queira uma vez..."

Uma porra de tiro soa na sala de estar, o som do vidro se quebrando. Eu viro minha cabeça, meu coração pulando no meu peito. Lúcifer está segurando sua arma, e está apontada para o Mayhem. A janela acima das cabeças do Unsaints tem um buraco de bala.

"Que porra é essa?" Eu assobio.

Atlas inclina a cabeça para trás e ri como se isso fosse uma piada.

Ezra revira os olhos, Cain não diz nada, e os olhos de Mayhem brilham como se ele tivesse acabado de ser desafiado a um tiroteio.

"Fico feliz em ver que você tem suas bolas de volta," ele diz.

Lúcifer coloca a arma de volta no quadril. "Vá se foder."

Ele realmente não deveria ter dito isso.

"Eu não precisava, mano. Sua garota fez isso por mim."

Eu gemo e eles olham para mim, todos, exceto Lúcifer, que ainda está olhando para Mayhem como se ele pudesse realmente matar ele dessa vez.

"Será que não podemos?"

"Você sabe o que, mano," diz Lúcifer, seus lábios tremendo em um sorriso. "Vou ver sua irmã hoje à noite." Acho que sei

aonde isso está indo e fico tensa. O sorriso do Mayhem se foi. "E quando eu fizer isso, certamente pegarei tudo o que você me deve."

Os lábios de Mayhem se curvam e ele fica de pé.

"Que porra é essa?" Eu assobio. Quero dizer, eu sei que isso realmente acabou antes mesmo de começar, mas ele realmente tinha que dizer isso agora?

Lúcifer olha para mim, e sua expressão ainda está com raiva. "Se você pode se divertir..." ele encolhe os ombros. "Eu posso ter o meu, certo?"

Atlas ri. "Quero dizer, ele tem razão, Sid..."

Balanço a cabeça. "Podemos apenas ir?"

Todos os Unsaints estão de pé agora. Olho os olhos e balanço a cabeça. “Não, vocês não podem vir. Meu irmão não nos deixará entrar se...”

"Este também é nosso retorno," diz Ezra em voz baixa.

Fico quieta por um momento, pensando. Eu não posso discutir com isso. Eu não quero discutir com isso. Apenas balanço a cabeça, levanto as mãos e vou para a porta.

Nós caminhamos para um estacionamento vazio do Parque Raven em silêncio, e eu deslizo para a M5 de Lúcifer. Mayhem entra em sua McLaren cinza, e Ezra, Atlas e Cain entram no Range Rover.

Dirigimos para a mansão Rain.

Eu sei que meu irmão vai querer matar os Unsaints assim que os vir, mas ele não vai se eu disser para ele não. Eu também sei que ele estará na mansão. Ele sabe que noite é essa. Espero em Deus que ele esteja se afogando na miséria de seus próprios crimes.

Há guardas estacionados nos portões quando os três carros muito caros param. Nós saímos, e os guardas do meu irmão apontam suas armas para nós, mas eu passo direto para eles, olhando.

"Me deixe ver meu irmão," eu cuspi, embora essa última palavra tenha um gosto errado na minha língua.

O guarda do meu lado pisca para mim, como se ele estivesse surpreso. Ele lança um olhar para os Unsaints.

"Não com eles."

Atlas ri e Mayhem assobia.

Eu me aproximo do guarda, mesmo que ele tenha um bom tamanho em mim. Ele realmente recua. Atlas ri novamente.

"Agora."

O guarda parece irritado. Mas então ele assente. Eu o vejo falando no microfone no colarinho, e os portões se abrem.

Fico surpresa, quando voltamos para nossos carros e subimos a calçada, que o gramado foi decorado. Há abóboras entre os arbustos, fantasmas de papel brancos balançando nas árvores. Quando chegamos à fonte de gárgulas, vejo que alguém colocou uma máscara de Jason no rosto.

Hoje à noite, Jeremiah fez um esforço. Serve apenas para me deixar mais irritada. Porque ele me conhece. Deus, ele me conhece, mesmo que eu não queira. Mesmo que eu o deteste por isso. Mesmo que ele saiba demais. Mais do que um irmão deveria.

Lúcifer coloca o carro em ponto morto.

Saímos, batendo as portas em uníssono, e eu encaro os Unsaints, levantando meus ombros. Essa vingança é minha. Eu sei que eles também foram traídos, mas é minha.

Lúcifer coloca a mão no meu ombro antes que eu tenha que deixar isso claro. "Você pega o tiro."

Os outros Unsaints, me chocando, acenam com a cabeça, embora suas mandíbulas estejam todas cerradas, e eles não parecem hesitar em estripar meu irmão de bunda na boca.

É o máximo que posso pedir, porém, esta declaração de Lúcifer. Inclino a cabeça e me viro. Passamos pela fonte de gárgula, os guardas em alerta nas portas automáticas. Mas eles não nos impedem. Eles nem nos pesquisam. Eles se afastam e nos deixam entrar.

Eu sei que essas são as ordens do meu irmão.

Porque não preciso conhecer seus esconderijos ou hábitos para saber onde ele está. Não preciso saber disso. Ele está me esperando. E só me ocorre quando os Unsaints e eu ficamos lado a lado no vestíbulo que talvez eu esteja entrando em uma armadilha. Que talvez Jeremiah esteja arrependido pelo

que fez, mas não o suficiente para me deixar aliviar minha raiva.

Mas ele não está no vestíbulo.

Nicolas está. E Brooklin.

Ela está atrás dele.

Eu ouço a respiração de Mayhem, mas ele não se move em sua direção. Os olhos dela, no entanto, estão presos nos do irmão.

E estou chocada que meu irmão a tenha deixado aqui, apenas com Nicolas para proteção. Além dos guardas do lado de fora, além das portas automáticas, não há outros aqui que eu possa ver.

O olhar de Nicolas passa por cima dos Unsaints, por mim, procurando por armas. Eu sei que ele sabe que nós as temos, mesmo que elas estejam escondidas.

Percebo que o hall de entrada também está decorado para o Halloween. Há até uma laranjeira falsa aninhada em um canto da vasta sala, aranhas e gatos pretos e guirlanda fantasmagórica branca pendurada ao redor. Não há presentes embaixo dele.

Não.

Jeremiah é o meu presente, quer ele saiba ou não. Se ele espera ser ou não.

Brooklin está vestida de gatinha, com uma blusa rosa pálida e calça cinza escura, orelhas de gato cinza e rosa na

cabeça, um nariz com bigodes desenhados habilmente pelo rosto assustado. Ela ainda está assistindo Mayhem, aqueles olhos azuis afiados nos dele.

Nicolas não está vestido para o Halloween. Ele está vestindo jeans preto, uma camisa branca. Seus braços estão cruzados e ele não se incomoda em esconder a arma no quadril.

"Cadê meu irmão?" Eu sou a primeira a falar. Ao meu lado, eu sei que Mayhem está olhando para sua irmã. Tentando irritar ela. Parece estar funcionando lentamente. Ela começa a mudar de um sapatinho de salto preto para o outro.

Nicolas descruzou os braços, cruzou as mãos atrás das costas. Ele olha para o chão brilhante. "Ele está esperando por você."

Isso me surpreende.

Eu esperava que Nicolas tentasse me convencer do que quer que ele ache que eu possa fazer. Mas meu irmão sempre tentou me convencer. Tentou me assustar. Não estou exatamente surpresa com o que ele está tentando fazer agora.

"Onde?" Pergunto a Nicolas, minha pergunta fria. Eu não vou lhe mostrar essa surpresa.

Nicolas abaixa o queixo e balança a cabeça na direção dos Unsaints. "Eles não podem ir com você."

"Então meu irmão não pode me ver."

É realmente simples assim. Talvez eu não quisesse que eles viessem primeiro, mas agora que eles estão aqui, não há como deixar eles em paz com Nicolas. Eu sei que é estúpido pensar que eles não podem se cuidar, mas eu os quero comigo. Ou pelo menos, quero Lúcifer comigo. Além disso, algo está acontecendo. Brooklin ainda está trocando pé por pé, e o Mayhem não parou de encarar ela. Eu sou grata. Preciso que outra pessoa se sinta desconfortável nesta sala.

E apesar do que ele fez, apesar de mentir para mim e cobrir meu irmão, Nicolas parece completamente tranquilo.

Ele suspira pelo nariz. "Olha Sid, você tem que entender que seu irmão não está em um bom lugar agora..."

Antes que eu tenha tempo de deixar essa raiva apertar ao meu redor, para deixar as palavras de Nicolas penetrarem, Lúcifer se move. Ele sacou a arma e disparou, bem aos pés de Nicolas. Nicolas ruge, pulando, cobrindo a cabeça com as mãos.

O tiro soa nos meus ouvidos.

Mas os Unsaints não terminaram.

Mayhem atira desta vez, outra bala no chão, e ele se lança para Nicolas. Ele vira a arma na mão, solta e coloca o punho no rosto de Nicolas antes que Nicolas tenha tempo de pegar sua própria arma. Atrás de nós, ouço os guardas do lado de fora da porta correndo, gritando para o Mayhem se afastar. Mas eu giro, abrindo meus braços, protegendo Mayhem com meu próprio corpo.

Brooklin grita, e tiro a faca do bolso, sacudindo o fecho da lâmina para soltar ela.

"Se você não calar a porra da boca," rosno para Brooklin sem olhar para ela, "vou cortar sua maldita garganta."

Felizmente, ela para de gritar.

Os guardas têm suas armas apontadas. Eles estão todos vestidos de preto, com o que eu sei serem coletes à prova de balas.

"Largue suas armas," eu ordeno.

Eles me encaram, imóveis.

Atrás de mim, Mayhem está rosnando para Nicolas.

"Seu pedaço de merda," ele sussurra, sua voz é a única no vestíbulo. “Você ousa dizer a ela que Jeremiah está passando muito? Aquele pedaço de escória fodeu com ela e, Você. Não. Fez. Nada.” Com cada palavra, ouvi seu punho bater contra a cabeça de Nicolas. Nicolas murmura alguma coisa, e eu posso dizer sem olhar para trás que ele está atordoado.

Lúcifer não disse uma palavra. Mas de repente, os guardas ficam tensos e Brooklin choraminga.

Olho por cima do ombro.

Lúcifer tem uma faca contra o rosto dela. Eu nem sabia que ele tinha uma faca.

Eu sorrio para ele. Ele sorri de volta, mas seus brilhantes olhos azuis estão frios.

Mayhem olha para sua irmã na ponta da faca, mas não diz nada. Ele sabe que Lúcifer não a cortará. Mas ninguém mais sabe.

Olho para os guardas. “Largue suas armas. Deixe elas aqui. Volte para fora. Ou a menina do seu chefe terá seu lindo rostinho cortado.”

Lentamente, eles abaixam suas armas. Mas eles fazem para guardar elas de volta nos coldres.

Balanço a cabeça, a faca ainda na minha mão.

"Na - na," eu ordeno. "Eu disse para deixar elas."

"Mayhem," choraminga Brooklin.

Mayhem ri. "Não me chame agora," ele rosna.

"Não podemos deixar as portas da frente desprotegidas," o guarda mais baixo diz para mim, ignorando a troca entre outro irmão e irmã fodidos.

Não sei o que Jeremiah estava pensando, deixando ela aqui. Talvez ele a quisesse como uma oferta de paz. Talvez Nicolas e eu estivéssemos errados. Talvez Brooklin realmente não significasse muito para ele.

“Solte ou ela morre. Essa é a última chance que estou lhe dando. E ela."

Eles me encaram por mais um momento, o ódio queimando em seus olhos. Eles não querem receber ordens da irmã mais nova de Jeremiah.

"Eu a ouviria se fosse você," diz Atlas alegremente.

Eles finalmente fazem o que é mandado, largando as armas. E então eles voltam devagar, nunca virando as costas para nós até que saiam pelas portas. Eles retomam suas posições sem olhar para trás.

Pego suas armas e viro, acenando para Lúcifer. "Leve ela conosco."

Mayhem estala em sua língua. "Deixe ela aqui," diz ele calmamente, com os olhos nos da irmã. "Nós vamos ficar aqui embaixo e assistir esses filhos da puta." Ele aponta a cabeça para os guardas na porta da frente. Ele ainda está de pé sobre um Nicolas encolhido.

O resto dos Unsaints concordam, incluindo Lúcifer. Ele empurra Brooklin para frente, e então eu e ele encontramos o caminho para o elevador. Aperto o número oito e subimos.

Nicolas está deitado imóvel no chão, de bruços.

Não consigo me importar.

Capítulo Vinte e Nove



Noite de Halloween: Presente

Meu irmão não vem até a porta.

Não importa. A coisa maldita está desbloqueada. Trey fica de guarda, mas quando ele nos vê, ele se afasta sem dizer uma palavra.

Entro no quarto do meu irmão.

É do mesmo tamanho que o meu. Eu sei que ele também usa a cobertura também, às vezes, mas ele gostava de estar acima de mim. Acontece que ele gostava de estar acima de mim em mais de uma maneira, mas eu nunca tinha conhecido a ironia doentia até agora.

Lúcifer bate a porta, a trava clicando atrás de nós. Examino o hall de entrada, procurando sinais de em que quarto meu irmão possa estar.

Sinto o cheiro de licor e o cheiro forte de vinho, como garrafas quebradas em algum lugar da sala. Coloquei as

armas na porta, mantendo apenas minha faca. Não me importo se Jeremiah por as mãos em uma das armas. Eu sei que ele provavelmente terá a sua aqui de qualquer maneira.

Lúcifer está ao meu lado.

"Jeremiah!" Eu grito, deixando minha faca raspar pelo corredor, ao longo das paredes. "Saia e brinque com sua irmã!" Eu provoco, minha voz alta, minha garganta crua.

Nada.

O silêncio me responde.

Passo por sala após sala, indo até a parte de trás da unidade e depois vejo a última porta entreaberta. A porta do quarto dele.

Não estive aqui muito durante o meu ano na mansão Rain, mas sei que é dele. O cheiro de álcool é mais acentuado aqui, e eu chuto a porta completamente.

"Jeremiah?" Eu chamo. "Você está pronto para jogar?"

Entro sem esperar por uma resposta. Olho para Lúcifer por cima do ombro e ele assente, lendo corretamente o meu olhar.

Não quero que ele entre até que Jeremiah saiba que estou aqui.

Acendo a luz dentro do quarto do meu irmão e deixo meus olhos se ajustarem. Imediatamente, vejo que a porta da varanda está aberta. Sua cama está feita, todos os lençóis e edredons brancos e vermelhos. De fato, há garrafas de licor

esmagadas no chão, rios de champanhe rosa e líquido marrom formando uma poça nojenta perto da porta da varanda. Sou grata por estar usando minhas botas de combate.

"Sid," Lúcifer chama suavemente para mim. Ele se inclina contra a porta.

Eu levanto uma sobrancelha, impaciente. Pronta para chegar ao meu irmão.

"Seja cuidadosa. Não vou esperar muito."

Eu sorrio para ele. "Eu sei," eu sussurro.

E então eu passo cuidadosamente por cima do licor derramado e do vidro quebrado, e caminho até a varanda, empurrando a porta mais aberta quando passo.

Jeremiah está sentado em uma cadeira de couro, tornozelo por cima do joelho.

Ele tem um copo pendurado na ponta dos dedos, cheio de algo claro. Vodca, provavelmente.

Ele olha para mim, seus pálidos olhos verdes se arregalando, apenas uma fração de segundo. Ele está com uma máscara, uma coisa do tipo disfarce, todo preto e cobrindo apenas os olhos e a ponta do nariz. Ele se parece quase com o Batman.

Se Batman estivesse na sua irmã e fodendo o mundo dela.

"Você veio," ele sussurra, quase como se não acreditasse que eu estou aqui. Como se ele pensasse que eu sou um fantasma.

Aperto a faca com mais força na minha mão, mas não a levanto.

Eu subestimei o quanto machucaria ver ele novamente. Como seria a sensação de ser esfaqueada no peito novamente depois de duas semanas de intervalo. E esse sentimento doentio está de volta. Eu acho que posso vomitar novamente.

Tropeço para a grade da varanda, a faca caindo da minha mão no chão de cimento, meus dedos se curvando ao longo da borda da varanda, minha cabeça pendendo para o lado.

Em um instante, Jeremiah se levantou e sua mão é gentil nas minhas costas.

E por um instante, eu não o empurro. Por um segundo, finjo que ele é meu irmão mais velho novamente. Eu finjo que ele é o mesmo cara que limpou meu pé. Quem me disse que me amava. Quem estava me procurando há catorze anos. Quem me salvou do diabo.

Mas o segundo passa.

E o mesmo acontece com o momento.

Porque isso é tudo mentira.

Eu me viro, afastando sua mão de mim. Ele ainda segura seu copo de vodca, e eu o arranco de sua mão e o jogo contra a parede da varanda, onde se quebra atrás dele. Vejo, além

dele, Lúcifer entrando no quarto do meu irmão, seus olhos azuis arregalados e frenéticos até que me encontrem.

Lamento jogar o copo.

Ainda não estou pronta para compartilhar o sofrimento de meu irmão.

Mas Jeremiah apenas fica lá, olhando para mim. Piscando. Percebo, na penumbra da varanda, que o branco de seus olhos é vermelho.

"O que você fez conosco?" Eu grito com ele, a faca ainda no concreto. Eu chuto para o lado. Eu não quero usar uma lâmina. Eu quero usar minhas próprias mãos.

Eu sigo para ele, batendo ele contra a parede, vidro sob nossos sapatos.

"O que você fez, porra?" Eu grito de novo, batendo nele, minhas mãos voando sobre o peito, sobre o terno, minhas unhas cravando em seu pescoço, seu rosto. Eu bato nele, de novo e de novo e de novo, e ele pega, imóvel, enquanto seus olhos ficam colados nos meus. É um tipo diferente de tortura. Eu quero que ele revide. Eu quero que ele me bata também. Eu quero que ele resista. Para discutir comigo, me derrubar, como ele costumava fazer.

Eu sei que ele está bêbado.

Sinto o cheiro da vodca em seu hálito. É como se ele estivesse afogado. E seus olhos estão turvos. Ele mal está de pé quando eu o ataco, repetidamente. E ele poderia ter visto

Lúcifer. Eu sei que ele poderia ter. Ele poderia ter olhado para ele, naquele momento. Mas ele não fez. Não sei se ele realmente não o viu ou se não se importa mais.

Eu bato nele mais uma vez, o som tocando na noite, sua cabeça torcendo para o lado.

Coloquei minhas mãos para baixo, sem fôlego.

"Porra, diga alguma coisa!" Eu grito com ele. As palavras saem em um soluço. Dou um passo para trás, o copo triturando sob minha bota.

Alguém limpa a garganta. Nós três nos viramos ao mesmo tempo.

Monica.

A barman. Claro que ela teria uma chave. Ela tem duas garrafas de vodca nas mãos e olha para todos nós, para o rosto vermelho de Jeremiah, para os arranhões no pescoço dele. Sua máscara distorcida, quase arrancada do seu rosto pelo meu ataque. Em Lúcifer.

"Eu, hum..." ela gesticula com as garrafas, seus olhos encontrando os meus.

"Está tudo bem, Monica," digo, as primeiras palavras que falei desde que cheguei que não estão com raiva. "Apenas..." Eu dou de ombros. "Apenas deixe na cama."

Ela abre a boca, fecha novamente e depois assente. Seus olhos encontram Lúcifer novamente, e seu olhar permanece nele por um segundo a mais. Ciúme ilumina meu intestino.

"Na cama, Monica," eu assobio, mais dura do que pretendo.

Ela assente novamente, afastando os olhos de Lúcifer, e volta para o quarto. Espero até ouvir a porta da frente da unidade de Jeremiah clicar atrás dela.

Olho para meu irmão.

Mas parece que ele vê Lúcifer pela primeira vez. Os olhos dele se estreitam. Ele tira a máscara do rosto e faz um passo em sua direção.

Eu empurro seu peito, empurrando ele contra a parede.

"Eu vou matar ele," ele diz para mim, apontando em sua direção. "Eu vou matar Lúcifer." Suas palavras tropeçam, insultam.

Eu ri. "Lúcifer é a sua menor preocupação," eu zombo dele. “Brooklin está lá embaixo com o resto dos Unsaints. Ela estará segura se você me ouvir.”

Ele abaixa a mão e olha para mim, seus olhos brilhando. "Eu não me importo com Brooklin," ele cospe.

E naquele momento, eu sei que ele está dizendo a verdade. Isso não é um blefe. Ele estava apenas usando ela.

"Eu me importo com você, Sid." Ele balança a cabeça e pressiona a palma da mão nos olhos. "Ele vai tirar você de mim, não é?" Ele pergunta calmamente. "Ele sempre foi bom em conseguir o que quer."

Eu rio alto. "Seu fodido idiota," eu assobio. “Você me levou para longe de você. Você me fodeu, Jeremiah!” Eu soco seu peito novamente, batendo nele com o calcanhar da minha mão. "Você me fodeu!" Eu baixo a cabeça e ele pressiona as mãos nas minhas costas.

"Não a toque, porra," rosna Lúcifer. Mas eu aceno para ele.

Eu descanso minha cabeça no peito de Jeremiah. Nada vai nos salvar. Nada vai resolver isso. Mas os soluços rasgam através de mim e eu não consigo me mover. Lágrimas cegam minha visão, queimando com a maquiagem perto dos meus olhos e ainda não consigo me mexer.

Não consigo pensar.

"Oh meu Deus," Jeremiah diz contra o meu cabelo. "O que diabos eu fiz?" Ele me puxa para mais perto e, ao sentir ele, meu corpo pressionado contra o dele, eu endureci.

Lúcifer percebe.

Ele está entre nós em um segundo, me puxando para fora do meu irmão, apontando a arma para o peito. Ele envolve um braço possessivo em volta de mim.

"Não sinto muito," ele me diz. "Eu não vou deixar você fazer isso."

Eu tento me contorcer dos braços dele. Não sei o que havia de errado comigo. Eu sei o que Jeremiah fez. Que ele mentiu para mim. Que ele quase fez a pior coisa que um irmão poderia fazer com a irmã mais nova. Eu sei disso, e ainda

assim quero chegar até ele. Para segurar ele uma última vez. Porque será a última vez.

Eu bati no peito de Lúcifer, mas ele é como uma pedra, imóvel, a arma na mão inabalável.

O rosto de Jeremiah é partes iguais de raiva e tristeza. Ele odeia Lúcifer, isso está claro, mas ele quer me atingir, e Lúcifer me tem.

"Sinto muito, Sid," diz ele, engolindo em seco, lágrimas cobrindo suas bochechas, se agarrando aos seus cílios. "Sinto muito, porra."

Eu tento alcançar ele novamente e Lúcifer me segura, seus dedos cravando no meu braço.

"Deixe ela ir," implora meu irmão, balançando a cabeça. "Deixe ela ir, cara."

Lúcifer ri. "Foda-se não," ele rosna. Ele aperta a arma. “Eu nunca confiei em você. Nenhum de nós confiou em você. Você nunca foi um de nós.” Ele deixa isso se aprofundar. "Saia daqui. Deixe este lugar para ela. Deixe tudo para ela.”

"Eu não quero isso," começo a dizer, endurecendo nos braços de Lúcifer. Eu não quero este lugar. Foi horror. Trauma.

Espero que Jeremiah ria. Dizer a Lúcifer para ir para o inferno, onde ele pertence. Onde todos nós pertencemos.

Em vez disso, ele sorri.

"Eu já fiz."

Silêncio.

Eu paro de me mover. Parece que Lúcifer parou de respirar. As lágrimas param de cair nos olhos verdes do meu irmão.

"É seu, irmã."

A palavra me faz sentir doente de novo. Não quero alcançar ele novamente, tocar ele novamente. Não sei por que fiz antes.

"É seu. Tudo isso. A ordem da Rain é sua. Os homens são seus. A equipe é sua. E há muito dinheiro na conta bancária para pagar pelas próximas décadas. Você não precisa mais fazer trabalho sujo. Os policiais não vão atrás de você porque tudo está parado agora, a menos que você queira continuar." Ele suspira, com o peito arfando. "É seu, Sid."

"Do que diabos você está falando?" Lúcifer pergunta a ele. Fico feliz que alguém tenha. Não consigo expressar as palavras.

Os olhos de Jeremiah se estreitam em Lúcifer. "Vai se foder você e os Unsaints. Isso é tudo dela. Mudei o título, o dinheiro, as contas. Tudo isso," ele gesticula vagamente com uma mão, "pertence a Sid Rain. Ela terá mais do que todos vocês. Ela não precisa de você. E não se atreva a pensar em levar nada para si mesmo ou eu vou te cortar em pedacinhos..."

Lúcifer ri, cortando as palavras do meu irmão. "Vá se foder."

Passei a mão pelo rosto. "Por quê?"

Jeremiah me oferece um pequeno sorriso de dor. "Você merece isso. Eu não quero mais te machucar. Eu preciso ir, Sid. Eu tenho que sair daqui. De... de você. Porque ele," ele lança um olhar para Lúcifer, "vai tirar você de mim. Os Unsaints a possuirão. Eles possuem todos que pegam. E não vejo isso acontecer."

Eu quero gritar com ele um pouco mais. Eu quero dizer a ele que ele se afastou de mim. Que tudo isso, todo esse inferno, ele o incendiou.

Mas não digo nada.

Jeremiah apenas olha para mim.

"Me deixe abraçar você. Uma última vez, Sid?"

O aperto de Lúcifer em mim aperta. Ele não está mais apontando a arma para o meu irmão, mas está ao lado dele.

"Não," Lúcifer responde por mim.

Olho para Lúcifer, implorando por ele. Eu vejo a indecisão dele. A confusão dele. Eu também sinto isso. Por que quero as mãos desse monstro em mim de novo, não sei. Mas esta é uma noite de duração. Para mim, para Jeremiah. Para Lúcifer.

Os lábios de Lúcifer se curvam. "Por que Sid?"

"Por favor," eu respiro.

Ele suspira.

"Certo," ele se obriga a dizer, estremecendo como se a palavra o machucasse fisicamente. Ele tira o braço de mim. "Certo," ele sussurra novamente.

Toco meus dedos nos lábios dele, sua tinta de esqueleto manchada e depois me viro para meu irmão.

Mas antes que possamos atravessar o chão da varanda um para o outro, o copo e um pequeno rio de vodca do que Jeremiah estava bebendo embaixo de nós, Lúcifer me empurra para o lado e se lança para o meu irmão, fechando a camisa de Jeremiah em seu punho.

“Ela pode não saber melhor. Ela pode estar destruída. Mas eu não estou. Eu vi você pelo que você é. Você é um pedaço de merda. Você não merece viver.” E ele aponta a arma no intestino do meu irmão. "Esta não é apenas a vingança dela, você sabe. Você nos traiu. Ninguém consegue fazer isso e viver.”

Eu congelo.

Lúcifer olha de volta para mim, Jeremiah está amassado, se preparando para Lúcifer apertar o gatilho.

"Não," eu consigo dizer, balançando a cabeça. "Não... por favor, Lúcifer." Eu engulo, minha garganta seca. Minha boca está seca. "Não."

Os olhos de Lúcifer se fecham, como se ele estivesse lutando consigo mesmo. Lutando com Lúcifer. Lutando com Lilith. Comigo. Com Jeremiah.

Ele quer matar ele. Eu sei que ele quer. Eu entendo o porque Jeremiah fodeu com os Unsaints. Ele era um deles e os traiu.

Mas não posso deixar ele fazer isso.

Se o fizer, nunca me perdoarei.

Nunca o perdoarei.

Lúcifer larga a arma. Eu respiro um suspiro de alívio.

Mas então ele dá um soco em punho e ouço isso se conectar com o nariz de Jeremiah. Jeremiah tropeça para trás, contra a parede da varanda.

Eu chamo o nome de Lúcifer, mas ele não me ouve ou não se importa. Ele chove golpes por todo o corpo de Jeremiah, a maior parte de seu foco na cabeça. Jeremiah nem se cobre. Ele pega. Ele cai contra a parede, deslizando para dentro do vidro quebrado e deixa Lúcifer bater nele.

Sua cabeça bate de um jeito e depois do outro sob os punhos de Lúcifer, e então Lúcifer arrasta meu irmão de volta a seus pés e o bate novamente. Por um momento, eles ficam ali, o rosto de Jeremiah escorrendo sangue novamente, os dois arfando.

Estou congelada. Eu quero correr para o meu irmão. Eu quero correr para Lúcifer.

Eu fico onde estou.

E então Lúcifer arrasta Jeremiah até a grade da varanda. Medo derrama sobre mim como água gelada. Lúcifer se

agacha, levanta meu irmão pela cintura e o segura sobre a varanda.

Oito andares acima.

Ele pode sobreviver à queda. Mas não vai ser bonito.

Minhas mãos estão sobre minha boca, mas eu preciso me controlar. Lúcifer vai matar meu irmão. Meu irmão, horrível, quebrado e retorcido como é, está prestes a morrer.

Sua mão aperta o braço de Lúcifer e há medo em seus olhos ensanguentados. Mas ele não diz uma palavra. Ele só olha para mim.

"Lúcifer," eu sussurro, incapaz de me mover. Estou preocupada que, se me aproximar, Lúcifer o jogará antes que ele perca a coragem. Eu me pergunto se os Unsaints planejaram isso o tempo todo.

Lúcifer está olhando furiosamente para o meu irmão, com ódio nos olhos. Sua mandíbula está cerrada e ele ainda está respirando com dificuldade. O sangue reveste os nós dos dedos. O sangue de Jeremiah.

"Lúcifer," eu digo novamente, trazendo minhas mãos para o meu lado. Eu tento engolir. "Lúcifer, por favor, não."

Ele ainda não olha para mim. Mas Jeremiah faz. Seus olhos parecem suplicar, mas não por piedade. Talvez perdão. Seu rosto ensanguentado está cheio de tristeza. Uma dor que sinto também, profundamente nos meus ossos. Nós nunca vamos voltar ao que éramos. E o que éramos não tinha sido

bom em primeiro lugar. Estávamos quebrados além do reparo.

"Lúcifer."

Eu prendo a respiração, esperando. Esperando que eu ainda possa alcançar ele.

Lenta, misericordiosamente, ele se vira para mim. Seus olhos azuis são tão frios.

"Não," eu digo baixinho, balançando a cabeça. "Por favor, não."

Com essas palavras, algo em seu olhar suaviza. Eu vejo o aperto dele no meu irmão e me preocupo que ele o derrube sem querer.

Mas ele não faz.

Ele o puxa de lado, de pé. E então ele o solta, recuando.

Jeremiah coloca as mãos nos joelhos e olha para mim, o medo em seu olhar.

"Saia," ordena Lúcifer. "E nunca mais volte."

Por um momento, o tempo para. Não sei o que acontecerá a seguir. Tenho certeza de que, se Jeremiah não for embora, Lúcifer o matará. Tenho certeza de que não vou conseguir deter ele novamente.

Mas devagar, meu irmão se endireita. Sua boca torce, como se ele estivesse lutando consigo mesmo dizendo algo para mim uma última vez.

"Descubra tudo o que puder," ele diz suavemente. "Encontre Ria."

E então ele manca pela porta da varanda e se afasta, sem olhar para trás.

Eu o assisto ir.

Capítulo Trinta



Presente

Ele sai. Jeremiah sai e os Unsaints que estavam esperando no vestíbulo no andar principal o deixam. Ele não levou nada nem ninguém, exceto seu Mercedes preto. Ele saiu sem dizer adeus a ninguém, enquanto seus homens o observavam se afastar. Eles já sabiam. Eles sabiam que tudo era agora meu.

Que eles agora me servem.

Eles sabiam, e como antes, quando sabiam o segredo mais sombrio de Jeremiah, não tinham me contado.

Brooklin também foi embora. Mayhem e suas palavras trocadas, mas ela foi embora. Ele a deixou sair daqui. Não faço ideia para onde ela foi. Não faço ideia se ela disse ao irmão para onde foi. Ela pegou um táxi do outro lado do portão e saiu.

E eu também vou embora.

Meu irmão se foi. Tudo o que ele pretendia quando entregasse as chaves da Ordem da Rain para mim, não tenho intenção de fazer. A mansão Rain pode queimar por tudo que eu me importo.

Vou arrumar minha mala na manhã seguinte, depois de dormir no quarto de meu irmão na noite anterior, o licor e o copo ainda no chão, quando Lúcifer entra.

Ele dormiu ao lado, em um quarto vazio.

Ele tentou me abraçar, depois que meu irmão saiu. Mas eu queria ficar sozinha. Eu precisava ficar sozinha. Porque o que vem a seguir provavelmente doerá mais do que qualquer outra coisa. Mas eu não posso ficar. Eu não posso estar com Lúcifer. Ou os Unsaits, que ainda estão no hotel.

Lilith e Lúcifer são bons apenas para queimar as coisas, não para construir elas novamente.

Ele está parado na porta, me olhando. Ele está vestindo sua calça de jogging preta, mas não está de camisa. Eu seguro seu olhar, me recusando a olhar para as cicatrizes em seu abdômen, estragando sua pele perfeita. Cicatrizes para mim. Passei tanto tempo odiando ele, tanto odiando meu irmão, mas confiando nele mesmo assim, que sinto vergonha quando vejo essas cicatrizes.

Elas também me lembram o que aconteceu comigo.

Que eu estava errada. Doente. Pouco atraente.

No ano em que trabalhei como acompanhante, nunca me senti assim. Sexo era uma transação. Meu tempo era valioso. Eu fui paga pelo meu trabalho. Mas o que meu irmão fez, mesmo que ele se contivesse, as mentiras depois... isso foi uma transação de ódio, vingança, nojo. Era uma transação pela qual ele nunca poderia me pagar. Nunca fazer as pazes. E eu não queria estar com alguém que sabia disso. Alguém que conhecia a escuridão em mim. A sujeira.

Fecho minha bolsa preta e a jogo por cima do ombro. Enfio minhas mãos nos bolsos do moletom de capuz e me endireito, encarando Lúcifer.

Tem um nó na garganta. Não tenho ideia do que dizer, mas sei que tenho que dizer alguma coisa. Se eu não der esse adeus direito, isso vai me assombrar pelo resto da minha vida. Provavelmente, não importa o que eu faça ou não, mas preciso dizer algo.

"Todo esse tempo eu queria te encontrar..." Lúcifer sussurra. Ele se inclina contra a porta, como se não pudesse ficar de pé sozinho. "Para ver se você tinha sobrevivido naquela noite..."

Concordo, mordendo meu lábio, olhando para o chão sujo entre nós. "Sinto muito que você tenha visto isso." Sinto muito. Mesmo se fosse eu que tivesse passado por isso, não tenho lembrança disso. Não esqueceria o que Jeremiah havia feito comigo, mas pelo menos não precisei reviver ele repetidamente. Eu tinha certeza de que Lúcifer não tinha esse luxo.

Ele ri, um som oco. "Não peça desculpas para mim. Nunca me peça desculpas por isso."

Ainda não consigo encontrar o olhar dele, mas sinto seus olhos em mim. Eu fecho o meu por um momento. Quando os abro, tento me fortalecer. Para endireitar minha coluna, recuperar o controle que não tenho há tanto tempo na minha vida.

"Estou indo embora."

Os olhos dele brilham. "Onde?"

Eu não sei. O bilhete de trem é para Nova York. Não sei se vou parar por aí. Embora eu não tenha intenção de ficar neste hotel e administrar a empresa de meu irmão, vou usar o dinheiro dele. É o mínimo do que ele me deve. Eu posso ir a qualquer lugar que eu quiser com esse tipo de dinheiro. Eu posso fazer o que eu quiser. O mundo é meu. E eu posso descobrir o que ele quis dizer sobre Ria. Eu estou livre.

Mas não parece. Eu não sinto liberdade. Não sinto a emoção que deveria deixar este lugar para trás. Não sinto nada além de vazio. Estar quebrada. Gostaria de saber se esse sentimento algum dia desaparecerá ou se, eventualmente, terminarei o que comecei naquela noite que Lúcifer e Lilith se conheceram.

"Eu não sei," respondo honestamente. Eu ajusto a alça da minha bolsa nos meus ombros. "Ainda não descobri isso."

"Me deixe ir com você," diz ele de uma vez, dando um passo adiante no quarto. Suas mãos estão nos bolsos, mas

eu vejo os músculos de seus braços tensos, como se ele quisesse me alcançar, mas ele está cerrando os punhos para não fazer isso. "Nós vamos juntos. Entre nós, temos tanto dinheiro, não precisamos trabalhar, nem nos preocupar, ou..."

"Não." Eu o cortei, mesmo que doa. Eu tenho que cortar ele. "Não," eu digo novamente, minha voz mais forte. "Eu não posso ir com você. Você não pode vir comigo. Eu preciso..." Fecho os olhos, mordendo as lágrimas que ameaçam cair.

Mas tenho que fugir.

"Eu estou indo sozinha. Volte para sua vida, Lúcifer. De volta aos Unsaints. Agora que meu irmão não está competindo com você," forço um sorriso no rosto, "você pode expandir seu império."

Ele não sorri. "Não é isso que os Unsaints fazem. E, sério, Sid, não podemos deixar você sair."

Estou tensa, cruzo os braços sobre o peito. "Eu não pedi sua permissão."

Algo parece mudar no ar entre nós.

Suas mãos ainda estão nos bolsos e ele não se aproxima, mas algo em seu comportamento muda. É como se ele estivesse se transformando de garoto quebrado no que quer que seja um Unsaint.

"A morte do amante é apenas o mínimo do que fazemos," diz ele, e não há mais emoção em suas palavras. "É uma

ilusão. É um rito. Mas realmente, realmente, não significa nada. Mas você... você sabe as coisas. Jeremiah sabia das coisas. E eu o deixei sair daqui vivo, por você. ” Os olhos dele se estreitam.

"Eu não sei nada sobre você e seus amigos de culto," digo, cada vez mais irritada. Balanço a cabeça e enfio as mãos nos bolsos. "O que acontece ao lado de Jeremiah não é da minha conta." Eu vou para passar por ele.

Ele agarra meu braço. "Se você tiver meu filho, você pode viver." Ele zomba, balançando a cabeça. "Eu te dei essa chance, pelo menos."

Afasto meu braço do aperto dele. "Você é tão ruim quanto meu irmão," eu cuspi para ele.

"Você não tem ideia do que está fazendo." Ele encolhe os ombros. "Você não tem ideia de quanto mais os Unsaints podem te machucar."

Eu me aproximo dele, raiva fazendo minhas mãos tremerem. "Você está me ameaçando? Depois do que passamos? Você realmente quer fazer isso agora?”

Ele sorri. Está vazio. Ele enfia as mãos nos bolsos e balança a cabeça. “É como eu te disse, Lilith. Você pode correr, mas não pode se esconder."

Reviro os olhos e passo em volta dele, saindo do quarto do meu irmão.

"Fique aqui uma noite," diz ele nas minhas costas. "Mais uma noite. Apenas dê a ele tempo suficiente para ficar longe de você. Porque se eu o vir novamente, Sid, eu o mato. Você não será capaz de me parar. ” Sua voz endurece. Este é Lúcifer. Um Unsaints.

Eu tiro minha franja dos meus olhos, virando em suas palavras. Suas ameaças.

Eu soltei um suspiro. "Certo," eu finalmente digo, sem olhar para ele. "Mas se você tentar me impedir quando eu partir, também não vai acabar bem para você." Eu me viro para olhar para ele.

Seus lábios carnudos se curvam em um pequeno meio sorriso, mas não encontra seus olhos.

Apesar do que eu disse, apesar de concordar com ele, seus olhos ainda estão frios.

Capítulo Trinta e Um



Presente

Nicolas tenta falar comigo. Trey tenta falar comigo.

Não quero nada com eles. Não os despedi ou os mandei embora, porque vou embora no dia seguinte. Mas não tenho nada a dizer para eles. Depois que deixei Lúcifer no oitavo andar, fui para o meu próprio quarto. Ele está limpo e não têm cheiro de Jeremiah. Eles não se sentem como Jeremiah. Mas o banheiro... eu não quero entrar lá.

Ele havia limpado meu pé lá. Ele me disse que me amava lá.

O tempo todo, ele sabia.

Kristof se tornou escasso. Não sei onde ele está e não ligo. Se ele fosse esperto, iria embora. Mas, novamente, ele nunca foi muito inteligente.

Eu me forço a tomar um banho. Eu visto calças pretas de ioga, camiseta preta e calço meus tênis pretos. Coloquei uma

arma no coldre no quadril, tirei do meu próprio armário e depois vou para a academia.

Preciso me mudar, mas ainda não quero sair. Não quero ver mais ninguém neste lugar esquecido por Deus.

A academia está vazia. Eu pretendo garantir que continue assim também. Se alguém entrar, vou ameaçar explodir a porra da cabeça deles. E se eles não saírem, bem... não tenho tanta certeza de que não vou puxar o gatilho.

Começo na esteira, curtindo o som da minha própria respiração. Eu não tinha ligado o telefone ou qualquer coisa para tocar música. Eu só quero me afogar. Minha própria dor na minha cabeça. Eu preciso que isso me consuma, então talvez isso queime por mim.

Olho para o meu reflexo no espelho. Sou pálida, sombras sob olhos cinzentos. Meu cabelo ainda está molhado do meu banho, minha franja cobre minhas sobrancelhas. Sei que fiz todo esse treino e banho na ordem errada. Que se foda isso. Tudo na minha vida correu na ordem errada.

Jeremiah me passa pela cabeça.

Espero que ele morra com isso, a culpa. Espero que o coma vivo. Espero que seja a culpa dele que o mate.

Estou tão concentrada nesses pensamentos de vingança e nos flashes da minha própria culpa que ameaçam se infiltrar sob o meu ódio, que não noto que duas pessoas entraram até que estejam logo atrás de mim, me encarando no espelho.

Termino minha corrida, encarando Mayhem enquanto termino, olhando uma vez para Atlas. Só depois que terminei eu lentamente parei. Eu limpo meu pulso na minha testa. Estou respirando com dificuldade e suando pior. Eu me viro para encarar eles, esperando eles falarem. Para me dizer por que diabos eles estão aqui. Eu sei que eles têm suas próprias mansões para onde ir. Eles podem se foder imediatamente. Mas talvez Lúcifer tenha contado os meus planos.

Inferno, talvez eles tenham vindo para me matar.

Atlas usa um boné para trás, calça jeans escura, uma camisa vermelha que para nos cotovelos, exibindo seus antebraços musculosos. Mayhem está vestindo uma camisa preta justa e calça jeans preta. Seus braços estão cruzados enquanto ele olha para mim.

Sou grata por ainda estar na esteira. Isso não me faz mais alta que eles, mas pelo menos não preciso olhar para cima para encontrar os olhos deles.

"Você está indo embora." Mayhem diz, não é uma pergunta, o que é um bom sinal. Mas por que ele se importa está além de mim. Talvez ele tenha vindo me ameaçar também.

Eu não me importo em dizer nada. Eu apenas fico olhando para ele, esperando que um deles chegue ao ponto.

Ele suspira, se vira para mim e senta em um dos bancos de peso, de frente para mim novamente. Ele tem os cotovelos

nos joelhos, as palmas das mãos esfregando. Ele está olhando para o chão, as sobrancelhas escuras franzidas.

Olho para Atlas em questão. Atlas ri.

"Ei, esse é o caos do Mayhem. Eu só estou aqui para merdas e risadinhas." Ele se inclina em minha direção, abaixa a voz de forma conspiratória. "E para ter certeza de que ele não vai te foder de novo."

Mayhem sacode ele. Eu reviro meus olhos.

Ninguém mais fala.

Eu espero.

"Você sabia que Lúcifer falava sobre você todos os dias do caralho durante um ano consecutivo?" Mayhem finalmente pergunta. Sua voz é baixa, mas ele não espera que eu responda. "Todo maldito dia. Senti a culpa, é claro, porque ele nunca quis seu irmão nos Unsaints. Eu o convenci a deixar isso acontecer. Convenci ele que uma foda rica que atirou em seus pais adotivos abusivos precisava estar conosco. " Ele encontra meu olhar novamente, mas seus olhos azuis bebê estão encapuzados. Sua expressão é ilegível. "Seu irmão nunca foi bom em aceitar 'não' como resposta." Ele suspira. "Ele nunca fez a tatuagem. Pelo menos, posso dizer que não foi tão longe."

Meu intestino se agita. Seguro a borda da esteira ao meu lado, pensando que posso ficar doente se Mayhem continuar falando. Mas ainda não falo nada. Atlas se afasta, pegando e estabelecendo pesos de vários tamanhos.

"Eu e Lúcifer," continua ele, "nos conhecemos desde que éramos crianças. Nós crescemos no mesmo bairro, mas a vida dele era um pouco diferente da minha." Ele entrelaça os dedos, movendo os punhos para cima e para baixo. Parece que ele está refletindo sobre a vida deles juntos. Eu sei que Lúcifer provavelmente o enviou aqui. Eu sei que deveria estar com raiva e dizer a ele para se afastar de mim. Parar de tentar me culpar ou me assustar. Mas também me pego imaginando Lúcifer quando criança. Imagino as crueldades de sua madrasta. O que ele deve ter passado para se tornar o que é. O que todos eles devem ter passado, mesmo que fossem ricos e mimados.

"Meu pai é um idiota, mas o de Lúcifer... ele estava ausente. E sua madrasta..." Ele balança a cabeça e eu o vejo engolir. "Bem, ela não era melhor que seu irmão." Ele encontra meu olhar novamente.

Sinto aquela onda de náusea novamente.

"O pai dele tem negócios legítimos. Mas ele não se importava em jogar Lúcifer nos lobos, deixando ele entrar no lado sombrio dos negócios. Deixar ele levar os Unsaits de crianças ricas da sociedade secreta a crimes corporativos por aluguel. Antes disso, seu pai não disse nada quando Lúcifer tentou lhe dizer o que sua madrasta estava fazendo. Não," Mayhem bufa com nojo. "Ele disse a ele que era um mentiroso e nenhuma esposa dele iria querer foder seu filho, então ele poderia parar de tentar convencer ela." Ele lambe os lábios, olha para mim. "E acredite em mim, Sid. A Sociedade

dos 6 tem mais poder que os Unsaits. O pai dele poderia ter feito a madrasta desaparecer se ele quisesse.”

Eu fecho meus olhos por um segundo, tento lutar contra as imagens que as palavras de Mayhem evocam em minha cabeça.

“Sua mãe morreu quando ele era pequeno. Foi ela quem o nomeou Lúcifer.” Eu pisco, mas não digo nada. Ele ri. "Ela era estranha, eu ouvi. Uma boa esquisita. Ele também esteve perto dela quando criança. Ela o adorou, minha mãe disse. Mas ela foi morta em um acidente de carro e Lúcifer perdeu a única mulher que já o amou, para sempre.”

Mayhem está sorrindo agora.

“Obviamente, as mulheres se jogaram no cara. Quero dizer... aqueles olhos.” Ele levanta as sobrancelhas, rindo. “Mas ele as usou, assim como elas o usaram. Por dinheiro. Sexo. Status. E então ele conheceu você.” Seus olhos se estreitam em mim, e sinto uma pontada no meu estômago. Mas não parece mais uma doença. “Ele conheceu você, e as verdadeiras cores de Jeremiah apareceram. Ele destruiu seus dois mundos.”

Eu finalmente falo, as palavras cruas na minha garganta. “Eu sei o que aconteceu. Não preciso ouvir isso novamente."

"Eu acho que sim," argumenta Mayhem. "Acho que você não entendeu." Estou tensa, mas não digo nada. "Você acha que Jeremiah apenas a prejudicou?" Sua voz é fria. “Não, Anjo. Esta não é apenas sua vingança. Isso é todo nosso. Ele

sabe demais.” Ele se levanta e caminha em minha direção. Ele para, olhando para baixo por um segundo, depois passa o polegar sobre o lábio e encontra meu olhar novamente. "Isso tudo pode ser seu," ele bufa uma risada, balançando a cabeça, "mas os segredos que seu irmão tem..." Seus olhos se estreitam. "Eles são nossos." Ele puxa meu braço, me puxando da esteira e olhando para mim. “Lúcifer sempre foi muito mole. Mas eu? Nem chego perto. Então você pode pensar que Jeremiah se safou disso, mas ele não. Ele é um risco. E desde que você passou o último ano morando com ele, bem," ele encolhe os ombros, "você também."

Atlas assobia, divertido, em algum lugar além do Mayhem.

Mayhem lança um sorriso frio. “Diga adeus aos guardas idiotas de seu irmão antes de sair, Anjo. Você não os verá novamente. E quando você entrar nesse trem, faça alguma escavação. O sobrenome de Lúcifer, é Malikov. ” Ele se inclina até estar perto o suficiente para nossa respiração se misturar. “Veja bem, precisávamos que você nos levasse a Jeremiah. Jeremiah para nos levar até você. Mas não precisamos mais de nenhum de vocês. Espero que, onde quer que você vá, esteja sempre olhando por cima do ombro. Porque sempre saberemos onde você está, *Lilith*.”

Capítulo Trinta e Dois



Presente

Eu saio naquela noite.

Mas não subo no trem. Em vez disso, procuro Ria. Eu saio em um dos SUVs pretos de meu irmão e os guardas não dizem nada enquanto passo pelos portões do hotel. Não procuro Lúcifer, mesmo que uma parte de mim queira. Não digo uma palavra a nenhum dos Unsaints sobre minha partida.

Eu já havia tentado sair antes, quando deia as costas a Lúcifer naquela noite, um ano atrás. Quando eu disse foda-se isso, e saí. Inconscientemente, entrei nos braços de Jeremiah. Mas eu não vou novamente. Não sei o que aconteceu com Ria naquela noite, nem sei o que aconteceu comigo, mas vou encontrar ela.

E ela vai me fazer entender o que diabos está acontecendo nesta cidade.



Naquela noite, enquanto girei e revirei em um quarto de hotel do outro lado da cidade, depois de procurar infrutivamente todas as Rias que vivem nesta cidade (há centenas), vejo fumaça além da minha janela. Por um segundo, me pergunto se os Unsaints me acharam tão rápido. Se eles me seguiram até aqui. Ou se é Jeremiah ou um de seus homens.

Tiro meus cobertores, pegando minha faca da mesa de cabeceira. Mas dou um suspiro de alívio quando percebo que o fogo está longe. Passou a cidade, na colina mais alta de Alexandria.

É a mansão Rain, caindo em chamas.

Mas é outra coisa também.

É um aviso.

Epílogo



Jeremiah - Presente

Tem tanto sangue na banheira, não entendo como ainda estou vivo. A água ficou vermelha e, mesmo que eu não consiga me sentar, mesmo que minha cabeça se incline contra os azulejos frios nas minhas costas, ainda estou aqui.

Eu ainda estou respirando.

Eu não deveria estar.

Eu deveria ter morrido naquela noite em que a encontrei.

Quando tentei ficar de pé alguns minutos atrás, o mundo girou ao meu redor. O quarto do hotel mudou, o pouco sangue que eu tinha drenado muito rápido da minha cabeça.

Eu tive que me sentar, mas não consigo pegar a navalha. Eu joguei para o lado depois de cortar meus braços.

Meu telefone está em algum lugar do rio Raven e ninguém vai me procurar, mesmo que eu ligue para eles.

Meu coração se parte por ela. Mesmo agora, quando tomo o que desejo são minhas últimas respirações, penso nela. Eu quero abraçar ela. Implorar por seu perdão. Eu teria rastejado através do vidro por isso. Eu teria engolido vidro por isso. Eu faria qualquer coisa para ela me perdoar. Olhar para mim com um pouco de amor que vinha crescendo desde que a encontrei naquela noite.

Naquela noite, eu deveria ter morrido.

Naquela noite, essa vingança me transformou em um monstro.

Mas com quem diabos eu estou brincando?

Jeremiah Rain sempre foi um monstro.

Eu tinha cinco anos quando minha mãe a levou. Ela era uma criança, cabelos castanhos compridos, olhos cinzentos estranhos. Eu a adorava mesmo assim. Como minha mãe foi capaz de criar filhos, quando ela nem podia cuidar de mim e ela própria, estava além de mim. Eu sabia que mesmo então eu seria o único a criar Sid.

E eu fiz.

Por três anos, eu cuidei dela. Até que as autoridades finalmente recuperassem o juízo e, como não estávamos relacionados ao sangue, fomos separados. Eu teria queimado o mundo inteiro para encontrar ela.

Eu fiz.

Eu simplesmente não sabia que a tinha queimado também.

Nunca me importou que ela não fosse minha irmã. Porque ela era. Ela ainda é, mesmo depois do que eu a fiz passar. Mesmo depois que ela o escolheu em vez de mim. Eles sobre mim. Um culto mais sagrado do que tudo que eu realmente nunca pertencia. Eu nunca estive perto dos Unsaints. Eles mal toleraram minha presença. Eles só ficaram intrigados com a minha história.

Mas ela ainda é minha irmãzinha.

E se eu não vou morrer nesta banheira, e não tenho tanta certeza de que a exaustão que pesa nas minhas pálpebras não esteja batendo na morte, vou proteger ela, quer ela goste ou não. Se ela sabe ou não.

Os Unsaints são vis. Perigosos. Sombrios. Ela não tem ideia do caralho. Ela acha que os corpos que eu a forcei a ver foram os piores de seus pesadelos?

Os Unsaints vão assustar ela.

Fecho os olhos, contente em deslizar para o esquecimento.

De manhã, estarei no inferno.

Ou vou encontrar ela novamente.

Lúcifer não é o único que sabe como queimar por ela.

Agradecimentos



Obrigado em primeiro lugar a você, leitor. Sou grata por você e sempre serei. É para você que eu escrevo.

Obrigada também pelo meu marido por não ser melindroso.

Gostaria de agradecer aos meus filhos, mas, para ser sincera, eles não tiveram nada a ver com este livro, e espero em Deus que nunca o leia.

Agradeço à minha mãe, que nunca leu isso (porque eu não contei a ela sobre esse pseudônimo), mas que sempre apoiou meu sonho de ser escritora. Te amo mãe.

Como sempre, sou eternamente grata pela música, porque sem ela não seria possível obter o que está em meu cérebro na página.

Sobre a Autora



K.V. Rose é uma autora de romance sombrio. Ela mora com a família em Toronto. Ela geralmente está bêbada com café. Você pode encontrar ela nas mídias sociais em quase todos os lugares em AuthorKVRose.